



DIÁRIO SECRETO

de Ana Luisa

MARCOS WELL



MARCOS WELL

Diário Secreto
DE ANA LUÍSA

ROMANCE

WELL, Marcos, 1993 –

Diário Secreto / Marcos Well –

Feira de Santana: Publicação independente.

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor.

marcoswelintonfreitas@hotmail.com

marcoswellautor.blogspot.com

Sumário

PRÓLOGO

ANA LUÍSA QUER FICAR SOLTEIRA

UM PRESENTE PARA ANA LUÍSA

FELIZ NATAL, ANA LUÍSA!

QUEM É O MOTOQUEIRO MISTERIOSO?

UMA SEMANA COM ANA LUÍSA

ANO NOVO, VIDA NOVA!

EPÍLOGO

PRÓLOGO

Estava parada à frente do restaurante. Ajeitei o retrovisor do carro, ansiando a visão que meus olhos me exigiam. Passaram-se cinco, seis, sete minutos... Nada! A rua estava escura. Era uma avenida longa, iluminada por pequenos postes pintados de azul e luzes bruxuleantes. O calor em Feira de Santana estava de matar. Não podia ligar o ar-condicionado, ou ele perceberia que eu estava ali, à sua espreita, como uma felina pronta para dar o bote.

Mirei novamente o retrovisor, em seguida o relógio. Hoje ele havia se atrasado. Pensei em ligar o carro e ir embora daquele lugar, mas a minha ânsia de vê-lo era maior do que a vontade de voltar para casa.

Quinze... Dezesseis... Às sete e trinta, já não me cabia mais ficar ali à sua espera. Não podia demorar mais do que aquilo, tinha que voltar ao lar, cuidar dos afazeres, viver a minha vida de mulher, mãe, esposa.

Girei a chave que estava encaixada próximo ao volante e liguei o carro. Esperei mais alguns segundos. Liguei o ar. Dei graças aos deuses quando a brisa gélida veio de encontro à minha estrutura. Fitei o retrovisor ainda esperançosa, mas dei apenas com o meu rosto pálido e as sardas salientes em minhas bochechas.

— Droga! — exclamei.

Dei partida no carro e logo o pus em movimento. Vagarosamente, fui saindo do local onde estava estacionada, guiando o automóvel até o meio da rua.

Rapidamente parei o carro quando algo se chocou nele. Não divisei no escuro o que havia realmente acontecido. Desesperada, girei as chaves, desligando-o. Abri a porta e desci para constatar o ocorrido.

Foi quando...

— Caralho! — ele exclamou, tentando puxar a perna que se encontrava sob a moto.

— Meu Deus! — fui até ele, aflita.

Com algum esforço, ele conseguiu levantar a moto e puxar a perna. Seu semblante era de dor, mas ele continuava lindo.

— Desculpe-me, por favor... Eu... — desajeitada, acocorei-me ao seu lado. — Eu vou chamar a ambulância.

— Não, não precisa! — disse. — Aaaah! — gemeu de dor.

— É claro que precisa, você está...

— Não, não há necessidade. É só uma dorzinha, vai passar — ao terminar a frase, ele foi com uma das mãos até o capacete que estava preso na base do seu queixo e desfez o encaixe, retirando-o da cabeça em um movimento súbito.

Mirei a sua face, buscando acreditar no que ele dizia, contudo me parecia que a dor que o tomava era insuportavelmente forte.

— Eu vou te levar num hospital, então — sugeri.

— Não precisa! — exclamou, convicto.

Apoiou um dos braços no chão e aos poucos foi se pondo de pé. Eu continuei acorada, mirando-o de cima. Assim de perto, eu me apeguei à sua dimensão. Seu corpo, coberto de músculos, fazia-o assemelhar-se a um fisiculturista. Contudo, ele tinha traços delicados e suas veias não eram tão salientes como costumam ser as de pessoas muito musculosas.

Fitei seu rosto, sua pequeníssima boca rosada, coberta por uma espessa barba castanha, seus olhos negros penetrantes, seu cabelo, do mesmo tom da barba, chegava a tocar-lhe o ombro.

Ele sorriu.

— O que foi? — inquiri, incomodada.

— Você já pode se levantar!

Desajeitada, levantei-me. Ajeitei o blazer preto sobre a camisa de seda branca e fui até ele.

— Tem certeza de que não...

— Não, não precisa — interrompeu-me. — A senhora pode ir para a sua casa em paz. Eu me viro daqui.

Ele deu alguns passos em direção à moto caída no chão, mas puxava de

um pé.

— Você está mancando, está sentindo dor?

— Já disse que não precisa se preocupar! — ele voltou a cabeça para trás, e a brisa da noite fez com que seus cabelos voassem, trazendo o odor deles até o meu olfato.

— E quanto à moto? — indaguei, na intenção de pagar qualquer prejuízo que ele tivesse com ela. Eu tentava tirar a atenção da fragrância que a brisa trouxe até mim.

— Não houve nada com a moto. Eu bati de raspão... Só peço que a dona ande mais atenta...

Automaticamente, reproduzi um gesto meu, que sempre faço quando estou envergonhada. Baixei a face, passei a mão pelas minhas madeixas loiras e mordi o lábio inferior.

— Desculpe-me, eu estava desatenta. A culpa foi minha, por isso peço que se houver qualquer prejuízo com a moto, ou com você, por favor, me fale.

— Não se preocupe... Acho melhor a senhora ir. Eu me cuido daqui.

Seu olhar me fuzilou, mas não tive tempo de retribuí-lo, pois ele voltou a pôr o capacete na cabeça, escondendo parte do seu rosto e os longos cabelos castanhos. Ele abaixou-se em direção à moto com certa dificuldade, mas não demonstrou estar sentindo dor. Agarrou o automóvel com as duas mãos e impingiu-o com força a ficar novamente de pé. A moto parecia estar intacta.

Assim que a ergueu, ele montou sobre ela e deu partida como se nada tivesse acontecido. Paralisada, fiquei observando-o enquanto ele se dirigia até o galpão que ficava no final da rua, e para onde ia todos os dias, naquele mesmo horário. Ao lado, parecia haver um portão que dava para uma espécie de sobrado, no entanto eu nunca havia chegado perto o bastante para ter certeza do que se tratava.

Antes que ele parasse a moto, andei apressadamente em direção ao carro. Sentei-me no banco do motorista, endireitei o retrovisor no intuito de visualizar a sua imagem ao longe. Ainda consegui divisá-lo parando o automóvel. Ele desceu, retirando o capacete. Seus cabelos foram levados pelo vento. Ele usou uma das mãos para ajeitá-los.

Mirei-o como fazia todos os dias, desde aquele em que o vi pela primeira vez, e sorri.

As coisas não haviam saído como eu tinha planejado e como sempre aconteciam, mas eu o tive mais perto, e, por mais que não fosse do jeito que eu queria, valeu a pena. Agora, eu tinha que voltar para a minha casa, a minha vida de mulher, mãe e esposa.

PARTE I

ANA LUÍSA QUER FICAR SOLTEIRA

Suas mãos envolveram a minha nuca, puxando a minha face para perto da sua. Nossos lábios colidiram. Não medi esforços para abrir bem a boca e deixar que sua língua me invadisse e encontrasse a minha. Com a mão que estava livre, ele desceu pelas minhas costas, acariciando-me, até que chegou à minha nádega, apertando-a instintivamente. Impingiu meu corpo contra o seu. Senti a rigidez do seu membro em meu ventre. Arrepiei-me com a possibilidade de tocá-lo, tê-lo em mãos, babujá-lo. Os seus beijos se tornavam cada vez mais intensos.

Ele parou, fixou seus olhos negros nos meus. Sorriu um sorriso de canto de boca. O riso mais safado que eu já tinha visto em toda a minha vida. Mirei seu rosto, firme, com traços delicados. A espessa barba estava desgrenhada, dava-lhe um ar másculo que deixava qualquer mulher de pernas bambas.

Eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo, mas estava, e de uma forma bem intensa.

Fui com uma das minhas mãos até o seu cabelo e ofereci-lhe um afago. Ele mordeu o lábio inferior, em seguida pôs a língua para fora e passeou com ela pela sua estrutura, lambendo a própria boca como se me fizesse um convite, deixando-me ainda mais excitada e ansiando o que estaria por vir.

Em um movimento súbito, ele foi à minha cintura com as duas mãos e me ergueu, pondo-me sentada na mesa do escritório. Afastei todos os papéis que estavam sobre ela, fazendo com que eles caíssem no chão. Aos poucos ele retirou meu blazer de cor preta, mas não demorou para ir até a camiseta branca e desabotoá-la, frenético, apressado.

Meus seios ficaram expostos para os seus olhos. Ele usou a ponta dos dedos para beliscá-los. Eu gemi ao sentir seu toque. Curvou-se como se para

me saudar e alcançou-me as estruturas, que segurava nas mãos como dois pesos, e beijou-os, mordeu-os, chupou-os, até que...

— Senhora!

Aos poucos fui identificando o local onde eu estava. Meus olhos passearam por todo o lugar, até que deram com o Jeremias na porta de entrada fitando-me desconcertado.

— Senhora? — fez um gesto com a cabeça que demonstrava timidez pelo fato de ter interrompido o meu transe.

— Pois não? — disse-lhe, seca. Minutos atrás estava metida em um sonho lúcido e lúbrico com o motoqueiro misterioso, e agora...

— Senhora, chegaram estes documentos que a cliente nos enviou — falou, aproximando-se da minha mesa.

— Oh, sim! — mostrei interesse pelo que ele trazia em mãos, mas a minha memória ainda recordava as cenas imaginárias que há pouco me haviam excitado.

— São o termo de rescisão, as férias, os contracheques de todo o período que ela fez parte da empresa. Tudo o que foi solicitado está aqui e, realmente, como ela alegou, não existe hora extra registrada ou algo que faça menção a isso.

Fitei Jeremias enquanto ele falava. Trabalhava comigo há apenas um ano, como assistente administrativo, sendo também uma espécie de secretário meu. Era muito competente e prestativo. Tinha cerca de 26 anos, quatorze a menos do que eu. Era um negro alto, de lábios grossos e barba bem aparada. Cultivava a cabeça sempre raspada. Não tinha músculos, mas seu corpo era definido e tinha o porte galante como se fosse um cavalo puro-sangue. Andava sempre bem vestido e perfumado.

— Sim... Na verdade, o que acontece é que provavelmente essa funcionária trabalhou além da sua carga horária, mas não recebeu aquilo que deveria — retirei-me da observação que fazia do moço e disse-lhe aquilo que estava mais do que óbvio naquela situação.

— Sim, senhora! — afirmou, e ficou em silêncio.

— O que faremos é tentar um acordo com o empregador. Caso ele não aceite, trataremos de tomar as medidas necessárias perante a Justiça.

— Acho conveniente.

Fixei o olhar nos olhos de Jeremias.

— Era só isso? — indaguei-lhe.

— Sim, senhora! — ele virou-se no intuito de sair da sala.

— Jeremias! — exclamei, antes que ele deixasse o local.

— Sim?

— Como estão os preparativos para a nossa festinha de confraternização?

Ele deu meia-volta e novamente veio para perto da minha mesa.

— A Adriane, do financeiro, está cuidando de tudo. Falei que, qualquer coisa que ela precisasse, entrasse em contato comigo, que eu passaria para a senhora.

— Conseguiu aquele cantor que faz um sonzinho de voz e violão, que você indicou?

— Sim, entrei em contato com ele, e passei para a Adriane resolver a questão do pagamento.

— Ah, é claro! Sabe que vocês têm total liberdade de ajeitar a festa do jeito que quiserem. Só peço que passem para a Adriane todas as notas fiscais com os respectivos valores. Espero que seja uma noite muito divertida, tanto para vocês quanto para mim.

— Sim. A senhora vai adorar. Vai ficar tudo muito lindo — ao terminar a frase, desenhou com lábios carnudos um largo sorriso, deixando à mostra os dentes extremamente brancos e bem cuidados. Era um rapaz muito bonito, mas, além de tudo, atraente e sexy.

Passei com meus olhos pelo seu corpo, medi cada espaço da sua estrutura, projetando na mente como deveria ser lindo sem a roupa que vestia.

— Agora eu já estou indo. A senhora ficará aqui até mais tarde?

Virei a face para a parede esquerda da sala e vi que eram seis e quinze. Já estava na hora de fechar o escritório.

— Não, eu tenho que ir.

— Até amanhã — Jeremias disse, virando-se de costas, dando passos largos até alcançar a saída da sala.

Dei uma espiada no formato da sua bunda desenhado na calça social que usava. Sorri ao me dar conta do que havia acabado de acontecer.

Voltei meus pensamentos para a minha imaginação fértil. O desejo que eu nutria por aquele motoqueiro estava me fazendo perder a sanidade. Não sabia o que me conectava a ele e o porquê de me sentir tão atraída pela sua figura. Era apenas mais um homem comum, coberto por músculos, com cabelos longos e uma espessa barba. Contudo, vê-lo era para mim como um vício. Ele era a minha droga, mesmo que ainda não houvesse provado do seu toque, bebido da sua saliva em seus beijos.

Vi-o pela primeira vez quando passava pela rua, que é caminho para a minha casa. Passei à frente do galpão e ele estava ali, sem camisa, suado, os cabelos desgrehados, o peitoral musculoso, farto. Fitei-o enquanto dirigia e, me esquecendo de tudo ao redor, perdi o controle do carro e quase me choquei a outro que vinha na mão contrária. Assustada e encantada, estacionei ao lado de um restaurante que havia na esquina da rua. Fiquei alguns instantes parada, tentando recobrar a calma e a respiração. Fixei os olhos no retrovisor e, mesmo não dando conta do que havia acabado de acontecer, encontrei a sua figura e admirei-a, embasbacada. Desde então, sempre costumava vê-lo no mesmo horário quando voltava para casa, depois de cumprir o meu expediente no escritório. Até que aquilo se tornou um vício. Eu estacionava um pouco distante do galpão onde ele costumava estar, ajeitava o retrovisor e observava-o. Passei a chegar mais cedo, acompanhar o momento da sua chegada para vê-lo descer da sua moto, com aquele porte de macho que tinha. Não sabia o seu cheiro, mas nas minhas fantasias imaginava-o com um cheiro forte, de homem, como o que exalam alguns animais quando buscam se acasalar com outros da mesma espécie.

Todavia, desde que o acidente havia acontecido — e já havia se passado uma semana e dois dias —, eu não tinha mais ido até ele. Precisava que ele esquecesse o meu rosto, precisava que o calor do ódio, que provavelmente ele sentira por mim quando tudo aconteceu, passasse.

Hoje, eu estava disposta a ir revisitá-lo. Tinha que ser rápida, não podia demorar. Queria, como sempre, vê-lo chegar e descer do seu automóvel. E depois voltaria à minha vida, à minha rotina, ao meu cotidiano que me massacrava e me fazia me perder dentro de mim.

Levantei-me da cadeira onde estava sentada. Não arrumei os papéis que estavam espalhados pela mesa. Peguei o celular que estava ao lado do notebook que eu usava para verificar os meus processos. Liguei o visor apertando em um botão ao lado do aparelho. Havia mensagens da minha filha e do meu marido.

Li primeiro a mensagem da minha filha, a Íris. Nela, ela me pedia para que eu levasse para casa algumas coisas que estava precisando. Ou seja, eu teria que passar no supermercado, assim vislumbraria a obra de arte em carne viva. Já o meu marido me indagava o que eu pretendia fazer para o jantar.

Minha filha e meu marido. Toda a minha vida girava em torno deles dois. Tudo o que eu fazia era por eles. Sempre os colocava em primeiro lugar. Por isso, tinha que ser rápida ao ver o motoqueiro misterioso, pois precisava voltar para casa e cuidar de ambos.

Casada há vinte anos, por conta de um erro da minha juventude, eu não tinha uma vida muito agradável. É certo que já havia me acostumado com a rotina. Servir à família para poder viver. Havia esquecido no mais íntimo do meu ser o que era ser uma mulher, o que era ser eu, antes de ser esposa e mãe.

Talvez fosse isso que me impingisse em direção àquele rapaz. O fato de ele despertar em mim a minha feminilidade, o meu desejo, o tesão que eu havia perdido nas relações com o meu marido, a vontade de realizar as fantasias que eu imaginava durante todo o dia, afogada diante do mar de inquietações que me tomava e da rotina na qual eu estava metida.

Uma advogada de 40 anos, em forma, bem-sucedida, casada e infeliz.

Essa era a imagem que eu via quando me olhava no espelho. Não culpo ninguém pelo que me aconteceu, ou as coisas pelas quais passava, senão exclusivamente a mim mesma. Culpada, eu era o único motivo de ter chegado onde eu estava. Aquela vida era a consequência de uma escolha que eu havia feito diante de determinada circunstância.

Conheci meu marido, o Carlos Augusto, ainda na adolescência. Ficamos uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Nos amávamos, ou era só o tesão que permeava a nossa carne? Foi uma história de amor de verão, que perdurava até hoje. Não havia mais a quentura do amor, como na época em que tínhamos nos conhecido, mas ainda éramos nossos, mesmo porque o contrato, a que chamávamos de casamento, havia sido assinado e eu estava presa a ele.

Perdida em meus devaneios, me esqueci do horário e, quando voltei novamente a mirar o relógio, já haviam passado quinze minutos. Apressada, meti o celular dentro da bolsa de couro azul e saí da minha sala dando passos largos.

O salto que eu usava incomodava ao passo que calcava o chão. Passei pelas salas, onde a moça da limpeza já fazia seu último serviço, até que alcancei a saída, onde estava o segurança, seu Guilherme.

— Boa noite, seu Guilherme! — disse-lhe ao passar por ele, em direção ao meu carro que estava estacionado à frente do prédio.

— Boa noite, dona! — respondeu-me. Só então me dei conta de que, ao passar pela moça da limpeza, não havia me despedido. Entretanto, não dava mais tempo de voltar e pedir desculpas pela minha falta de educação. Eu precisava seguir, ou perderia o show do meu motoqueiro misterioso.

Alcancei o carro, abrindo automaticamente a porta. Sentei-me no banco do carona, já pondo as chaves na abertura próximo ao volante. Girei, ligando o automóvel. Aos poucos fui colocando-o em movimento. Estava com pressa, mas precisava ser prudente. Ao estar completamente na pista, acelerei e parti em direção ao meu tão esmerado destino.

Estacionei o carro à frente do restaurante. Estava um pouco nervosa,

mas não desistiria de vê-lo naquele dia. Olhei o relógio de pulso, marcava sete da noite. Aguardei ansiosa a sua chegada. Os segundos pareciam se arrastar uns sobre os outros, demorando a passar. A impressão que eu tinha era de que o tempo havia parado.

Ajeitei o retrovisor do carro para melhor vê-lo. Novamente, ansiando o momento da sua chegada, mirei o relógio. Os ponteiros cumpriam a sua função. Olhei pela janela do carro, a rua havia ficado silenciosa. Não havia muitas pessoas andando pela calçada, ou até mesmo dentro do restaurante, onde eu havia estacionado.

Ouvi um barulho como um alerta. Voltei meu olhar para o porta-luvas. Fui até ele com uma das mãos e abri-o. Retirei de dentro dele o celular que estava com o visor iluminado. Toquei a tela do aparelho e verifiquei as mensagens que havia recebido.

A primeira era de Íris.

Mãe, onde você está? Não esquece de passar no mercado e de pegar as coisas que te pedi.

A segunda, do Carlos Augusto.

An, qual é o motivo da demora? Ainda está no escritório? Estou morrendo de fome.

Li-as atentamente, mas não as respondi, pois um barulho como a descarga de uma moto invadiu a minha audição, tirando a minha atenção do celular. Levantei o olhar, assustada, e meu campo de visão foi invadido por uma luz extremamente forte. Pus as mãos no rosto por um instante e novamente baixei a cabeça. Aos poucos percebi que a intensidade da luz foi se desfazendo. Novamente, ergui o semblante e identifiquei o que estava acontecendo.

Ele estava à frente do meu carro, a sua moto estava ligada, mas parada. Vestia, como de costume, uma jaqueta de couro preta. O capacete cobria-lhe parte da face, mas o olhar penetrante, a barba e os cabelos desgrehados e rebeldes eram perceptíveis.

Fitei-o assustada e desconcertada. Um turbilhão de sensações me envolveu, metendo-me em uma espécie de nervosismo no qual eu nunca

havia estado na vida. Contudo, não conseguia desligar meus olhos dos dele. Ele me penetrava com o seu olhar pungente, como se desnudasse a minha alma e descobrisse todas as intenções que eu tinha para com seu corpo, sua carne, toda a sua estrutura, todos os sonhos lúbricos e os fetiches que havia realizado junto com a sua imagem onírica.

Seus lábios, mesmo no escuro, estavam retorcidos em uma espécie de sorriso. Um sorriso que eu já conhecia, de tanto imaginá-lo. Quis também sorrir, como fazia em minhas fantasias, mas contive-me. Ele, incredivelmente, piscou o olho para mim. Com a cabeça, fez um gesto afável, baixando-a e erguendo-a logo em seguida, saudando-me. Todas as minhas possíveis reações haviam desaparecido do meu campo de imaginação. Meus músculos não obedeciam aos comandos do meu cérebro. Na verdade, não havia comandos. Eu estava sem chão. E o que me acontecia não era crível.

Vi quando a sua mão moveu-se segurando o acelerador da moto e impingiu-a novamente a movimentar-se. Aos poucos ele foi saindo da minha frente. Eu o acompanhei com o olhar. Quando já estava um tanto afastado de mim, ele voltou a cabeça para trás e sorriu.

Após o acontecido, não tive mais condições de olhá-lo pelo retrovisor. Fiquei paralisada diante da situação que se desenrolara. Demorei exatamente dez minutos para conseguir recobrar a minha sanidade, que se perdera no momento em que ele sorria. Coloquei a mão sobre o peito, e meu coração batia descompassado. Baixei a cabeça, abri a boca, dando vazão ao sentimento que me tomava, passei a mão pelos cabelos e sorri. Sorri desembestadamente, chegando a alcançar uma altura vergonhosa com gargalhadas que há muito tempo eu não havia esboçado.

Continuei ali por mais alguns minutos e só então tive coragem de pôr os olhos no retrovisor. A moto dele, uma XT 660R azul, estava estacionada à frente do galpão, mas provavelmente ele já tinha entrado.

Limpei as lágrimas que haviam escapulido dos meus olhos no momento das gargalhadas. Recobrei o fôlego que havia perdido. Lembrei-me minuciosamente de tudo o que havia acontecido ali minutos atrás, só então tive coragem de ligar o carro e colocá-lo em movimento.

Empurrava o carrinho abarrotado de compras pelo supermercado. Havia aproveitado para comprar, além das coisas que Íris havia me pedido, algumas das quais eu havia sentido falta na despensa de casa.

Caminhei por um corredor extenso — de um lado materiais de limpeza, do outro, utensílios domésticos — onde algumas poucas pessoas passavam com seus carrinhos. Ao chegar ao fim dele, fiz a curva e dei com outro onde só havia alimentos. Andei, dando passos lentos, até chegar à parte onde ficavam os biscoitos que a Íris havia pedido. Passei com o olhar, tentando identificar a marca específica do que a minha filha gostava. Não o encontrei. Virei-me para o outro lado observando se ali tinha, mas também não dei com eles.

Dei mais alguns passos, os olhos atentos para ver se os encontrava. Não os achei. Desistente da busca, ergui a cabeça e mirei o fim do corredor. As pessoas pareciam haver se dissipado do supermercado. Olhei o relógio de pulso, marcava exatamente oito horas da noite. Voltei o olhar para o carro, verificando se já havia pegado tudo o que precisava.

— ANA!

Assustei-me ao ouvir meu nome sendo exclamado daquela forma. Levantei o olhar, mas não consegui divisar ninguém que pudesse tê-lo dito. Movi a cabeça, tentando afastar a impressão que havia ficado em mim. Empurrei o carrinho, andando em direção ao caixa, que ficava a cinco corredores de onde eu estava.

Ao passar pelos corredores, constatei que todos eles estavam vazios. As pessoas haviam mesmo deixado o supermercado. Eu devia ser a única a estar ali naquele horário. Adiantei meus passos, pois a esta altura o pessoal do caixa já deveria estar desesperado querendo ir para suas respectivas casas.

Passei pelo segundo... terceiro... quarto corredor. Ao chegar ao quinto, que era o que me levaria em direção ao caixa, fui acometida por um susto. A impressão que percorreu meu corpo foi a de uma mão gélida tocando o meu ombro. Virei a cabeça tentando identificar de quem seria, mas senti como se o que tivesse feito aquilo houvesse se dissipado em uma cortina de fumaça,

apesar de não haver nenhum resquício de fumaça no ar.

Voltei o olhar para frente.

— Aaah! — gritei.

— O que houve? — indagou a moça que apareceu à minha frente.

— Foi só um susto — observei o seu semblante. Era uma moça loira com olhos puxados, que demonstrava sua descendência asiática. Usava um boné laranja, onde estava bordado o nome do supermercado acompanhado do seu slogan.

— Já estamos fechando, senhora! Vim apenas verificar se havia mais alguém dentro do estabelecimento.

— Oh, sim... Eu já estou indo — disse, desconcertada.

Guiei o carrinho pelo corredor, até que alcancei o caixa. Aos poucos fui retirando as compras e colocando-as sobre o balcão. O rapaz que me atendia foi registrando cada uma das coisas gradativamente.

— ANA! — ouvi novamente alguém exclamando o meu nome. Levantei rapidamente a cabeça e mirei a face do rapaz.

Assustei-me com o que vi. Algo como uma sombra confusa havia se apoderado da sua face. Não havia olhos, boca, qualquer coisa do tipo, apenas um rosto fundo e vazio.

Fiquei paralisada observando-o sem saber o que fazer. Meu coração estava disparado. Eu tremia. Meus olhos, fitos naquela imagem, não aceitavam o que viam.

— Senhora! Senhora!

Balancei a cabeça, fechei e abri os olhos algumas vezes.

— A senhora poderia colocar o restante das compras no balcão? — o rapaz falou, de um jeito mal-humorado.

Fitei-o buscando a imagem que havia acabado de ver em seu rosto. Estaria eu ficando louca?

Coloquei o restante das compras sobre o balcão. Todas foram

devidamente registradas e empacotadas.

O rapaz falou-me o valor que havia dado. Retirei da minha bolsa uma carteira, e dela um cartão de crédito. Dei para o rapaz e efetuei o pagamento da compra.

Coloquei os pacotes de compras dentro do carrinho.

— Peço que a senhora deixe o carrinho no lugar indicado ao sair do estacionamento.

Levantei o meu olhar e fitei o rosto do rapaz. Ofereci-lhe um sorriso de poucos dentes e guiei-me para fora do supermercado em direção ao estacionamento.

Abri o porta-malas do carro e fui pondo os pacotes de compras dentro dele. Ao terminar, fechei-o e em seguida olhei o relógio de pulso. Já eram quase nove da noite. Ouvi uma música que me era familiar. Fui até a bolsa que estava no banco do carona e peguei-a. Abri-a rapidamente e retirei o celular que, com o visor ligado, anunciava uma ligação. Passei o dedo sobre a tela e levei o aparelho até o ouvido.

— Alô! — atendi, desanimada.

— An, onde você está? Meu Deus, que demora! — a voz estridente e mal-humorada de Carlos Augusto do outro lado da linha fez com que eu afastasse o celular do ouvido.

— Guto, eu passei no supermercado. A sua filha não te falou que pediu para que eu comprasse algumas coisas para ela?

— Ah, tá! Por isso que ela é assim, mimada. Você faz todas as vontades dela.

Revirei os olhos ao ouvir a sua fala. Queria desligar, mas o Carlos Augusto insistia em continuar falando sobre o comportamento da Íris e como a minha maternidade a ajudava a ser daquela forma.

— ... E uma hora dessas, eu estou morrendo de fome. Tive que pedir comida japonesa, porque não aguentei esperar até você chegar para preparar o

jantar.

— Guto, você não podia ter feito qualquer coisa? Até frito um ovo...

— An, você sabe muito bem que não sei cozinhar absolutamente nada.

Carlos Augusto realmente, além de reclamar e ser chato, não sabia fazer nada quando se tratava de comida. Filho único, criado pela mãe e pelo pai, que eram riquíssimos, donos de uma fazenda com centenas de bovinos e caprinos, além de produzirem feijão, milho e laranja e terem uma distribuidora de sucos e produtos alimentícios, como arroz, soja e o que era produzido por eles mesmos. Mimado, exigente e chato. Quando o conheci, não fazia ideia do que ele se tornaria após o casamento, mas o tempo é cruel, e as pessoas costumam revelar aquilo que são apenas depois de anos de convivência. Só vim a saber quem ele realmente era quando passei a compartilhar com ele a mesma cama e lençóis.

— Mas tudo bem, An, tudo bem! Onde você está agora? Já está vindo?

— Estou saindo do estacionamento do supermercado — ainda pronunciando a frase, fechei a porta do banco do carona e apertei no controle do automóvel para travá-lo. Fui até o carrinho de compras e guiei-o na direção do lugar onde deveria deixá-lo, como me exigira o caixa, minutos atrás.

— Tá bem. Seja rápida.

— Tchau! — desliguei a ligação e coloquei o telefone no bolso da minha calça.

Caminhei até uma pilha de carrinhos de supermercado e abandonei o que empurrava ali. Dei meia-volta, guiando-me sobre o meu scarpin preto, e fui novamente em direção ao meu carro. Meus passos estavam arrastados, como se o tempo houvesse ganhado uma nova dimensão que desacelerasse as coisas. A impressão que eu tinha era de que, além de mim, havia mais alguém naquele lugar. Estaquei sobre os passos e voltei o meu olhar para trás, tentando identificar alguém ali. Mirei o lado esquerdo. O lado direito. Não havia ninguém. Voltei o olhar para frente e...

— Olá!

Assustei-me, dando alguns passos para trás. Quase desmaiei ao constatar aquele homem à minha frente.

— Pelos deuses, não precisa disso tudo.

Fitei o rosto do rapaz. Era um homem jovem, que aparentava ter no máximo seus 22 anos. Tinha cabelos loiros que pendiam em cachos até a altura da orelha, olhos profundamente verdes e um corpo manequim.

— Quer me matar de susto, moleque?! — exclamei, enfurecida.

— Eu? — ele se fez de desentendido. — É claro que não, An.

Estranhei o final da sua frase, o fato de ele pronunciar o apelido pelo qual o Carlos Augusto me chamava.

— Como assim, *An*? — indaguei-o.

— Não é o seu apelido, Ana Luísa?

Ao vê-lo pronunciar meu nome, dei novamente alguns passos para trás. Nunca havia visto aquele garoto na minha vida, e, pelo jeito, ele sabia demais sobre mim. Assustada, fiz menção de que correria, já que vários pensamentos ruins me acometeram e o medo perpassou todo o meu corpo. Contudo, na tentativa que fiz de sair do lugar, meu corpo paralisou-se. Não consegui mover um único membro, nem mesmo os olhos ou a boca para pedir por socorro.

— Ah, não! Por que vocês humanos são tão chatos? — ele andou em minha direção. O semblante que carregava no rosto era de descontentamento. — Sempre tentam fugir, mesmo quando a gente se dispõe a ajudar. Eu sinceramente não entendo o porquê de os olímpianos exigirem que provemos para eles a nossa capacidade de sermos tão bons quanto eles. É chato, sabia? Ser posto à prova o tempo todo. Por isso que a queridíssima Circe resolveu sumir do mapa. E está certíssima! Esses castigos, esses deveres, esses julgamentos fajutos. Pelos deuses! Quero dizer... A culpa é exclusivamente deles.

O desespero se apoderava de todo o meu corpo. Tentava me mover, mas não conseguia mexer um único fio de cabelo. Era como se eu tivesse sido congelada.

— Eu vou te soltar, mas se você tentar fugir não falo por mim, OK? — ele colocou seus olhos nos meus. Perdi-me na profundidade do verde coberto por uma auréola amarelada.

Ele ergueu uma das mãos suavemente e moveu cada um dos seus dedos. Senti meu corpo ser solto daquela coisa invisível que me prendia. A única coisa que o meu instinto me impingia a fazer era fugir. Fitei-o, esperando-o fazer qualquer movimento, mas, vendo que ficou parado no lugar onde estava, corri.

O salto do scarpin me incomodava a cada toque que dava no chão, mas eu corria desesperadamente. A saída do estacionamento já estava próxima, um alívio já passava a envolver a minha alma, saindo dali eu chegaria à rua e pediria ajuda a alguém.

— Pelo amor, mulher, que droga! — voltei meu olhar para o lado esquerdo e percebi que uma sombra, como um vulto, me acompanhava. Ele sumia e aparecia teletransportando-se. Só que havia algo de familiar no seu truque, o seu rosto não aparecia, era como um risco abstrato, assim como o rosto do moço que havia me atendido no caixa do supermercado.

Vendo que ele não pararia de me seguir, e que eu não tinha forças para lutar com o que ele era, parei. Curvei o meu corpo e coloquei as duas mãos sobre os joelhos, inspirando e expirando o ar com força para conseguir recobrar o que havia perdido.

— Cansou?

Ergui o meu corpo e fitei-o.

— O que você é? — indaguei.

— Agora melhorou. Poxa, An, você tá vendo? Não precisava de tudo isso, desse desespero, dessa tentativa de fugir.

— O que você é? — insisti na minha pergunta.

— Ah, agora eu vou ter que te explicar um monte de firulas sobre mitologia grega e a minha origem? Não estou a fim.

Fitei-o tomada por uma mistura de medo e ódio.

— Nem me olhe assim, é muito chato ter que explicar isso para as pessoas, mesmo sabendo que no fim das contas elas aceitarão a minha proposta e eu sairei vitorioso no acordo.

— O que você está dizendo? Nada disso faz sentido.

— Muita coisa nesse mundo não faz sentido, An. A violência, a fome, a miséria, a falta de respeito com o próximo e com o que ele é. Nada disso faz sentido, mas ainda assim acontece. E eu estou aqui desde antes da existência de qualquer uma dessas coisas.

— O que você é? — novamente indaguei-o sobre sua origem, tentando entender no que eu estava metida.

— Um íncubos? — ele sorriu ao fim da resposta retórica. — Brincadeirinha. Meu nome é Himeros, e o seu, Ana Luísa. Prazer!

— Himeros?

— Há algo estranho com o meu nome? Culpe a minha mãe e aos deuses, não culpe a mim.

— Aos deuses... — reproduzi um trecho da sua frase, pois percebi que ele sempre tratava Deus no plural.

— Sim, aos deuses. Ou você acha que há um único deus tirano por aí, julgando, castigando, perdoadando, tirando de um para dar ao outro?

— Fui criada para acreditar nisso, e vivo com esse pensamento, até que me provem o contrário.

— Então pode começar a mudar esse seu pensamento retrógrado aí. Eu sou a prova viva. Muito prazer, Himeros, deus do desejo sexual.

Assim que ele terminou a frase, não consegui conter uma gargalhada que ganhou forma em minha garganta.

— É sério isso? — indaguei, entre o riso.

— Seríssimo — ele cruzou os braços e ergueu uma das sobrancelhas. Ficou parado à minha frente, mirando-me, demonstrando estar chateado com a minha atitude, até que eu parei.

— Não consegui evitar, é que você é muito engraçado.

— Olha só, querida Ana Luísa, ou você para com essa palhaçada, ou não vai ter ajuda alguma.

— Oi? Ajuda? Ajuda em quê? — centenas de pensamentos se aglomeraram em minha mente, contudo nenhum deles fazia sentido, assim como a cena que eu estava protagonizando.

— Sim, ajuda. Ou a sua vida está maravilhosamente bem, indo de vento em popa?

— Não tenho nada a reclamar. Tenho um marido, uma filha, um escritório de advocacia trabalhista muito bem cotado. Sou muito bem paga...

— ... E costuma estacionar na frente de um restaurante quase todas as noites para ficar bisbilhotando um rapaz desconhecido, porque não tem em casa, nem com o marido, com a filha, o escritório de advocacia trabalhista, aquilo que mais anseia. Estou certo?

Senti como se uma farpa aguda houvesse atravessado meu peito. Minhas pernas tremeram e a vontade que eu tinha era de ajoelhar ao chão, pôr a minha cabeça entre as mãos e chorar.

— Sim, estou certo. Uma advogada bem-sucedida. Uma mulher que pode ter tudo aquilo que quer, inclusive muitos homens aos seus pés, mas prefere se submeter à sua rotina e se conformar com pouca coisa.

— Eu que escolhi isso, estou feliz, e é o bastante para mim. Se a sua ajuda for em relação a isso, obrigada, não me cabe aceitar.

— Ah, pelo amor de Afrodite a Ares, você acha que caio nesse papinho de que prefere ser a mulher fiel, puritana, a aceitar o que eu ainda nem cheguei a oferecer-lhe?

— É o bastante para mim — voltei meu corpo para trás e dei passos lentos em direção ao carro, que agora estava um tanto quanto distante de mim.

Passei a mão pelo rosto, ajeitei algumas mechas de cabelo que haviam se soltado do meu penteado no momento em que corri.

— An! — o rapaz se materializou à minha frente em um átimo, assustando-me e fazendo com que eu estacasse sobre os meus passos.

— Meu Deus, acho que seu intuito é me matar de sustos, isso sim!

— Veja só! — aos poucos ele ergueu os dois braços, colocou as mãos à altura do peito e moveu-as em círculos, fazendo com que uma fumaça cor-de-rosa surgisse à minha frente. A fumaça foi ganhando um formato retangular.

Estava surpreendida com o que via. Dei dois passos para trás, boquiaberta, e só então vi um enorme espelho envolvido por bordas suntuosas de ouro surgir à minha frente.

Fitei o objeto que flutuava. Nele estava o meu reflexo. Uma mulher de 40 anos, loira, de cabelos lisos, com algumas sardas salientes nas bochechas, uma boca coberta por um batom vermelho, vestindo um blazer preto e uma calça social de mesma cor, uma camiseta vermelha por baixo e um scarpin de mesma cor.

— Veja só! Essa é você. Tem certeza de que merece mesmo viver a vida que você vive?

— Não tenho certeza alguma de nada nesse mundo, mas é o que eu tenho em mãos, é para onde as minhas escolhas me levaram, e preciso me conformar com isso.

— É claro que não. Se foi você quem fez escolhas e estas acarretaram consequências, novas escolhas precisam ser feitas dentro das circunstâncias atuais.

— É fácil dizer isso, mas não é assim que funciona.

— Vamos lá, vamos fazer uma retrospectiva da sua vida. Ana Luísa conheceu Carlos Augusto ainda na adolescência. Ela tinha 16 anos, ele era dez anos mais velho. Ficaram, namoraram, aos 18 ele a pediu em casamento e ela aceitou. Teve total apoio dos pais, já que o Guto, é assim que você chama ele, não é? Era rico e herdaria todos os bens do pai, um agroempresário. Casaram, uma cerimônia linda. Meses depois, Ana Luísa apareceu grávida de uma menina, Íris. Após o parto, dedicou-se integralmente à sua cria e então, quando a menina completou 3 anos, decidiu que era hora de tomar um rumo na sua vida, então prestou vestibular para o

tão sonhado curso de Direito que sempre quisera fazer, mas que com o advento do casamento e gravidez fora impedido. O Guto relutou no início, mas acabou cedendo. Ao terminar o curso e com a ajuda do marido, montou o seu escritório. Assim, construiu o seu próprio império.

Ouvi-o lembrar-me da minha história, e todas as cenas que me levaram até o dado momento surgiram em minha mente como se passassem na tela de um cinema.

— É isso, justamente isso. Hoje, sou quem eu sou pela ajuda que o Guto me deu.

— Pelo amor de Hades à Cora, mulher! Você não pode pensar assim, você chegou aonde chegou por esforço próprio e determinação pessoal. Tem o que tem, construiu seu nome, trouxe fama ao seu escritório com a sua perspicácia. O seu marido pode ter contribuído, mas você não tem a obrigação de ficar presa a esta vida, sendo que ela não te satisfaz.

— E quem te disse que eu não estou satisfeita?

— Você pode enganar a outro, não a mim. Fantasias cenas eróticas com o cara barbudo da moto azul é o primeiro indício da sua insatisfação.

— E o que eu posso fazer? — neste momento, a ficha caiu para mim, e lágrimas começaram a rolar dos meus olhos em direção à minha bochecha. Uma dor terrível tomou conta do meu peito. Não sei se era ingratidão ou medo o que eu sentia, mas sabia que tudo o que eu vivia era uma farsa. Estar realizada profissionalmente não queria dizer que todas as outras coisas que permeavam a minha vida estavam do jeito que eu queria. A começar pela minha relação com o meu marido, que há anos não era mais a mesma.

— Eu posso te ajudar... — ao terminar a frase, ele fez um gesto com as mãos, fazendo com que o espelho desaparecesse, e se aproximou de mim.

Tomou a minha face em suas mãos, ergueu-a e fitou-me no fundo dos olhos.

— Vou te dar tudo o que você precisa para se reencontrar e recuperar novamente o seu gosto pela vida.

Repentinamente, um brilho intenso se apoderou do local e os meus

olhos vislumbraram o impossível ganhar forma nas costas de Himeros. A silhueta de duas grandes asas, como as de uma borboleta, surgiu entre a luz, ganhando, além do formato, textura e consistência. Ele retirou as mãos do meu rosto, abriu os braços. Em seguida, reuniu as duas mãos em posição de súplica, e aos poucos foi separando-as. Então à nossa frente a fumaça que antes deu forma ao espelho apareceu novamente, dando forma a um objeto menor, que no meio dela não pude ter noção do que se tratava. Ele desfez a posição em que estava, pegou o objeto e estendeu-o em minha direção.

— Tome! — exclamou.

— Mas o que é isso? — indaguei, curiosa.

— A sua salvação.

— Como? Um livro? — peguei o livro de suas mãos. Mirei toda a sua estrutura. Era vermelho, de capa dura, com detalhes dourados na brochura.

— Abra.

Obedeci ao seu comando, e ao abri-lo percebi que estava em branco.

— Está em branco! — voltei meu olhar para ele, que sorria.

— Sim, está!

— Mas...

— Você é quem irá escrevê-lo.

— Como assim?

— Esse é o diário secreto dos desejos, um artefato criado por mim. Sim, apesar de ser um dos deuses menores, tenho as minhas criações. Algumas experiências se apresentarão para você, e sua missão é escrevê-las nesse livro, como um diário, narrando todos os detalhes, até mesmo os sórdidos.

— O que eu irei escrever aqui?

— Tudo o que te acontecer. Algumas coisas mudarão em sua vida, já estão sendo e serão postas em seu caminho.

— Mas...

— Sem “mas” — interrompeu-me. — Ana Luísa, a solução sempre esteve diante dos seus olhos, você é que estava cega e não conseguia enxergar. Agora isso vai mudar, você vai mudar. Não vou te revelar o segredo de tudo, não teria graça, mas no fim das contas você vai amar tudo isso e me agradecerá imensamente pela ajuda.

— Como começo?

— Eu não sei, você vai apenas começar. Saia daqui agora e seja você. Seja quem você quiser. Respeite a sua verdade e viva-a. Viva intensamente.

Ao terminar a frase, ele ergueu uma das mãos e tocou com o dedo indicador na minha testa. A luz que cercava as suas asas tornou-se mais intensa e eu fui obrigada a fechar os olhos. Senti algo como uma descarga elétrica perpassando o meu corpo. Quando abri novamente os olhos, o deus não estava mais à minha frente.

Procurei-o por todo o estacionamento. Exclamei seu nome, mas ele não respondeu.

— Algum problema, moça?

Voltei o meu corpo para trás e dei com o segurança do estacionamento. Fitei toda a sua estrutura e logo lhe respondi.

— Não, só que... — não concluí a frase. Dei as costas para ele e fui em direção ao meu carro.

A incredulidade do que havia acabado de acontecer ali tomou todo o meu ser, mas ao olhar para as minhas mãos percebi que ainda segurava o livro de capa vermelha. Sorri, sem ter a certeza de que havia mesmo passado por aquilo, mas logo em seguida certo temor envolveu-me. Olhei o relógio de pulso, e o horário ainda continuava o mesmo. Como aquilo era possível?

Ao chegar ao carro, peguei o controle, destravei-o. Em seguida, abri a porta e entrei. Coloquei o livro no banco do carona, a chave no buraco próximo ao volante e pus o automóvel em movimento.

Parei à frente da entrada do condomínio. Ao me ver, o porteiro, Hernandez, abriu o portão. Buzinei para ele, saudando-o, e entrei em seguida.

Guiei o automóvel por alguns metros, até que dei com a minha casa. Morava ali desde que me casei com o Guto. Reconhecia aquele lugar como o meu refúgio e o meu aconchego, entretanto, naquele momento em que parei o carro em frente a casa, não foi isso que eu senti. Algo havia se transformado dentro de mim. A experiência pela qual eu havia passado horas atrás fez com que eu repensasse dezenas de coisas em minha vida.

No caminho para casa, solitária dentro do carro, eu rememorei toda a minha trajetória e no que eu havia me tornado no meio do caminho. Quem ou o que eu era? Viviam realmente para mim? Estava tudo indo de vento em popa? O que era viver?

Os meus sorrisos há muito tempo não eram como os que eu esboçava na minha juventude. A minha casa, agora, não me parecia a minha fortaleza, mas sim a minha prisão. Eu havia me privado da minha vida e de quem eu era, no intuito de pagar uma dívida que eu imaginava que tinha. Mas não, eu não tinha dívida alguma com o Carlos Augusto, apesar de que não era apenas isso que me prendia a ele. Era também a minha propensão ao comodismo e a minha filha Íris.

Há um momento em nossa vida em que cansamos, lutamos tanto durante a nossa caminhada, que deixamos de observar o que realmente faz sentido e nos faz felizes. Estava tudo errado, a forma como eu estava vivendo, a forma como eu lidava com as minhas emoções. Estava tudo errado!

Perseguir, observar e desejar um homem desconhecido era o primeiro sinal de que o rio não havia seguido o rumo certo. Aquele homem se tornou o meu motivo de desejo, e é o desejo que nos mantém vivos. Schopenhauer dizia que é a vontade que move o mundo, e, naquelas circunstâncias, a minha vontade e o meu desejo estavam direcionados para uma única pessoa, ele. Eu o queria indubitavelmente. Não era paixão, amor ou qualquer sentimento desse tipo que eu sentia por ele, era tesão, ardor, lubricidade, vontade de tê-lo entre as minhas coxas, domá-lo com a minha abertura e fazê-lo meu.

O meu casamento seria, então, uma farsa? Não, eu não sabia. E talvez aquela entidade, deus ou demônio, não sabia como defini-lo ao certo, tinha aparecido para me fazer repensar todos esses pontos e o sentido deles.

Todas as vezes que eu parava em algum sinal por ter ficado vermelho, olhava para o livro no banco do carona, de cor igual, e imaginava o que eu poderia fazer ou viver para escrever nele. Por onde eu começaria? O que narraria? A minha vida era tão monótona e pacata...

Agora, estacionada em frente à minha casa, eu relutava em descer do automóvel. Permaneci ali, mirando o livro ao meu lado, até que vi a porta da frente se abrir e um homem de cabelo grisalho, trajando uma camiseta branca e uma cueca samba-canção, aparecer.

— An?

Sorri-lhe um sorriso de poucos dentes.

— O que você está fazendo aí?

Ele se aproximou do carro e foi até o lado onde eu estava, mirando-me pela janela. Abri a porta e desci.

— Oi, Guto.

— Aconteceu alguma coisa, An?

— Não, nada! — menti.

Ele se aproximou mais de mim.

— Por que você demorou tanto?

— Disse-lhe que estava no supermercado, Guto. Fui comprar algumas coisas que a Íris pediu e acabei pegando outras que faltavam em casa.

— E precisava de toda essa demora?

Fiquei em silêncio.

— Eu tive que pedir comida fora, porque não tinha nada para beliscar em casa.

— Você me falou isso no telefone. Você poderia ter preparado alguma coisa.

— Você também me falou isso no telefone e já sabe a resposta.

Fitei-o enfurecida, mas não lhe respondi nada. Fechei a porta do carro e

fui até o porta-malas, onde estavam as compras.

— Pode ao menos me ajudar a carregar as coisas para dentro?

Ele veio até onde eu havia ido.

— Por que você tá falando assim comigo?

— Assim como, Carlos Augusto?

— Assim, desse jeito, como se estivesse com raiva de mim.

Não, no fundo eu não estava com raiva dele, ou da vida que eu estava levando, mas de mim mesma, por me permitir continuar dentro daquilo sem ter sentido algum. Fitei o rosto do Guto, as marcas que o tempo havia feito em sua pele. Apesar de tudo, ele continuava lindo, da mesma maneira como quando eu o havia conhecido.

— Às vezes você me trata como se eu fosse sua empregada doméstica, e eu não sou isso.

— Como, An? Só porque te peço para preparar meu jantar? Isso é te fazer de empregada doméstica? Isso é o seu papel como minha esposa. Não quero outra pessoa fazendo isso para mim.

“E quem disse que eu quero continuar sendo sua esposa?” Disse para mim em pensamento. Cravei meus olhos nos seus, peguei algumas sacolas do porta-malas e deixei-o aberto para que o Guto pegasse o restante.

— Por favor, feche quando entrar — disse-lhe, me referindo ao carro.

Passei pela porta que havia deixado aberta. Íris estava na sala, a televisão ligada e o notebook no colo. Ao me ver entrar, voltou a cabeça para trás.

— Mãe! Você trouxe o que eu te pedi?

Fitei-a e não lhe disse palavra alguma. Dirigi-me até a cozinha. Ela abandonou o notebook em cima do sofá e, em um salto, me seguiu.

— O que houve com você?

— Nada... Só estou cansada.

— Hoje já é sexta, amanhã a senhora descansa um pouco.

— Sim — afirmei, sem entusiasmo.

A verdade é que o cansaço que me acometia não era apenas o do corpo, mas também o da alma.

Guto entrou na cozinha trazendo o restante das compras.

— A festinha de confraternização do seu escritório será amanhã?

— Sim! — respondi-lhe.

— Eu até pensei em ir, pai. Mas acho que será bem chata. Os funcionários da minha mãe são um porre — disse Íris.

— Eu também não irei, vou ficar em casa.

— Ótimo, eu vou sozinha.

— Só não pode deixar a gente sem jantar.

Automaticamente virei-me para ele, tudo o que eu queria fazer era ir até o seu pescoço e esganá-lo, contudo me contive. Deixei as compras sobre a mesa da cozinha e dirigi-me até o quarto, atravessando um imenso corredor e subindo uma pequena escada.

Ao entrar no cômodo, retirei o blazer preto e joguei-o sobre a cama. Em seguida, sentei-me sobre o móvel e retirei os sapatos. Certo alívio perpassou todo o meu corpo. Desabotoei a camiseta branca e fiquei apenas de sutiã. Levantei-me e caminhei até a suíte. Lá, terminei de retirar as peças de roupas que faltavam para que ficasse completamente nua. Terminando de me despir, abri o boxe, entrei e liguei o chuveiro. A água caiu sobre o meu corpo, causando-me uma sensação rejuvenescedora e refrescante de paz e nascimento.

Banhei-me por quase meia hora.

Durante o restante da noite, evitei contato com a minha família, tanto com o Carlos Augusto quanto com a Íris. Vi-os novamente apenas quando fui até a cozinha e preenchi uma taça com um vinho bordô que eu havia guardado para uma ocasião especial. Ingeri o líquido e logo em seguida voltei para o quarto, deitei sobre a cama e mergulhei em um sono profundo,

acometida pelo meu cansaço e pela escuridão na qual Hipnos e Morfeu haviam me metido.

Acordei às sete da manhã. Voltei o olhar para o meu lado esquerdo, era onde o Guto costumava sempre estar quando eu acordava, contudo, como naquele dia tardei a levantar, ele já estava de pé, provavelmente com fome, esperando que eu preparasse o seu café da manhã. Não me pus de pé de imediato, fiquei ainda na cama até quase meio-dia, e só levantei quando a maresia que acometia meu corpo, acompanhada de um cansaço descomunal, pareceu dar trégua.

Ao levantar, fui direto para o banheiro. Escovei os dentes, tomei um banho, mirei-me no espelho, ajeitei meu cabelo e decidi que iria ao salão de beleza, até porque à noite seria a confraternização de Natal do meu escritório e, como dona, eu deveria estar muito mais do que bem-vestida, e sim impecável.

Vesti uma roupa simples, a primeira que encontrei no guarda-roupa, na verdade, e desci até a sala. Encontrei o Carlos Augusto sentado no sofá. Ao ver-me, mediu com seus olhos todo o meu corpo, verificando a roupa com a qual eu estava vestida.

— Aonde você vai? — indagou-me, franzindo o cenho.

— Ao salão de beleza. Esqueceu que à noite é a festa do escritório?

— E você precisa ir ao salão de beleza por conta de uma festinha...

— Sim, preciso. E não só por isso, preciso me sentir bonita hoje — interrompi-o antes que ele pudesse concluir a frase.

— O que teremos para o almoço?

— Não sei, não vou almoçar em casa. Peça alguma coisa, como fez ontem. Não terei tempo hoje.

O cenho, que permanecia franzido, agora deu ao seu semblante um pesar odioso que me perfurou a estrutura, reprimindo-me. Entrementes, não tive medo. Dei alguns passos até que alcancei a porta que me levaria para fora de casa.

— Onde está a Íris? — perguntei antes de sair.

— Foi para a casa de uma amiga, disse que passaria a tarde lá e voltaria à noite.

Balancei a cabeça em um gesto afirmativo, ergui uma das mãos e movi rapidamente os dedos, despedindo-me dele. Fechei a porta atrás de mim assim que saí, e fui na direção do meu carro.

Parte da tarde, passei no salão de beleza. Tingi o cabelo de loiro, quase platinado, escovei-o e fiz as unhas, das mãos e dos pés. Ao sair do salão, já às quatro da tarde, fui até um restaurante de frutos do mar e almocei, tardiamente. Pedi uma moqueca de polvo, para uma pessoa, com acompanhamentos, e me delicieei com a maciez e o sabor da carne excêntrica do animal.

Às seis da tarde, cheguei à minha casa. Não encontrei o Carlos Augusto, muito menos a Íris. Tudo estava vazio e silencioso, mas não me importei. Dirigi-me até o quarto. Ao chegar ao cômodo, escolhi a roupa que vestiria para ir à festa.

Escolhida a vestimenta, estendi-a sobre a cama, meti-me na suíte e tomei um demorado banho. Ao terminar e estar devidamente enxuta, peguei a roupa, um macacão branco de seda, com algumas flores estampadas, cor-de-rosa, como se fossem marcas-d'água. Fui até o guarda-roupa e peguei uma sandália de salto, vermelha, e calcei-a. Fiz uma maquiagem leve, nada muito vulgar, mas que salientava a minha boca. Soltei o cabelo e pronto, eu estava divinamente preparada para aquela confraternização.

Estacionei o carro à frente da casa de eventos em uma rua bastante afastada no centro da cidade. Desci do automóvel. Não havia sinal de outras pessoas ali, além dos carros estacionados em fila, próximos da entrada. Além dos meus funcionários e de amigos, havia convidado também clientes que sempre escolhiam em primeira instância os serviços do meu escritório.

Passei pela frente do carro, contudo senti certo incômodo ao passo que me afastava dele. Voltei o meu olhar para trás em um ímpeto, pois algo chamava minha atenção. De dentro do carro, uma luz fluorescente e de cor

vermelha emanava. Olhei para a entrada da casa de eventos e graças a Deus, ou melhor, aos deuses, não havia ninguém ali. Fui até o carro, destravei e abri a porta do banco do carona. Assim que meus olhos deram com o que estava sobre ele, entendi o recado. O livro entregue a mim pelo Himeros estava ali, e o brilho vinha dele.

Peguei-o em minhas mãos e, em um ato de curiosidade, abri-o. A luz se dissipou. Fiquei com os olhos fitos na primeira página em branco, até que em um rompante as letras douradas foram surgindo como se escritas por uma mão invisível. Arregalei bem os olhos, sem acreditar no que acontecia, até que uma frase ganhou forma.

Ana Luísa chegou à festa. Aquela era a primeira noite sendo a mulher que deveria ter sido durante toda a sua vida.

Um arrepio percorreu todo o meu corpo. Então, eu não precisaria escrever no diário mágico, ele trataria de narrar os fatos sozinho? Eu sabia que não podia deixá-lo ali no banco do carona, ou quando voltasse a brilhar atrairia a atenção de curiosos.

Fechei a porta do carro e fui até o porta-malas. Abri-o e coloquei o livro debaixo de uma caixa que ali se encontrava, não sei por qual motivo ou quando eu a pusera naquele local. Após fechar o automóvel e travá-lo novamente, balancei a cabeça em um gesto de incredulidade, rindo de tudo o que estava me acontecendo, e dirigi-me até a entrada do salão.

Passei por uma espécie de abertura, que não tinha porta e que dava para um corredor. No final do corredor, havia uma porta de madeira, onde estavam dois homens fardados que faziam a segurança. Cumprimentei-os, enquanto um deles abria a porta para mim, em seguida dei mais alguns passos, até que entrei na bendita festa.

O lugar estava lotado de rostos conhecidos. No momento em que me deparei com aquele mar de pessoas, entediei-me com o fato de ter que falar com todos e cumprimentá-los demonstrando simpatia.

— Olha ela! — disse Adriane, que surgiu toda serelepe à minha frente como se tivesse se teletransportado.

— Meu Deus, você quer me matar de susto?! — reclamei, pondo a mão

sobre o peito.

— A chefinha hoje botou *para descer* no look.

Sorri com o seu comentário. Voltei meus olhos para mim e analisei a roupa na qual eu havia me enfiado, e realmente, eu estava muito bonita, as minhas curvas estavam valorizadas e, apesar de o meu corpo não ser escultural e perfeito como os que a sociedade exige das mulheres, eu estava maravilhosa.

— Obrigada, Adriane. E então, como estão as coisas?

— Está indo tudo bem, Ana! Vai melhorar agora que você chegou. Estávamos esperando você para pôr a banda para tocar.

— Sério? Mas eu avisei ao Jeremias que ele podia fazer do jeito de vocês, que não precisava me esperar ou coisa do tipo.

— Sabe de uma coisa? O Jeremias é o seu cachorrinho, e ele nunca fará nada que te desagrade, muito pelo contrário... — ao terminar a frase, Adriane abriu um largo sorriso, como se me insinuasse alguma coisa.

Adriane e eu sempre tivemos muita intimidade, éramos como grandes amigas, apesar da diferença de idade. Ela era quinze anos mais jovem do que eu. Contudo, a sua experiência e o fato como lidava com seus relacionamentos, que eu sabia de cabo a rabo, já que ela me contava todos, faziam-me adorá-la. Uma mulher cativante, forte e dona do seu nariz e que sabia o que queria e quando queria. É claro que na nossa troca de figurinhas ela sempre tinha mais a dizer e conseguia enxergar maldade em coisas das quais eu fazia questão de me manter cega. Ela conhecia cinquenta por cento dos homens da cidade, já havia dormido com metade deles.

— O que você está querendo dizer com isso, Dona Adriane? Eu sou uma mulher casada, *okay*?

— Veja só, mas seja discreta, depois disso não precisarei dizer mais nada — fez um gesto com a cabeça insinuando que a moveria para o lado. — Acompanhe a minha cabeça.

Ela fixou o seu olhar no lado esquerdo, e fez com o semblante como se procurasse por alguém. Acompanhei-a em seus movimentos tentando

identificar o que ela queria me mostrar. Não entendi muito bem qual era o seu intento, até que dei com o olhar penetrante de Jeremias sobre mim. Ele estava parado, à beira de outros rapazes, que eram filhos de clientes, e mirava-me de um jeito estranho, assim como alguém que está com muita sede olha para um jarro de água.

— Viu? — indagou Adriane.

Paralisada, presa no olhar do jovem, medi toda a estrutura do seu corpo com meu olhar. Vestia uma camiseta branca que salientava os seus poucos músculos, uma bermuda azul acima do joelho e um sapatênis que dava um toque final ao seu look. Estava maravilhoso e, naqueles trajes, encantadoramente gostoso.

— Parece que a chefinha gostou do que viu — Adriane sorriu.

Voltei meu olhar para ela, lhe mandaria ter mais respeito por mim, mas o que ela disse era verdade. Eu tinha adorado vislumbrar o jeito como aquele rapaz me olhava.

— E ele está assim desde que você pisou o pé na entrada deste salão.

— Que é isso, Adriane? Ele é só um menino.

— Ah, Ana. Vai dizer que você nunca percebeu a forma como ele te trata? O jeito como interage com você, os olhares, as mordidas que ele dá no lábio inferior.

Ao ouvir a frase de Adriane, algo ressoou em minha memória, fazendo-me voltar à noite anterior. *As situações sempre estiveram à sua frente, você é que não as enxergava.* Himeros havia me falado algo desse tipo. E se aquilo fosse ao que ele estava se referindo, e se na verdade ele estivesse falando das pessoas que me cercam, os homens, os clientes, os funcionários, e se...?

— Chegou chegando, hein? — Juliete, uma das minhas clientes, dona de uma empresa de cosméticos, abraçou-me por trás.

— Cheguei? — virei meu corpo e ofereci-lhe outro abraço.

— Sim. Diga-me que está usando os meus produtos. Diz que sim, diz?

Juliete era uma mulher que tinha a mesma idade que eu, no entanto

tinha o viço da mocidade e cultivava belíssimas formas e um rosto impecável, como o meu nunca mais voltaria a ser.

— Digamos que tudo o que está no meu rosto são produtos seus.

— Ótimo! — ela exclamou. — Vamos beber um vinho, hoje colocaremos todos os papos em dia.

Juliete tomou-me pelo braço. Fitei os olhos de Adriane, como se pedisse socorro, mas ela apenas sorriu e abriu caminho para que nós duas passássemos. Vagarosamente, voltei o meu olhar para o lado e encontrei novamente a figura de Jeremias, agora o negro gato não me olhava mais.

Fiquei quase toda a noite agarrada ao braço de Juliete. Junto dela, falei com alguns clientes, cumprimentei algumas pessoas que não conhecia, mas estavam ali, e tomei alguns goles de vinho.

Houve um momento em que ela me soltou para ir ao banheiro, e eu, aproveitando aquela deixa, dei um jeito de fugir para qualquer lugar que me levasse para longe de todas aquelas pessoas e do som que o rapaz fazia com seu violão.

Segui por um extenso corredor que ficava ao lado dos banheiros e que dava para uma saída. Havia uma escada que levava para a terra firme e um suntuoso jardim, porém malcuidado, que ficava em derredor de dois bancos de concreto dispostos um em frente ao outro. Desci os degraus e me dirigi até o local.

Caminhei observando as plantas que ornavam a paisagem. Algumas flores que eu desconhecia, outras que eu havia visto em ocasião que não me recordava. Sentei em um dos bancos, próximo a uma estátua de anjo segurando uma chave em uma das mãos. Olhei-a atenta, e automaticamente a minha memória me levou até o encontro com o deus.

Mirei a estátua por alguns segundos, verificando os seus detalhes e a astúcia de quem a havia modelado.

— Lindo, não é?

Voltei meu olhar para o lado e percebi Jeremias parado, segurando nas mãos um copo.

— Sim! — ofereci-lhe um largo sorriso.

— Dizem os sábios gregos que na verdade o cupido, que conhecemos como Eros, não lançava às pessoas flechas para torná-las apaixonadas, mas sim entregava-lhe chaves para que abrissem o seu coração e percebessem as possibilidades.

Fitei-o de forma interrogativa, mas não obtive resposta em seu semblante. Desconcertada, baixei a cabeça e repeti o gesto que costumava fazer todas as vezes que ficava constrangida.

— Essa explicação é mais aceitável do que a da flecha — sorri.

Ele deu alguns passos em minha direção e, quando próximo de onde eu estava, cravou os seus olhos nos meus.

— Você está linda hoje.

Fiquei paralisada diante do seu comentário e não soube o que lhe dizer. O silêncio nos envolveu de forma aterradora, até que eu me movi, tentando afastar o incômodo que se apoderou do meu âmago.

— Obrigada. Acho melhor voltar lá para dentro.

Levantei-me do banco desajeitada e tentei passar por ele, entretantes senti a sua mão tocar o meu braço.

— Fica mais um pouco, lá dentro tá abafado, o ar aqui está maravilhoso.

Passei com meus olhos pela sua face e assenti fazendo um movimento com a cabeça.

— Tudo bem.

Ele sorriu.

— Um gole? — ergueu o copo que trazia em mãos na minha direção.

— Obrigada, já bebi bastante hoje. A propósito, a organização que você fez para nossa festa está maravilhosa. Acho que meu escritório nunca teve uma confraternização de Natal como essa.

— Fiz tudo para que ficasse à sua altura.

A cada frase sua, certa timidez apoderava-se de mim, contudo, além disso, uma sensação avassaladora me arrebatava. Era como um fogo, que uma vez ou outra me impingia a observar o movimento dos seus lábios, que aos meus olhos chegava em câmera lenta, e querer beijá-los.

Ficamos parados por alguns minutos em silêncio. Não havia muita coisa a ser dita. Ergui a cabeça, olhei para cima. No céu, a lua brilhava alvacentas, como o sorriso do gato de Alice.

— A lua está em Áries hoje — a voz do homem rompeu o silêncio que havia se posto entre nós.

Olhei-o na tentativa de entender o que aquilo significava.

— Isso quer dizer que hoje estamos propensos à impulsividade.

— Não sei se acredito nessas coisas de astrologia — interrompi-o sem jeito.

— Eu posso te provar que isso é verdade.

Uma tensão tomou conta do ar, algo repentino, que fez com que todos os meus músculos se retensassem e eu baixasse a cabeça, mirando o chão. Aos poucos levantei o olhar e virei na direção do rosto de Jeremias. Seus olhos estavam fitos em mim.

Então tudo aconteceu muito rápido. Ele trouxe o seu corpo na direção do meu, em um movimento súbito. Sua face se aproximou da minha, seus lábios se entreabriram e em um ímpeto roçaram nos meus. Ele soltou o copo com a bebida no chão, que se estilhaçou em pedaços diminutos, espalhando o líquido pelo lugar. Suas mãos desenharam o contorno da minha cintura, e as minhas se apoderaram da sua face. Senti a estrutura da sua boca, a sua língua, que tentou invadir-me, mas que eu não permiti em um primeiro momento. Seu sabor se apoderava de mim, aos poucos senti a rigidez do seu membro se desenhar sob a bermuda e fazer pressão em minha virilha.

Um tropel de emoções me envolveu, todavia eram tantas, que eu não podia defini-las ao certo. O que, no entanto, era mais do que certo era o tesão que exalava dos nossos corpos.

Quando dei por mim, as minhas mãos já não estavam mais no rosto de

Jeremias, mas faziam desenhos invisíveis no seu tórax, sentindo a sua dimensão. Desci pela sua barriga, dava para contar os músculos daquele lugar, e então cheguei ao tão desejado... E apertei-o. Tive-o em minhas mãos. Ele gemeu, com os lábios colados aos meus. Era uma loucura o que estávamos fazendo, mas eu iria até o fim.

— Diga-me, diga-me o que você quer, e eu farei! — ele disse, ao soltar a minha boca.

Eu não soube o que lhe dizer ou o que pensar. Passei com os olhos por todo o local, em busca de uma ideia de como terminaríamos aquilo. Assim, vi uma árvore e automaticamente apontei para ela.

— Ali!

Jeremias voltou o olhar para o local indicado. Tomou-me pelo braço e me levou até lá.

— Me faça gozar! — exige. Uma espécie de demônio havia se apoderado de mim, as minhas ações não correspondiam com os meus pensamentos e vice-versa.

Encostei as costas na árvore. Nos fitamos como se invadíssemos um a alma do outro. Coloquei as minhas duas mãos sobre a sua cabeça e fiz pressão, ele entendeu o meu recado e atendeu à minha ordem, que, na verdade, era uma súplica.

Acocorou-se e ficou frente a frente com o meu ventre. Olhou para mim, e eu gostei de vê-lo daquela forma, como um submisso meu. Ele beijou a minha virilha e depois a minha vagina por cima do macacão. Enquanto fazia isso, eu desfazia os botões da roupa. Ele ergueu uma das mãos e foi até um dos meus seios, apertando-o. Eu gemi, contendo um som mais alto.

Desfeito o que prendia a roupa ao meu corpo, deixei-a escorregar entre as minhas pernas. Exposta, estava pronta para receber as carícias que o Jeremias me proporcionaria.

Ele aproximou sua boca da minha feminilidade e aos poucos me invadiu com seus beijos, com a quentura da sua língua e a sua destreza. Eu sentia-me escorrer por entre os meus meios, tomada por uma luxúria avassaladora.

O desejo me corrompia a alma, voluptuoso. Eu mesma tocava meus seios, apertava os bicos, rijos.

Jeremias desfez o zíper da sua bermuda e pôs o seu membro para fora. Percebi a sua masturbação, enquanto me proporcionava prazer.

Senti um tremor percorrer todo o meu copo, como se uma descarga elétrica fosse liberada, e então meu gozo escorreu das minhas entranhas até a boca de Jeremias. Um gemido, como um grito, escapou-me da garganta e em um movimento súbito eu desfaleci, acometida por uma fraqueza estúpida e um tremor.

Eu gozei em sua boca, mas ele não parava de me chupar, e aquilo tornou o meu orgasmo ainda mais gostoso. Vi quando do seu membro jorrou o seu elixir. Só então ele parou de me lambar.

Ficamos em silêncio, na posição em que estávamos, recobrando o ar que aquela experiência havia nos tomado. Depois de recuperar o fôlego, nos vestimos e demos um beijo, para selar o nosso segredo.

Entrei no salão, pelo mesmo lugar por onde tinha saído. O rapaz que fazia o som agora tocava algumas músicas agitadas, e o pessoal estava metido em uma dança enérgica, quase frenética.

Passei despercebida por quase todos, a única que me viu foi a Adriane.

— Onde você estava metida, mulher?

— Fui tomar um ar. Mas já estou indo embora.

— Já?

— Sim, preciso descansar.

Ela fitou-me interrogativa. Naquele instante, pensei na possibilidade de ela ter visto ou sabido de alguma coisa por meio de alguém que tivesse me espiado no momento voluptuoso no qual eu havia me metido com o Jeremias. Contudo, mantive o mesmo semblante que carregava no rosto e não me intimidei com o seu olhar.

— Sim, preciso mesmo deitar em minha cama e dormir.

— Tudo bem! Pode deixar que curto por você.

— Se alguém perguntar, avisa, por favor, que já fui embora.

Abracei Adriane de forma amistosa e dirigi-me até a saída da casa de eventos. Assim que saí, guiei-me sobre meus passos até o meu carro, mas antes de entrar fui até o porta-malas, abri-o e peguei, onde eu tinha posto, o diário secreto.

Curiosa, abri-o e folheei para ter certeza se realmente as histórias se escreveriam sozinhas. E lá estava, tudo o que eu havia acabado de fazer estava escrito naquele diário. Eu sorri, como se houvesse saído vitoriosa de uma batalha.

— Obrigada! — exclamei, sem saber ao certo a quem agradecia, e fui para dentro do carro.

Sentei-me no banco, liguei o automóvel e coloquei-o em movimento. Agora, eu estava pronta para viver a mulher que eu deveria ter sido toda a minha vida. A Ana Luísa de horas atrás estava morta, eu era uma nova pessoa, reinventando-me para ser eu mesma.

PARTE II

UM PRESENTE PARA ANA LUÍSA

A noite estava terrivelmente quente. O verão havia chegado com toda a sua força e intensidade. Dali a dois dias seria Natal, mas me parecia que o meu presente, eu havia ganhado adiantado.

Voltei o olhar para o homem que estava deitado ao meu lado. Sua feição era jovem, no entanto o cabelo branco e a barba da mesma cor denunciavam a sua velhice. Vinte anos morando debaixo do mesmo teto, e onde estava o fogo que eu sentia por ele nos primeiros dias de nossa alvorada nupcial? Havia se perdido diante de tudo aquilo que o nosso cotidiano nos impusera, das escolhas que foram feitas, tanto minhas quanto dele.

Levantei-me da cama, usava apenas uma camisola de seda. Aproximei-me da janela na intenção de espantar os pensamentos que não me deixavam dormir. Além dos questionamentos que eu fazia sobre a minha vida, que agora me vinham como em um tropel, a lembrança do que acontecera na festa de confraternização do meu escritório ainda estava viva e me fazia ter suspiros, não sei se de tédio, alegria ou dor.

A minha ousadia havia ultrapassado limites que até então eu não havia pensado que seria capaz de romper. Toda a minha coragem se resumia em observar um homem, por quem eu nutria um tenebroso desejo, ao longe, e imaginá-lo sendo meu, percorrendo meu corpo com a sua masculinidade e expondo a minha luxúria, desfrutando de mim, entregue ao seu e ao meu prazer.

E, então, o diário. Mantinha-o dentro do carro, na mala. Escondido, para que ninguém pudesse vê-lo ou tocá-lo. Ainda não havia entendido qual era o significado daquilo tudo, apesar de ter gostado do presente. Nunca imaginei que deuses existissem, mas toda a minha incredulidade foi lançada por terra no momento em que aquele, denominado Himeros, apareceu para mim e me ditou o que eu tinha que fazer e como fazer.

Já estava feito, eu tinha aceitado um acordo, que até então só mostrava vantagens para mim. O jogo havia começado e eu tinha acatado as regras: viver todas as experiências que estivessem à minha frente e deixar que aquele diário as registrasse.

Um barulho me fez voltar o olhar para trás. Procurei com os olhos qualquer coisa no quarto que pudesse ter causado aquele som, contudo só encontrei a imagem do meu marido deitado, dormindo. Novamente, voltei o olhar para a janela.

De onde estava, dava para ver a portaria, mirei-a, intentando ver qual dos senhores estava lá, entretimentos não consegui divisar imagem alguma. Fechei os olhos, inspirei uma grande quantidade de ar, mantive-o preso em meus pulmões e logo em seguida soltei, o que me causou uma sensação de alívio.

Outra vez ouvi um barulho. Voltei o olhar para trás. Automaticamente, a minha expressão mudou. Um arrepio percorreu todo o meu corpo, um grito se formou em minha garganta, mas antes de colocá-lo para fora pus as duas mãos sobre a boca, impedindo a mim mesma de esbravejá-lo. O susto por ver a imagem que se mostrou aos meus olhos percorreu todo o meu corpo.

— Olá — disse a criatura, que aos poucos foi alcançando a claridade e mostrando-me a sua forma.

— O que você está fazendo aqui? — inquiri, sussurrando. Afastei-me da janela e dei alguns passos em sua direção, para que ele pudesse ouvir o que eu havia lhe dito com maior precisão.

— Vim fazer uma visita a você — Himeros, com as suas formas que já não me eram uma novidade, sorriu e se aproximou do lugar onde eu estava.

— Ele pode te ver! — apontei para o homem deitado na cama.

— Não, não pode. A única pessoa que pode me ver e me ouvir é você — sorriu ao fim da frase, mirando os meus olhos de forma interrogativa.

— Como?

— Porque eu quero. Eu escolho quem tem o direito de me ver ou não. No momento, você é a única pessoa capaz de fazer isso — explicou-me.

— A que devo a honra? — sorri e voltei o meu olhar para a janela.

— Qual é o motivo da melancolia? Você se saiu muito bem na sua primeira aventura. Sabe, eu sempre soube que aquele Jeremias arrastava uma asinha para você. Nunca havia percebido isso?

Ele se aconchegou ao meu lado na janela e mirou o mesmo lugar para onde o meu olhar estava direcionado. Eu me mantive em silêncio.

— Você já viu o novo porteiro? Por meu pai, Eros, é um sonho — disse, movendo a face na direção da portaria. — Espero que nenhuma das deusas, ou deuses, lá de cima tente roubá-lo para suas festas sexuais. Quanto desejo ele renderá aos outros, e quanto poder isso vai me dar.

— O que você está dizendo? — indaguei.

— Apenas que esse rapaz é um gato — ele fitou os meus olhos.

O semblante de Himeros era como o de uma criança peralta e traquina. Sorriu-me, mostrando toda a perfeição da sua arcada dentária. Era lindo, porém cômico. Se o visse na rua, nunca diria que se tratava de um deus. Apesar do porte, da perfeição, como se ele fosse obra cinzelada por astuto escultor, os seus modos contradiziam a sua condição.

— Não, não é isso. Sobre o quanto o poder, o desejo que ele desperta nas pessoas, vai te render.

— Ah, sim! Então... No nosso contrato, que não é bem um contrato, eu te dei um diário, não é mesmo? Eu me alimento do desejo das outras pessoas. Eu sou o deus do desejo sexual... Então, é basicamente isso. O desejo que as outras pessoas sentem por outras chega a mim na mesma proporção de poder. O seu diário secreto dos desejos, você não é a primeira a tê-lo em mãos, outros já o tiveram. É como um amuleto para mim, você vivencia as suas experiências, dá elas para mim, e eu fico mais forte.

— Então é só por isso que eu ganhei aquele troço? — indaguei, tomada por uma cólera que me subiu do ventre até a garganta. Eu estava sendo usada por ele? Era isso que ele queria dizer?

— Não, querida! Você ganha prazer com tudo isso, e uma forma de sair dessa sua vida e encontrar verdadeiramente quem você é no final. Todos os

deuses têm missões com os humanos. Todos temos de cumpri-las, o ditador todo-poderoso é quem nos obriga a isso. Eu estou te guiando de forma indireta em sua caminhada.

— E a sua missão é fazer as pessoas transarem. Entendi.

— Não, você ainda não entendeu. Terá que ir ao final de tudo isso, para que só então chegue ao x da questão — ele se afastou da janela, deu alguns passos em direção ao Guto. Ficou parado alguns minutos à sua frente, observando-o como se o analisasse. Após alguns segundos, virou-se para mim e voltou para próximo da janela.

— E qual é a missão dos outros deuses?

Himeros ficou um instante em silêncio. Fitei seu rosto e reconheci no seu semblante traços que denunciavam que aquele era um assunto perigoso e que não deveria, obviamente, ser explorado por um mortal.

— Eu não posso falar muito sobre isso, mas posso te contar, um pouco, sobre um de nós que está sumido há anos. A Circe, por exemplo. Ela foi julgada por seus atos cometidos na antiguidade, quando os homens surgiram. Foi confinada na ilha de Eana, e sua missão era manter a ordem do lugar e guiar as embarcações que passavam pelo local para seus devidos itinerários. Como prêmio, ela podia ficar com um ou dois homens para que pudesse transformá-los em seus mascotes. Contudo, me parece que isso não foi o suficiente para ela, e já faz um tempo que a bruxinha anda sumida.

— E Zeus, qual é a função dele?

Himeros sorriu.

— Sabe o presidente da República? — seus olhos encontraram os meus. Eu balancei a cabeça afirmando que sim. — Zeus é basicamente isso.

Sorri desembestadamente, até que fui acometida por gargalhadas altas, sem conseguir me conter. Ouvi um barulho e voltei rapidamente meu olhar para trás.

Carlos Augusto estava sentado na cama e olhava para mim de forma assustada.

— An, o que você está fazendo?

Virei o rosto para a janela, tentando ver Himeros, entretanto ele havia desaparecido misteriosamente.

— Nada, só tomando uma fresca. A noite está muito quente.

— Tudo bem — ele disse, e voltou a se deitar.

Continuei no lugar onde estava. Mirei a janela, focando na portaria. Com meus olhos atentos, tentei divisar a imagem de quem estava ali, mas apesar de estar longe percebi que não era nenhum dos rapazes que eu conhecia, parecia ser alguém mais jovem. Fiquei ali tentando obter os traços do seu rosto, mas as luzes artificiais e a luz da lua não me permitiram.

Cansada, voltei para a cama. Deitei, estendendo o meu corpo, com os olhos fitos na escuridão do teto. Uma brisa fresca entrou pela janela, volteando por todo o quarto, causando-me uma sensação prazerosa. A noite se tornou tépida, e, aos poucos, eu fui imergindo dentro da escuridão que os meus olhos, que se fecharam, me impuseram.

Entreí no banheiro, enrolada apenas na toalha com a qual havia acabado de me enxugar.

— An, você precisa mesmo ir?

— Guto! — exclamei, enquanto pegava a minha escova de dentes. — Eu tenho que dar uma olhada nesse processo, vou aproveitar o recesso do final de semana e o feriado, que não vai haver ninguém no escritório, e vou analisar com calma...

— Mas, An, hoje é sábado — Guto interrompeu-me. — E você prometeu que faria aquela moqueca de polvo hoje.

— Guto, eu preciso ir. Eu preciso terminar isso. Quero passar o Natal em paz, e se eu não resolver isso até lá não vou nem conseguir dormir direito.

— Foi por isso que você estava acordada até tarde ontem?

Balancei a cabeça afirmando. Coloquei o creme dental na escova e levei-a até a minha boca.

— Promete, então, que se você não fizer a moqueca para o almoço fará

para o jantar.

— Mãe! — ouvi a voz de Íris chamar pelo meu nome.

Não respondi, pelo fato de ainda estar escovando os dentes. Ela abriu a porta do quarto e em poucos segundos chegou ao banheiro.

— Mãe, a senhora vai sair? Eu preciso de carona.

Balancei a cabeça, afirmando que sim.

— Então a senhora pode me deixar na casa da Isabela?

Novamente afirmei balançando a cabeça.

Terminei a escovação, enxaguei minha boca e saí do banheiro. Guto ainda permanecia deitado na cama. Íris, parada na porta do cômodo, observava todos os meus movimentos. Parei na frente do guarda-roupa e voltei o meu olhar para os dois, que me investigavam como se tentassem desvendar algo sobre mim.

— Por que diabos vocês estão me olhando com essa cara?

Íris sorriu e dirigiu-se até a porta do quarto, abrindo-a e saindo do cômodo. Carlos Augusto continuou na mesma posição em que estava.

Procurei entre as peças disponíveis em meu guarda-roupa uma peça despojada, porém elegante, para que eu pudesse ir até o escritório dar mais uma lida no processo.

Após escolher a peça e me vestir, fui na direção da porta, intentando sair do cômodo, mas estaquei sobre os próprios passos quando o Guto chamou pelo meu nome.

— An, você vai demorar?

— Eu realmente não sei, Carlos Augusto.

Ele ergueu um pouco o corpo, olhou-me de forma inquisidora dentro dos meus olhos. Havia algo de estranho no seu olhar, algo que nunca antes eu havia sentido ao mirá-lo.

— Vou tentar chegar cedo — disse.

— Tá bem.

Saí do quarto após me despedir. Segui em direção às escadas, que me levariam até a sala. Ao chegar lá, me deparei com a minha filha sentada no sofá, com uma mochila nas mãos.

— Você vai passar o dia lá? — inquiri.

— Sim e não, depende do ambiente.

Balancei a cabeça em reprovação, mas não esbocei nenhuma palavra. Apenas peguei a chave do meu carro, que havia deixado sobre uma banquinha ao lado do sofá, e me dirigi até a porta.

— Vamos? — disse, ao perceber que a Íris não havia me acompanhado.

— Vamos — ela falou, e veio em minha direção.

Saímos de dentro da casa em direção ao carro, que estava estacionado bem à frente dela. Destravei as portas. Fui até o lado do banco do motorista, abrindo a que me permitiria sentar-me ao volante. Íris fez o mesmo, indo até a porta do banco do carona. Entramos as duas no carro.

Coloquei o cinto de segurança e logo em seguida liguei o carro, pondo-o em movimento. Guiei-o até a portaria, que dava para a saída do condomínio, concentrada no caminho.

— Misericórdia! — ouvi minha filha dizer.

— O que foi? — indaguei, voltando o meu olhar para ela enquanto o portão se abria.

— Mãe, olha aquilo — Íris apontou para a guarita, e então eu vi.

Tinha ombros largos e braços extremamente musculosos. Não aparentava ter mais de 25 anos. O rosto era marcado por sua descendência oriental, tinha olhos puxados, nariz fino e uma boca faustosa e rosada. O cabelo de um tom negro azulado, liso, porém espetado. Fitei-o surpresa, pois nunca o havia visto ali.

— Olá! — ele saiu da pequena estrutura de concreto e se dirigiu até o nosso carro. Estava com uma das mãos estendida, acenando. Vestia a roupa que os porteiros do meu condomínio costumavam usar. Uma camisa cinza

com detalhes negros e calça da mesma cor. Contudo, a roupa, que era sem graça e até mesmo um pouco bizarra em sua falta de originalidade, não diminuía a sua beleza, nem conseguia esconder a quantidade de músculos que ele ostentava pelo corpo.

As pernas foram o que mais me chamou atenção. O tecido da calça, completamente grudado em suas formas, dava-me a noção da dimensão e definição de sua estrutura. Automaticamente, passei a ponta da língua pelos lábios, que, mesmo não estando entreabertos, ressecaram.

— Tudo bem? Você deve ser o novo...

— Sim, sou o Denis, o novo porteiro — interrompeu-me, antes que eu concluísse a frase.

— Seja bem-vindo! — disse.

— Seja bem-vindo, Denis. Foi um imenso prazer conhecê-lo! — pronunciou Íris, de forma assanhada.

Fiquei ainda durante alguns instantes estacionada sorrindo para o rapaz, contudo, contendo a pulsão que me assaltou, buzei para ele e passei pelo portão, que já estava completamente aberto.

— Mãe, você viu aquilo?

— Íris, deixe de ser espevitada. Eu vi o jeito como você falou com ele.

A minha filha riu.

— Agora vou frequentar muito a portaria.

— Deixe de besteira — reprovei a garota. No entanto, eu estava tão bestificada quanto ela. Aquele homem era extremamente lindo. Sua aparência e sua simpatia haviam me encantado.

— Vai dizer que a senhora não achou ele um gato, mãe?

— Íris... — falei, em tom de reprovação novamente.

A garota sorriu com ar de petulância. Continuei a guiar o carro pela rua, sem tirar a concentração do itinerário. Ficamos as duas em silêncio, e só o barulho do trânsito era ouvido por nós duas.

Sentei-me na cadeira detrás da minha mesa. Abri o notebook posto sobre ela e fui com o dedo indicador até o botão que ligaria a máquina. Enquanto esperava o instrumento de trabalho indicar que estava pronto para ser usado, abri a bolsa que havia posto sobre o móvel e retirei de dentro dela o celular. Liguei o visor, tocando duas vezes na tela, e arrastei o dedo do centro até o canto direito, desbloqueando suas funções. Mirei-o atenta e fui em cada um dos aplicativos e redes sociais para dar uma olhada na vida alheia, pois todas aquelas ferramentas serviam unicamente para isso. As pessoas se mostravam, exibindo a sua falsa persona, alegando sempre uma alegria extremada, ou uma tristeza depreciativa, vestidas de insatisfação com o mundo, os relacionamentos, a sociedade, a política, os familiares, ou qualquer coisa que as atingisse. Uma verdadeira sociedade de espetáculos, dando vasão às nossas habilidades circenses, que ora nos faziam de plateia, ora de palhaços, equilibristas, trapezistas, animais enjaulados que não sabem o que são, vivendo à margem da sua verdadeira identidade, ostentando uma máscara burlesca que nos impinge em direção à dor, ao sofrimento e ao vazio que não pode ser preenchido por nada palpável, nem mesmo a presença de um outro que nos ame, já que estamos tão longe de nós mesmos.

Permaneci visualizando postagens, comentários e imagens com frases cômicas, mesmo depois que o computador já estava ligado. Guiei-me por entre as alegações de dor e sofrimento, as perdas retratadas em fotos de luto, a alegria de casais apáticos em paisagens afrodisíacas, a militância jovem que não se levanta do computador em busca de um futuro melhor, mas reclama de tudo e de todos na expectativa de que isso seja mais do que uma agulha no meio de um palheiro, que na verdade precisa de um fósforo para acender-se e render alguma solução palpável. Sorri, senti vergonha alheia, e então voltei o meu olhar para a ferramenta que me levaria à solução do processo complicadíssimo que eu tinha em mãos.

Fui até o mouse com a mão e levei o cursor até a pasta intitulada “processos”, que ficava na área de trabalho. Abri-a. Procurei aquele que estava me causando a maior dor de cabeça. Dei dois cliques sobre ele. Enquanto ele abria, voltei o olhar para o telefone sobre a mesa, e percebi que o visor estava ligado, o que indicava que havia chegado uma mensagem.

Alcancei o aparelho com a minha mão, desbloqueando-o automaticamente e verificando de quem se tratava a mensagem.

Havia várias mensagens de Adriane, todas elas falando sobre a mesma coisa.

Mulher, você vai estar no escritório hoje? Foi a primeira mensagem que li. Logo em seguida havia outra dizendo:

Preciso te entregar o convite do chá de lingerie da Márcia.

Ao terminar de ler a mensagem, me perguntei quem seria Márcia. Contudo, em minha memória, não havia recordações de ninguém com aquele nome. Desistente, resolvi enviar uma mensagem para a Adriane.

Quem é Márcia?

Alguns segundos depois, recebi uma nova mensagem respondendo à minha indagação.

A minha irmã, mulher. Eu te disse que ela iria te convidar a pedido meu.

É uma gentileza sua, Adriane, mas não sei se me sentiria confortável. Respondi.

É claro que vai se sentir confortável, me fará companhia. Ela enviou logo em seguida: *Por favor, vamos, vamos, vamos.*

Não havia nascido em mim vontade alguma de ir àquele evento de uma pessoa desconhecida, no entanto a gentileza de Adriane e a sua amizade eram-me tão caras, que resolvi não lhe dar uma resposta definitiva.

Quando vai ser? Enviei-lhe, demonstrando certo interesse.

No dia 25, no feriado do Natal. Segunda!

Pensei em todas as possibilidades de ir para o evento ao qual estava sendo convidada naquele momento. Verifiquei na memória quais eram os meus planos para o Natal: ficar com o Carlos Augusto e a Íris, na casa da família do meu marido. Não, não era um dos meus programas favoritos. Talvez ir para o chá de lingerie da desconhecida fosse mais lucrativo e divertido.

Tudo bem, eu irei, mas você vai comigo.

É claro que vou com você.

Não, não assim. Digo, vou te buscar e te levarei comigo, no meu carro.

Tudo bem. O importante é que você vai. Eu sabia que você não resistiria ao convite.

Enviei algumas carinhas sorrindo para ela. Abandonei o celular sobre a mesa e voltei a minha atenção para o processo que já estava aberto, esperando por uma análise clínica, como uma autópsia. Às vezes, o ofício de ser advogado é como ser o cirurgião de casos impossíveis.

Passei horas a fio lendo e relendo tudo o que eu tinha em mãos, buscando uma solução para o caso, até que, cansada, retirei os meus olhos da tela do notebook, recostei as costas no espaldar da cadeira e suspirei fundo, buscando forças para continuar com aquilo.

Volteei com o olhar por toda a sala, como se buscasse no ambiente algo que me desse uma resposta. Parei com o meu olhar no celular, que repousava sobre a mesa. Peguei-o e desbloqueei a tela no intuito de ir até uma das várias redes sociais da qual eu fazia parte, todavia, antes que eu fizesse isso, recebi uma mensagem de um número que não estava salvo na minha agenda.

Olá. Dizia.

Fiquei observando a sequência de números, buscando em minhas reminiscências lembranças de quem poderia ser, mas não fazia a mínima ideia.

Olá. Respondi, intentando descobrir de quem se tratava.

Tudo bem com você? Indagou-me.

Tudo bem, sim. E com você? Respondi-lhe retoricamente.

Bem também. Você sabe com quem está falando?

Fitei a mensagem, lendo-a diversas vezes e observando o número do qual ela havia sido enviada, em uma tentativa falha de identificar quem estava do outro lado da linha.

Me desculpe, mas não sei quem é. Coloquei uma carinha triste ao fim da frase.

Tudo bem, eu imaginava que não saberia. Sou eu, o Jeremias.

Fiquei atônita observando a revelação, com certo desespero. Todas as memórias da noite de dois dias atrás me vieram à tona em um tropel, avassalando-me e me levando de volta ao momento orgástico em que a boca daquele homem encontrou o meu clitóris.

Não sabia se lhe respondia ou se o deixaria no vácuo, até porque não queria mais envolvimento algum que pudesse ultrapassar o que tinha acontecido naquela noite. Apesar de ter adorado e de ter desfrutado da sua masculinidade e do seu desejo de forma sábia, eu era uma mulher casada, com família, e teria que evitar determinadas coisas se queria continuar com aquela saga, para preencher aquele diário.

Ainda não havia pensado em como ficariam as coisas entre mim e Jeremias, depois do que havia ocorrido. Pelo fato de ser a sua chefe, aquilo se tornava complicado demais, até porque, se eu resolvesse demiti-lo para me livrar daquela saia-justa, não estaria sendo justa com ele. E talvez, fazendo isso, eu despertasse a sua ira, e ele saísse dizendo coisas sobre mim por aí. Contudo, seria apenas a sua palavra contra a minha, e a corda sempre arrebenta do lado do mais fraco, e naquele momento ele era o mais fraco.

Mirei atentamente a mensagem que ele havia mandado por quase dez minutos, até que tive coragem de responder-lhe.

Jeremias, tudo bem com você? Indaguei, sem saber por onde caminhar com aquele diálogo, eu estava definitivamente pisando em ovos.

Tudo muito bem. Quero dizer, muito melhor agora que estou falando com você.

A sua mensagem deu-me uma pontada no estômago e uma vontade desesperadora de sair correndo em busca de abrigo. Onde?

Enviei algumas carinhas sorrindo para ele, limitando a minha mensagem apenas a isso.

O que está fazendo hoje? Curtindo o final de semana? Ele indagou,

buscando puxar assunto.

Quem me dera. Estou no escritório, tentando resolver o caso da Alicia. Meu Deus, é uma loucura.

Por que não pediu a minha ajuda?

Você está de recesso e só volta na terça como todos os outros funcionários, esqueceu? Disse, de forma a cortar as asas que ele estava criando durante o diálogo que desenvolvia comigo.

Mas isso não seria um problema. Estou livre, não estou fazendo nada.

É injusto, os outros estão de folga, você também. Vá curtir seus dias sem esse monte de papéis.

Aguardei que ele me respondesse, no entanto não recebi nenhuma mensagem sua. Esperei por quase dez minutos, quando vi que não chegaria voltei o meu olhar para o notebook, que hibernava. Movi o mouse, tirando-o daquele estado e voltando o meu olhar para as letras que compunham o processo.

Durante minutos, li e reli frases sem focar a minha atenção nelas, pensando apenas nas mensagens que havia trocado com Jeremias, volta e meia lembrando-me das cenas que ocorreram na festa de confraternização.

— Meu Deus, eu sou uma louca — sorri, e virei minha cabeça para o celular, que vibrava com o visor aceso.

Peguei o aparelho e verifiquei a mensagem que havia acabado de receber.

Minha boca se abriu, demonstrando espanto. Meus olhos marejaram e minha visão se paralisou focando apenas na frase que havia acabado de chegar em meu celular.

Estou indo aí, vou te ajudar. Jeremias me enviou a mensagem e toda e qualquer atitude que eu pudesse tomar naquele momento desapareceu do meu campo de visão. Não havia a menor chance de aquilo acontecer. Ele não podia ir até lá sem a minha permissão. Meu Deus! O desespero apoderou-se,

o meu coração disparou e um suor gélido desceu da minha testa, fazendo meandros até alcançar a ponta do meu nariz.

Enviei nova mensagem para ele.

Não precisa, Jeremias. Vá aproveitar a sua folga. Contudo, não recebi resposta alguma.

Passaram dez, quinze, vinte minutos, e tudo que tomava conta do meu corpo era uma espécie de aflição que me fazia tremer por inteira, na possibilidade de aquele rapaz estar mesmo indo ao meu encontro no escritório.

Fechei os olhos, respirei fundo. Balancei a cabeça, afastando os pensamentos que me assaltavam de forma avassaladora. Quando voltei a abrir os olhos, percebi o celular aceso, denunciando que eu recebia uma ligação.

Era ele, e provavelmente havia acabado de chegar.

Fiquei durante minutos paralisada, olhando para a porta da minha sala, em uma expectativa terrível do que estava para acontecer. Não devia temer o fato de o Jeremias estar ali, principalmente porque ele só entraria se eu permitisse, já que não tinha as chaves do escritório.

Novamente o celular tocou. O aparelho vibrava sobre a mesa de madeira, e, quanto mais barulho ele fazia e meu olhar encontrava o seu visor aceso, mais o desespero me acometia. Um arrepio percorreu todo o meu corpo, denunciando que aquele era como um momento de terror para mim. Não entendia muito bem o que se passava comigo, já que havia adorado o fato de ter o Jeremias entre as minhas pernas. Mas naquele momento a imagem do Carlos Augusto, da Íris e do motoqueiro misterioso chegou-me à mente como em um tropel. A minha consciência parecia me acusar por algo que ainda não havia acontecido.

O celular continuava a vibrar desesperadamente. Eu senti culpa, primeiro por ter permitido ao Jeremias que me acalentasse a carne em um momento de luxúria e envolvê-lo naquela situação; segundo, porque eu tinha uma família, um marido, uma filha e um nome pelo qual eu devia prezar.

O aparelho sobre a mesa parou de vibrar. Provavelmente o rapaz havia desistido da sua aventura e percebido o quanto tinha sido errado o que nós dois havíamos feito e que não poderíamos repetir aquilo. Aliviada, voltei a sentar na cadeira, mirando a porta de vidro da minha sala, que eu mantinha fechada. Suspirei profundamente como se tivesse acabado de pular uma fogueira de costas. Baixei o olhar, fitando a mesa. Passei a mão pela face, limpando o suor que já havia secado. Em seguida, arqueei o pescoço para trás, fixando o meu olhar no forro de porcelana do teto. Permaneci assim por segundos, como se agradecesse a Deus (ou aos deuses?) pelo livramento.

Sorri, constatando o meu próprio desespero, e voltei a minha cabeça para o notebook. Usei o dedo para clicar na tecla enter, pois o aparelho havia desligado. Voltei o olhar para as frases que davam forma ao processo, mas quando fiz menção de continuar ouvi um barulho que roubou a minha atenção.

Levantei o olhar e dei com a figura do Jeremias na porta da minha sala. Mirei-o incrédula e assustada. Como ele havia entrado?

— Posso entrar? — indagou, forçando a porta para dentro.

Continuei do jeito que estava, imergida dentro do meu silêncio e das indagações de como diabos ele havia conseguido entrar ali.

— O que foi? Te assustei? — ele se aproximou da mesa, ostentando um garboso sorriso no rosto.

Repousei o queixo sobre a minha mão em punho, o cotovelo apoiado na mesa, e fitei-o capturando o seu olhar, hipnotizando-o com a minha indagação silenciosa.

— Não vai dizer nada? — o sorriso que havia se desenhado em seus lábios minutos antes se perdeu em uma expressão de desconfiança.

— Eu preciso dizer alguma coisa? — indaguei.

Ele estacou sobre os passos que dava em minha direção e colocou as duas mãos no bolso da bermuda jeans que usava.

— Você sabe que o que acabou de fazer foi muito errado, não sabe?

Jeremias baixou o olhar, como se fosse uma criança. E a verdade era o

que ele era, uma criança mimada metida a homem, muito gostoso, por sinal, mas apenas mais um entre muitos que acham que podem ter a mulher que querem, na hora que querem.

— Eu sei... — gaguejou. — Mas eu precisava ver você. Saber que depois daquilo que aconteceu as coisas entre nós dois não mudariam — concluiu, tentando erguer o olhar, mas ao encontrar os meus olhos voltou a fitar o chão.

— Não temos nenhuma relação, Jeremias, a não ser à qual o nosso trabalho nos submete. O que aconteceu foi tão bom para mim quanto para você, mas... — fiz uma pausa antes de continuar. — Eu sou uma mulher casada, e tenho que privar pela minha reputação. Achei que você fosse mais discreto.

— Eu sou...

— Não, não é! — interrompi-o, antes de ele concluir a sua frase. — Vir até aqui não foi nada discreto. É nosso ambiente de trabalho... — engasguei-me com a saliva e não consegui terminar a frase. Certo ódio havia se apoderado de mim, e eu falava todas as palavras muito rapidamente, dando, como a mulher adulta que era, uma bronca em um jovem irresponsável.

— Desculpe-me — Jeremias levantou os olhos e encontrou o meu olhar.

Seu semblante estava rijo e demonstrava que naquele momento todas as expectativas que ele havia criado, fossem lá quais fossem, sobre o que havia acontecido na noite da confraternização haviam caído por terra.

— Eu acho melhor eu ir — disse, tristemente.

Não proferi nenhuma palavra ao anúncio da sua partida, apenas voltei o meu olhar para o computador e fingi analisar o processo no qual estava metida durante toda a manhã.

Jeremias volteou sobre os próprios pés e deu alguns passos, até atravessar a porta da minha sala. Dali, provavelmente faria o mesmo caminho que fizera para entrar. Não fazia ideia de qual ele era, mas que fizesse, naquele momento eu tinha o direito de dizer não, e após o meu *não* ele não tinha chance alguma de conseguir o que queria. Eu, única dona do meu corpo

e dos meus desejos, confessei naquele momento, para mim mesma, que talvez tivesse sido rude demais, todavia eu estava disposta a impor a minha feminilidade a ele, sem temer a sua reação, por mais gostoso que ele fosse, por mais que ele soubesse trabalhar com a sua língua em mim, como o meu marido não fazia há anos. Eu tinha o direito de dizer não.

— Caraca, por que você foi tão dura com o garoto? — ouvi uma voz que não me era desconhecida ecoar pela sala, como se viesse de um lugar distante dali.

Procurei com os olhos e atenta à figura de quem pudesse ter dito aquilo, mas não encontrei. Segundos após ouvir o som, uma fumaça cor-de-rosa começou a se formar no ar, e aos poucos foi ganhando a forma de alguém que, apesar do pouco tempo, eu já conhecia intimamente.

— Himeros?

— Sim, eu! — disse, após estar completamente materializado em minha frente. — Puta merda, você tinha que fazer daquele jeito com aquele garoto?

— O que você queria? Que eu transasse com ele aqui? Eu não estava a fim, não agora. E a forma como ele agiu... Por que os homens acham que podem ter a mulher que quiserem na hora que lhes convier?

— Ah, por Zeus, vocês mortais são um grande problema. São quase como os enigmas que a esfinge elabora.

— Não sou objeto para me submeter às vontades de homem nenhum!

— Ah, não? E por que está presa ao seu casamento com o Guto? — o deus falou, de forma debochada, e se aproximou da minha mesa.

Fitei-o tomada de cólera.

— Você apareceu em minha vida para ser meu amigo ou meu inimigo?

Ele sorriu.

— Imagine só, que delícia não seria transar com aquele exemplar de homem sobre a sua mesa, na sala onde você trabalha todo santo dia. É o fetiche que muitas mulheres têm, sabia? Apesar de que, quase sempre, nessas

ocasiões, o patrão é o homem e a mulher é quem é submetida aos seus desejos. Nesse caso, você seria a patroa.

— Não tenho fetiche por homens que acham que podem controlar a minha vontade.

— Certo, senhora “eu sou muito feminista, sim”. Até parece uma das adoradoras de Artêmis.

Sorri com o seu comentário.

— Estou falando a verdade, Himeros. Foi muita petulância da parte dele aparecer aqui sem ser convidado, seria extremamente erótico, o sexo com ele foi uma delícia, apesar de não ter ocorrido a penetração, mas... eu não o havia convidado.

— Convide-o! — exclamou.

— Como?

— Convide-o!

— Eu acabei de escorraçar o rapaz do meu escritório e você quer que eu o convide a voltar aqui?

Fitei o rosto do deus de forma interrogativa. Ele levantou uma das mãos, fechou, logo em seguida ergueu dois dedos e tocou com eles sobre o olho esquerdo.

— Ele ainda não foi embora. Está aí na frente.

Movi-me na cadeira. Demonstrei certa dúvida sobre o que ele falava, mas por fim acabei acreditando.

— Vamos, pegue o telefone e ligue para ele. Vamos, vamos... Aproveite a vida, mulher, carpe diem, esqueceu? E mostre a esse moleque quem é que manda.

Sorri desembestadamente com o seu comentário.

— Acho melhor não — disse, após as gargalhadas cessarem.

— Na-na-nina-não! — disse, levantando a mão até a altura da face, movendo-a em negação. — Anda, mulher, o que você está esperando? Quer

que eu faça isso por você?

— Não! — exclamei, aflita. — Eu não sei se seria legal, vá que ele passe a alimentar alguma coisa depois que isso acontecer... Eu...

— Você! Você mesma — ele interrompeu antes que eu terminasse a frase. — Você pensa demais antes de fazer qualquer coisa — se aproximou mais da minha mesa e fitou os meus olhos, cravando-me um olhar pungente e até mesmo amedrontador. — Veja isso.

Ele ergueu uma das mãos e moveu-a no ar. A mesma fumaça rosa que havia aparecido e dado forma a ele volteou pelos meus olhos, logo em seguida se chocou à minha face. O que aconteceu logo em seguida foi surreal. Era como se eu tivesse voltado ao dia da confraternização do escritório. Eu estava no mesmo lugar, onde tudo havia acontecido. Sentia os lábios de Jeremias em mim, a sua força, a sua vontade de me sugar. Eu, me derramando inteira sobre ele. Todas as sensações daquele momento chegaram ao meu corpo como se fossem cavalos demoníacos a cavalgarem desesperadamente por um campo de brasa. Quando o gozo pareceu-me estar perto e o meu ventre anunciou uma explosão de prazer, todas as imagens desapareceram. Eu cheguei à beira do precipício, mas não consegui saltar.

— Viu isso? — Himeros estava parado à minha frente ostentando um enorme sorriso no rosto.

Paralisada com o que havia acabado de visualizar, senti que estava encharcada entre as minhas pernas. Aquilo foi surreal, no entanto extremamente prazeroso.

— O que foi isso? — indaguei, e só então, após proferir as palavras, me dei conta de que estava ofegante.

— A visão do êxtase — ele levantou a cabeça e esbravejou uma gargalhada alta que cortou o ar de forma tenebrosa.

— Eu... Eu não sei explicar o que... O que eu senti... — gaguejei.

— Pois eu sei muito bem! Tesão, foi isso que você sentiu. Tesão. Agora, anda logo. Liga para esse boy e usa ele, usa, porque é você quem quer, e não ele quem te obrigou a fazer isso.

Após proferir a frase, o corpo de Himeros passou a se dissolver à minha frente, dando lugar à fumaça rosa de antes. Aos poucos toda a sua imagem não passava da lembrança de um vislumbre que eu tive segundos antes do seu teletransporte, ou sabe-se lá o que era aquilo que ele fazia.

Passei com os meus olhos por toda a sala, buscando coragem para fazer aquilo que havia se tornado meu desejo em poucos minutos. Eu querer, como tanto queria agora, era totalmente diferente de como aconteceu antes. A visão que Himeros me mostrara me levou à beira do abismo, mas não me permitiu saltar. Agora, dependia só de mim, ir além ou continuar da forma que estava.

Voltei o olhar para o celular sobre a mesa. Pensei por minutos a fio em tudo no que aquela situação implicava. E depois? Como seria? Contudo, a frase do deus ressoou em minha mente. *Você pensa demais antes de fazer qualquer coisa.* Talvez fosse hora de deixar todos os pudores para trás e seguir sendo como o que as minhas ânsias me impingiam a ser, uma gata selvagem, devoradora de homens, que queria unicamente saciar o seu desejo.

Peguei o aparelho sobre a mesa, em um movimento rápido e preciso. Liguei o visor e fui até as chamadas recebidas. O número de Jeremias era o primeiro. Dei um clique com o dedo indicador. Segundos depois, já com o aparelho em meu ouvido, discerni o som da ligação sendo encaminhada para seu aparelho. Chamou uma vez, duas, três... Mas Jeremias não atendeu.

A voz chata da moça da gravação da caixa postal pediu para que eu deixasse uma mensagem, mas não era aquilo que eu queria.

Desiludida, abandonei o celular sobre a mesa. Fiquei paralisada, fitando o nada, pensando no que havia acabado de acontecer e no que eu tinha feito. Passei com a memória até chegar ao dia da confraternização. A excitação havia tomado conta de mim. Naquele momento, eu desejava que tudo se repetisse e que o Jeremias se colocasse dentro de mim, não só com a boca.

Assustei-me ao me dar conta de que o celular vibrava sobre a mesa. Voltei rapidamente o meu olhar para o aparelho. Era ele. O Jeremias me ligava. Esperei chamar durante alguns segundos e só então o peguei e

direcionei-o ao ouvido, atendendo à ligação.

— Alô! — ele exclamou, assim que eu atendi.

— Onde você está? — fui direto ao ponto.

— Eu... estou indo embora — disse, com uma voz embargada de tristeza e desgosto.

— Não vá, venha até aqui — falei, decidida.

— Como? — ele indagou, incrédulo.

— Venha até aqui.

Um silêncio se fez presente entre nós dois. Eu fui extremamente rude com ele, talvez ele não quisesse voltar, e, se isso acontecesse, eu o entenderia, mas a resposta que eu obtive me deixou satisfeita.

— Faço o que você quiser — após terminar a frase, Jeremias desligou a ligação.

Não demorou muito tempo, e, antes que eu pudesse me endireitar na cadeira onde estava sentada, o homem apareceu na porta da minha sala.

— Onde você estava? — indaguei, admirada com a rapidez com a qual ele tinha chegado.

— Estava aqui em frente, algo me dizia que você mudaria de ideia — seus lábios desenharam um sorriso sacana em seu rosto.

Ele deu alguns passos em minha direção.

— Parado aí mesmo! — exclamei.

Ele estacou sobre os próprios pés.

— Quem dá as ordens aqui sou eu! — proferi as palavras de forma sensual, levantando-me da cadeira.

Seus olhos me fitaram de forma intimidadora, mas eu não tive medo, sabia que ele faria o que eu mandasse. Senti isso no momento em que pedi para que ele fosse embora e ele aceitou de bom grado, e realmente era isso que eu queria, que ele fosse meu brinquedo, que ele servisse ao meu bel-

prazer.

Aos poucos passei a desabotoar a blusa com a qual estava vestida. Desfiz o primeiro botão, lentamente, com os olhos fitos nos seus. Ele ora mirava o movimento das minhas mãos, ora encarava-me, demonstrando o quanto desejava devorar-me.

Com a camisa já aberta, deixei que parte do meu sutiã ficasse à mostra, mas não permiti toda a visão da minha feminilidade. Eu o deixaria louco antes que ele pudesse provar de cada pedaço do meu corpo.

Jeremias fez menção de que daria mais um passo em minha direção. Eu fitei seu rosto de forma reprovadora, em seguida desfiz o semblante e vesti a minha face com feições sensuais. Semicerrei os olhos até certo ponto, abri um pouco a boca, mordisquei-a de forma provocativa.

Ele gemeu, eu podia ver ao longe o desenho do seu membro ganhando forma sob a sua bermuda jeans.

— Sou eu quem você quer? — perguntei, dando a volta na mesa, ficando a um metro de distância dele.

— Sim... — ele disse, ofegante.

Virei de costas, apoiando as minhas duas mãos na mesa e empinando a minha bunda para que ele pudesse apreciar as minhas formas.

— É isso que você quer? — olhei para ele por cima dos ombros.

— Tudo que eu mais quero — sua mão foi até o seu membro e apertou, denunciando que a excitação o havia tomado por completo.

Desfiz-me da blusa desabotoada, ainda de costas para ele. Agora, eu não o olhava, concentrava-me na minha performance. Deixei que a blusa escorregasse pelos meus braços e caísse no chão.

— Não faz isso... — ele implorou.

— Você quer que eu permaneça vestida?

— Não! — exclamou. — Quero você peladinha, pronta para me receber em seu corpo.

Assim que ele terminou de dizer aquelas palavras, desfiz-me do fecho do sutiã e vagorosamente tirei-o, puxando-o pelos braços e abandonando-o na mesa à minha frente.

— Caralho! — Jeremias exclamou.

Voltei meu olhar para ele e percebi que uma das suas mãos estava metida dentro da sua bermuda. Dando conta do nível de excitação no qual o rapaz estava metido e buscando provocá-lo ainda mais, virei-me para ele, expondo os meus seios para o seu olhar de predador.

Ele gemeu, puxando certa quantidade de ar pelos lábios.

— Gosta do que vê? — inquiri. Naquele momento, algo havia se apoderado de mim, eu queria ser vista por ele, admirada e, além disso, elogiada.

— Amo o que vejo. Amarei mais ainda quando puder tocar.

Sorri com a sua confissão.

— Vem! — exclamei, exigindo a sua proximidade.

Assim que ouviu a minha deixa para que se aproximasse, ele veio até mim de forma avassaladora. Tomou-me em seus braços, envolvendo a minha cintura, juntando o seu corpo ao meu, colidindo os nossos lábios em um caloroso beijo. Sua língua buscava a minha, ensandecida, dando vazão a toda a volúpia que havia se apoderado dos nossos corpos.

Ele retirou seus lábios dos meus, e com a ponta da língua fez desenhos com a saliva em meu pescoço, provocando-me arrepios por todo o corpo. Meus pelos se eriçavam, saudando o seu toque. Ele passeou pela minha carótida, pelos meus ombros, até que de súbito alcançou um dos meus seios.

Seus braços me apertavam em uma pegada forte, enquanto sua língua tocava um dos meus mamilos, ora mordiscando-o, ora sugando-o e colocando-o completamente dentro de sua boca. Eu gemi, ensandecida com a sua luxuriosa carícia. Ele passou para o outro seio, repetindo de forma ainda mais intensa o que havia acabado de fazer no primeiro.

Segurei sua cabeça, ora acariciando, ora apertando-o por conta do prazer dolorido que eu sentia com o seu toque.

— Não pare, por favor. Que delícia... — proferi, entre gemidos.

— Não... vou... — disse, enquanto continuava a fazer o que me proporcionava tanto prazer.

Vagarosamente, passei a fazer força na sua cabeça, denunciando o que eu realmente queria que ele fizesse. Ele soltou o meu peito e fitou os meus olhos. Em seus lábios, um sorriso sarcástico havia se desenhado.

— Você sabe o que eu quero...

— Eu sei... Eu já te disse, faço tudo o que você quiser.

Sensualmente, Jeremias desceu, fazendo meandros com a ponta dos lábios pela minha barriga, até que chegou ao baixo-ventre e distribuiu beijos calorosos. Vagarosamente, ele usou uma das mãos para desabotoar a minha calça. Desfez o zíper e, em um átimo, puxou a vestimenta pelas minhas pernas, até meu calcanhar.

A minha feminilidade, inchada e encharcada, apareceu-lhe ainda sob a calcinha. A mesma mão com a qual ele desabotoou a calça, ele usou para acariciar-me. O seu toque me causou arrepios, como calafrios que eram mornos e me deixavam ainda mais louca.

Ele foi com os dedos até uma das extremidades da minha calcinha e afastou-a, permitindo que parte do meu membro ficasse exposto para ele. Eu o observava enquanto ele fazia tudo o que tinha vontade.

— Nossa, você tá encharcada — disse, relatando-me o óbvio.

O desejo havia corrompido todas as partes do meu corpo, e tudo que eu queria era liberar a minha pulsão. Senti uma pontada na minha abertura. Gemi e fechei os olhos. Jeremias havia acabado de inserir dois dedos dentro de mim. Quando voltei a abrir os olhos e mirar a sua face, ele sugou os dedos que retirou de mim e estavam úmidos com o líquido que me lubrificava por inteira.

Ele aproximou a face da minha vagina, mas antes de fazer qualquer coisa, como se quisesse acabar com qualquer resquício de sanidade que ainda havia em mim, ele assoprou de leve, causando-me uma sensação extremamente prazerosa. Após fazer isso, ele se meteu entre as minhas

pernas, com a boca, oferecendo-me um caloroso beijo. Sua língua passeava-me por dentro, desvendando todos os segredos da minha caverna úmida e quente.

Eu gemia a cada movimento que ele fazia. Uma vez ou outra, ele colocava dois dedos dentro de mim e se concentrava em meu clitóris com a língua, intensificando as suas lambidas e chupadas e fazendo com que eu elevasse a minha voz em gemidos despudorados e pedidos inescrupulosos.

— Por favor, me fode! — exigi, enquanto ele ainda me chupava.

Jeremias parou o que fazia. Seus olhos foram de encontro aos meus. Ele sorriu, demonstrando que havia gostado de ouvir aquilo.

Levantou-se da posição em que estava. E ficou frente a frente comigo. Novamente me tomou em seus braços e chupou meus lábios com os seus. Eu sentia o meu gosto, misturado ao seu, na minha boca, e aquilo era ainda mais excitante do que eu imaginei que fosse. Eu senti a rigidez do membro de Jeremias na altura da minha barriga, tocando-me e denunciando que, se ele não o libertasse, rasgaria a cueca.

Ainda beijando o rapaz, tratei de ir com as minhas mãos até a sua bermuda. Procurei o botão para que pudesse desfazê-lo, e assim que o achei desfi-lo. A bermuda de Jeremias deslizou entre suas pernas. Toquei seu membro por sobre a cueca. Não era grande, mas era grosso, e aquilo não me importava. Eu só o queria dentro de mim.

Jeremias gemeu com os meus toques em sua intimidade. Ele me soltou do seu abraço, abandonando também os meus lábios. Acocorou-se até alcançar o bolso da bermuda. De dentro dela retirou um pacote de camisinha e entregou-o em minhas mãos. Enquanto eu livrava o látex da embalagem, ele retirou a sua cueca, deixando o seu pau completamente livre. A sua faustosa cabeça estava coberta pela babujem do líquido ejaculatório. Ele estava louco para se colocar dentro de mim.

Livre da embalagem de plástico, levei a camisinha até seu membro e desenrolei-a com presteza sobre ele, até que estava completamente coberto. Jeremias levantou a cabeça para o teto e fechou os olhos, mordendo também o lábio inferior.

— Vire-se! — ele pediu, após estar devidamente protegido.

Eu acatei o seu pedido. Assim que me virei, senti uma das suas mãos se apossar de uma mecha de cabelos e me impingir em direção à mesa. Abandonei parte do meu corpo sobre a estrutura de madeira e empinei as minhas nádegas para trás, afastando um pouco as pernas para que o caminho estivesse livre para que ele me tomasse.

Vagarosamente, senti a cabeça pomposa do seu membro roçar a minha abertura umedecida.

— Pede, vai... Pede para eu colocar em você.

— Coloca, coloca ele dentro de mim, deixa eu te sentir, eu quero te sentir.

Assim que terminei de pronunciar a frase, senti como se uma lança me atravessasse. Todo o membro de Jeremias penetrou o meu corpo em um átimo. Gritei, pois, apesar do prazer que sentia, certa dor me acometeu. Contudo, ele não se retirou de dentro de mim. Eu permaneci quieta na posição em que estava, deixando que a minha intimidade se acostumasse com a sua invasão. Lentamente, a dor foi dando lugar ao prazer...

— Vai! ...

Jeremias obedeceu ao meu pedido e passou a se mover vagarosamente dentro de mim. Enquanto ele fazia isso, eu, com uma das minhas mãos, tocava-me de forma a me impingir ainda mais prazer.

O homem intensificou os seus movimentos, de modo que eu sentia o contato da sua virilha em minhas nádegas, de forma bruta.

Enquanto metia, ele rugia. Sua masculinidade veio à tona. Seus movimentos eram ágeis e rápidos. Aquilo estava gostoso demais, eu queria que nunca acabasse, mas o gozo parecia querer invadir todas as partes do meu corpo. Senti o prazer reverberar por toda a minha carne, como se uma corrente elétrica me percorresse, e, em um momento em que as investidas de Jeremias tornaram-se ainda mais fortes, eu explodi em um orgasmo tão intenso, que gritei como se o que me acometesse fosse completamente o inverso do prazer, e sim a dor.

Jeremias ainda continuou a se colocar dentro de mim por alguns segundos, todavia não demorou muito e senti seu corpo vacilar sobre o meu e seus movimentos tornarem-se mais fracos e pausados. Ele urrou, como só o fazem homens muito rudes.

Mesmo após ter sido arrebatado pelo gozo, o rapaz permaneceu aconchegado em minha intimidade. Após retirar-se, ele desfez a camisinha do membro, enrolando a sua ponta para que o seu elixir não sujasse nada ali.

Levantei-me da posição em que estava mirando a sua face. Sorri ao dar com o seu semblante. Ele parecia extremamente cansado, porém satisfeito.

— Gostoso! — exclamei para ele.

— Gostosa! — ele sorriu.

— Vá ao banheiro jogar isso — pedi, apontando para o preservativo usado.

Ele abaixou o corpo até certa altura. Levantou a cueca e a bermuda. Vestiu-se, endireitando o membro ainda flácido. Após estar devidamente coberto, foi em direção à porta de saída da sala.

— Não se esqueça de enrolar no papel higiênico.

Ele voltou o olhar para trás, sem dizer uma única palavra, e sorriu.

Assim que saiu da sala, passei a catar as peças de roupas que eu havia espalhado pelo ambiente e me vesti.

Jeremias aproximou o rosto da tela do computador. Apontei com o dedo indicador para o parágrafo que havíamos acabado de ler em conjunto. Voltei o meu olhar para ele, na intenção de verificar se realmente havia entendido o ponto no qual eu queria chegar. Nossos olhos se encontraram. Ficamos durante segundos conectados em uma espécie de transe que pareceu durar uma eternidade.

Desfiz-me da ligação na qual havíamos nos metido e voltei novamente o meu olhar para a tela.

— Acho que por hoje já fiz demais, acho melhor irmos — ao terminar a

frase, olhei para Jeremias.

O rapaz me fitou de forma desafiadora e aproximou o seu rosto do meu. Seus lábios tocaram os meus, e nos entregamos a um morno beijo, sem o fogo dos que antes havíamos dado.

Após o beijo, fui até o notebook, dando o comando para que ele desligasse. Permaneci sentada, esperando o aparelho finalizar todos os programas.

— Foi maravilhoso estar com você aqui — disse Jeremias, cortando o silêncio que havia se instalado entre nós.

Sorri com a sua frase, mas intimamente achei as suas palavras melancólicas demais. Aquilo não era um bom sinal.

Assim que o notebook desligou, levantei-me, recolhendo as coisas que estavam sobre a mesa e pondo-as na bolsa: celular, alguns papéis que eu precisava olhar depois, um pacote de biscoitos.

— Como você vai para casa? — inquiri Jeremias, enquanto ia em direção à porta de saída da sala.

— Táxi! — exclamou.

Analisei a situação por alguns segundos.

— Não, eu te levo — intervim.

Ele sorriu com a minha gentileza.

— Obrigado! — agradeceu.

Sáímos da minha sala. Fechei a porta e tranquei-a com minhas chaves. Andamos por um longo corredor, onde havia mais quatro salas, até que alcançamos a saída do estabelecimento. Abri a porta. Assim que passamos por ela, eu a fechei e tranquei, conferindo logo em seguida, para ver se realmente estava segura.

Jeremias permanecia calado, acompanhando todos os meus movimentos com os olhos.

— O que foi? — perguntei, com um sorriso no rosto.

— Nada... — disse. — Só te acho muito linda.

Eu balancei a cabeça sorrindo e andei na direção do carro, que havia deixado estacionado na frente do escritório.

Entramos no automóvel. Assim que estávamos devidamente sentados e com o cinto de segurança, liguei o carro e o coloquei em movimento.

A casa de Jeremias ficava em um bairro completamente oposto do lugar para onde eu ia. No entanto, eu tinha lhe oferecido a carona, agora cumpriria a minha promessa.

Ele permaneceu a viagem praticamente inteira em silêncio. Volta e meia dizia uma ou duas palavras.

Guiei o automóvel paciente, até que tivemos que parar em um sinal que havia fechado. Dirigi meu olhar para ele, contudo o rapaz apenas sorriu. Eu sorri de volta, mas direcionando, em seguida, o meu olhar para frente.

Havia uma moto parada. Fitei a estrutura do homem sobre ela. Vestia uma camiseta amarela e tinha os braços cobertos por tatuagens. O cabelo longo e, pelo que via, uma espessa barba desgrenhada. Admirei-o como se o reconhecesse de algum lugar.

Fitei o retrovisor do seu automóvel, buscando, mesmo ao longe, ver parte do seu rosto. Foi quando encontrei aqueles olhos, os olhos que eu conhecia de longa data e, que de tão bem quistos, já me eram íntimos. As ações, como todas as vezes que o via, se perderam em um turbilhão de pensamentos e lembranças íntimas, que só existiam em minha mente.

Vagarosamente, percebi que ele voltou a cabeça para trás, não completamente. E, como se pudesse me ver por cima do ombro e soubesse quem eu era, ele sorriu.

Paralisada, não tive condição alguma de pensar em mais nada, só em como aquele homem, mesmo sem me dizer seu nome, ou saber o meu, conseguia me tirar o fôlego, me deixar sem chão, sem ar.

Meus olhos continuaram fitos na sua estrutura, até que ele acelerou a moto e colocou-a em movimento. Acompanhei-o com o olhar, entretida em

sua beleza, em sua capacidade de me deixar louca...

— Ana Luísa!

Ouvi alguém chamar pelo meu nome, mas, metida naquele transe, não identifiquei de quem era a voz.

— Ana Luísa! — só então percebi que quem me chamava era o Jeremias.

Voltei o meu olhar para ele.

— O sinal abriu.

Ouvi o barulho estrondoso das buzinas dos carros que estavam atrás de mim. Aflita, coloquei o carro em movimento, arrancando de forma violenta.

— O que houve, você está bem? — o homem indagou, preocupado.

— Estou. Fique tranquilo, foi só falta de atenção.

Ficamos em silêncio durante todo o resto da viagem. Não demorou muito, logo chegamos à casa de Jeremias. Nos despedimos de forma amistosa, antes de ele descer do carro. Quando saiu, guiei-me até a saída da rua e fui na direção da pista que me levaria para casa.

A imagem do motoqueiro não me saía da cabeça. Meus pensamentos, durante todo o tempo em que estive dentro do automóvel, estavam voltados para ele. Sorri, lembrando-me de tudo que já havia fantasiado com seu corpo, sem que ele soubesse. Eu estava ansiando a sua carne, como nunca na vida desejara qualquer outra pessoa do mundo. Tudo que eu mais queria era tê-lo.

Contudo, a sua beleza e a sua juventude estavam em uma realidade muito aquém de mim.

Espantei os pensamentos e me concentrei na estrada. Ao chegar em casa, ainda teria que fazer a moqueca de polvo do Guto. Que cara chato! Já estava saturada da sua presença em minha vida. Fechei a cara, desgostosa, e continuei a guiar-me pelo caminho que me levaria para casa.

PARTE III

FELIZ NATAL, ANA LUÍSA!

Encostei a face na parede. Suas mãos seguravam uma mecha dos meus cabelos. Ao passo que ele comprimia o corpo no meu, eu sentia a sua respiração ofegante ao pé do meu ouvido.

— Era isso o que você queria? Sempre foi isso o que você quis? — terminada a frase, ele usou a língua para lambar toda a estrutura do meu pescoço.

— Sim, sempre foi isso. Tudo o que eu sempre quis foi ter você. Sentir seu corpo, tocá-lo. Ahh... — sua força me impingiu um gemido ao fim da frase.

— Você é minha, Ana Luísa — seus movimentos tornaram-se mais intensos. Eu sentia o seu vai e vem, o seu corpo transpassando o meu, a sua violência me ocasionando prazer.

— Não, eu não sou sua. É você que é meu — disse, e voltei a minha face de encontro à dele.

Fitei seus olhos por cima do ombro. Ele sorria de forma sarcástica. Esbocei um leve sorriso nos meus lábios e balancei a cabeça como se negasse algo, talvez um pensamento que me alcançava, mas que no momento em que eu estava, encharcada de prazer, não consegui decifrar.

O homem aproximou o rosto do meu. A sua barba cheia e despenteada roçou em meus ombros. O cheiro de limão que seus cabelos tinham alcançou o meu olfato. Ele me beijou de forma cálida, intensificando o contato ao passo que se movia dentro de mim.

Pouco a pouco, fui desfalecendo em seus braços, sentindo toda a sua estrutura perfurar-me. Até que me perdi dentro do prazer que sentia e, em uma explosão tão intensa, que me fez tremer por inteira, eu...

Assustei-me, movendo meu corpo sobre a cadeira. Afastei os óculos escuros dos olhos e verifiquei todos os lados em busca de algo que houvesse

me denunciado. Mirei a piscina à minha frente, a portaria que ficava próxima, e depois voltei o olhar para o meu corpo. Usava um maiô preto, que estava parcialmente molhado, por conta do último mergulho que eu havia dado, ou do sonho que eu havia acabado de ter?

Rememorei tudo o que havia vivenciado minutos atrás em minha mente. Pareceu-me extremamente real, desde as sensações na carne aos cheiros que havia sentido. Aquele homem estava me deixando louca. Nunca havia passado por algo do tipo em vinte anos de casada. Sempre fui fiel ao meu marido, à minha família. Mesmo que uma vez ou outra reparasse em algum exemplar torneado e de beleza instigante, não deixava que o desejo subisse à minha cabeça. Mas com ele era diferente. Eu estava perdendo o controle aos poucos.

A grande verdade é que eu já tinha perdido o controle de toda a minha vida, desde o momento em que aceitara o diário secreto dos desejos da mão do Himeros. Contudo, não me arrependia do que tinha feito, muito menos do que viria a fazer. Apesar dos pudores com os quais eu convivi desde o dia do meu nascimento, naquele momento eu estava deixando muito do que me fora ensinado, em busca de uma completude e uma liberdade que ninguém no mundo poderia me ofertar, a não ser eu mesma, ou o deus do desejo sexual.

Olhei a piscina, pensativa. Todas as lembranças que eu tinha dos últimos dias me vieram à memória. Sorri constatando a minha coragem. Ajeitei os óculos de sol no rosto e voltei o olhar para o céu, que estava azulíssimo com o sol a pino. Dali a um dia seria Natal, e eu, como fazia todos os anos, iria passar com a família do Carlos Augusto. Sua mãe, uma senhorinha muito gentil, morava com uma irmã mais nova. Seu pai havia falecido já fazia quase sete anos.

Sempre passávamos aquela data com a sua família, quer eu queira, quer não. Era-me até agradável. Mas este ano em particular não estava sendo para mim um evento muito atrativo.

— Bom dia, senhora! — ouvi uma voz desconhecida falar-me ao longe.

Ergui a cabeça e busquei a imagem de quem me falava.

Dei com o corpo do novo porteiro, o Denis, parado a alguns metros de mim. Vestia uma camiseta vermelha que deixava à mostra a estrutura dos

seus músculos, uma bermuda preta e um boné da mesma cor. Seu rosto, com traços orientais, estava vestido com um semblante cansado, porém feliz.

— Bom dia, Denis! — respondi-lhe, sem muito entusiasmo.

— Olá, Denis! — virei-me ao ouvir outra voz, agora conhecida, desejar bom dia ao rapaz.

— Bom dia, senhorita — ele passou a mover-se, caminhando em direção à guarita. Pelos trajes que usava, ou deveria estar chegando ou saindo.

Íris se aproximou da minha cadeira e sentou-se em uma que estava ao meu lado. Usava um biquíni estampado com flores, óculos escuros e um chapéu branco.

— Já está indo? — indagou ao rapaz.

Fixei o meu olhar nela, reprovando-a.

— Sim Meu turno acabou de acabar. Amanhã estou de volta — sorriu.

— Vamos tomar um banho de piscina — convidou a minha filha desavergonhada.

O rapaz balançou a cabeça em negação, estampando um largo sorriso no rosto.

— Não posso, mas agradeço o convite. Preciso descansar. Até mais — ele acelerou os passos. Ao chegar à portaria, abriu o portão menor e passou por ele, indo na direção da rua.

Depois de vê-lo sair, esbanjando uma beleza estampada em músculos definidos e no seu porte, voltei o olhar para Íris.

— O que foi, mãe? — indagou, ao perceber que eu a fitava.

— O que foi digo eu! Minha filha, você não tem vergonha? — eu estava brava, porém no meu íntimo entendia qual era a sensação que aquele rapaz causava nas moças. A sua beleza não podia ser medida em palavras.

Foi então que me lembrei do que o Himeros havia me falado uma noite atrás, sobre o desejo que ele proporcionaria em outras pessoas e o quanto aquilo lhe renderia poder.

— Vergonha? Mãe, ele é que deveria ter vergonha de ser tão lindo. Ou

vai dizer que a senhora não acha esse japonêsinho uma graça?

Ela me fitou com um olhar interrogativo, que eu sabia que estava estampado em sua face, mesmo por baixo dos óculos de sol.

Retirei meu olhar dela e voltei para a piscina.

— Você nem sabe se ele é japonês, chinês ou coreano! — desconversei.

— Pode dizer, mãe. Prometo que não conto para o papai.

— O que é que não conta para mim? — Guto surgiu atrás de nós duas, surpreendendo-nos e ocasionando-nos um leve susto.

— Pai, assim você me mata do coração — disse minha filha, erguendo o corpo a certa altura e voltando o olhar para o pai.

Guto estava vestido com uma sunga vermelha e uma camiseta branca. Fixou o olhar no rosto da Íris e permaneceu fitando-a por segundos em silêncio.

— Então quer dizer que as duas, agora, guardam segredos de mim? — ele indagou, rompendo o silêncio que havia estabelecido. Deu passos curtos até se pôr à nossa frente e colocou as duas mãos na cintura.

— Sempre! — disse Íris, bem-humorada.

— Não é nada, Guto, é besteira da nossa filha. Deixa ela — contornei o assunto, levantando-me da cadeira aos poucos.

— Aonde você vai? — inquiriu-me meu marido.

— Mergulhar — respondi-lhe, tirando os óculos de sol e pondo sobre a cadeira da qual havia me levantado.

Fui na direção da piscina. Ao me afastar, percebi que ele se sentou na mesma cadeira onde segundos atrás eu estava. Dei alguns passos, até chegar à borda da piscina. Mirei as águas que refletiam a luz solar com a ajuda dos azulejos azuis. Olhei para o céu buscando qualquer coisa que me salvasse das sensações que estavam tomando conta do meu corpo, e só então pulei na água.

— Pode deixar entrar, Hernandes — informei pelo interfone. Após

segundos ouvindo o que o porteiro tinha a dizer, coloquei-o no seu devido lugar e segui até a porta da frente da casa.

Passei pela cozinha, onde havia um enorme peru sobre a mesa, com uma aparência apetitosa. Guto estava acocorado à frente da geladeira pegando algumas bebidas que ele havia posto para gelar.

Já era noite, véspera de Natal. Estávamos nos preparativos da nossa celebração. Encomendei todos os pratos, para que pudéssemos levar para a casa da mãe do meu marido. Aos poucos eles chegavam. Primeiro o peru, que a Íris fez a gentileza, o que não era muito comum, de ir buscar em um restaurante que ficava próximo à nossa casa. E agora, os salgados estavam sendo trazidos pelo office-boy da lanchonete onde eu encomendara.

O som da campainha ressoou por toda a casa. Aproximei-me da sala, dando passos largos, até que alcancei a porta da frente.

— Boa noite! — disse o rapaz, assim que eu abri a porta. Vestia uma camisa azul e um boné da mesma cor, onde estava estampado o nome da lanchonete: Casa das Coxinhas.

— Boa noite! — retribuí-lhe a saudação de forma amistosa.

— Aqui estão! — ele segurava nas mãos duas bandejas forradas com papel alumínio.

Fitei-o intrigada.

— Não foram só duas bandejas que eu encomendei.

Ele sorriu quando terminei de proferir as últimas palavras. Voltou o olhar para trás, como se intentasse me mostrar algo. Percebi o carro da lanchonete à frente da casa.

— Ah, sim... — sorri. — Vou pôr estes lá dentro e volto para buscar o restante.

Entrei com as duas bandejas na mão, fui até o centro que ficava à frente das poltronas e coloquei-as lá. Quando voltei, o rapaz ainda não havia trazido as duas que restavam. Determinada, fui até o carro dele pegá-las.

Aproximei-me rapidamente do automóvel. Ao chegar, percebi que ele conversava com alguém, que estava do lado de dentro do carro, sentado no banco do motorista. Olhei, tentando identificar a outra figura, mas não a vi.

Cheguei mais perto, pois o rapaz ainda não tinha me visto e também não estava com as bandejas em mãos. Meus olhos passearam pela sua estrutura desatenta e depois foram de encontro à imagem de quem com ele falava, mas só tive a noção do rosto quando consegui espreitá-lo pelo retrovisor.

Não pude acreditar quando a figura chegou-me às vistas. Era ele. Percebi sua barba desgrenhada, seus cabelos longos. Com toda a certeza era ele. Se não o fosse, eu estava enlouquecendo, o que me era quase uma certeza.

Temerosa, dei passos para trás, antes que ambos me vissem, e voltei para a porta de entrada da casa, no intuito de esperar que o próprio rapaz me trouxesse o restante dos salgados. O meu coração palpitava, acelerado. Um suor frio se formou na extremidade da minha testa e desceu pela minha bochecha fazendo meandros.

— Mãe! — ouvi, e virei-me para trás, constatando a forma da minha filha. — O que a senhora está fazendo aqui?

As palavras pareciam não ter dimensão para serem expressas por mim. Fiquei alguns instantes em silêncio, até que, em uma tentativa falida de refazer-me, pois o nervosismo não me abandonou, eu consegui dizer-lhe:

— Estou esperando o rapaz trazer o restante das bandejas.

— Nossa, que demora! — disse, impaciente.

Íris, em um ímpeto, atravessou a porta e foi na direção do carro. Deu passos apressados, até alcançar o rapaz, que ainda conversava com o outro dentro do automóvel. Ao vê-la, ele disse-lhe palavras que ao longe não pude escutar.

Observava-a nervosa, curiosa ansiando saber o que se passava. Então o rapaz deu a volta no carro, abriu a porta traseira, pegou mais duas bandejas e entregou-as à Íris. A minha filha ficou um instante parada, mirando a frente do carro de forma a tentar identificar alguma coisa. Ela deu meia-volta e veio na minha direção, trazendo consigo o restante dos salgados.

— Mãe, meu Deus! Eu acabo de crer na existência de Deus — ela sorriu ao fim da frase e me entregou uma das bandejas.

— O que foi? — indaguei, temerosa.

— Mãe, tinha um deus Viking dirigindo aquele carro.

Era ele. Eu tinha certeza de que era ele. Mas como era possível? Ele parecia estar em todos os lugares para onde eu rumava, e agora, além de povoar os meus sonhos lúbricos, na minha casa.

— Filha, você é demais — reprimi-a, desconversando e tentando afastar os pensamentos que me acometiam.

O carro foi posto em movimento e logo alcançou a portaria.

Íris entrou em casa. Eu fiquei parada na frente da porta, mirando o lugar por onde o carro havia saído. Meus pensamentos me abraçaram, me levando a questionar tudo o que estava acontecendo, e só então eu entrei e coloquei a bandeja de salgados ao lado das outras.

Passei o batom vermelho nos lábios. Era a última coisa que me faltava para que estivesse completamente pronta. Guto estava sentado à borda da cama, calçando os sapatos. Também já estava completamente pronto. Vestia uma camisa com estampa degradê de cores entre o verde e o azul e uma bermuda jeans marrom. Estava muito bonito, com a barba grisalha por fazer, que ganhava seguimento até o cabelo de mesma tonalidade. Observei-o atenta, identificando cada parte do seu corpo, reconhecendo-o em cada centímetro e gesto que fazia.

Eu o amei como nunca mais amaria qualquer outro na minha vida. Apesar do que ele era e do que o tempo havia nos tornado, eu ainda o achava atraente e cultivava certo apreço por ele. Entretanto, aquilo não era o suficiente para nos mantermos dentro daquela relação, que só se desgastava com o tempo. O que me mantinha presa a ele era o meu comodismo, e o medo do novo que me esperava fora daquela relação. Eu nunca havia pensado em separação ou coisa parecida, apesar de saber que não compartilhávamos mais do mesmo sentimento de cumplicidade de antes, mas depois algo havia mudado, o contato com o deus havia mexido em alguma coisa dentro de mim. E ainda havia aquele homem. Eu devia estar mesmo ficando louca.

A verdade é que o “eu te amarei por toda a minha vida” e o “felizes para sempre” não existiam. A rotina maçante, os costumes, as divergências, pouco a pouco diluem o sentimento e o transformam em rotina. Era isso que

havia acontecido conosco, havíamos nos tornado rotina. E nada mais poderia nos salvar, pois já estávamos tão acostumados com tudo aquilo, que não havia forças nem dele nem de mim para tomar qualquer atitude de continuar com aquilo, ir adiante, remontar o nosso cotidiano e sermos mais do que dois estranhos que convivem dentro da mesma casa, atendendo às particularidades um do outro, marido e mulher.

Saí do banheiro, completamente pronta. O meu marido se levantou e me investigou com o seu olhar.

— Nossa! Você está linda.

Seus olhos me percorreram, dando conta da maquiagem que eu carregava na face, a roupa com a qual estava vestida, uma blusa branca de seda e um short que fazia parte do conjunto, mas que era estampado por rosas vermelhas e flores da mesma tonalidade.

— Obrigada, você também não está nada mal..

A porta do quarto se abriu e Íris atravessou-a, estacando à nossa frente.

— Vamos, né? — indagou, impaciente.

— Vamos — dirigi-me até a escrivaninha que ficava ao lado da cama e peguei a chave do carro. — Vai colocando as coisas no porta-malas.

— Sério isso? — revirou os olhos.

— Pode deixar que eu faço isso — Guto se aproximou de mim, pegando a chave da minha mão.

Saí do quarto. Eu voltei ao banheiro. Fitei-me no espelho, verificando se a minha aparência estava realmente como eu gostaria que estivesse.

Íris me seguiu e ficou parada à frente da porta observando-me.

— O que foi? — inquiri-lhe, ajeitando a franja do meu cabelo.

Ela sorriu e se retirou de onde estava, indo na direção da cama e sentando-se à borda dela.

— Anda, desembucha. Eu te conheço.

— É só que a senhora tem estado muito vaidosa ultimamente.

Alancei-a com o meu olhar e verifiquei o seu semblante.

— Eu sempre fui vaidosa.

— Não. Desde que eu me entendo por gente, vi-a dedicando-se apenas a mim e ao meu pai. Agora há algo novo, parece que a senhora mudou, ou está sendo influenciada por alguma coisa.

Permaneci em silêncio, rememorando tudo o que o Himeros havia me dito sobre a minha vida e o que tinha me feito chegar até ali.

— Acho que chega um momento em que a gente decide focar mais na gente.

— Eu sei. Fico feliz que esse momento tenha chegado para a senhora. Talvez, um novo amor também fizesse bem.

Assustei-me com as palavras de Íris e fitei-a de forma brusca. Seu olhar estava concentrado no meu. Nos fitamos por longos instantes. Naquele momento, pareceu-me que ela tentava desvendar alguma coisa dentro de mim.

— Filha! — exclamei.

A dúvida que me assaltou era que talvez ela soubesse de tudo. A Íris não era tola, e realmente eu tinha mudado. Algo em mim tinha mudado. Bons ventos haviam sido soprados ao meu ouvido. Eu sucumbi à minha necessidade. Talvez eu devesse ter feito isso há muito tempo. Entregar-me à minha verdade e viver a minha vida da forma que me aprazia. Mas ainda havia coisas que precisavam ser resolvidas e eu não sabia qual era a melhor forma de fazer aquilo. Ainda não!

— Mãe, eu não sou tola. Sei que a sua relação com o meu pai é apenas por comodismos. Sei que a rotina acabou tornando o que vocês têm algo normal. Mas não há paixão, não há...

— Íris, ele é meu marido.

— E nem por isso a senhora deixou de ser mulher.

— O que você quer dizer com isso? — não consegui captar a mensagem que ela queria me passar.

— Eu não enxergo mais a senhora como mãe, e sim como mulher. Eu já sou adulta e sei das nossas necessidades, do que nós precisamos. Sei que a sociedade nos exige coisas que aos homens parecem ser supérfluas. Não

podemos nos render a isso, precisamos ser o que somos. Além de mães e esposas, mulheres. São funções que nos deram, desde que o mundo é mundo, negando que, além da nossa obrigação com o outro, temos uma com nós mesmas.

Calada, ouvi atentamente tudo o que a minha filha tinha a me dizer. Não soube como responder-lhe, apenas baixei a cabeça e fitei a torneira da pia. Permaneci assim por alguns minutos, metida em um transe que me apresentou, como se eu estivesse sentada em uma sala de cinema à frente de um grande telão, todas as verdades da vida.

— Mãe, viva. Não se prenda a mim e ao meu pai. A senhora é mais do que um corpo, uma empregada, uma mãe, uma esposa, é uma mulher. E é linda!

Levantei a minha cabeça e fitei a face da minha filha. Ela sorria de forma enternecedora. Aproximei-me dela, como nunca antes em todos aqueles anos havia feito.

— Vem cá! — disse, ao estar à sua frente.

Ela se levantou, e, assim que ficou de pé, nos abraçamos de forma tenra, selando, além da nossa relação de mãe e filha, uma amizade que havia se perdido diante das minhas inquietações e da nossa rotina maçante.

— Te amo, filha.

— Ai, mãe, credo! Chega disso — ela disse, e se soltou do meu abraço. — Mas eu também te amo.

Eu sorri agradecida pelas suas palavras e seu cuidado comigo.

— Agora, vamos, ou meu pai vai pôr um ovo lá embaixo.

Assim que terminou a frase, guiou-se sobre os pés até a saída do quarto. Eu a segui, ainda emocionada pelo que tinha escutado dela. Descemos as escadas, até que chegamos à sala, e então nos guiamos até a porta da frente, que estava aberta. Saímos da casa. Primeiro a Íris, depois eu.

— Carlos Augusto, você pegou tudo? — procurei-o próximo ao carro e, quando o encontrei, não acreditei no que vi.

Ele segurava em suas mãos o diário secreto dos desejos. Fiquei paralisada diante do que vislumbrava. Meus músculos se retesaram e minha

face ganhou um semblante de horror.

— Ana Luísa, o que significa isto? — ele levantou o seu olhar e encontrou o meu.

Fitamo-nos em silêncio. Por dentro, o temor me comprimia, fazendo com que eu agonizasse.

— Deixa eu ver, pai.

Íris se aproximou do pai e tomou o diário em suas mãos.

— Ah, tá em branco.

Continuei paralisada, observando-os. Nada do que diziam parecia fazer sentido. Aproximei-me deles.

— O que é isso? — Guto perguntou, mais uma vez.

Ao chegar perto deles, peguei o diário das mãos de Íris de forma abrupta.

— É um livro — passei com o meu olhar pelo rosto de ambos.

— Em branco?

Abri-o para verificar o que falavam. Todas as palavras estavam ali. Folheei as páginas, li trechos mentalmente. Tudo estava ali, a minha acusação e as provas.

— Em branco? — indaguei a ambos.

— Sim, não tem nada escrito aí — Guto me respondeu.

Novamente abri o diário e continuei a ver tudo o que eu havia feito nos dias anteriores, escrito em letras cursivas de cor dourada.

— Credo, mãe! — Íris disse, enquanto se dirigia na direção do carro. Ela abriu a porta traseira e se sentou no banco, fechando-a logo em seguida.

— É um caderno de anotações.

Guto balançou a cabeça de forma reprovadora. Sorriu. Deu alguns passos, passando por mim e indo em direção à porta da casa, que eu havia deixado escancarada.

Olhei novamente para o diário. Eu ainda tremia por dentro. Não entendia o porquê de eles enxergarem as páginas todas em branco, sendo que

as palavras estavam todas ali. Abracei a estrutura e fechei os olhos, suspirando profundamente.

— Vamos! — disse o meu marido ao voltar.

Fui até o banco do carona, abri a porta e me sentei. Carlos Augusto entrou no carro. Colocou a chave para ligá-lo e o fez movimentar-se. Seguimos em direção à guarita. Chegamos em poucos segundos. Ao passar por ela, percebi que o Denis estava sentado olhando o celular.

— Jesus! ... — ouvi a Íris exclamar.

Virei o rosto de encontro ao seu. Ela sorriu.

O portão de ferro se abriu aos poucos. Antes de passar por ele, abaixei o vidro do carro e desejei Feliz Natal ao rapaz. Meu marido e a Íris, assanhada, fizeram o mesmo. O rapaz nos retribuiu.

Enfim, quando o portão estava aberto, seguimos para a nossa ceia de Natal.

No caminho, todos permaneceram em silêncio no carro. Eu me concentrava em ver a paisagem de concreto da cidade.

Repentinamente, ouvi algo como um sussurro.

Eles não podem ver. Só você. Feliz Natal, Ana Luísa.

Eu sorri ao constatar o que havia acabado de acontecer. Himeros talvez fosse o deus mais peralta e divertido que existia entre a infinidade de deuses do nosso universo.

Dona Irene tomou a minha face em suas mãos, fitando-me de forma intimidadora e cálida. Um largo sorriso se desenhava em seu rosto. Admirei as suas feições, que, apesar da idade que lhe acometia, eram álacres e joviais.

— Você continua tão linda, minha filha. Parece que não envelhece — disse, em um tom mavioso, que era como uma carícia no coração.

— Olha só quem fala. Dona Irene, a senhora parece que nunca sai dos 50 — retribuí o elogio.

— Ah, minha filha. Você está apenas sendo gentil. A verdade é que você é linda e meu filho tem muita sorte de tê-la em sua vida.

Continuei a sorrir, contendo um sentimento estranho e desesperador se apoderou de mim. A culpa, por tudo que eu estava fazendo e no que eu estava metida, deu as caras e me fez repensar em um segundo toda a minha vida de casada e o que acontecia nos bastidores da minha impudicícia.

— Guto! — ela se virou para o meu marido, que conversava com sua tia, sentada em uma poltrona.

Ao ouvir o chamado da mãe, o homem se aproximou, fitando-a interrogativo.

— Veja só! — ela olhou para ele, e em seguida voltou o olhar para mim. — Sua mulher é linda.

O homem sorriu como se estivesse se vangloriando do que tinha e que era apenas dele.

— Um monumento. E é minha — ele passou um dos braços por sobre meu ombro e me comprimiu em um meio abraço.

Minha. A palavra ecoou na minha cabeça, dissipando toda a culpa que eu havia sentido antes. Sempre foi assim que ele me vira. Sua. Peça ou objeto que ele pudesse usar ao seu bel-prazer, quando lhe conviesse. Mulher, mãe, empregada doméstica, carregava em mim o estigma de todos os estereótipos do que era ser sua, sua mulher, mas nada em mim era o que realmente se escondia em meu interior.

— Cuide muito bem dela. É uma preciosidade. O que ela faz por você, outra nunca faria — sua mãe concluiu seu pensamento, de forma a elogiar-me. Naquele momento, aquilo não me soava como algo bom, mas como as algemas que me mantinham presa àquela situação.

Era o que eu precisava ser, a boa esposa. A mulher ideal. Vestida de um desejo que não cabia em mim e que preenchia apenas as lacunas da minha relação monótona com um homem que talvez eu não amasse mais.

Meu peito se comprimiu em um instante de dor, agonia e irritação. Por que eu ainda me mantinha presa naquilo? Por que eu já não tinha tomado as rédeas da minha vida para vivê-la da forma que me aprazia? Era coragem, força, um impulso? Era isso o que me faltava? Não, agora eu tinha o Himeros do meu lado. Contudo, parecia-me que aquilo tudo não me era o bastante, eu precisava de mais. O quê? Talvez o tempo me mostrasse e eu descobrisse, ou

isso nunca chegasse a mim e eu vivesse eternamente no meio daquele limbo entre aventuras sexuais insanas com outros homens, que até então se resumiam ao Jeremias, e as aparências que tinha que manter diante da sociedade sendo uma advogada bem-sucedida e casada.

— Vocês estão apenas sendo gentis comigo. Sou uma mulher comum como qualquer outra — intervim, desconversando os elogios que eles teciam a mim.

— Não, An. Você é mais do que eu poderia querer numa mulher — os olhos do Guto estavam fitos em mim, penetrando com a sua verdade. Eu sabia que, apesar de todos os seus defeitos, talvez lá no mais profundo do seu âmago ele cultivasse um amor verdadeiro por mim. — É companheira, compreensiva, carinhosa e cozinha que é uma beleza — sorriu ao fim da frase.

— Ah, Guto, para. Isso é só o seu espírito natalino falando mais alto. Nem sempre é assim — desvencilhei-me do seu abraço, tentando acabar com aquela conversa, contudo eles continuaram.

— Mamãe, a senhora sabe que não temos cozinheira porque a An faz as melhores comidas do mundo. Não há restaurante que chegue aos pés dos seus pratos.

— Eu sei, meu filho. Ana é maravilhosa. Cuide dela — Dona Irene voltou o olhar para mim e sorriu. — E você, cuide do meu filho. Logo, logo eu irei embora.

— Vai começar, mãe? — inquiriu o Guto, demonstrando certa ira no tom de voz.

— Dona Irene, a senhora viverá muitos anos ainda — eu intervim, de forma a mudar o rumo da conversa. — Mas vamos deixar de conversa e vamos comer logo aquele peru, que estou faminta — dirigi o meu olhar para a mesa, que estava devidamente arrumada com os pratos que havíamos encomendado, além de outros feitos por Dona Irene e sua irmã, Laurentina.

Dirigimo-nos os três até a mesa falando sobre superficialidades e outras anedotas cotidianas, até que ouvi o toque do meu telefone celular, que eu havia colocado em algum lugar, mas não fazia ideia de onde.

— Mãe, seu telefone está tocando — exclamou Íris, que estava

próximo à janela.

Percebi ao lado da janela uma espécie de escrivaninha, onde estava, além de um jarro de flores, a minha bolsa. Fui até ela rapidamente. Desfiz o zíper e peguei o aparelho, que vibrava e executava o alarme. Fitei o visor identificando o nome de quem me ligava.

— Alô! — disse, ao atender à ligação e pôr o telefone no ouvido.

— Feliz Natal, Ana Luísa! — a voz de Adriane ressoou do outro lado da linha estridente. Além da sua, havia também outras vozes, como em um burburinho, o que dificultou o meu entendimento das coisas que ela falou depois.

— Nossa, você está muitíssimo animada! Feliz Natal, Adriane!

— Sim, estou muito animada. Minha irmã e eu estamos aqui numa boate maravilhosa. Você precisa conhecer. Descolamos uma surpresinha para amanhã. Meu Deus! É de cair o queixo.

— Como assim? — inquiri, sem entender muita coisa.

— Ana Luísa, vai dizer que você se esqueceu?

Busquei na memória qualquer coisa que havia sido dita a mim recentemente e da qual eu precisasse me lembrar, contudo não consegui chegar à conclusão nenhuma.

— Do que você está falando, Adriane? — após a minha indagação, houve alguns instantes de silêncio.

— Ana Luísa, amanhã é o chá de lingerie da Marcia, esqueceu?

Só então caiu a ficha que dias atrás ela havia feito o convite, que eu por livre e espontânea pressão aceitei, porém havia me esquecido completamente. Envergonhada pela minha amnésia, não soube o que falar, nem como me desculpar com a Adriane, até porque àquela altura do campeonato não poderia mais ir, já que não tinha me preparado nem comprado presente algum.

— Eu me esqueci completamente — respondi, desconcertada.

— Pois trate de se lembrar que amanhã você tem compromisso comigo à tarde.

— Adriane, eu não me preparei para ir, não comprei presente algum ou...

— Pode deixar de coisa, que você vai, sim — interrompeu-me Adriane.
— Estarei te esperando na minha casa às duas da tarde. Faça-me um favor de não se atrasar. Eu preciso que você vá, será muito divertido.

— Adri... — tentei intervir, sem sucesso.

— Não tem Adri, nem Dri. Você tem que ir. Garanto que não vai se arrepender.

— Tudo bem. Amanhã, às duas. Certo?

— Isso. Agora, deixa eu voltar para minha festinha aqui. O bicho tá pegando! — ao fim da sua frase, ouvi muitos gritos e o som de uma batida de música eletrônica.

Ao desligar a ligação, continuei com o telefone em mãos. Toquei na tela do aparelho, desbloqueando-o, e logo em seguida parti em direção às redes sociais para dar uma espiadela na vida alheia. Após alguns minutos navegando entre feeds abarrotados de narcisistas deprimidos, fui até outro aplicativo conferir as mensagens que havia recebido, e também para desejar feliz Natal para alguns amigos íntimos.

Havia várias mensagens na caixa de entrada, ou seja, aquilo me demandaria muito tempo. E, como o meu marido e seus parentes já estavam se organizando na mesa, decidi responder àqueles que eram considerados como prioridades para mim.

Saudei alguns clientes, parentes que moravam longe, amigos que só apareciam naquela data para dizer “oi” e novamente desaparecer. Feito isso, fiz menção de desligar o aparelho, quando outra mensagem chegou.

Feliz Natal, minha linda!

Abri-a e então vislumbrei o nome de quem me havia mandado.

Como está sendo sua noite? Outra mensagem seguiu a primeira. Fiquei em dúvida se responderia ou não, mas decidi que o certo era responder.

Feliz Natal, Jeremias! Está tudo muito bem por aqui. E por aí?

A sua resposta veio automaticamente.

Legal, mas estaria melhor se eu estivesse com você.

Ao ler a mensagem, não soube como responder-lhe, nem se deveria. Fitei o aparelho por segundos seguidos, sem saber o que fazer, até que outra mensagem chegou até mim.

Não consigo te tirar da cabeça.

O nervosismo se apoderou de mim. Não estava balançada por aquilo que ele me dizia, mas sim pelo perigo que aquilo ocasionava a tudo o que eu estava vivendo no momento. Não tinha intenção alguma de fazer qualquer homem se apaixonar por mim, nem de me apaixonar por eles, mas me parecia que algo havia saído dos eixos.

Você, um rapaz tão jovem, pensando numa mulher como eu? Há moças mais interessantes por aí.

Tentei desconversar, contudo a resposta que recebi logo em seguida confirmou o que eu temia.

Elas não são como você.

Paralisada, a partir dali não soube mais como agir, nem o que falar. Sabia que tinha que dar um fim naquilo, de forma a cortar todas as possibilidades de aquele homem voltar a me procurar.

Jeremias, eu sou casada. Digitei apressadamente.

Eu sei. Respondeu-me no automático. Mas isso não nos impede de nada.

Impede de muita coisa, e eu pretendo continuar com o meu casamento. É melhor a gente voltar apenas a termos a nossa relação patroa e funcionário. Foi bom estar com você, foi divertido. Mas não vai dar certo.

Eu te entendo. A sua frase foi seguida por carinhas tristes. Feliz Natal, Ana Luísa.

Li a sua última frase atentamente, mas não pude responder-lhe, pois, assim que comecei a digitar, Guto surgiu por trás de mim convidando-me a sentar à mesa para que começássemos a cear.

Atendi ao seu pedido e me dirigi até o local onde estava o resto dos seus familiares, sentando-me ao lado da minha filha Íris.

Após uma oração feita por Dona Laurentina, todos passaram a se servir. As mensagens que havia recebido do Jeremias haviam me ocasionado uma perda de fome. Detive-me apenas em degustar o vinho tinto que o Guto havia levado e beliscar alguns salgados.

A noite passou sem muitas surpresas. Não houve trocas de presentes, amigos secretos ou coisas que costumam ter nessas ocasiões. Apenas conversas sobre assuntos supérfluos, lembranças de anedotas passadas, como o dia em que o meu marido e eu nos conhecemos ou como decidimos nos casar, mesmo jovens.

Apesar de eu estar ali fisicamente, a minha mente volteava por paisagens aquém do local onde eu estava. Certo pesar se apoderou de mim. Sendo assim, tratei de beber muito mais vinho do que deveria, e quando chegou o momento de irmos embora eu estava completamente tonta.

— Mãe, a senhora está bêbada? — indagou Íris, sorrindo. Eu me apoiei em seu ombro e me dirigi até a porta de saída da casa.

— Filha, você é a única que percebeu isso. Então, mantenha a boca fechada.

Íris sorriu e continuamos caminhando, até estarmos fora da casa. Ao chegar ao carro, me sentei no banco do carona, recostando automaticamente a cabeça no banco. Fitei os meus pés de onde estava e vi, jogado ali, o diário secreto dos desejos, que mais cedo havia me dado um grande susto, após vê-lo nas mãos do Carlos Augusto. Observando-o, pouco a pouco fui caindo em um sono profundo, até que não dava mais conta de onde estava, apenas das brumas e da escuridão que me envolviam.

Guto parou o carro em frente ao portão do condomínio, aguardando o momento em que ele estivesse completamente aberto para que pudesse entrar. A ebriedade permeava todo o meu corpo, fazendo com que eu não divisasse muito bem as coisas que se punham à minha frente, porém eu ainda estava consciente. Pelo retrovisor, percebi que a minha filha me olhava em tom de deboche no banco traseiro. Balancei a cabeça, sentindo o peso que a bebida havia colocado sobre mim. Voltei vagarosa o olhar para o meu marido e ele me mirou de forma interrogativa.

— O que foi? — indaguei, buscando entender o motivo do seu olhar, contudo eu já o conhecia intimamente e sabia que a sua feição era um modo de reprovar o estado no qual eu me meti.

Ele não me respondeu, sustentou o olhar no meu por alguns segundos, mas voltou-o para frente e pôs o automóvel em movimento. Ao passar pela guarita, vislumbrei de forma rápida o vulto do porteiro que estava ali aquela noite, e, pelos músculos fortes que o compunham, com toda a certeza era o Denis. Entrementes, confirmei isso de outra forma, já que ouvi vindo de trás de mim o suspiro da Íris.

Ergui os olhos e alcancei o seu semblante, verificando a sua expressão. Reprovei-a com o olhar, mas ela apenas sorriu, maneando a cabeça em um gesto cômico de desprezo.

Não lhe dei mais importância, voltei os olhos para os meus pés e vi o diário secreto que repousava sob eles.

O carro parou. Já estávamos à frente da nossa casa. Meu marido abriu a porta do carro e desceu. Percebi que ele pisava no chão como um búfalo, mas eu não estava nem aí para ele. Já havia cansado daquilo, de servi-lo e em momento nenhum poder ser servida. Eu havia me esquecido da minha liberdade para tomar conta de um homem já crescido. Eu não era a sua mãe. Antes de qualquer coisa, eu era uma mulher e tinha as minhas necessidades.

A minha ebriedade fazia com que os pensamentos me viessem desconexos, mas eu conseguia juntá-los e formar reflexões sobre mim e a minha vida.

Eu estive morta por muito tempo, e tudo o que eu queria agora era provar dos frutos que a vida me oferecia, da sua árvore mais pomposa. Talvez eu estivesse embrenhando por caminhos obscuros que me fizessem me perder de mim, contudo já me bastava o peso que carregava dentro do meu peito, sem saber que ele verdadeiramente estava infiltrado em meu coração.

A minha liberdade estava latente, e com a ajuda do Himeros eu chegaria a um ponto onde nada mais me importaria, além de mim mesma. Eu estava redescobrando o meu amor próprio suprindo as minhas necessidades, que, por incrível que pareça, eram-me desconhecidas. Eu estava aprendendo a me amar, doando-me a mim mesma. Aquilo tudo estava errado, tudo estava

muito errado. Amar ao próximo, fazer por ele e esquecer-me de mim. Não! A verdade é que eu precisava me amar, me transbordar, para só então fazer pelo outro.

Respirei fundo, sentindo uma enxaqueca terrível arrebatá-me. Senti o toque de uma mão em meu ombro.

— Mamãe, a senhora está bem? — voltei o olhar para Íris, que havia aberto a porta do carona e estava ao meu lado.

Demorei a responder-lhe, mas, assim que tomei fôlego diante das minhas constatações, disse-lhe algumas palavras.

— Vamos entrando. O papai está uma fera com a sua embriaguez.

— O seu pai sempre está uma fera quando se trata de coisas relacionadas a mim, Íris.

Minha filha silenciou.

— Eu não quero entrar agora. Vou tomar um ar. Ainda está cedo, vou ficar um pouco na piscina — decidi naquele momento que não faria mais uma das mil e uma vontades do Carlos Augusto. Primeiro eu era sua esposa, segundo sua cozinheira, a única que trabalhava naquela casa, e terceiro que não podia expressar a minha, já que tudo o que ele queria era que eu estivesse sempre atada a ele.

— Mãe, o que a senhora vai fazer na piscina uma hora dessas?

Desci do carro, ajeitando a roupa. Fixei o olhar no da Íris.

— Vou tomar um ar, só isso. Vou respirar. Quero ficar um pouco sozinha, não sei.

— Tá tudo bem com a senhora?

— Eu estou bem, Íris. Estou levemente bêbada, mas bem — a garota sorriu e balançou a cabeça, me reprovando.

— Tudo bem. Eu vou entrar.

— Pode ficar tranquila, que não me afogarei na piscina.

Íris sorriu e dirigiu-se até a porta da casa, que estava aberta. Eu dei meia-volta e segui na direção contrária dando passos calmos até a piscina. Enquanto caminhava, ora fixava os meus pés, ora voltava o olhar para o céu

em um estado de contemplação um tanto quanto obscuro.

Apesar de não estar cem por cento em mim, volta e meia os pensamentos que me assolavam eram sobre a minha vida de casada e o que eu tinha feito até ali. Pensei nos astros, em suas posições, e talvez houvesse algum planeta que estivesse em algum signo que me fizesse sentir daquela forma. Um jogo de tarô, quem sabe, resolveria todos os meus problemas. Por mais que eu insistisse lá dentro que estava tudo caminhando para um ponto onde eu me reencontraria, eu estava perdida dentro do caos.

O diário secreto dos desejos viera-me como uma luva para que eu pusesse na minha mão. Mas talvez não fosse o suficiente. O engraçado é que, até o momento em que eu estava vivendo a minha vida no comodismo, nenhuma dessas questões era levantada por mim, só depois que Himeros deu-me a sua ajuda é que me dei conta do que estava se passando comigo.

À vezes a gente está no olho do furacão, mas a rotina faz com que abafemos as nossas angústias e cedamos lugar para abraçar a dor daqueles que estão ao nosso redor. Ser mulher, esposa, mãe.

Estaquei diante dos meus passos ao dar com a piscina à minha frente. Voltei o olhar para a portaria e percebi uma luz que mudava a entonação o tempo inteiro. Lá dentro, por uma fresta na porta, eu via a silhueta de um homem grande e musculoso. Fixei meus olhos em sua imagem, aturdida por pensamentos que me acometeram sorrateiramente, mas, temerosa, voltei meus olhos até a piscina e caminhei em direção a uma das cadeiras postas diante dela.

Sentei-me vagarosa, me reclusando dentro de mim. Mirei a água que refletia, pouco, o brilho da lua e a pequena quantidade de estrelas que bordavam o céu. Fiquei assim, entretida comigo mesma, sem pensar em absolutamente nada, com um silêncio ensurdecador ecoando de dentro de mim. Absorta, como se não existisse tempo ou espaço, até que...

— Feliz Natal, Ana Luísa — a voz estridente alcançou o meu ouvido, fazendo com que eu saltasse da cadeira em um movimento abrupto.

Voltei os olhos para o lado e divisei a imagem de Himeros, que sorria, vindo em minha direção.

— Você! — exclamei, e me levantei.

— Eu mesmo. Vi que já está disposta a abocanhar o prato oriental que está à sua disposição na portaria — ao terminar a frase, voltou os olhos para o local que mencionara.

— Himeros! Você acha mesmo que eu devo ser uma perversa, por isso me deu esse diário, não é?

— É claro que não, querida! Você devia ser canonizada, assim como o deus que vocês dizem que faz aniversário hoje — gargalhou, fazendo um barulho mais estridente do que sua voz.

— Himeros! — exclamei, com medo de que alguém o ouvisse.

— Esqueceu que só posso ser ouvido e visto por quem quero e quando quero? E outra coisa, Aninha, você veio aqui como uma viúva negra sorradeira, sim! Eu só estou aqui para te dar um empurrãozinho!

— Não! Eu vim tomar um ar, estou cansada do Carlos Augusto e da sua intenção de me aprisionar como uma escrava.

— E você acha que é apenas ele que faz isso a você? Você também se aprisiona, querida. Você tem medo de deixar quem você é vir à tona. E sabe o que eu acho? Já chega disso! Vá viver a droga da sua vida. Não há razão para continuar engolindo sapos já que você é independente, bonita e muito simpática.

— Não é tão fácil assim... — pausei a frase e movi-me até a cadeira, sentando-me novamente. — Para você que é um deus falar esse tipo de coisa é muito simples. Mas existem conflitos dentro de mim que precisam ser vencidos antes que eu dê passos que podem até ser maiores do que as minhas pernas. Eu sou uma humana, Himeros...

— Vocês humanos pregam tanto que foram feitos à imagem e semelhança de Deus, mas se esquecem do que isso quer dizer. Vocês são todos deuses, só precisam olhar para dentro de si e se disciplinarem a serem o que quiserem. Amar a si mesmo em primeiro lugar, se reconhecer em seguida e viver como se o dia fosse o último hoje, amanhã e sempre.

Baixei o olhar e fixei a piscina à minha frente, temendo tudo aquilo que o deus havia acabado de me dizer, por saber que ele estava certo.

— Olha, se eu fosse você, abocanharia esse Denis.

— Himeros! Você deve achar que qualquer coisa se cura com sexo, não é?

— Pode não curar, mas torna tudo mais divertido. Há muita coisa que você ainda não entende, Ana, e só com o tempo vai conseguir chegar ao x da questão. Não te dei o diário secreto à toa. Ele é tão bom para mim quanto para você. E, só saindo um pouco do âmbito da filosofia existencial... — neste momento, Himeros parou e gargalhou como um tolo — você veio aqui guiada pelo seu instinto. Querida, você está bêbada e a sua mente te trouxe ao lugar para onde você queria estar, por quê? Então, só olhe para a guarita e tire as suas próprias conclusões. E chega disso, quando você fica triste você faz com que eu sinta que precisa da minha ajuda, então venho correndo. Não quero ter sempre que te dar esse empurrãozinho. EU PRECISO ME DIVERTIR UM POUCO TAMBÉM!

Fixei meu olhar no deus, tentando compreender as suas palavras e digeri-las da melhor forma possível, mas o turbilhão de sentimentos e pensamentos que me perpassavam não me permitiu que eu decifrasse os seus códigos.

— Agora, eu preciso ir. Estava numa reunião maravilhosa com meus irmãos, inclusive hoje é aniversário do Dionísio, então você deve imaginar que eu estava numa bacante deliciosa, mas decidi vir até aqui e martelar novamente a sua mente com tudo o que você já sabe, mas teima em aceitar.

— Aniversário do Dionísio? — inquiri, confusa.

— Sim, ele é amante do meu irmão, Pothos. Hoje tá comemorando mais um aninho desde que foi gerado nas coxas do pai. Então já viu, né? É vinho e ambrosia a rodo.

Sorri com a forma cômica como Himeros apresentava-me o seu universo, que até então eu pensava que só existia mesmo nos livros de mitologia e história.

— O Denis está te esperando — ao dizer isso, seu corpo passou a se dissolver aos poucos, dando lugar a uma fumaça rosa que desaparecia na mesma proporção que aparecia, dentro de apenas alguns segundos.

Continuei com o olhar fixo no local onde o deus estivera, mesmo depois de ele ter se desintegrado na minha frente. Entretanto, agora meus

olhos divisavam outra coisa. Eu via o Denis se movendo dentro da guarita pelos vultos que enxergava surgindo pela fresta da porta.

Meu corpo todo se estremeceu com as possibilidades que se descortinaram na minha mente. Contudo, eu não tinha convicção de que era realmente o que queria, apesar de ter sido convencida, entre partes, pelo discurso do Himeros.

Confusa, eu me mantive sentada na cadeira, os olhos fixos naquele local, intencionando mil coisas mirabolantes que eu não sabia se teria coragem de pôr em prática.

Diante de todos os sentimentos avassaladores que me tomaram, e a embriaguez que ainda fazia uma bagunça em meus sentidos e pensamentos, eu me levantei. Dei o primeiro passo, e a sensação que tive foi a de estar indo em direção à via-crúcis. Sorri diante da minha ousadia e dei mais alguns passos, ainda aflita e aturdida por um tropel de emoções.

Mas eu não temeria aquela estrada mesmo que fosse de fato o itinerário por onde eu carregaria o meu calvário. Via-crúcis era a vida que eu levava ao lado do Carlos Augusto.

Dei passos lentos, calcando com cuidado o piso em volta da piscina. A coragem que havia me assaltado era maior do que o meu corpo poderia suportar. Eu estava nervosa, bêbada, mas com a certeza de que o Himeros estava certo em tudo aquilo que dizia.

Estaquei diante dos meus passos, fitei a guarita, a porta entreaberta, o escuro que uma vez ou outra era iluminado por uma luz de tonalidade diferente. Passei a mão pelos cabelos, como se intentasse ajeitá-los, mas acabei por bagunçá-los ainda mais. Determinada, após instantes sem conseguir seguir em frente, dei passos corajosos em direção ao meu intento.

Ao chegar à porta, observei cautelosa o ambiente interno. Não havia muita coisa, além de uma cadeira acolchoada, uma televisão à frente dela e que estava ligada. Fixei o olhar no aparelho prestando atenção nas imagens que ela exibia, mas não me demorei muito em observá-las, volteei o olhar pelo ambiente, em busca daquilo que eu havia ido buscar.

Aparentemente, o rapaz de descendência oriental não estava no local. Decepcionada por ter ido até ali tão certa do que queria, baixei a cabeça e dei meia-volta no intuito de ir novamente para a piscina. Contudo, antes que eu pudesse concluir o ato, ouvi o som de uma descarga e o trinco de uma porta se desfazer. Olhei para o lado assustada e dei com a imagem de Denis, que saía do banheiro que ficava dentro da guarita, mas que pela escuridão do local eu não havia percebido.

Sem me ver, ele ajeitava o membro dentro da calça de forma rápida, colocando e apertando o cinto na sua farda. Continuei no local onde estava, sem proferir uma única palavra, até que em um movimento súbito ele voltou o olhar para a porta de entrada e deu com meus olhos.

Sua face adquiriu um semblante assustado. Eu sorri para ele, agora sem muita certeza de que teria a coragem de ir adiante.

Os meus impulsos e a minha loucura haviam me levado até ali, mas muitas coisas não tinham sido levadas em consideração, principalmente qual seria a reação dele quando eu lhe revelasse o meu intento.

— Dona?! — exclamou, dando um tom interrogativo à frase.

Não havia palavras que eu pudesse usar naquele momento. Não havia nada em mim que confirmasse a minha coragem diante daquele homem.

Eu mirei seu corpo, analisando cada detalhe seu, coisa que já havia feito antes, mas que diante da sua beleza não me cansaria de fazer. Os músculos salientes por debaixo da farda de tom verde pastel, que não ajudava na sua conjuntura, contudo não diminuía a sua sensualidade e o seu potencial de atrair olhares alheios.

Após passear com meus olhos pela sua figura, voltei com eles para a sua face e fixei meu olhar no seu.

— Oi, Denis — disse, de forma que nem eu mesma consegui ouvir a palavra.

Ele permaneceu parado no lugar onde estava, sem dizer nenhuma palavra. Aparentava desconfiança e o olhar assustado que não o havia abandonado desde o momento em que tinha me visto.

Para onde iríamos depois das palavras ditas?

Eu estava estacada diante da porta sem saber o que dizer e como agir, entretanto em minha mente tudo o que deveria ser feito estava traçado. Ele não disse mais nem uma única palavra, parecia-me uma presa pronta para ser abatida. Eu era a leoa faminta que comeria, naquele instante, um filhote de veado. Sim, eu o devoraria, o teria aquela noite de qualquer jeito.

Uma vez ou outra eu espantava da minha mente os pensamentos que me envolviam, negando-os, tornando-os um erro, medindo consequências, circunstâncias, Guto e Íris, que estava terrivelmente interessada por ele.

— Acordada a esta hora? — o rapaz quebrou o silêncio e se aproximou de mim. Sua face foi aos poucos iluminada pela luz da televisão e eu pude divisá-la melhor.

— Sim, acabei de chegar da casa da minha sogra, vim tomar um ar, aproveitei para passar aqui e desejar feliz Natal.

As minhas palavras escaparam da minha boca, inseguras, incertas, contudo eu disse aquilo que achei conveniente dizer. Dentro de mim, uma explosão de sentimentos me acometia, os pensamentos se chocavam, mas o que imperava em meu interior era o tesão. Eu estava excitada com a possibilidade do que eu estava prestes a fazer e de como aconteceria.

— Muito gentil da sua parte, feliz Natal para a senhora também — ao terminar a frase, o rapaz baixou a cabeça, acometido por uma timidez que pesou em seu semblante.

Eu respirei fundo, seduzida pelo desejo que surgia dentro de mim. Fixei meu olhar na sua face de forma rude, deixando que nos meus olhos se espelhasse aquilo que brotava em meu interior.

Denis levantou a cabeça e seus olhos encontraram os meus. Não medi consequências naquele momento, espaço, tempo, nem se ele queria ou não, apenas fui em sua direção, lançando-me até ele e acertando a sua boca com um beijo. Foi desesperador e libertador, eu não sentia nada além dos próprios sentimentos que se acumulavam em meu interior. Só depois de algum tempo, quando assentei a cabeça no lugar, percebi que o rapaz estava como uma estátua à minha frente, recebendo os meus beijos sem fazer um único movimento.

Afastei-me do homem, intimidada pela sua reação, temendo o que

estaria por vir após ter feito aquilo.

— O que...? — ele tentou esboçar uma frase, mas não conseguiu terminá-la.

Baixei a face e virei o rosto para o lado, enxergando nada além da vergonha que me enrubescia, acompanhada do arrependimento que a minha atitude precipitada já fazia pesar em minha consciência.

Meu coração disparou, tornando a minha respiração ofegante. Tomada pelo terror do que havia acabado de fazer e suas possíveis consequências, dei meia-volta e fiquei de costas para o Denis, sem coragem de olhá-lo ou continuar o que tinha ido fazer ali.

— Por quê? — sua voz vacilou na escuridão, alcançando o meu ouvido como um sussurro.

A princípio, não soube o que lhe dizer, no entanto, tomada pela luxúria que pensava já ter abandonado meu corpo, virei-me para alcançar o seu rosto com meus olhos e disse-lhe:

— Porque eu quis!

Minha resposta ecoou pela guarita, tornando tudo ao nosso redor dispensável. Aquela constatação fez com que uma espécie de bolha se formasse em derredor de nós dois e todos os sons desaparecessem. Erámos apenas nós dois diante do mundo. Eu não estava nua, mas me sentia como se estivesse.

A conexão que nossos olhos estabeleceu fez todo o meu corpo estremecer. Denis entreabriu os lábios, e eu não soube decifrar em seu semblante qual era o sentimento que lhe tomava naquele momento.

Então o jogo virou. Todas as coisas convergiram para que a irresponsabilidade ganhasse uma nova roupagem e o ato fosse desenrolado. Dei-me por vencida, mas houve reciprocidade, e quando pensei que aquela noite não passaria daquele simples contato, Denis chegou próximo ao meu corpo e envolveu a minha cintura com as suas mãos. Ele desceu com elas até as minhas nádegas, e apertou-as, levando meu corpo em direção ao seu. Desta forma, ele se esfregou em mim, e eu senti a sua estrutura ainda desconhecida da minha intimidade ganhar volume. Nossos rostos estavam próximos, nossos narizes se tocavam e eu sentia o cheiro forte do seu hálito, quente!

Aquele contato fez meu corpo querer desfalecer sobre o seu domínio. Abri bem os meus lábios para receber a sua boca, mas ela não me veio. Denis passou os braços pelas minhas costas e, em um impulso, me ergueu, exigindo que naquele movimento eu me encaixasse em seu corpo cruzando as minhas pernas em suas costas. Em outro movimento violento, ele usou uma das mãos para empurrar a porta da guarita, que se fechou, fazendo um barulho que de certo modo me incomodou, mas que não tirou a minha atenção do que fazíamos. Nos chocamos à parede, do modo em que estávamos, eu sentia o seu volume tornando-se ainda mais rijo, quase a perfurar a calça que ele usava, intentando encontrar a minha intimidade.

Nossos lábios estavam tão próximos, mas o beijo ainda não havia sido dado. Era como se existisse uma barreira entre nós que não nos permitisse aquilo. Nossos corpos estavam se reconhecendo. Com minhas mãos, fui até os seus cabelos e enfiei os meus dedos neles, fazendo força e, de forma rude, trouxe a boca do rapaz até a minha. Nossos lábios se tocaram, eu senti a sua estrutura, sua textura, mas o beijo, o beijo ainda não havia acontecido. Passei com a parte inferior dos meus lábios na parte superior dos dele, compartilhando um pouco de saliva, umedecendo e abrindo caminho para que acontecesse.

Forte, ele me veio como um furacão, e, quando abriu sua boca para receber meu beijo, me invadiu com a sua língua, fazendo com que meu corpo respondesse ao seu estímulo. Beijando-o, eu gemi e senti a minha intimidade se umedecer e contrair.

Ainda entesourada em seu corpo, recebi dele beijos, e senti o toque das suas mãos que me sustentavam em minhas nádegas, ora ele as apertava, ora desferia tapas de leve, anunciando o prelúdio do que estaria por vir.

Eu queria que ele me despisse, eu queria que ele me tomasse e fizesse de mim o que quisesse, mas no final não seria eu quem teria sido abatida como uma presa, e sim ele, que cedeu às minhas investidas e foi coagido a agir daquela forma.

Gemidos antes contidos em minha garganta passaram a ecoar pela guarita. As possibilidades de aquilo dar errado começaram a surgir em minha mente. *E se alguém aparecesse ali, e se meu marido saísse para me procurar. E se...* Mas não tive medo, continuei com aquilo, entregando-me e

recebendo do rapaz aquilo que eu quis. *Feliz Natal, Ana Luísa!* Eu repetia para mim e ria por dentro. Debochando da minha covardia, feliz pela minha coragem.

Denis desfez a tesoura na qual as minhas pernas haviam tomado seu corpo, pondo-me no chão. Ele se afastou de mim e durante alguns minutos ficou parado à minha frente mirando o meu corpo na escuridão. A sua respiração ofegante, a minha respiração ofegante, e aquele cheiro no ar, um cheiro forte do desejo que nossos corpos exalavam.

Abruptamente, ele se lançou contra o meu corpo novamente, agora tomando em suas mãos os meus seios, apertando-os. Ficou assim durante alguns segundos, até que foi até as alças da minha blusa e, em um movimento ágil, fê-la descer, deixando a minha nudez à mostra. Com os dedos, ele apertou de forma suave os meus mamilos. Um grito sutil se formou em minha garganta e escapuliu. Ouvi o ruído de um riso, quando fitei seus olhos vi que seus lábios davam vida a um. Sorri-lhe de volta. Então ele se aproximou de mim, baixando a cabeça até as minhas estruturas arredondadas e tomando-as uma de cada vez, na boca. Ele lambia, chupava, mordiscava, em um misto de prazer e dor suportável pelo meu corpo.

A excitação me deixava mais e mais encharcada. E, apesar de estar vivenciando aquele momento tão inusitado, na minha mente era-me como se estivesse presa em um sonho. O medo de acordar era latente. Então eu teria que voltar para a minha vida, sem emoção alguma, servir de esposa, mãe e empregada. Mas não me demorei em meus pensamentos, deixei que meu corpo sentisse todas as sensações que aquele homem podia me proporcionar.

Denis continuava alternando entre os meus seios e eu abafava os gemidos que se formavam em minha garganta, receando que alguém pudesse nos ouvir. No escuro daquele lugar, pouca coisa podia ser vista. Apesar de que uma vez ou outra a luz da televisão nos iluminava, e foi em um desses momentos, em que uma coloração esverdeada nos vestiu, que senti uma das mãos dele alcançar meu short buscando tocar a minha intimidade. Dessa vez, foi inevitável não gemer, contudo fiz isso de forma sutil, deixando que apenas um suspiro intenso, acompanhado de um som gutural, escapasse dos meus lábios.

— Denis! — sussurrei, enquanto ele continuava a proporcionar prazer

ao meu corpo.

Ele ergueu a face e alcançou os meus lábios com os seus, retendo a minha língua em sua boca, sugando-a de forma violenta.

Aos poucos ele desabotoou meu short e, quando dei conta de para onde aquilo estava caminhando, senti a rigidez da sua mão penetrando a minha calcinha, umedecida pelo meu desejo. Com movimentos ágeis e intensos, ele agiu em mim, proporcionando-me prazer, fazendo com que meu corpo estremecesse e a minha respiração se tornasse a cada momento mais ofegante.

— Denis! — exclamei novamente, baixo, mas forte. — Eu quero você dentro de mim — exigi.

Ao ouvir o meu pedido, o rapaz parou tudo aquilo que estava fazendo e fixou o seu olhar no meu. Seu rosto não tinha o mesmo semblante de quando eu o havia assediado. Agora, parecia que ele estava tomado por um demônio da luxúria.

Ele sorriu e se aproximou de mim, fazendo pressão em mim com seu corpo, fazendo força para que seu membro se chocasse ao meu.

— Eu quero meter em você. Eu quero te fazer gozar... — pausou a frase. — Mas não tenho preservativos aqui.

Estaquei diante da constatação e só então tive noção da loucura na qual eu estava metida. Foi como se um balde de água fria fosse jogado sobre o meu corpo, que estava quente, pegando fogo.

— Mas eu não vou te deixar sair daqui sem que você tenha o que quer.

Denis desabotoou a própria calça e colocou o seu membro para fora. Havia coragem em mim para continuar com aquilo, mas a minha consciência pesava, antes mesmo da conclusão do ato. Porém, eu fui surpreendida pelo homem, quando mesmo duro, com nossos membros em contato, ele se acorrou e, afastando um pouco as minhas pernas, invadiu a minha intimidade com seus lábios e me ofereceu um faustoso beijo. O prazer reverberou por todo o meu corpo, enquanto ele acalantava com a sua língua o meu fogo, amenizando o meu desejo. Ele lambia toda a estrutura, penetrava-me com sua língua e depois oferecia-me beijos e mais beijos, tão mais intensos do que os que ele havia oferecido à minha boca.

— Denis... — eu dizia o seu nome, sentindo a excitação ganhar níveis

cada vez mais elevados. Até que todo o meu corpo estremeceu, e o meu gozo escorreu de dentro de mim até a boca dele.

Mesmo depois de ter alcançado o gozo, ele não parou, e continuou a me beijar. Ficou ainda me acariciando com a sua língua por minutos seguidos, até que parou e se levantou, e, quando próximo à minha face, me beijou. Eu senti o meu gosto misturado ao sabor da sua saliva, e aquilo não foi ruim. Novamente, a excitação se apoderou de mim, eu não queria parar, eu queria senti-lo em meu interior, mas, dadas as circunstâncias e possíveis consequências, aquela ideia foi se dissipando, até que me ocorreu algo que eu poderia fazer para sanar aquele desejo.

Voluptuosamente, soltei-me do seu beijo e, pondo-me na mesma posição que antes ele havia se colocado, fiquei frente a frente com a sua rigidez. Pus a língua para fora e toquei a extremidade da cabeça, que era como um morango. O gosto da babugem se espalhou pelo meu paladar. Aos poucos fui lambendo, chupando, até que introduzi todo o membro em minha boca. Ele gemeu, e, apesar da sua aparência juvenil e dócil, gemia como um bicho, um gemido forte, um som gutural que só me fazia querer engolir ainda mais o seu pau.

Ele usou uma das mãos e foi até os meus cabelos, envolvendo-as com eles, e forçou a minha cabeça de encontro à sua virilha. Seu membro alcançou a minha garganta de forma intensa e fez com que eu me engasgasse, mas a sensação não era ruim. O seu domínio sobre mim tornava aquilo ainda mais divertido. Vagarosamente, ele passou a mover-se em minha boca, como se penetrasse a minha própria vagina, e, dessa forma, certa babugem passou a escorrer dos meus lábios. Uma vez ou outra ele parava, se retirava de mim e então eu respirava, mas novamente ele voltava até minha boca com a sua violência.

Ele parou.

— Se eu continuar assim, eu vou gozar em sua boca — confessou.

Eu sorri mirando o seu membro à minha frente e então fui até ele e passei a chupá-lo intensamente. Enquanto o chupava, masturbava-o com uma mão e com a outra acariciava seu saco.

Denis gemia, respirava fundo, e eu sabia que aquilo lhe dava imenso

prazer. Foi então que seu corpo vacilou e eu percebi que o seu gozo estava prestes a jorrar em minha boca.

— Eu vou gozar! — exclamou, em um sussurro.

Continuei com os meus movimentos, até que senti a minha boca sendo preenchida pelo sabor e quentura do seu elixir. Fui saboreando e engolindo aos poucos, ouvindo os gemidos baixos dele, até que um grito me arrancou da minha zona de conforto e fez com que um peso se apoderasse do meu coração e eu tremesse, agora não de prazer, mas de medo.

— ANA LUÍSA! — era a voz do Guto.

Ao ouvir a voz de Carlos Augusto, me retirei da posição em que estava em um movimento súbito. Denis, em poucos segundos, colocou o membro de volta na cueca, ainda com o corpo em espasmos pelo seu gozo, e abotoou a calça rapidamente. Meu coração disparado dava sinais de que sairia pela minha boca, caso eu não me acalmasse. Ajeitei a minha blusa e o meu short e pensei no que faria naquele momento. Meu marido estava lá fora à minha procura, e em hipótese alguma poderia me ver ali, na situação em que estava com aquele homem jovem e viril.

— O que vamos fazer? — Denis inquireu, preocupado.

Eu fitei sua face sem ter a mínima ideia de como agiríamos, até que:

— Olá! — Carlos Augusto exclamou, dando batidas na porta da guarita.

O desespero que já me era grande tornou-se ainda maior. Pensando rapidamente, entrei no banheiro e fechei a porta atrás de mim, passando o trinco e apagando a luz. Fechei meus olhos, como se aquilo fosse me salvar da encrenca na qual eu havia me metido, mas nada me tiraria daquela situação, a não ser... Lembrei-me de Himeros e pensei em alguma forma de chamar sua atenção, já que tinha entrado naquela enrascada com a sua ajuda, sairia dela com a sua ajuda também. Em minha mente, comecei a projetar uma espécie de oração, repetindo o seu nome. Meu coração me dizia que aquilo me conectaria a ele, contudo nada aconteceu.

— Olá — ouvi a voz do Carlos Augusto novamente, mas agora ela estava mais próxima de mim. — Você não viu uma senhora loira por aí, viu?

Ele estava perguntando ao Denis sobre mim. Após a sua indagação, não ouvi resposta alguma do rapaz.

Meu Deus, o que teria acontecido? O silêncio imperou, e eu ouvi apenas sussurros que pareciam se afastar.

No escuro do pequeno banheiro, eu tentava controlar a minha respiração. Ainda sentia o gosto do esperma do Denis em minha boca, e seu cheiro estava impregnado em minha pele. Contudo, eu precisava sair dali, precisava dar um jeito de ir para casa.

Lá fora, o silêncio ecoava. Não ouvi mais vozes ou sussurros, o que me fez pensar na possibilidade de sair do local onde estava. Sendo assim, mesmo apreensiva, arrisquei desfazer o trinco da porta e aos poucos abri-la. Vagarosamente, a minha visão foi divisando as imagens de fora do banheiro, à medida que escancarava a porta. Quando já estava aberta de forma que eu podia ver todo o local, não dei com a presença do Guto ou do Denis.

Ainda temerosa, saí de dentro do cubículo e fui em direção à porta de saída da guarita, que estava arreganhada. Devagar e atenta, alcancei a saída, verificando com os olhos se via algum deles dois lá fora, mas não vislumbrei nenhuma das suas figuras.

Apressada, saí do local e com passos largos dirigi-me ao lado oposto da piscina. Daria uma volta em outra rua do condomínio, que não era do mesmo lado onde ficava a minha residência, para só então chegar a ela.

Caminhei atordoada, e pelo caminho pensava em quais seriam as desculpas que eu daria ao meu marido quando o encontrasse. Ele provavelmente me perguntaria onde estava, com quem estava e o que estava fazendo. Eu não fazia a mínima ideia, mas já estava metida naquilo, de qualquer forma, o que me ocorresse não seria tão devastador.

Mirava o chão com os olhos, sentia o vento morno do verão percorrer a minha pele. Ah, que sensação de medo e terror a que me acometeu, no entanto havia algo de libertador naquilo tudo. Sei que de uma forma ou de outra estava trilhando um caminho tortuoso e nada sincero com as outras pessoas. Entrementes, o que importava no meio daquilo tudo era eu mesma e como aquela liberdade tomava conta de mim.

Eu pertencia a mim mesma. Eu era minha. Eu era a Ana Luísa que eu

precisava ter sido um tempo atrás. É como se eu não tivesse acumulado maturidade alguma durante o tempo em que vivi e tivesse realocado a minha juventude para aquele momento. O que melhor representava aquela fase da minha vida era a carta “O louco”, do tarô. Eu estava reinventando a minha loucura, redescobrando a mim mesma ativando a minha criança interior e dando vazão unicamente aos meus desejos.

Havia algo que me intrigava. O Himeros esteve comigo antes de aquela situação toda acontecer, mas quando precisei dele ele apenas desapareceu. E, mesmo eu insistindo em chamá-lo, ele não deu as caras. Entretanto, aquilo já não importava, eu estava salva.

— Ana! — a voz do meu marido alcançou os meus ouvidos. Levantei a minha cabeça e percebi que ele vinha correndo em minha direção.

Fixei meu olhar no seu enquanto ele se aproximava. Percebi que, logo atrás dele, o Denis também vinha, só que a passos mais lentos. Ele não me fitou. Baixou a cabeça e continuou se aproximando.

Frente a frente comigo, Guto lançou-se até mim, em um caloroso abraço demonstrando preocupação. Ele me beijou o pescoço e alisou os cabelos. O meu coração se revolveu em uma espécie de remorso, porém eu tinha que atuar.

— O que aconteceu? Por que você está agindo desta forma? — afastei-me dele e fitei-o interrogativa.

— Você, Ana! Eu fiquei muito preocupado. Há mais de meia hora que te procuro.

— Meu Deus, Carlos Augusto, que exagero — coloquei um tom rude em minha voz.

— Sim, Ana. Você bebeu além da conta, e do nada desaparece.

— Primeiro, não desapareci, eu estava aqui no condomínio. E segundo, só quis dar uma volta. Respirar um pouco.

Ele fixou o olhar em mim, como se me intimasse a confessar algum crime. Ou foi a minha culpa que me fez acreditar que era isso que o seu semblante espelhava.

— Vamos embora! Pelo amor de Deus! — ele disse, e se virou na

direção do Denis. — Muito obrigado pela ajuda, filho! — disse ao rapaz, dando passos lentos, passando ao seu lado.

Eu o segui e, ao passar pelo Denis, fitei-o de forma inquisidora. Ele fitou-me como se preocupado. Eu balancei a cabeça negando aquele semblante que se formava em sua face e sorri. Não queria que ele se preocupasse com absolutamente nada, tudo estava bem e tudo continuaria bem. O único grande problema da noite foi que não chegamos às vias de fato, como eu queria.

Caminhei atrás do Guto. Durante o caminho que dava para a nossa casa, ele não pronunciou uma única palavra. Provavelmente, a raiva que sentia de mim agora era maior do que a preocupação que antes o havia acometido.

Chegando a casa, entramos e, assim que eu fechei a porta atrás de mim, deparei-me com Íris à minha frente de braços cruzados.

— Posso saber onde a senhora estava? — seu olhar era como o da esfinge em busca da resposta da charada que ela própria sabia.

Não senti tanto medo do Carlos Augusto como senti da minha filha naquele momento. Todavia, não dei o braço a torcer.

— Você e seu pai são mesmo muito parecidos. Não posso exagerar um pouquinho, ou sair para dar uma volta, que já enlouquecem. Isso tudo é pela dependência que têm de mim?

Íris sorriu, mas no seu olhar eu percebi que ela sabia de algo muito além do que o pai havia pensado que tivesse acontecido. Ela ficou parada na minha frente, um sorriso sarcástico no canto da boca.

— Eu preciso dormir, amanhã tenho um chá de lingerie para ir e preciso estar inteira.

— Amanhã, no caso hoje — completou Íris.

— Então, né? É melhor eu ir.

— Mãe... — a voz de Íris pareceu-me uma faca a perfurar a minha carne. Meu coração sabia que ela estava muito mais atenta do que o Guto a tudo que estava acontecendo. Mesmo que não tivesse a noção de que fora o Denis, ela sabia, eu tinha plena certeza de que ela sabia.

— Boa noite — eu disse, finalizando a conversa, e segui para o meu quarto. O meu corpo estava abatido pelo cansaço e pela forma como havia alcançado o gozo. Eu realmente precisava repor as energias para chegar inteira à festa da irmã da Adriane, ou ela não me perdoaria.

Passei por Íris e não dei mais uma única palavra. Segui na direção do quarto, imperativa, mas temerosa. A minha filha era esperta, já o pai...

Um barulho ensurdecer alcançou os meus ouvidos. Tentei abrir os olhos, mas um peso se apoderou da minha cabeça. Continuei de olhos fechados, porém o barulho não parava. Novamente esbocei a tentativa de abrir pelo menos um olho. Verifiquei vagarosamente o lugar. Estava deitada na cama, completamente nua, e sentia uma dor de cabeça terrível. Virei para o outro lado, abrindo os dois olhos até onde consegui, e percebi que eu era a única no local.

Como era de seu feitio, Guto sempre acordava cedo, apesar de não fazer absolutamente nada, o que me aborrecia estupidamente.

Procurei com os ouvidos atentos e os olhos o local de onde vinha o barulho. Não era de cima da cama, era uma música que vinha de um lugar mais baixo. Voltei para o lado direito da cama e, erguendo o corpo para enxergar o chão, percebi o meu celular com o visor ligado sobre as roupas que eu havia usado noite passada. Peguei o aparelho sem muita pressa, li o nome de quem me ligava, e era o que eu mais temia.

— Ana Luísa, cadê você? — a voz do outro lado soou estridente como se estivesse saindo de um megafone.

— Não vai me dar bom dia, pelos menos, Adriane? — tentei ser engraçada, mas aparentemente não havia colado, pois ela respondeu-me com um tom mais grosseiro do que o anterior.

— Ana, eu estou te esperando e você está atrasadíssima — assim que a mulher terminou a frase, me perguntei por que ela dizia aquilo, se ainda era manhã.

— Mas ainda é manhã, Adriane, o chá não é só à tarde?

A voz do outro lado permaneceu em silêncio por alguns segundos e, em um tom mais calmo, que me surpreendeu, esboçou uma nova frase.

— Ana Luísa, você já olhou o horário em seu telefone celular hoje?

Ouvindo-a falar aquilo, tirei o aparelho do ouvido e busquei na tela do celular o horário.

— Meu Deus! — exclamei, surpresa. — Eu não acredito que dormi tudo isso! — já eram duas e meia da tarde, e eu havia marcado com ela às duas.

— Olhou? — inquiriu-me.

— Adriane, meu Deus! Eu acabei de acordar. Meu Deus, me desculpe!

— Ah, pois agora você vai se levantar e vir me buscar, porque eu estou esperando você.

Fiquei em silêncio. Apesar de ter marcado com ela, não sentia a mínima vontade e disposição de fazer parte daquela confraternização entre mulheres.

— Anda logo, você tem vinte minutos para se arrumar — ao terminar de dizer a frase, Adriane simplesmente desligou a ligação em minha cara. Ela realmente estava muito brava, e, apesar de não ter nenhuma obrigação com ela, o erro foi meu, pois eu tinha marcado de ir pegá-la e levá-la até o evento.

Peguei a chave do meu carro sobre a escrivaninha e coloquei na minha bolsa. Saí do quarto apressada, ainda ajeitando a alça da minha blusa. Com certeza Adriane iria me matar. E eu seria obrigada a ouvir a sua reclamação sem dizer-lhe uma única palavra. Assumiria o meu erro e apenas iria. Saí do cômodo e descí as escadas em direção à sala.

A casa estava silenciosa, não havia sinal de Carlos Augusto ou de Íris. Antes de seguir o meu itinerário, procurei por ambos por todos os cômodos da casa, porém não os vi em lugar algum. Provavelmente, já que eu não havia acordado, deveriam ter saído para almoçar em algum lugar. Não me importava, aquele era o meu momento, o único entre tantos anos que tirei para me divertir, para me entregar à loucura, aos seus desvarios, e me libertar de todas as amarras que me prendiam ao comodismo.

Fui até a porta de saída, abri-a e me retirei da casa. A pressa causava-me afobação, já que eu ainda teria que dar uma volta na cidade para encontrar

a Adriane.

Como eu havia pensado, ao chegar à frente da casa, não vi o carro do meu marido. Andei na direção do meu, que estava no mesmo local onde o Guto havia deixado na noite passada, peguei o controle que havia colocado dentro da bolsa e apertei o botão que destrancava as portas.

Entrei no automóvel e coloquei a chave no volante, para ligá-lo. Antes de pô-lo em movimento, parei alguns instantes olhando-me no retrovisor, verificando o meu rosto, a maquiagem que eu tinha feito às pressas. Balancei a cabeça, na intenção de espantar pensamentos que insistiam em brotar na minha mente fértil. Passei a marcha, coloquei o pé no acelerador e pus o carro em movimento. Em poucos minutos estava próximo à guarita, onde provavelmente o Denis ainda estaria. Meu coração saltou no peito, como se me anunciasse um arrependimento, entretanto, antes que a sensação aterradora me tomasse, eu sorri.

Não tinha tempo de me arrepender por aquilo que tinha feito, até porque fora bom e me fizera muito bem. Eu ainda não conseguia discernir o que sentia dentro da confusão e pressa que estava sendo aquela tarde. Algo em mim se revolia em uma espécie de felicidade pronunciada. Por mais que houvesse erros e pesar, eu sentia o meu coração ganhando uma leveza e uma aceitação que antes me era quase impossível perceber.

Alcancei a guarita e, quando passei por ela, apertei a buzina do carro. Não olhei para o lado para ter a certeza de que o rapaz estava ali. Quando o portão se abriu, segui o meu caminho, com uma rapidez que comumente eu não me arriscava a ter.

A casa de Adriane era distante da minha, ficava do outro lado da cidade, morávamos em bairros que eram polos opostos e ainda havia o local onde ocorreria o chá de lingerie, que eu não fazia a mínima ideia de onde ficava.

Dirigi, apressada e pensativa, e no caminho comecei a observar que o meu carro fazia um barulho estranho, como um rangido no motor, mas não dei muita importância. Meu celular passou a tocar desesperadamente, mas eu não podia atendê-lo. Quando cheguei a um local onde o sinal havia fechado, peguei-o e verifiquei de quem eram as chamadas, que, é claro, foram feitas pela Adriane. Retornei a ligação para ela e expliquei onde estava e que em

alguns instantes eu chegaria.

Adriane era afoita e descompensada, e aquele seu jeito me desesperava, tudo o que queria era sempre em sua hora. Não tinha paciência para esperar, não perdoava atrasos, e eu sabia que quando a visse naquele dia ia ter que escutar reclamações até sobre a cor da roupa que eu tinha escolhido usar.

Meia hora depois, consegui chegar à casa de Adriane. Estacionei exatamente na frente. Peguei o telefone celular para avisá-la, mas antes que concluísse o ato vi a porta da frente se abrir e uma mulher, como um furacão, surgir.

Preparei-me interiormente para o que estava por vir. Destravei o carro. Ela se aproximou, abriu a porta do carona e entrou. Um silêncio ensurdecedor se propagou entre nós duas. Ela não olhou em meu rosto, apenas sorriu, baixou a cabeça e depois levantou, fixando o caminho à nossa frente.

— Você é uma vaca, Ana Luísa! — exclamou, sorrindo.

Eu não respondi ao seu xingamento, nem me incomodei com a forma como ela me tratou, apenas sorri.

— Você é realmente uma vaca — falou, e voltou a face ao encontro da minha. — A sua grande sorte é que as amigas da minha irmã que estavam responsáveis pelo bolo e a surpresa também se atrasaram.

Continuei séria, sem esboçar mudança de semblante alguma em meu rosto, porém eu estava aliviada por não ter sido a única a cometer uma gafe naquele dia.

— Agora, pelo amor de Deus, liga esse carro e vamos! — exigiu, imperativa.

— Eu sei que pisei na bola, Adriane, mas tenho uma explicação para isso.

— Sim, com certeza terá, e como o caminho é longo, você me contará tudo nele. Agora, vamos! — ao terminar de falar, ela ergueu um dos braços e apontou para frente, ordenando que eu fizesse aquilo que pedia.

No trabalho, eu era a chefe e patroa de Adriane, na vida ela parecia ser mais adulta e bem resolvida do que eu.

— Vaca! — disse, enquanto eu colocava o automóvel em movimento.

Seguimos por uma avenida onde quase não havia casas e estabelecimentos comerciais. O movimento de carros era pouco, já que era Natal, grande parte das pessoas viajava para as cidades do interior e o fluxo por ali diminuía. Contudo, eu ainda não fazia ideia de onde ficava o local onde aconteceria o chá.

— Sim, e para onde estamos indo? — inquiri a Adriane, que parecia estar pensativa olhando para frente.

Ela voltou o olhar para mim e sorriu.

— Para ser sincera, estou um pouco perdida — ao fim da frase, gargalhou. — Estou tão calada assim e não expus minha revolta a você porque estou tentando me lembrar dos detalhes do caminho.

— Meu Deus, Adriane! É o que, uma fazenda ou um galpão abandonado no meio do nada?

— Acho que um meio-termo entre essas duas coisas — confessou.

Balancei a cabeça em um movimento de negação e sorri, mas interiormente eu estava preocupada com a situação.

— Adriane... — tentei concluir o pensamento, mas esqueci as palavras que diria à moça.

— Calma, tá?! A gente não se perdeu ainda — ela soltou uma gargalhada nervosa.

— Ainda...

— Então, me conte por que você demorou a ir me buscar.

Suspirei profundo, pega de surpresa pela mudança do rumo da conversa.

— Bem, eu bebi um pouco na casa da sogra. E... — antes que eu terminasse a frase, ela interrompeu-me.

— Ali, você entra naquela rua ali.

Liguei a seta do carro e entrei em uma rua onde havia pequenas casas padronizadas e um enorme condomínio no final.

— Acho que chegamos — apesar de confirmar a chegada, havia um tom incerto em sua voz. — Segue em frente.

— Onde realmente fica? — indaguei, verificando a rua com os olhos.

— Ali, onde estão aqueles carros.

Olhei o local para onde Adriane tinha apontado e balancei a cabeça em tom de consentimento. Guiei o automóvel até próximo ao local, mas à frente da casa havia alguns carros, quatro no total. Tive que estacionar um pouco mais à frente. Quando parei o carro, novamente ouvi o rugido estranho em seu motor, e certa preocupação me acometeu, mas eu espantei os pensamentos da cabeça, pois a minha passageira já havia saído do carro e me esperava apressada do lado de fora.

Verifiquei o meu rosto no retrovisor, eu estava acabada. Não ostentava a minha melhor face aquele dia. Estava cansada, a cabeça ainda pesava um pouco, mas, já que eu estava ali, por que não curtir o momento? Espantei todos os pensamentos que me assolavam e desci do automóvel. Não peguei bolsa ou celular, deixei-os ali. Peguei apenas a chave do carro e, assim que fechei a porta, travei-as, ouvindo o som da buzina e o farol piscar.

— Agora vamos, pelo amor de Deus! — Adriane estava eufórica. Eu não entendia muito bem os motivos que a faziam estar tão animada, entretanto aquele seu jeito fez com que eu me sentisse pronta para cair na gandaia.

— Qual é o motivo dessa animação toda? — perguntei, mas assim que terminei a frase ouvi gritos e assovios vindo de dentro da casa.

— Vamos logo, Ana Luísa, você vai ver só.

Andamos em direção a casa, dando passos largos. Adriane estava apressada e praticamente pulava de felicidade como uma criança que está prestes a comprar aquele brinquedo que sempre quis ter.

A moça chegou a casa antes de mim e automaticamente girou a fechadura da porta, abrindo-a. Eu segui-a e entrei na casa logo atrás dela. Caminhamos por um corredor curto, até que chegamos a uma espécie de sala, onde estavam algumas mulheres sentadas em cadeiras dispostas em um círculo observando atentamente o show que estava sendo feito por um gogo boy.

Adriane se aproximou das moças pulando ao som da música que tocava. Havia luzes coloridas que percorriam todo o ambiente, e aquela que

parecia ser a Márcia estava sentada no centro do círculo, e o rapaz, extremamente musculoso, fazia movimentos sensuais, sentado em seu colo de frente para ela.

Ele vestia uma camiseta de couro preto, aberta, mostrando toda a extensão do seu peito e barriga definida. Tinha braços rijos e bem desenhados, e o cabelo estava preso em um coque no alto da cabeça. A calça que vestia era do mesmo material da camiseta e, além disso, usava botas que iam até um pouco acima do calcanhar.

Márcia sorria, mas seu rosto estava enrubescido pela vergonha do que lhe acontecia. Ao nos ver entrando, ela fixou o olhar na face da irmã, que soltou um grito eufórico de animação. As outras mulheres no local bateram palmas e assoviaram, e só então o rapaz que fazia seu show voltou o olhar para nós duas, e o meu coração, como se saltasse de um trampolim, chegou a alcançar a minha garganta. Era ele!

INTERLÚDIO

QUEM É O MOTOQUEIRO MISTERIOSO?

Paralisada pelo que havia acabado de constatar, mantive o meu olhar fixo nos olhos do homem, que, como se tivesse sido surpreendido por estar fazendo algo errado, retribuiu o olhar como se intentasse se conectar comigo de forma íntima. Todas as ações, gestos e palavras que eu podia dizer não se apresentavam a mim. Eu estava perdida dentro de um segundo, presa em um olhar que pareceu durar o tempo que todos os continentes levaram para se separar e dar forma à estrutura do planeta Terra.

— Continua! — gritou uma moça que estava sentada em volta do círculo onde o homem sensualizava.

Ele retirou seu olhar do meu e direcionou-o à mulher que havia gritado. Sorriu de forma sarcástica, passando a língua sobre os lábios, como um predador. Vagarosamente se afastou de Márcia e foi em direção à outra. Seus passos eram lentos e cheios de sensualidade. A cada pisada que dava no chão, fazia movimentos pélvicos que simulavam uma penetração.

— Ai, meu Deus! — a mulher gritou, ao se dar conta de que o homem ia fazer um show especialmente para ela.

Quando frente à vítima, ele começou a rebolar, movendo o abdômen como se ele fosse um oceano, e cada um dos músculos abdominais, as suas ondas. Eu não tirava meus olhos dele, e, diante daquela situação, era impossível que isso acontecesse. Eu estava surpresa e encantada; na verdade, ainda não tinha resolvido dentro de mim o que sentia naquele momento.

As ações do ocaso estavam me surpreendendo, e tudo começou quando eu aceitei o diário secreto dos desejos. Ou seja, não era bem o acaso quem estava agindo daquela forma. Talvez todas aquelas situações nas quais eu me metia estivessem sendo premeditadas por Himeros, desde Jeremias a Denis. Mas ele... Ele não. Havia algo mais entre mim e aquele homem, que, mesmo sendo apenas uma fantasia minha, já existia muito antes de eu ter conhecimento da existência dos deuses e da sua ação em nossas vidas.

O homem dançava, agora no colo da mulher, assim como havia feito com Marcia. Eu sentia como se aquilo fosse em mim, o seu rebolado, os músculos duros da sua bunda roçando em minhas pernas e o seu membro, que aparecia saliente marcando a calça de couro, chegando a tocar a minha barriga.

Encostei-me à parede e fiquei por minutos seguidos assistindo à sua apresentação. A música que tocava entrava pelos meus ouvidos e tornava aquilo ainda mais intenso. Cada gesto seu era examinado pelos meus olhos de forma minuciosa. Nunca antes eu estive tão próximo dele, a não ser no dia do fatídico acidente em que quase o matei. No entanto, agora era diferente, eu podia constatar cada um dos seus músculos sem me preocupar se algo nele estava doendo ou se eu o tinha ferido. Eu era a espectadora da sua beleza e sensualidade. A única coisa que me restava saber era seu nome, pois eu já tinha conhecimento da extensão dos seus músculos, como eles se desenhavam e davam forma ao seu braço largo marcado por tatuagens diversas, que terminava em uma mão enorme e de textura rude. A sua barba bagunçada e enorme que ornamentava o seu rosto de traços suaves, porém másculos, e o seu cabelo, que, no exato momento em que eu tentava imaginar o cheiro, ele alcançou com as duas mãos e desfez o coque, soltando-o e voltando o seu olhar para mim.

Um sorriso malicioso se desenhou em seus lábios, mas havia algo mais em sua expressão que me intrigava, ou era apenas a minha imaginação querendo me pregar peças.

O homem voltou todo o seu corpo na minha direção. Meu coração acelerou, premeditando o que estava prestes a acontecer.

— Vai, Ana Luísa! — a voz de Adriane ressoou por toda a casa, fazendo com que meu coração batesse mais rápido ainda.

Sentia como se a qualquer momento fosse desfalecer ali e que quando aquele homem chegasse perto de mim eu estaria desmaiada no chão. A música que tocava era um som de Madonna, S.E.X. De forma lenta, ele dançou a música, sempre focando em movimentos que induziam a minha mente a pensar em como ele devia saber foder uma mulher com maestria.

Dando passos em minha direção, ele levantou um dos braços e apontou

o dedo indicador para mim. Eu continuei paralisada onde estava. As outras mulheres, em frenesi, gritavam e aplaudiam o seu showzinho que pelo jeito seria direcionado a mim no momento em questão. Eu sorri tímida, balancei a cabeça e baixei o olhar. Não tinha coragem de ir até ele. E, pelo jeito, ele não viria até mim, como eu havia pensado.

Ele continuou onde estava, dançando, rebolando e me chamando com o dedo indicador. Seu olhar invadia o meu semblante e fazia com que uma espécie de descarga de tensão percorresse por todo o meu corpo. Eu estava inquieta por dentro, sem saber como agir diante daquela situação. Eu o queria, mas o queria só para mim, em minha cama, dentro de mim.

Seus lábios se moveram, e eu li as palavras *vem cá*. Senti o chão se desfazer sob os meus pés. O mundo havia perdido o sentido e nada mais me importava além da textura daquelas palavras silenciosas vindo de encontro a mim.

— Vem cá! — ouvi em meio às batidas da música, mas não consegui esboçar movimento algum. Permaneci paralisada onde estava, sem me mover, como uma escultura de Praxiteles.

Ajeitei os meus cabelos com uma das mãos, denunciando que tudo o que restava em mim era timidez.

— Vai! — Márcia gritou de onde estava, sorrindo e batendo palmas.

— Vai logo, Ana! — Adriane exclamou ensandecida, vindo em minha direção.

Ela parou à minha frente e colocou as duas mãos sobre os meus ombros.

— Caralho! Se você não for, quem vai sou eu.

Não consegui dizer-lhe coisa alguma, apenas sorri e olhei por sobre seus ombros o homem que me fitava e continuava com a mão estendida em minha direção.

— Vai, Ana! — Adriane me sacudiu, como se fosse uma mãe a reclamar um filho, contudo eu não a obedeci. Permaneci paralisada onde estava sem dar sinal de que faria qualquer gesto.

— Se você não vai, eu vou — disse uma das mulheres que estava sentada no círculo de cadeiras feito em derredor do homem.

Ela se levantou e foi até ele. O rosto do homem ganhou um semblante de descontentamento, mas ele não parou o seu show. Redirecionou o seu corpo para a mulher que havia se aproximado dele e a tomou em uma espécie de dança que mais parecia uma transa, só que com roupas.

— Meu Deus, Ana, por que você não foi? — Adriane perguntou, e virou-se para apreciar o que ele fazia com a outra mulher.

Continuei em silêncio, observando a forma como o homem dançava colado ao corpo da mulher, que sorria desesperadamente.

— Aquela era para ser você, Ana! — exclamou Adriane.

— Sim... — eu disse, constatando a revolta de Adriane.

Marcia se aproximou da gente sorridente.

— Vocês demoraram! — ela veio até mim e me abraçou, saudando-me.
— Desculpe não ter falado antes, como viu, eu estava ocupada.

— Não há problema algum, eu percebi que você estava entretida com outra coisa — sorri descontraída ao fim da frase.

— Sim, ideias da Adriane.

Voltei os olhos para a minha funcionária. Fora ela quem o havia contratado, por conseguinte ela deveria conhecê-lo e saber mais sobre ele. *Meu Deus, que mundo pequeno*, pensei.

— A Adriane tem umas ideias ótimas — eu disse, e toquei no ombro da moça.

— E esse tal de Júpiter é um dançarino e tanto — completou a Márcia, de forma maliciosa.

— Eu sou ótima, queridas, só não entendi por que a Ana Luísa não foi tirar a lasquinha dela.

Fiquei em silêncio e fixei o meu olhar no homem, que havia parado de dançar e agora ria junto com as outras moças que estavam um pouco distantes

de nós.

— De onde você o conhece, Adriane? — eu a inqueri, no intuito de descobrir mais sobre ele.

— O Dimi? — ela gargalhou e voltou o olhar para o homem. — Então...

— Não vai me dizer que você já...

— Não! — ela me interrompeu antes que eu terminasse a frase. — Eu o conheço da noite, da vida, das baladas.

— Sei... — disse Márcia, sarcástica.

— Ele era dançarino em uma casa noturna em que ia com frequência. Já dei em cima dele, muito, mas ele não me quis — deu uma pausa na frase para rir. — É todo reservado, acho que é gay — completou, com desdém.

— E você trouxe um gay como surpresa do meu chá de lingerie?

— Ele é gostoso, não é? E me agradeça, ele nem dança mais, agora está metido com outros afazeres, demorou uma cara para eu convencê-lo a estar aqui hoje.

Eu ouvia toda aquela conversa atenta, porém os meus olhos não conseguiam abandonar o homem do outro lado do cômodo conversando com as outras mulheres.

— O nome dele é Dimi?

— Dimi é um apelido que minhas amigas e eu demos a ele. Ele se chama Dimitri, mas como dançarino ele era apresentado como Júpiter. E, realmente, ele é um deus.

Fiquei atenta ouvindo todos os detalhes que Adriane me revelava sobre a vida daquele homem. Eu estava mais perto dele como eu nunca imaginei que um dia estaria. Parecia-me que a vida estava voltando-se para mim e atendendo a todas as minhas preces. É claro que, diante dos últimos fatos que me ocorreram, Himeros tinha um dedo naquilo tudo, mas eu não iria me precipitar em pensar naquilo agora, curtiria aquele momento e colheria o máximo de informações possíveis do Dimitri, ou Dimi, como o chamava

Adriane.

Dimitri... Eu repetia o seu nome interiormente enquanto o via conversar com a Adriane no canto da sala. Seu show particular havia terminado. As mulheres, que antes estavam espevitadas gritando e batendo palmas, agora estavam sentadas com Márcia em um pequeno sofá e conversavam sobre coisas triviais. Eu observava cada gesto que ele fazia e tentava decifrar as palavras que saíam dos seus lábios enquanto conversava com a minha amiga.

Senti-me deslocada naquele ambiente, inquieta dentro de mim, sem saber como agir ou o que falar diante dos fatos que se apresentavam para mim.

Ele era Júpiter, como um deus ou planeta. *Dimitri...* Ou Dimi, como o chamava a Adriane, o que tornava aquela relação íntima entre eles dois ainda mais curiosa. Não quis me aproximar deles, apesar de que se o fizesse saberia muito mais sobre o homem do que sabia no momento, no entanto algo em mim me mantinha presa no lugar onde estava, no canto da sala, mirando-o despidoradamente. Eu media seus gestos, o movimento dos seus lábios, imaginava o seu cheiro, até que subitamente, como se pega diante de um crime, seus olhos encontraram os meus.

Seu olhar tinha o poder de me paralisar. Sobre o poder da sua hipnose, mantive-me fixa observando-o. Nos seus lábios, um sorriso se desenhava, e, ao concluir o ato, Adriane voltou o corpo para mim, verificando com os olhos onde estava o foco da atenção roubada do Dimitri.

Ela sorriu para mim e ergueu uma das mãos, fazendo um gesto para que eu me aproximasse. Eu relutei em sair de onde estava.

— Vem logo, Ana! — ela exclamou, fazendo com que todos no ambiente voltassem os seus olhos para mim.

A minha cabeça, que antes latejava, e eu havia esquecido, com o som da voz dela e a vergonha que me acometeu diante dos olhares de Dimitri e das mulheres presentes, voltou a doer.

Eu decidi mover-me. Fui ao encontro dela e do homem sem temer.

Guiei-me sobre passos lentos, atravessando o cômodo, até que cheguei diante daqueles que haviam exigido a minha proximidade.

— Ana! — exclamou Adriane, assim que cheguei.

Os olhos de Dimitri fixaram-se em meu rosto, e eu retribuí o seu olhar, disfarçando o meu nervosismo e o tremer que percorreu todo o meu corpo.

— Veja só, esse é o Dimi — ela olhou para mim, em seguida para o homem, que me ofereceu um largo sorriso e uma de suas mãos para que eu apertasse. Segurei-a e saudei-o, com um sorriso sem muitos dentes, acometida de vergonha e ansiedade.

— Ana Luísa, certo? — ele falou, e pela primeira vez ouvi sua voz tão nítida e fresca, que foi como mergulhar em uma poça de águas termais e voltar à tona renovada.

— Sim, e você é o... — antes que eu pudesse terminar a frase, fui novamente interrompida pela sua voz.

— Dimitri — a sua mão, que ainda apertava a minha, fechou-se com mais força. Eu suspirei ao sentir a sua textura rija envolvendo uma parte do meu corpo, mesmo que pequena. Nossos olhares se conectaram e o seu sorriso ganhou uma dimensão maior.

Constrangida, voltei o olhar para Adriane, que parecia estar segurando uma gargalhada sarcástica em sua garganta. Apertei os olhos como se a reprimisse e em seguida voltei a olhar para o Dimitri, que havia acabado de soltar a minha mão.

O silêncio criou uma camada sobre nós três e ficamos assim durante alguns segundos. Em mim, não nascia palavra alguma que pudesse ser dita. Os meus sentidos não respondiam aos meus comandos. A presença daquele homem à minha frente era tão grande, que parecia comer todas as coisas ao nosso redor. Eu me apequenei diante da sua beleza e do desejo que borbilhava dentro de mim.

Tantos dias indo atrás dele naquele galpão, esperando que ele passasse, aquele fatídico dia do atropelo, e agora eu estava ali, à sua frente, descobrindo quem era e com o que trabalhava. Ah, se ele soubesse que povoava os meus sonhos e as minhas fantasias eróticas! Se ele tivesse a

mínima noção de como eu o via na minha mente e todas as coisas que já havíamos feito em minha imaginação!

— Eu a conheço, Ana — a voz do homem cortou o silêncio como um terremoto, abalando toda a minha estrutura e fazendo com que qualquer rastro de razão em mim abandonasse a minha consciência.

— Você a conhece? — Adriane perguntou, surpresa, e voltou o seu olhar para mim.

Dimitri sorriu e voltou os olhos para a mulher. Eu me mantive em silêncio, buscando forças para me manter de pé e continuar no chão. A impressão que tinha era de que não existia mais gravidade e que a qualquer momento eu iria cair.

— Sim. Nos conhecemos em meio a um contratempo. Nos chocamos, na verdade.

Eu sorri, como se no mundo a única reação que me coubesse ali fosse essa.

— Como assim? — Adriane sorriu, com o olhar fixo em mim.

— Eu quase o matei atropelado — a coragem que eu havia perdido surgiu em mim como em um momento de loucura e insensatez, e eu rompi a barreira de silêncio que havia imposto às minhas cordas vocais.

Dimitri sorriu desembestado.

— Foi um choque e tanto, mas terminou tudo bem — ele disse, e colocou uma das suas mãos sobre o meu ombro.

Senti o seu peso sobre mim, e aquilo me causou uma sensação de aconchego e dependência, que eu só sentira quando estive completamente apaixonada pelo Carlos Augusto em nossos primeiros anos.

— Você não aceitou a minha ajuda. Não quis que eu o levasse no médico ou pagasse as despesas da moto.

— Não aconteceu nada de mais. Foi de raspão e tudo terminou bem.

— Oi? Como assim? Contem essa história direito para mim. Eu não estou entendendo nada.

Dimitri e eu estávamos com o olhar fixo em Adriane, mas, assim que ela terminou a frase, voltamo-nos para as nossas faces e, conectados por uma energia na qual cabíamos só nós dois, caímos na gargalhada. Rimos como velhos conhecidos que compartilham dos mesmos ideais, e não precisam de palavras para se expressar diante de situações inusitadas.

— Dá para parar com isso, vocês dois? — exigiu Adriane, emburrada, porém com um sorriso de canto de boca.

Estancamos o riso e ficamos nos olhando, ele e eu, como se naquele momento algo superior a nós dois fosse constatado. Havíamos nos fechado durante alguns segundos em um mundo só nosso, do qual outras pessoas não podiam participar. Os nossos olhares conectados investigavam coisas que iam muito além do que havia sido dito ou vivido por nós dois nos últimos dias e anos da nossa vida.

Desconcertada, voltei a olhar para a Adriane, que nos olhava de forma irônica.

— O que foi? — indaguei-a, cabreira.

— Nada. Estou apenas com ciúme dessa intimidade entre vocês dois.

Dimitri olhou para Adriane e se aproximou dela, envolvendo-a em um tenro abraço. Observei-os intrigada, curiosa em saber qual era o grau de intimidade que os dois tinham.

— Não adianta tentar me tapear com seus abraços — ela se afastou do homem e fingiu estar emburrada.

Nós três sorrimos e continuamos a conversar sobre trivialidades. Aos poucos fui descobrindo mais sobre o Dimitri, conhecendo-o e construindo certa intimidade com ele. Volta e meia nossos olhos se encontravam e nos perdíamos em um momento de constatação que dizia respeito apenas a nós dois.

As conversas se desenrolaram, o tempo passou e, após uma pausa, enquanto Adriane falava sobre bichos de estimação que gostaria de ter, caso viesse a casar, Dimitri olhou no relógio do seu pulso e anunciou a sua partida.

— Eu preciso ir — disse, fitando a minha face, demorando o seu olhar no meu. Em seguida, voltou o olhar para Adriane. — Depois eu quero saber tudo o que a sua irmã achou do showzinho particular — sorriu ao fim da frase. — Eu estou um pouco enferrujado, mas dei o meu melhor.

— Ela adorou! Eu nem preciso lhe perguntar para saber disso.

O homem voltou a me fitar. Em sua face, um semblante de seriedade se desenhava. Intimidada, eu recuei e baixei os olhos, mas fui surpreendida pela sua voz.

— E você, Ana Luísa, o que achou do show?

Pega de surpresa, ergui os olhos e encontrei os seus, que se mantinham firmes em mim. As palavras se tornaram um tropel silencioso, e qualquer frase que eu ousasse formar em pensamento se perdia. Fixei meu olhar em seu rosto, mirando cada parte que, de tanto investigar, eu já conhecia, desde olhos, nariz, boca, barba e os cabelos longos, que eram o seu charme.

— Esse silêncio quer dizer que foi ruim?

Perdi o chão que havia sob meus pés naquele momento. A gravidade deixou de existir e eu senti como se estivesse flutuando à beira do abismo.

— Não! — exclamei, desconcertada.

Vendo a minha aflição, Adriane interveio com um sorriso sarcástico que fez com que nós dois voltássemos o olhar para ela.

— É claro que não! — eu disse novamente, tentando afirmar um pensamento que eu não havia concluído.

— Então você não gostou?

Eu estava trêmula diante da sua invasão, pois sabia que ele estava fazendo uma espécie de jogo comigo. E eu, como se fosse uma adolescente tola, estava caindo na sua artimanha.

— Eu gostei do seu show. Você tem muito talento.

— Queria eu saber rebolar como você rebola — completou a Adriane.

— Mas eu tenho que ir agora. Vou me despedir das outras.

Ele se moveu para frente e subitamente alcançou a minha bochecha com um beijo. Eu me assustaria com aquele gesto em outra ocasião, porém ele fez o mesmo em Adriane, o que não me permitiu sentir-me tão especial, como eu já fantasiava que era para ele em minha mente.

Tinha plena convicção de que todos aqueles gestos ou dizeres que ele fazia e que demonstravam determinado apreço por mim não passavam de uma invenção da minha mente para legitimar o desejo que eu sentia por ele e a sua reciprocidade.

Dimitri seguiu caminho em direção às outras mulheres que bebiam e conversavam longe de onde estávamos. Adriane e eu permanecemos paradas uma em frente à outra e caladas, como se a ausência daquele homem fosse maior do que qualquer coisa que estivesse ao nosso redor. Ficamos ali, extasiadas e perdidas, até que a minha amiga deu o ar da graça colocando a sua personalidade em modo ativo.

— Ele é um gostoso! — fixou os olhos em Dimitri, que se despedia das mulheres uma a uma.

Eu voltei o olhar para ele e suspirei, constatando exatamente aquilo que ela tinha acabado de dizer. *Sim, ele é um gostoso*, repeti mentalmente.

— Adriane, eu também preciso ir — decidi, em um átimo, ao me dar conta de que o chá havia acabado e de que estava sem o celular em mãos e não sabia qual era a hora.

— Já, Ana? — inquiriu tristemente.

— Que horas são?

Ela colocou a mão no bolso do seu short e puxou o celular. Após observar o visor durante alguns segundos, me informou as horas.

— Quinze para as sete.

Ao terminar de pronunciar a frase, eu fui acometida por um leve temor.

— Meu Deus! Eu preciso mesmo ir. Hoje não vi meu marido, nem a minha filha. E tenho muita coisa a fazer.

— Como? — a mulher pareceu perdida diante da minha afirmação.

— Esqueceu que o feriado é apenas hoje, e amanhã trabalhamos normalmente?

Adriane abriu a boca e colocou uma das mãos em concha sobre ela, demonstrando surpresa, porém de forma bem-humorada.

— Você bem que podia ter liberado a gente — lamentou.

— Impossível. Não com a quantidade de processos que temos em mãos — sorri e voltei o olhar para onde estavam as mulheres e Dimitri, contudo ele já havia saído.

— Tudo bem, Ana. Eu ficarei por aqui.

— Você me acompanha até o carro, pelo menos?

Adriane fez um gesto afirmativo.

Dei passos largos até alcançar Márcia e suas amigas. Despedi-me de todas elas com sorrisos e piadinhas sobre o que tinha acontecido ali aquela tarde e o show de dança e sensualidade que o Dimitri havia dado. Após muito tentar me desvencilhar dos assuntos que brotavam infinitamente, consegui sair de dentro da casa na companhia de Adriane.

— A tarde foi maravilhosa. Obrigada por esse convite — agradei à Adriane.

— Vamos sair mais vezes, Ana. De preferência para ambientes onde encontremos homens como o Dimi.

Eu sorri ao ouvir a frase.

— Você esqueceu que sou casada? — disse, da boca para fora. Aquilo não era mais um impedimento para que eu vivesse as minhas aventuras, não depois do diário secreto.

Sorrimos as duas e, depois de um abraço, eu me dirigi até o carro.

Dei passos lentos mirando o chão, até que cheguei ao automóvel, porém a primeira coisa que vi quando ergui a cabeça não foi o carro, e sim Dimitri, sentado sobre uma moto à frente do carro mexendo no aparelho celular.

Ao me ver me aproximar, ele sorriu. Eu retribuí o sorriso, mas, apesar da vontade que tinha de me demorar ali e conversar um pouco com ele, destravei o carro, abri a porta e me sentei no banco. Fitei-o, admirando uma última vez a sua beleza e o seu porte sobre o automóvel. Ele não trajava mais as roupas com as quais tinha dançado, provavelmente havia se trocado antes de sair. Usava uma jaqueta e, por baixo dela, uma camiseta branca, a calça jeans surrada e a bota com a qual fizera o seu show. Peguei a minha bolsa, que há muito não via, de dentro dela retirei o celular e atenta verifiquei, ligando o visor do aparelho, as mensagens que havia recebido. Do meu marido, eram cerca de vinte mensagens, da minha filha outras dez, mas não quis visualizá-las.

Após alguns minutos, encaixei a chave próximo ao volante para ligar o carro, mas antes me demorei admirando a figura do Dimitri, que agora estava com o telefone celular no ouvido e o capacete da moto em mãos. Ele se levantou do automóvel e ficou andando de um lado para outro, enquanto falava gesticulando.

Girei a chave e liguei o carro, fiz todos os procedimentos para pô-lo em movimento, mas no momento em que pisei no acelerador o barulho estranho que ele havia feito duas vezes antes de eu presenciar o show do homem que estava à minha frente soou novamente e o automóvel simplesmente desligou. Tentei uma segunda vez, mas fazia o mesmo barulho, como um ronco, e não ligava. Após a quinta tentativa, ouvi a voz do homem bem próximo a mim.

— Precisa de ajuda aí? — concentrada, eu não havia percebido que ele tinha caminhado até mim e agora estava na janela do carro com a face bem próximo da minha.

Assustei-me com o seu aparecimento, todavia, ao me recompor, disse-lhe algumas palavras.

— Essa droga não liga!

— Perceptível — ele disse, e sorriu.

Fixei meus olhos nos dele, com uma pontada de ódio pela forma como ele havia tratado a situação, e peguei o meu celular que estava no banco do carona.

— O que você vai fazer? — ele me inquiriu. Contudo, eu havia perdido a paciência diante da situação e respondi-lhe áspera, com poucas palavras.

— Pedir ajuda.

Eu abri as mensagens do celular e fui até as que Guto havia me mandado para ler e falar-lhe o que havia acabado de acontecer.

— Eu não sei nada sobre carros, mas posso te dar uma carona para casa.

Aquela frase ressoou por todo o ambiente, e o silêncio que se formou entre mim e o universo diante daquela gentileza fez com que eu ficasse trêmula e perdesse a capacidade de falar por alguns minutos.

— Sem capacete? — voltei o olhar para a sua moto e vi o capacete sobre ela.

— Eu tenho outro dentro da mala.

Silenciei-me durante alguns minutos, pensando na possibilidade de montar na garupa da moto daquele homem. Era tudo o que eu queria, tê-lo por perto, senti-lo, depois de muito tê-lo imaginado. Entrementes, agora que a possibilidade de pelo menos abraçar o seu abdômen na garupa de uma moto se apresentava a mim, algo me impedia de concretizar a minha ânsia. Pensei, pensei, remoendo acontecimentos e aonde aquilo me levaria.

— Vamos! — ele disse, abrindo a porta do carro. — É melhor você descer, o carro já deu o recado para você, ele não vai sair do lugar.

Sorri com as suas palavras e, ainda relutante, desci do automóvel.

Ele ficou parado à minha frente esperando que eu estivesse completamente fora do carro. Assim que eu saí, mirei seus olhos e sorri. Apesar de estar tímida e pensativa diante do que estava acontecendo, decidi que aquela seria a melhor coisa a se fazer, quando chegasse em casa daria um jeito de fazer um guincho ir até o carro.

A possibilidade de ir embora na garupa de Dimitri tirou toda a minha capacidade de pensar racionalmente. O que me restava era ir e agradecer pela carona.

Dimitri abriu a mala da moto e retirou um capacete de cor vermelha de dentro dela. Ele me entregou o objeto, com os seus olhos fixos nos meus. Havia algo de misterioso e aterrador em sua face, um semblante enigmático que me fazia pensar mil coisas sobre ele, sem chegar a nenhuma conclusão.

Ele se sentou no automóvel. Ficou esperando que eu me sentasse. Intimidada pelos seus olhos, que eu via pelo retrovisor, me coloquei atrás dele, erguendo a perna direita e me sentando sobre o acolchoado da garupa.

— Podemos ir? — ele inquiriu, voltando a cabeça um pouco para trás.

Balancei a minha, sem dizer uma única palavra, mas ele entendeu meu gesto, e o rangido do motor ressoou por todo o ambiente. Aos poucos ele foi tirando a moto de onde estava, guiando-a até o centro da rua. Seguimos direto até sair do bairro onde estávamos e chegamos a uma enorme avenida que agora não me era mais desconhecida.

O vento se chocava em meu corpo, e os cabelos de Dimitri uma vez ou outra alcançavam o meu rosto. Eu estava paralisada e emudecida. O sentimento que me tomava por estar vivenciando aquilo era muito maior do que os que permearam qualquer um dos acontecimentos anteriores com outros homens. O nosso contato se limitava ao fato de eu estar segurando na sua jaqueta, para me manter equilibrada em sua garupa. Ele era rápido, e muito, e, mesmo a pista estando escura e aquele bairro não ser muito iluminado, não tomava muito cuidado. Apesar disso, toda a adrenalina que se produzia em meu corpo derivava, não do fato de estar em uma moto em alta velocidade, mas sim de estar com ele.

— Ana! — ele exclamou. Eu demorei a entender que era o meu nome que ele havia falado, contudo ele diminuiu a velocidade da moto e novamente me chamou. — Ana Luísa.

— O que houve? — eu estava tão compenetrada em sentir aquele momento em sua completude, que me assustei ao ouvir meu nome.

— Você... — ele interrompeu a si próprio e silenciou-se. Parecia que havia certa dificuldade nele em falar o que desejava.

— O que tem eu? — inquiri, intrigada e nervosa com a forma como ele

tentava mirar meu rosto, voltando uma vez ou outra a cabeça para trás.

— Eu vejo você.

Após a sua frase, permanecemos em silêncio por alguns minutos, até que ele foi desacelerando, recostando no acostamento da avenida, e parou. Meu corpo trêmulo não respondia aos meus comandos, e, por mais atitudes que eu quisesse tomar, eu não conseguia fazer nada.

Olhei para os lados e me dei conta do lugar onde estava. Não havia casas, apenas um enorme galpão, e do lado onde havíamos parado, um matagal cercado por madeiras que sustentavam um arame farpado.

— Por que você parou? — a minha voz soou trêmula.

Dimitri não me respondeu, apenas voltou a cabeça para trás e, por entre o capacete, falou:

— Eu vejo você. Eu sei que você vai todos os dias à rua onde moro no horário em que estou indo para lá.

Aquelas palavras foram como uma espada atravessando o meu coração. Perdi os sentidos, e, se antes eu estava nervosa, agora eu estava literalmente morta.

— Como? — tentei me fazer de desentendida.

— Não faça isso — ele respirou fundo ao fim da frase.

Eu estava assustada com a sua atitude. Não sabia o que pensar nem o que lhe dizer diante das suas indagações, porém eu não podia negar que ele estava certo, pois a convicção que ele tinha dos fatos era superior à minha capacidade de mentir.

— Toma! — ele colocou a mão no bolso da calça e retirou o celular de dentro dela, entregando-me logo em seguida.

Eu peguei o aparelho, sem saber o que ele queria que eu fizesse, entretanto logo soube qual era o seu intento.

— Põe o número do seu celular aí.

Fitei seus olhos pelo retrovisor. Não consegui interpretar o semblante

que havia se desenhado em seu rosto, mas não tive outra atitude senão fazer aquilo que ele me pedia. E não foi a contragosto.

Aquilo estava acontecendo tão rápido e parecia-me tão surreal, que eu estava anestesiada diante de tudo. As minhas reações eram as mínimas possíveis. Talvez quando eu estivesse no meu quarto, dormindo ao lado do Carlos Augusto, todos os sentimentos que eu estava contendo viessem à tona.

Rapidamente digitei o meu número no seu celular e salvei com o meu nome. Terminado o ato, entreguei-lhe o aparelho, que ele tratou logo de colocar no bolso. Assim que fez isso, deu partida na moto e colocou-a em movimento.

Durante o restante do percurso, nenhuma palavra foi dita, nem por mim nem por ele. Não pedi o seu número de telefone, e também achava que, diante da situação, não me cabia. Ao chegarmos ao centro da cidade, dei-lhe as coordenadas de como ele faria para chegar até o meu condomínio. Em poucos minutos estávamos lá.

Ele parou na entrada, pois o porteiro que estava na guarita não sabia quem ele era, nem me reconheceu no fundo da moto, para liberar a entrada. Tive de gritar-lhe e tirar o capacete, e só assim, vislumbrando o meu rosto, ele nos deixou passar.

Atravessamos o portão, não deixei de mirar o interior da guarita em busca de encontrar o Denis lá, contudo ele não estava presente.

Ajudei Dimitri a chegar à minha casa e, assim que paramos à frente dela, eu descí.

— Obrigada por ter me dado essa carona — tirei o capacete e lhe entreguei.

Ele voltou os olhos para mim, mas não disse palavra alguma, apenas sorriu. Colocou o capacete no guidão da moto e deu partida, pondo-a em movimento.

— Até mais, Ana! — disse, enquanto fazia a curva para voltar pelo mesmo lugar.

Aquelas palavras ressoaram em meu interior e permaneceram ecoando

durante muito tempo, até mesmo quando o vi sumir do meu campo de visão.
Até mais, Ana...

Fiquei estacada no lugar onde estava, rememorando tudo o que havia acontecido naquela tarde e o fato de ele ter pedido o número do meu telefone. Sorri para mim mesma e virei em direção à entrada da minha casa. Dei passos lentos até alcançar a porta, mas, antes que eu pudesse colocar a chave na fechadura, a porta se abriu e a imagem de Guto surgiu às minhas vistas.

Não sei se seu semblante era de preocupação ou de ódio, não tive tempo de verificar, apenas de ouvir as perguntas que ele tinha a me fazer.

— Onde diabos você se meteu, Ana Luísa? — eu fiquei em silêncio, com os olhos fitos nos seus, emanando um ódio de mulher independente que há muito eu não sentia, e que me fazia querer mandá-lo ir para um lugar que a minha pudicícia há muito não me permitiu. — E onde está o seu carro? — passeou com os olhos por toda a extensão da nossa rua.

— O meu carro quebrou e eu estava na casa da Marcia, irmã da Adriane. Você esqueceu que eu tinha compromisso marcado com ela hoje?

— E por que não avisou? Por que não atendeu ao telefone ou respondeu às mensagens que mandei?

— Carlos Augusto, eu posso pelo menos entrar e tomar um banho? Depois eu te conto tudo, nos mínimos detalhes.

— Eu acho bom mesmo, Ana Luísa. Você tem me saído pior do que a encomenda, até parece que não tem marido e filha...

Antes que ele pudesse concluir a frase, atravessei a porta, me esbarrando em seu corpo na tentativa de entrar em casa. Cheguei à sala e Íris estava sentada no sofá com o celular em mãos.

— Mãe, onde você estava?

Fitei-a sem desejo algum de responder-lhe, porém disse-lhe algumas palavras antes de subir as escadas e ir em direção ao meu quarto. De volta à minha vida rotineira, era aquele tipo de atitude estúpido que eu tinha que aturar do meu marido e da minha filha. Eu estava a um passo de jogar tudo para cima e viver de forma ainda mais intensa as situações que se

apresentavam a mim.

Ao chegar ao quarto, respirei fundo, olhei ao redor, descontente. Fechei os olhos e esqueci todos os sentimentos que estavam se apoderando de mim. Fui até o banheiro. Eu precisava tomar um banho, relaxar um pouco, colocar a cabeça no lugar e me preparar para os processos que me esperavam no escritório naquela semana pré-Réveillon. Havia muita coisa a ser feita, e eu precisava estar inteira.

PARTE IV

UMA SEMANA COM ANA LUÍSA

Abri o diário e admirei o tom das letras desenhadas de forma suntuosa na sua estrutura. Comecei a ler o primeiro parágrafo e senti meu coração pulsar mais rápido, percebendo que aquilo havia acontecido comigo há apenas alguns dias. Uma semana antes do Natal, eu era apenas uma mulher comum, uma advogada bem-sucedida e casada com um grande proprietário de terras e produtor rural. Levava uma vida sossegada, sem pensar que alguém de mim havia possibilidades e que de olhos quase fechados eu as deixava passar. O comodismo no qual eu me metera havia matado quem eu era, e agora, percorrendo um caminho tortuoso, eu estava indo em direção ao que eu achava que precisava ser.

Será que aquela que se deixava levar pela carne e desfrutava dos homens como se fossem seus brinquedos era mesmo eu? Ou de alguma forma eu só estava me escondendo diante de um escudo, criado com a ajuda de um deus, para não ter que enfrentar a minha vida de frente e resolver tudo aquilo que estava fora do lugar nela? Mas havia algo errado? O quê?

Eu, Ana Luísa, líder de um dos maiores escritórios de advocacia da Bahia. Havia algo de errado, pois a minha vida não se resumia a quem eu era profissionalmente. Existia muito mais em mim que precisava ser realocado e analisado por mim mesma do que apenas a minha situação matrimonial e o trabalho que eu tinha.

Em determinado ponto do diário, fiquei perplexa diante da cena que li e sorri, pois, além de ler, conseguia enxergar na minha lembrança cada um dos gestos, toques e os sentimentos que me envolviam quando aquilo aconteceu. Continuei com os olhos nas páginas, e aos poucos fui enxergando quem eu era diante daquelas cenas entrecortadas por desejo, paixão e uma vontade ensurdecadora de mudar a minha posição diante da vida. A necessidade que me tomava era de viver tudo aquilo novamente e de uma só vez. A minha

intimidade reclamava a vida, como nunca antes eu a havia querido. Era-me como se eu tivesse perdido muito tempo, entregando-me a coisas pequenas demais, e naquele momento, se um passo em falso fosse dado, aquele pássaro frágil que era o instante escaparia das minhas mãos e nunca mais retornaria.

— Buh! — ouvi o barulho subitamente e levantei-me do sofá, assustada, lançando o diário longe. Meu coração disparou e eu corri para perto da escada. — Por Zeus, precisa disso tudo? — voltei os olhos para o sofá e vi Himeros sentado com um sorriso cômico desenhado nos lábios.

— Você quer me matar? — aproximei-me dele, tomada pela cólera que me acometera após o susto.

— Essa não é a minha intenção — levantou-se do móvel e foi até onde o diário havia caído, próximo ao centro. — É assim que você trata o presente que te dei com o maior carinho e a bênção da minha mãe Afrodite? — sorriu e folheou as páginas, fixando demoradamente o olhar nas primeiras linhas que leu.

Sentei-me no sofá, e ele me acompanhou, se recostando ao meu lado e mirando a minha face de forma irônica. Retribuí o olhar de forma inquisidora, intentando descobrir o que o semblante que ele me oferecia significava.

Himeros sorriu e voltou a folhear o diário.

— As coisas estão ficando cada vez melhores com você.

Continuei a observá-lo sem dizer-lhe nenhuma palavra. Ele passava as folhas e passeava com os olhos pelos parágrafos velozmente. Da forma como fazia, era impossível que ele estivesse realmente lendo.

— Acabei. Quero mais! — sorriu e estendeu o diário na minha direção. Peguei-o e depusitei-o sobre o meu colo.

— Isso te faz feliz? — inquiri, sem saber muito bem o que queria saber dele.

— Muito feliz. Ajudá-la nas suas travessuras tem sido muito prazeroso para mim. E, é claro, para você também.

— Eu não entendo, Himeros. O que você ganha com isso? — alisei o diário com uma das mãos, fitando a profundidade dos olhos do deus.

— Eu sou um deus, por conseguinte tenho a obrigação de ajudar os

humanos. Além disso, como já te disse, o seu desejo é convertido para mim em poder. Há ainda outro fator, não muito importante.

O deus silenciou-se, e eu fiquei parada encarando-o, esperando que ele completasse a frase.

— O quê? — indaguei, já que ele demorava a dizer.

— Eu ganho o reconhecimento dos doze olímpianos.

Intrigada com o que ele havia acabado de dizer, quis saber mais sobre aquilo, porém sabia, como da última vez que tentara entrar naqueles assuntos, que eles não me pertenciam. Não era do interesse dos deuses que os humanos soubessem dos seus acordos particulares.

— Mas eu não vim aqui para falar disso. Só quis fazer uma visitinha, saber como você está e ver na sua cara como tem se sentido após o contato com o homem da sua vida.

— Homem da minha vida? — assustei-me com a sua afirmação.

— Vulgo, Dimitri!

Arregalei os olhos com a sua afirmação. Ouvir que aquele era o homem da minha vida da voz de um deus tinha um significado muito maior do que se qualquer outra pessoa, mesmo amada, me dissesse.

— Calma, não faz essa cara! “Homem da sua vida” é só modo de falar.

Desfiz o meu semblante de assustada e sorri. Respirei fundo, aliviada depois de ele corrigir a sua afirmação. Apesar de estar louca pelo Dimitri, não sei se queria que ele fosse o homem da minha vida, e, caso fosse, não queria descobrir daquela forma, e sim eu mesma, vivendo aventuras de amor e ódio com ele.

Ficamos alguns instantes em silêncio, até que subitamente fui acometida por uma lembrança que dizia respeito ao deus.

— Eu precisei de você! — fitei Himeros magoada.

— Eu estou te ajudando — retrucou, sorrindo.

— Eu estive em apuros, o Carlos Augusto quase me pega com o Denis.

— Eu sei, foi muito engraçado — ao fim da sua frase, a cólera erubescceu as minhas bochechas.

— Engraçado? — gritei.

— Acalme-se, mulher!

— Como você diz que uma coisa daquelas é engraçada? Carlos Augusto quase me pegou no flagra com o porteiro, transando com ele! Isso é engraçado? — levantei-me do sofá e fiquei de pé à frente de Himeros, que observava como eu me portava com um semblante assustado.

— Ana Luísa, com quem você está falando? — voltei os olhos para trás e divisei o rosto de Guto, que me olhava apavorado.

Engoli uma grande quantidade de saliva e cravei os olhos esbugalhados em seu rosto. Não consegui dizer-lhe uma única palavra.

— Com quem você tá falando, Ana? — Guto tornou a repetir a pergunta. A minha única atitude foi voltar o olhar para o sofá em busca de Himeros, contudo, para a minha surpresa, ele não estava mais ali.

Olhei novamente para Guto e procurei respostas para a sua pergunta, mas não havia nada palpável para oferecer-lhe como desculpa. Ele balançou a cabeça, como se negasse a si mesmo tentar entender o que estava acontecendo ali, e simplesmente me deu as costas.

A sua atitude fez com que um arrepio percorresse a minha espinha, mas de todo aquilo não foi ruim. Caso ele insistisse, o que eu lhe diria? Que estava conversando com um deus? Contudo, outra indagação me ocorreu, será que ele havia ouvido o que eu havia dito para o Himeros quando chegou? Voltei atrás, já que, se ele tivesse ouvido, provavelmente não ficaria calado, e sim me diria poucas e boas e faria um escândalo, como ele bem sabia fazer.

Deixei os pensamentos para trás e olhei o relógio de pulso que estava no meu braço. Já eram quase duas da manhã e eu precisava dormir, a semana, apesar do feriado do Natal, seria longa. Coloquei o diário debaixo do meu braço e segui em direção à escada que dava para o meu quarto.

— Carlos Augusto, você chamou a droga do guincho? — esbravejei contra ele, que estava sentado à mesa da sala de estar com um jornal em mãos.

Íris apareceu atrás de mim e tocou meu ombro.

— Bom dia, mãe! O que houve que a senhora já está nesse estado de estresse a este horário?

Voltei o olhar para a minha filha, mas recusei-me a responder-lhe. Aproximei-me de Guto e fiquei parada à sua frente esperando uma resposta sua. Ele ergueu a sobrancelha de forma irônica e me fitou durante instantes seguidos, como se intentasse me passar uma mensagem pelo olhar. Não dei importância ao seu semblante ou ao que ele queria dizer. Desde que eu havia acordado, havia pedido para que entrasse em contato com algum guincho para que buscasse meu carro e o deixasse em alguma oficina, mas o Carlos Augusto se recusava a fazer aquilo. A primeira frase que me disse foi:

— Não é problema meu, você é que saiu sem avisar, você que quebrou o carro.

Contraí a face de forma a espelhar toda a minha revolta em meu semblante, mas aquilo não o amedrontou.

Vendo que ele não faria o que eu lhe implorava para fazer, pedi a ele o contato de um rapaz que ele tinha e que era de confiança, contudo ele também se recusou a me dar. Aquela sua pirraça, a sua birra infantil, tudo por um reles ciúme, era típica dele. Ah, se ele soubesse de tudo o que eu já havia feito. Morreria de um infarto, com certeza. Eu já não estava mais nem aí para ele, ou o que ele sentia por mim, eu só precisava da droga do contato do rapaz do guincho.

— Você não vai fazer isso por mim? — inquiri uma última vez.

Ele continuou da mesma forma que estava, sem mover uma pálpebra.

— Tudo bem. Acho melhor eu ir, estou atrasada!

A semana pós-Natal já havia começado de uma forma completamente estúpida. Antes mesmo de chegar ao escritório e me meter em meio aos papéis de que tinha que dar conta, já me estressara e meus nervos estavam à flor da pele.

Mirei Guto uma última vez. Vendo que não faria mesmo nada, dei de ombros, virei as costas para ele e saí da sala de estar rumo à porta de saída da casa. Quando cheguei, percebi que estava sem a minha bolsa, onde eu guardava a minha vida. Fui até a poltrona onde a havia abandonado e peguei-

a. Guiei-me sobre passos largos até alcançar novamente a porta. Abri-a enfurecida e pus o primeiro pé para fora de casa, que por incrível que pareça foi o esquerdo.

— Ana Luísa! — voltei a cabeça para trás e vi o Carlos Augusto parado fitando-me com um olhar inquisidor.

Permaneci em silêncio e concluí meus movimentos para sair de dentro da casa.

— Ana Luísa? Como você vai chegar no escritório?

Quando ele terminou a frase, eu já tinha fechado a porta atrás de mim. Caminhei impaciente em direção à portaria. Abri a bolsa que carregava e retirei de dentro dela o celular. Liguei o visor e fui até a lista de contatos. Atenta enquanto caminhava, procurei o número de um táxi e, quando o achei, liguei. Informei à atendente onde precisava que o motorista me pegasse. Ela confirmou que ele chegaria em cerca de quinze minutos. Chegando à portaria, desliguei a ligação e coloquei novamente o aparelho dentro da bolsa.

Não tive a curiosidade de observar quem era o porteiro que estava ali naquele horário. Fiquei aguardando a chegada do táxi, que por sinal estava demorando. A cada meio minuto, eu verificava as horas no relógio em meu braço, como se aquilo fizesse com que o motorista aparecesse.

Impaciente, olhei para a guarita e percebi que quem estava ali era o Denis. Ele me olhou de forma envergonhada e confusa. Eu ofereci-lhe um sorriso, contudo ele não me retribuiu, baixou a cabeça como se não soubesse o que fazer diante da situação. Seu desconcerto me causou uma sensação de superioridade, e aquilo fez com que eu risse por dentro. Balancei a cabeça, espantando os pensamentos que me envolveram, e novamente olhei o relógio tentando verificar as horas.

— Que droga! — exclamei, em um sussurro.

— Eu vou te levar! — olhei para trás e vi o Carlos Augusto com as chaves do seu carro nas mãos.

Mirei seu rosto com desdém e não lhe disse uma única palavra.

— Vamos!

— Obrigada, mas eu já chamei um táxi e não tem como cancelar a

viagem.

Ao terminar a frase, senti as mãos do Guto alcançarem o meu braço e o apertarem de forma rude.

— Você está louco, Carlos Augusto? — falei-lhe, fitando os seus olhos com rancor, mas não consegui me desvencilhar da sua força.

— O que está acontecendo com você, An? Por que tem agido dessa forma ultimamente? Diga que droga está acontecendo com você!

Surpreendi-me com a forma como ele falou comigo. A força que ele auferia ao aperto em meu braço aumentava ao passo que falava.

— Me solte, Carlos Augusto, você está me machucando — tentei me desvencilhar dele novamente, mas os meus movimentos eram em vão.

— Você vai comigo, no meu carro, para a droga do seu escritório, e nós dois vamos conversar no caminho. Acho que existem coisas sobre as quais precisamos falar.

— Não, Carlos Augusto, eu não tenho nada para falar a você. Eu só preciso ir trabalhar.

— An, não diga que não está acontecendo nada, porque está. E eu preciso saber o que é. Você mudou, não parece mais a minha Ana Luísa!

Silenciei-me e engoli em seco as palavras que se formaram em minha garganta.

Muitas coisas estavam acontecendo, principalmente dentro de mim e a mudança que aos poucos as minhas atitudes faziam reverberar em meu interior. Contudo, aquele não era o melhor momento para falar sobre aquilo com o Guto, e eu nem sei se aquele momento chegaria. Ele havia me posto em uma encruzilhada e eu não estava preparada para fazer escolhas ainda. Eu sabia que não poderia viver da forma como estava vivendo para sempre. Sabia que chegaria o momento em que teria que tomar atitudes plausíveis e fazer escolhas. Agora, para mim, ainda não era a hora. Não naquela terça-feira, não naquele nosso nível de estresse.

— Guto, pelo amor de Deus, me solte, você está machucando meu braço! — aproximei meu rosto do dele, falando em um tom de voz baixo.

— An, acho melhor você vir comigo.

— Eu não vou, droga! Eu já chamei a merda do meu táxi! — gritei, de forma rude, e consegui soltar meu braço do seu aperto.

Ele estacou diante da minha revolta e me fitou surpreso.

— Algum problema por aqui? — meus olhos encontraram os de Denis, que chegou por trás do Carlos Augusto e colocou uma de suas mãos em seu ombro.

Ele voltou o olhar para o jovem com tamanho ódio, que naquele momento achei que ele socaria o seu rosto e uma briga começaria. No entanto, Carlos Augusto respirou fundo e respondeu-lhe calmamente, apesar da rudeza.

— Não, rapaz, não há problema algum — ao terminar a frase, ele voltou a me olhar e balançou a cabeça em um gesto de negação. — Você está fazendo tudo errado, Ana Luísa!

Ficamos os três em silêncio enquanto aquelas palavras ecoavam no espaço que se formou entre nós.

Meu marido deu as costas para mim e passou pelo Denis, dando passos rudes e bufando. O rapaz continuou no lugar onde estava, agora com os olhos fixos em mim. Baixei a minha cabeça, envergonhada com a cena que havia protagonizado.

— Você está bem? — Denis se aproximou de mim e tocou meu braço no local onde o outro homem havia apertado.

Levantei meus olhos e fixei-os nos seus.

— Estou, sim — uma lágrima insistiu em escapular de um dos meus olhos, contradizendo aquilo que a minha boca proferia.

— Ele fez alguma coisa a você?

Balancei a cabeça negando, mas em meu interior aquela atitude do meu marido havia tido proporções inimagináveis. Todo aquele tempo em que estivemos juntos em vida, eu havia sido não a sua esposa, mas o seu objeto. Eu fui uma Ana Luísa que não condizia com aquilo que eu realmente era por dentro. A vida reclamava em meu peito coisas que em meu casamento eu não podia vivenciar. E agora que eu estava ganhando asas, e não era mais a submissa de que o Guto precisava, ele viera reclamar o seu direito de homem

sobre mim. Porque para os homens somos sempre isso, bonecas infláveis que podem ser utilizadas ao seu bel-prazer, que quando não estão em casa fazendo os seus afazeres domésticos, estão na cama servindo de vaso para que eles depositem o seu tesão sem se importarem com aquilo que somos, com o nosso desejo, o nosso prazer.

O momento que eu estava vivendo era a confirmação de todos os estereótipos que a sociedade havia construído em cima das mulheres. Nós não podemos ter asas. Precisamos estar disponíveis para sermos pisadas, ou endeusadas, conforme a vontade daqueles aos quais entregamos a nossa coleira. Eu não queria mais aquilo, eu queria me desvencilhar daquela situação na qual estava metida. Entretanto, não tinha forças, a minha autossuficiência havia se perdido em alguma parte da minha trajetória e, para que eu pudesse vivenciar quem eu era sem me importar com absolutamente nada, eu precisava reencontrá-la.

— Tem certeza? — Denis se aproximou mais de mim e me ofereceu um tenro abraço. Encostei minha cabeça em seu peito e deixei que algumas lágrimas fulgissem como brasa dos meus olhos.

Ouvi o som de uma buzina, e tive que me retirar do meu estado de transe.

— É um táxi — disse Denis.

— Eu que pedi — falei-lhe, recompondo-me, limpando as lágrimas que havia deixado escapar dos olhos. — Obrigada! — agradei-o e depus em uma das suas bochechas um beijo maternal.

— Qualquer coisa, estou por aqui.

Sorri ao fim da sua frase, pois a sua disponibilidade me encantou. Ergui a minha mão e gesticulei-a, despedindo-me dele. Segui em direção ao táxi que me esperava do outro lado da portaria.

— Tchau! — ele disse, como em um sussurro, e sorriu.

Desci do táxi após ter pagado a corrida ao motorista e segui em direção ao escritório. Abri a minha bolsa e procurei nela as chaves da porta, pois seu Guilherme ainda não havia chegado. Assim que a encontrei, coloquei-a na fechadura e empurrei a estrutura de vidro para o lado de dentro. Atravessei

até chegar a uma pequena cabine, onde havia um interfone e mais uma porta. Com outra chave, abri-a e dei com a sala dos meus funcionários e suas mesas dispostas uma frente à outra. Andei por entre elas, até que cheguei a mais uma porta de vidro, onde ficava a minha sala. Abri-a e entrei.

Fui até a minha mesa, onde depusitei a minha bolsa. Fiz a volta pelo lado esquerdo e alcancei a cadeira acolchoada, sentei-me sobre ela e fitei o notebook à minha frente. Abri-o, e com o dedo indicador apertei o botão para que pudesse iniciá-lo.

Ouvi o ruído da campainha, que anunciava a chegada dos meus funcionários. Tirei o telefone que ficava ao lado do computador do gancho, para destravar a porta de entrada. Respirei fundo, intentando matar todas as emoções que se revolviam em meu interior, mas não adiantou. Eu estava anestesiada diante do que havia acontecido durante aquela manhã. Meu eu estava adormecido, e a única coisa que restava dentro de mim eram dúvidas, atitudes a serem tomadas e o medo de tudo aquilo que se revelava diante de mim.

— Bom dia! — ergui a minha cabeça, que estava voltada para o notebook, e dei com o rosto sorridente de Adriane.

Ofereci-lhe um riso amarelo e acenei com a cabeça para ela.

— Meu Deus! O que houve? Você parece destruída — aproximou-se de mim, verificando o meu semblante.

— Problemas em casa — dei-lhe uma explicação de poucas palavras e voltei os olhos para a tela do notebook.

— Problemas de marido e mulher? Sei como são, quero dizer, ainda não sei, mas imagino como sejam.

— É difícil, mas tudo se resolve — tentei manter Adriane afastada daquela zona da minha vida. Apesar da nossa amizade dentro e fora do escritório, não havia confiança o suficiente para que eu me abrisse com ela, ainda mais sobre os assuntos que rondavam a minha vida.

A moça sentou-se na cadeira que ficava à frente da minha mesa e me fitou com um olhar inquisidor.

— O que foi? — indaguei, intimidada.

— Não tem mais nada para me contar?

Fixei meus olhos nos seus buscando neles a resposta retórica para a sua própria pergunta.

— Acho que não.

— É claro que tem! — exclamou. — Como não?

— Do que você está falando, Adriane?

— Da carona que você pegou com o Dimitri, Ana. Do que mais estaria falando?

Gargalhei ao fim da sua frase. Coloquei o cotovelo sobre a mesa e apoiei minha testa em uma das mãos, fitando o seu rosto pelos fios de cabelo que se puseram diante dos meus olhos.

— Foi só uma carona.

— Sei... Mas você não tirou nenhuma lasquinha dele?

Os comentários de Adriane me faziam gargalhar.

— Não, Adriane. É claro que não. Esqueceu que sou casada?

A moça balançou a cabeça em negação e sorriu.

— É claro que não esqueci, mas um homem daqueles a gente não deixa passar assim.

A campainha soou outra vez por todo o escritório. Fui até o telefone com uma das mãos e liberei a porta novamente.

Não demorou muito e mais dois dos meus funcionários entraram no escritório. Ambos vieram à minha sala, desejaram bom dia e se dirigiram a suas respectivas mesas e seus afazeres.

— Adriane, está na hora de trabalhar. Acho melhor você ir para a sua mesa.

A moça bufou e se levantou, dando-me as costas e se dirigindo até a sua sala. Assim que passou pela porta, outra pessoa surgiu, e um clima pesado se abateu sobre o ambiente.

— Bom dia! — disse Jeremias, que segurava em uma das mãos uma xícara que exalava fumaça.

Fitei-o desconcertada, mas tentei manter a minha posição como sua chefe e retribuí-lhe a saudação.

— Bom dia, Jeremias! Como passou o Natal?

Ele ficou em silêncio por alguns segundos e com os olhos fitos nos meus. Aquilo me deixou desconcertada, entretanto lhe ofereci um sorriso e tirei meus olhos dos seus, fitando o notebook à minha frente.

— Foi tranquilo. E o seu? — finalmente ele me respondeu.

— Com a família, nada de mais — voltei a olhá-lo, mas logo ele saiu da porta da sala e se dirigiu para sua mesa.

Respirei fundo, afastando todo e qualquer pensamento que pudesse me abater, tentando encontrar forças dentro de mim para dar andamento àquele dia. Apesar de todas as energias que contradiziam ao que eu precisava sentir, concentrei-me nos arquivos em meu computador e comecei a trabalhar, determinada a adiantar uma boa parte do que eu precisava fazer. Dessa maneira, a manhã não demorou a passar, e logo o meio-dia deu as caras, além de a minha barriga estar reclamando algo para comer, já que não havia tomado café da manhã e já havia mais de doze horas que tinha comido alguma coisa.

Alguns dos meus funcionários almoçavam no escritório. Havia dias em que eu fazia o mesmo. Preparava o almoço para mim e minha família e levava a minha porção para o trabalho. Contudo, eu estava cansada daquela função extra de cozinheira e precisava comer algo saboroso, que não fosse feito por mim e que me tirasse daquela fossa na qual eu estava metida e que me tomou assim que tirei a minha concentração dos meus afazeres. Porque nada melhor do que comida para nos livrar de determinados sentimentos aos quais somos submetidos cotidianamente.

Levantei-me da cadeira, peguei a minha bolsa e dirigi-me até a saída do escritório. Como eu estava sem carro, decidi comer em um restaurante japonês que ficava a alguns metros de onde eu estava. Dei passos decididos em direção ao local e logo cheguei.

Entrei no estabelecimento, que tinha uma decoração característica e festiva, com muitos tons de vermelho, e sentei-me a uma das mesas. O lugar não estava movimentado, já que aquela semana antecedia o Réveillon, e

grande parte das pessoas ou estava de folga ou viajando. Um garçom se aproximou de mim e me ofereceu o cardápio, entretantes eu já sabia o que queria e pedi sem demoras um prato com sushi que vinha com duas peças de nigiri, gunkan, norimaki, sashimi, hiramaki e hot roll de salmão.

O garçom moveu a cabeça após anotar o meu pedido e se dirigiu à cozinha. Enquanto não chegava, fui até a bolsa e dela retirei o celular. Liguei o visor do aparelho e verifiquei as mensagens que havia recebido. Havia algumas do Guto, uma delas um extenso pedido de desculpas pela cena que havíamos protagonizado pela manhã. Lendo-a, me senti ainda mais para baixo do que havia sentido antes, mas não lhe respondi. Havia também mensagens de Íris e de alguns clientes, contudo a que me chamou atenção era a que vinha de um número desconhecido.

Vai precisar de uma carona para ir para casa hoje?

Li-a atentamente, mas não fazia ideia de quem seria aquele número. Verifiquei a foto, porém o ícone estava sem imagem.

Busquei na memória quem poderia ter me mandado aquela mensagem, e só então me toquei de quem provavelmente ela teria vindo. Ao me dar conta do que se passava em minha mente, tentei esboçar alguma resposta, mas um tremor acometeu minhas mãos e a forma correta de escrever palavras se dissipou.

Fiquei durante segundos seguidos olhando para a tela do celular, até que resolvi por qualquer coisa que pudesse desenvolver uma conversa.

Quem é?, fiz-me de desentendida.

Fiquei com os olhos fixos na tela esperando a resposta e, para minha surpresa, ela veio automaticamente.

Sou eu, o Dimitri. Salva meu número aí. Li a mensagem e sorri vitoriosa como se houvesse acabado de vencer uma guerra.

Olá, tudo bem? Enviei.

Estou bem, sim. Talvez, melhor agora. A sua resposta veio por cima do rastro.

Demorei a responder-lhe, pois uma espécie de ânsia se apoderou do meu peito e me fez saltitar de alegria por dentro.

E você? Inquiriu em outra mensagem.

Estou bem, ainda sem carro. Respondi-lhe.

Então precisa de uma carona para ir para casa hoje?

Não soube o que lhe responder diante da oferta. Tudo que havia acontecido comigo naquele dia convergia para que eu o rejeitasse, mas algo em mim me impingiu em um ato quase impensado a aceitar a sua carona.

Acho que sim.

Okay. Passo às 18h para te pegar.

Algo me intrigou em sua convicção em dizer que passaria para me pegar. Primeiro, como ele sabia que eu estava trabalhando naquele dia? E como ele sabia que eu sairia do escritório às 18h?

Você sabe onde fica o meu trabalho?

Aguardei por alguns segundos a sua resposta, mas ela não chegou. O visor do celular se apagou durante a espera e o garçom chegou trazendo o meu prato com o almoço que havia escolhido.

— Algo para beber?

Afirmiei-lhe que sim e disse-lhe o que queria. Assim que ele se afastou, liguei novamente o celular para verificar se havia recebido mensagem do Dimitri, contudo não havia sinal dele. Faminta, eu pus o celular dentro da bolsa e foquei nas guloseimas à minha frente.

À tarde, no escritório, as coisas seguiram seu curso normal. Uma vez ou outra eu notava que Jeremias passava à frente da minha sala e me oferecia o olhar, como um cachorro que precisa de carinho oferece à dona. Após a nossa última conversa, eu havia deixado bem claro que não deveríamos mais manter contato da forma como estávamos mantendo após termos nos envolvido. Porém, para ele parecia que as coisas não haviam ficado muito claras. Decidi que não me preocuparia com aquilo e deixaria as coisas seguirem o seu curso, afinal eu tinha problemas maiores em casa e precisava resolvê-los urgentemente.

Focada em meus processos, não vi o tempo passar, e só me dei conta dele quando recebi uma ligação do Carlos Augusto e me senti forçada a

atender.

— An — ouvi a sua voz trêmula antes mesmo de pensar em falar qualquer coisa. Ofereci-lhe o meu silêncio, pois naquele momento não havia nada que eu quisesse dizer-lhe. — Eu preciso que você me perdoe, eu me excedi hoje pela manhã.

— Carlos Augusto — interrompi-o —, esta não é a melhor hora para falarmos sobre isso. Estou atolada, há tanta coisa que preciso fazer...

— Eu sei, An — sua ansiedade não me deixou concluir a frase. — Eu precisava ouvir a sua voz, saber que está tudo bem. Eu agi mal, mas você sabe que eu amo você.

Havia muita coisa em minha garganta entalada que eu poderia dizer-lhe naquele momento. O fato de eu ter vivido grande parte da minha vida para ele e para aquela família falida, que não me rendia nenhuma alegria. Eu tinha a minha filha, amava-a, mas, fora isso, o que aquele casamento havia me proporcionado? Desgaste, uma perda de mim mesma que eu só estava percebendo agora. Se era aquilo que o Himeros queria que eu enxergasse entregando-me o diário secreto dos desejos, ele havia conseguido, eu tinha chegado ao ponto. Meu momento de epifania mais caro e talvez tardio, mas eu não me renderia. Da vida, eu já tinha o não, por que desistir de ir em busca do sim? Aquele jogo teria um fim, se não hoje, eu trabalharia para que tudo encontrasse um rumo e eu chegasse aonde eu queria chegar.

— Guto, eu já te falei. Agora não é o melhor momento, quando eu chegar em casa podemos conversar.

O homem ficou em silêncio durante alguns segundos, mas logo a sua voz embargada por uma espécie de choro alcançou a minha audição.

— Tudo bem. Quando você chega?

— No mesmo horário de sempre, Carlos Augusto — não esperei que ele me dissesse mais nada, desliguei a ligação e coloquei o telefone sobre a mesa.

Respirei fundo e joguei o corpo para trás, apoiando todo o meu peso no espaldar da cadeira. Eu estava no olho do furacão e precisava sair dele, mesmo que não saísse ilesa. Algo tinha que ser feito.

Demorei um pouco até me recompor e, quando tive o domínio de todos

os meus sentidos novamente, voltei a trabalhar arduamente. Dessa forma, não tardou para que, um a um, meus funcionários viessem até a porta para se despedirem de mim.

— Tchau, Ana — Adriane chegou à porta da minha sala, piscou para mim e, fazendo um biquinho, mandou-me um beijo.

Outros funcionários vieram, mas o último foi o Jeremias. Ele entrou na sala, causando-me desconforto, fitou-me no fundo dos olhos e, movendo lentamente a boca, disse-me:

— Há um homem lá fora esperando por você.

Lembrei-me de que eu tinha uma carona à minha espera, só não imaginei que quem me anunciaria, e de forma sarcástica, seria o Jeremias. Fiz-me de desentendida, sorri para ele e agradeci pela informação. Ele continuou parado na frente da minha sala. Quando eu me levantei da cadeira e comecei a arrumar as minhas coisas, ele deu as costas e saiu.

— Tchau! — despediu-se enquanto passava pela porta.

Não me importei com a forma como ele agiu, e nem estava com paciência de lidar com o seu mau humor de macho naquele momento. Eu queria mais era que todos os homens do mundo explodissem, virassem pó, menos um, porque dele eu ainda não tinha desfrutado. Sorri para mim por conta do meu pensamento desavergonhado. Com a bolsa em mãos, segui em direção à saída do escritório, fechando as portas por onde passava e trancando-as, até que cheguei ao lado de fora e dei com ele.

Não me importaria quantas vezes eu o visse, eu sempre o acharia lindo. Fui recebida pelo seu sorriso por entre a barba espessa. Seus cabelos ao vento o faziam parecer um deus. Seus olhos diminuía de tamanho ao passo que o seu sorriso se tornava mais veemente. Ofereci-lhe também um sorriso, porém desconcertada diante dele.

Estava sentado sobre a sua moto, na frente do escritório, vestia uma jaqueta de couro, como a que usava no chá de lingerie de Marcia, porém estava com uma camiseta vermelha por baixo, alguns anéis nos dedos. A calça que usava era jeans e surrada, com alguns rasgos aqui e ali.

Voltei o olhar para trás e percebi seu Guilherme, que esperava que tudo estivesse trancado para poder ir embora. Acenei com a cabeça para ele e me

despedi com um gesto feito com as mãos. O segurança retribuiu.

Dei passos lentos na direção do Dimitri e, assim que me aproximei, ele me ofereceu um capacete que estava em suas mãos.

— Olá! — sua voz chegou aos meus ouvidos como um sopro de vida. Tudo pelo que havia passado, toda a confusão na qual eu havia me metido se perdeu diante da sua beleza e do desejo que nasceu dentro de mim, por ele.

— Oi! — disse, em meio a um sorriso estonteante, que não pude evitar.

— Você está linda! — o seu comentário me fez perder o chão. Eu não estava preparada para ouvir galanteios naquele momento, mas, ao passo que me desconcertou, também me encheu de um orgulho de mim mesma.

Não soube como responder-lhe, apenas parei diante da sua figura e esperei que ele me dissesse mais alguma coisa.

— Vamos? — inquiriu, pegando o outro capacete que estava pendurado no guidão da moto, pondo-o logo em seguida em sua cabeça.

— Vamos! — com certa dificuldade, me coloquei na sua garupa, pois a calça que usava, apesar do material fino, era justa.

Fitei o retrovisor, no intuito de encontrar os seus olhos, no entanto o que vi foi o Jeremias observando atenciosamente o que se passava diante das suas vistas. Voltei a cabeça para trás e confrontei-o com meu olhar. Ele deu de ombros e seguiu o seu caminho.

— Podemos ir? — Dimitri me perguntou, fazendo com que eu voltasse a minha atenção para ele.

— Sim, é claro. Quando quiser.

— Um minuto — ele disse, e tomou uma das minhas mãos. Sem me dar conta do que faria, ele a colocou em sua barriga. — Me abrace, é mais seguro.

Fui surpreendida pela sua ordem, mas não desgostei daquilo que ele havia pedido que eu fizesse. Vagarosa, pus a outra mão em seu abdômen, sentindo a dimensão e a textura dos seus músculos por baixo da camisa. Fechei meus olhos, era-me real demais estar vivenciando aquilo, para não acreditar que fosse apenas um sonho.

Com um estrondo, ele ligou a moto, e em questão de segundos colocou-

a em movimento. Ao alcançar a pista, senti o choque do vento em meu rosto e a sensação libertadora que o fato de estar em sua garupa me proporcionava. Meu coração pulsava rápido, e eu me aproveitava das mãos em seu corpo para senti-lo mais perto, mais real, mais meu.

A cidade passava diante dos meus olhos, e, pela velocidade em que estava, não demoraria muito tempo chegaríamos à minha casa. Não era o que eu queria. Tudo o que eu queria era ficar mais tempo com ele, descobri-lo, senti-lo, tê-lo. Em casa, eu chegaria e seria a Ana Luísa submissa, que não sabe o que quer, que vive os mandos e desmandos do marido totalmente dependente, que mais parece um filho do que o meu homem. Eu queria liberdade. Uma liberdade muito maior do que aquele momento, sentada à garupa daquela moto. Eu queria aquele homem. Eu queria a vida.

— Podemos não ir para minha casa ainda? — inquiri-o, mesmo sabendo que ele poderia não ouvir por conta da velocidade na qual dirigia.

Ele fez um gesto rápido com a cabeça como se buscasse a minha face, mas, não conseguindo encontrá-la, diminuiu a velocidade da moto, até que aos poucos foi parando, e estacionamos em frente a uma loja de conveniências.

— Você não quer ir para casa? — indagou-me, olhando para frente.

— Não, eu não quero! — respondi-lhe, convicta.

— E para onde quer ir? — ele fitou o retrovisor e, por meio dele, encontrou os meus olhos.

Silenciei-me, pois a verdade é que eu não sabia realmente para onde queria ir.

— Eu não sei — disse-lhe.

Ele sorriu.

Colocou a moto em movimento e deu meia-volta. Aos poucos o automóvel foi ganhando a velocidade com que ele costumava rodar e seguimos por um caminho que de alguma forma me era familiar.

— Para onde você está me levando? — quis saber. Dimitri continuou em silêncio.

Chegamos a uma rua, que eu certamente conhecia, e tive mais certeza

quando percebi o galpão que ficava no fim dela. Fomos nos aproximando do estabelecimento, a velocidade da moto foi diminuindo, até que chegamos totalmente à frente dele.

Nunca havia chegado tão próximo daquele lugar, e só ali, em frente ao que era, percebi que ao lado do portão maior havia outro menor de alumínio, completamente fechado, que dava para uma espécie de sobrado.

— O que vamos fazer aqui? — perguntei-lhe, assim que parou a moto.

— Eu moro aqui.

Respirei fundo ao fim da sua revelação, mas tive medo ao constatar o que poderia acontecer a partir dali.

— Você pode pegar a chave do portão no bolso da minha jaqueta e abri-lo para mim?

Desconcertada diante do momento que protagonizava, demorei em dar-me conta de fazer o favor que ele havia me pedido.

— Não precisa ter medo, eu não sou um psicopata.

Sorri com a sua afirmação, porém aquilo não me passava segurança alguma. E, na verdade, eu não sabia se o medo que eu tinha era dele ou de mim mesma.

— Eu não estou com medo — peguei a chave no bolso da sua jaqueta e desci em direção ao portão.

Abri-o e empurrei para dentro para que ele pudesse passar com a moto. Assim que entrou, fechei novamente o portão e tranquei-o.

Dimitri parou a poucos metros de mim, à frente do prédio, que era composto por uma pequena área, onde havia uma mesa de plástico cercada de algumas cadeiras.

— Dá aqui seu capacete — ele disse, se aproximando de mim e retirando vagaroso o capacete da minha cabeça. Ajeitei o cabelo, que estava bagunçado. Quando me dei conta, ele estava parado à minha frente, sorrindo, como se debochasse de mim.

— O quê? — quis saber, enfurecida.

— Você está morrendo de medo de estar aqui.

Não lhe respondi, segui em direção à mesa e deixei a minha bolsa sobre ela.

Novamente ele sorriu, o que me deixou enfurecida e fez com que eu o fitasse em reprovação.

— O que foi?

— Você está com medo.

— Não, não estou!

— Não se preocupe, Ana Luísa, eu não farei nada com você aqui.

— Nada que eu não queira — respondi-lhe, afrontando as suas palavras.

Novo sorriso se desenhou em seus lábios e ele foi até a porta. Fez um gesto com as mãos, tentando abri-la, mas se deu conta de que estava trancada.

— As chaves estão com você — olhou para mim e ergueu uma das mãos.

Entreguei a ele o que ele me exigia. Abriu a porta e entrou, de fora eu não conseguia enxergar nada que havia ali dentro, até que subitamente fez-se luz e pude identificar alguns móveis.

— Vamos entrando, vamos entrando! A casa é simples, mas é arrumadinha.

Balancei a cabeça, deixando um sorriso escapar dos meus lábios. Aos poucos fui entrando na sua casa e verificando com os olhos cada canto dela. Não era grande, como já era de se esperar pela dimensão que era tida de fora, porém, como ele mesmo dissera, era arrumada. Havia uma sala ornada por uma poltrona, virada para um raque que sustentava na parte de cima uma televisão e na de baixo um som com duas caixas de bocas enormes. Entre o raque e o sofá, havia um centro com um cinzeiro e dois controles remotos sobre ele. A sala era dividida por uma parede erguida até um metro do chão, onde havia algumas plantas como cactos, pimentas e flores que estavam ressecadas, além de alguns porta-retratos que no momento não tive a curiosidade de observar. Do outro lado da parede, havia um armário, geladeira e fogão, que cabiam em um espaço pequeno, mas que eram

simetricamente organizados.

— O que acha? — Dimitri fitou-me intensamente, parado à minha frente, ao perceber que eu verificava o interior da sua casa.

— Ah, me desculpe, eu não queria...

— Mas eu não disse nada. Só perguntei o que acha — sorriu.

— Bem, você parece ser bem organizado e ter muito zelo pelas suas coisas.

— Ali, seguindo por aquela escada, lá em cima, há uma sala de estar e um quarto com suíte.

Arqueei a sobrancelha, mas não deixei transparecer o que achava sobre as suas atitudes, apenas dei meia-volta e, com o olhar curioso, passeei novamente pela sua casa.

— Então, eu falo que não quero ir para minha casa e você me traz para a sua?

Ele se sentou na poltrona e gargalhou.

— Você tinha ideia melhor? Perguntei para onde queria ir e... — ele deu de ombros ao final da frase e me fitou irônico.

Sorri e me sentei ao seu lado, mas sem muita proximidade do seu corpo.

— Está fugindo de casa?

— Não é bem de casa que estou fugindo — sorri e fitei os seus olhos, buscando cumplicidade.

— De que está fugindo?

— Acho que da vida que levo — coloquei uma das mãos sobre a testa e respirei fundo.

— Se não gosta da vida que leva, por que não muda tudo? Constrói uma vida nova para você.

— Não é tão simples assim — lamentei.

— Como, não é tão simples? Primeiro a gente muda o que há dentro da gente, depois a gente espelha isso para fora e vai reorganizando as coisas.

— O problema é que já mudei tanto o que há dentro de mim, que não consigo encontrar quem eu sou, já que não gosto do que me tornei agora.

— A vida nos torna quem a gente deseja ser. Apesar de sermos moldados por forças externas, sempre temos o poder da escolha.

— O que eu escolhi acabou comigo.

— Então pule fora desse barco e nade até uma nova praia antes que ele afunde.

— Eu não sei se posso. Para você parece simples, mas para mim não é.

Dimitri se calou diante das minhas palavras e permaneceu em silêncio por minutos seguidos.

— Quer beber algo? Cerveja? Café? Chá?

— Acho que não. Acho que eu deveria mesmo ir para casa e resolver as coisas.

— Ainda está cedo. Mal chegou e já quer ir embora — fixei meu olhar no seu e sorri balançando a cabeça, como se incrédula pelo que ele havia acabado de falar. — Não é verdade? Ou você não quer conhecer mais a fundo o cara que você perseguiu todos os dias e que quase matou atropelado?

Estaquei diante das suas palavras e fui tomada por uma seriedade que o desconcertou.

— Não precisa fazer essa cara, já falamos sobre isso.

Balancei a cabeça e lhe ofereci um sorriso lânguido.

— Eu já persegui você também, ou acha que acertei chegar ao seu trabalho hoje por sorte?

— Safado! — exclamei, e fitei-o desacreditada.

— O quê? Fiz isso depois de perceber que você vinha aqui quase todos os dias. Eu tive medo, ou você acha que é normal ser seguido por aí?

As suas frases me silenciavam, não sei se pelo cansaço que sentia ou pelos argumentos que eu não tinha para refutar aquilo que me dizia.

— É verdade — concordei com a sua frase.

— Então, o que mais quer saber sobre mim? A minha casa e um pouco

do meu trabalho, você já conhece.

— O que você sabe sobre mim?

— Vou saber aquilo que você me disser. Por enquanto me contento com aquilo que você é. Já eu, eu sou um livro aberto para você.

— Eu sou casada e tenho uma filha.

— Isso não me interessa. Essa não é a vida que você quer.

— O que você sabe sobre mim para saber o que eu quero e o que eu não quero?

— Eu sei aquilo que seus olhos dizem e o que a sua boca me pede.

Ao terminar a frase, em um movimento súbito, Dimitri se aproximou de mim e alcançou meus lábios com os seus, dando-me um beijo desesperado, buscando com audácia a língua dentro da minha boca e usando uma das suas mãos para acariciar um lado da minha face. Senti a sua invasão me acometer de forma brusca. Certo desconforto se instalou em mim, mas aos poucos fui cedendo ao seu hálito forte, à sua barba roçando em minha pele, à sua língua ávida que me descobria intensa e calorosa. Fui me deixando levar, me envolvendo por seu toque, por seu cheiro, pela textura de seu beijo. Usei uma das minhas mãos para ir até os seus cabelos e agarrei uma mecha, exigindo que ele aproximasse mais o corpo do meu. Eu queria sentir a sua carne tão próxima, para que seu cheiro nunca mais abandonasse a minha pele. Ele obedeceu ao meu comando, e eu coloquei uma das minhas pernas sobre a sua, rija, sentindo a dimensão do seu corpo, quem ele era, o que ele era.

A realidade me abraçou como um sonho, e eu me entreguei ao seu beijo, desacreditando que aquilo estava realmente acontecendo. Mas estava. Eu sentia o seu sabor, a sua língua, a sua saliva, o seu cheiro forte, a sua barba. Eu o sentia, e tudo que estava ao nosso redor e todos os pontos para os quais a minha vida convergia não me importavam. Eu estava plena em seus braços, sendo dele, sem medo e sem demora.

Dimitri me ergueu em um átimo, colocando-me sobre o seu colo. Aconcheguei-me entre as suas pernas, sentindo a sua estrutura rija em minhas nádegas. Os seus beijos se intensificaram ao passo que suas mãos alcançaram meus seios e ele passou a apertá-los. Eu tentava me conter entre os seus braços, mas os meus gemidos escapavam entre os beijos. Eu acariciava os

seus cabelos e me movia sobre o seu colo, proporcionando mais prazer a ele. Seu membro pulsava por baixo das calças e eu o sentia tão duro, que parecia que a qualquer momento ele faria um buraco em sua roupa.

Por tanto tempo eu almejei estar vivenciando aquilo. Sonhei alto demais, e os meus sonhos se tornaram realidade. Agora eu estava ali, sendo dele, entregue aos meus desejos e ao que eles ansiavam que fizesse daquele momento.

Entre beijos e amassos, Dimitri, com perspicácia, passou a desabotoar a minha blusa, e não demorou muito para que meu sutiã preto estivesse à mostra. Ele abandonou a minha boca e avidamente alcançou as minhas estruturas, mordiscando-as por cima do tecido, apertando-as, lambendo-as e me fazendo enlouquecer. Eu sentia que, quanto mais ele tocava-me, mais eu ficava molhada entre as minhas pernas.

— Ana Luísa, eu vou devorar você. Eu vou comer você.

Meu corpo todo estremeceu ao ouvir as suas palavras. Ele fixou seus olhos nos meus. Sua face era outra, não era a que eu havia conhecido, mas seu semblante estava tomado por uma cólera que tanto me amedrontava quanto me excitava.

Ele usou uma das mãos e violentamente foi até os meus cabelos, trouxe a minha face próximo da sua e me beijou ainda mais sedento do que antes. Eu rebolei em seu colo e ele gemeu forte enquanto me beijava. Com a mão livre, foi até as minhas costas e desabotoou meu sutiã. Soltoou-se dos meus beijos e em um átimo arrancou o tecido que cobria a minha nudez. Usou as duas mãos e apertou-os, juntou-os, admirando-os, e então foi até eles com a boca e sugou veementemente cada um. Mordiscou, lambeu, chupou, esfregou em sua face.

— Eu quero você, Ana Luísa! — disse, enquanto mantinha os meus mamilos próximos da sua boca. Assim que terminou a frase, mordeu cada um deles. Eu gemi e abri as minhas pernas, pois uma descarga de volúpia se desenhava do ponto em que ele havia tocado até a abertura entre minhas coxas.

Uma das suas mãos chegou-me até o meio das pernas e ele acariciou-me por cima da calça. Eu revirei meus olhos, sentindo o contato do seu corpo

com o meu.

— Ana, eu vou te foder tão forte, tão forte...

Nova mordida foi auferida aos meus dois mamilos.

Usando de força, ele me fez ficar de pé, erguendo-se junto comigo. Face a face, ele me beijou os lábios, enquanto usou as mãos para desabotoar a minha calça. Ao desfazer o zíper, ele a puxou com rapidez, deixando-a próximo ao meu calcanhar, e acorrou junto com o movimento que fez. Sua face ficou frente à minha calcinha e, como uma hiena sedenta, ele foi até a minha intimidade e beijou-a. Beijou toda a sua estrutura, foi até o ventre e depois voltou com a língua, lambendo-me por cima do tecido. Eu levantei os olhos para o teto e gemi loucamente.

Vagarosamente, ele puxou a calcinha para o lado, aproximou os lábios da minha parte que ficou exposta, mas não fez nada. Se demorou ali, como se verificasse o que eu tinha entre as pernas, assoprou e, em um movimento súbito, passou a sua língua. Permaneceu por minutos seguidos, lambendo-me e proporcionando-me prazer. Eu deposei uma das mãos em seus cabelos e agarrei uma mecha.

— Tá gostoso, tá? — inquiriu-me, e deu nova lambida em minha intimidade.

— Tá... — eu respondi, com a voz trêmula.

— Vai ficar melhor ainda — ele falou, e ergueu uma das mãos com os dois dedos hasteados e o restante fechados em redor do punho. — Chupa meus dedos, vai.

Atendi ao seu comando e alcancei-os com a boca. Chupei por alguns segundos, sentindo o gosto dele. Ele retirou os dedos da minha boca, lambeu novamente a minha intimidade e, em um movimento rápido, penetrou-me com os dois dedos untados com a minha saliva.

— Dimi... — disse, entre um gemido.

— Sim, seu Dimi, Ana Luísa — ele brincou, com os dedos em mim.

Rapidamente, puxou a minha calcinha até o calcanhar, onde ainda estava a minha calça.

— Me ajude a tirar.

Ergui um pouco a perna direita para que ele pudesse tirar a calça, mas o salto que eu usava atrapalhou. Tentei me acocorar para tirar o sapato, mas fui impedida por sua mão.

— Não, eu quero você de salto.

Eu sorri com o seu comentário e voltei a ficar de pé, erguendo novamente a perna direita.

— Isso! ... — ele disse, quando conseguiu retirar a calça, deixando o sapato no lugar. Subitamente, aproximou a boca de mim e sugou meu clitóris. — Agora, vem cá.

Ele se levantou e, em um movimento brusco, me ergueu.

— Se encaixe em mim.

Eu cruzei as minhas pernas em sua cintura. Ele me beijou e deu meia-volta, dando passos em direção à escada.

Vagaroso e com cuidado, ele subiu cada um dos degraus. Uma vez ou outra parava para me beijar, até que chegamos a um cômodo onde não havia muita coisa, além de uma mesa, com o tampo grosso de madeira, rodeada por quatro cadeiras.

Dimitri me depositou sobre o móvel e usou uma das mãos para me fazer recostar na madeira. Eu o obedeci e me deitei. Ele abriu bem as minhas pernas e começou novamente a me embeber com a sua língua.

Eu estava louca, ensandecida, prestes a ter um orgasmo, porém quando achei que chegaria ao ápice ele parou. Ergueu o corpo, como um leão. Tirou a jaqueta, a camisa vermelha que usava por baixo, lançou-as longe, deixando o seu corpo musculoso à mostra. Percebi que próximo à virilha havia a tatuagem de um leão. Fixei os meus olhos naquele ponto, demorando-me analisando a figura. Ele desabotoou a calça jeans e puxou-a até os joelhos junto com a cueca. Seu membro saltou hirto, e eu pude ter a noção da sua dimensão. Tinha pelos ao redor, como uma auréola, mas eram bem aparados.

Não tive tempo de prestar atenção no seu dote, pois ele se aproximou de mim, cuspiu sobre a cabeça do pau, ergueu a minha perna esquerda, pondo-a no seu ombro, e, em um átimo, se enfiou dentro de mim, sem dó nem piedade.

— Que delícia — disse, paralisado com o seu membro pulsando dentro da minha intimidade.

Eu gemi, ele também gemeu e vagorosamente passou a se mover. Ele ergueu a sua cabeça e, de olhos fechados, metia em mim e gemia como um urso. Eu tentava tocar o seu corpo, enquanto ele, em solavancos, me proporcionava momentos voluptuosos de prazer e luxúria.

Seus movimentos se intensificaram e ele curvou o seu corpo sobre mim, tocando o seu abdômen no meu ventre e encontrando com a sua boca a minha. E, assim, ele estacou cada vez mais forte, fazendo a mesa balançar. Houve certo momento em que achei que ela não aguentaria, mas aguentou, e ele se pôs em mim cada vez mais forte, até que eu, em um grito como o uglir [\[HB1\]](#) de uma ave de rapina que corta o céu, anunciei o orgasmo que me alcançou e fez todo o meu corpo tremer. Ele continuou, continuou, continuou, e, quando um gemido tão forte quanto o meu fulgiu da sua garganta, ele saiu de dentro de mim, erguendo o seu corpo e me banhando com seu elixir, que saiu em jatos, chegando a alcançar meus seios.

Seus olhos encontraram os meus, ele sorriu ofegante e ficou ali, parado olhando para mim enquanto eu recuperava meu fôlego.

Ele se aproximou do meu corpo, curvou-se sobre mim e me beijou, acariciando delicadamente os meus cabelos.

— Eu sou seu, Ana Luísa!

Rejubilei-me ao ouvir a sua frase. As palavras ecoaram dentro de mim e eu sorri. Acariciei os cabelos e beijei-o com intensidade, confirmando aquilo que ele dizia, mas sem retribuir com as mesmas palavras. No entanto, dentro de mim eu sabia que também era sua.

Olhei para o teto buscando confirmar o que havia acabado de acontecer. Deitada na mesa, eu sentia o peso de Dimitri sobre mim. Ele respirava fundo como se o que acabou de ter feito houvesse exigido muito dele. Vagarosamente, a sua respiração foi se amainando. Ele ergueu a sua figura e ficou de pé à minha frente. Observei-o mirando cada parte do seu corpo, fixando os olhos na tatuagem que havia próximo à sua virilha, um leão com uma juba exuberante e um olhar intimidador. Assim como ele, um

animal viril. Além dessa, que foi a que mais reteve a minha atenção, havia imagens e símbolos que se espalhavam pelo seu braço, e outra como uma asa, que se estendia por toda a dimensão do seu tórax. Naquele momento, pude investigar cada uma delas, atentando-me a elas e buscando na memória seus possíveis significados.

Respirei extasiada, pois meu corpo ainda recebia ondas como choques reverberando por toda a sua extensão. O homem continuou parado à minha frente, mas mexia as pernas em um movimento nervoso para cima e para baixo. Ergui meu corpo e percebi que o que tentava fazer era tirar o sapato. Ao conseguir se desfazer dos dois pares, tirou também a calça.

Agora eu podia reparar em seu membro e admirá-lo com os olhos, mas não me importavam dimensões, e sim o prazer que ele havia acabado de me proporcionar.

— Banho? — Dimitri ergueu um dos braços para mim. Eu garrei a sua mão com a minha e ele me puxou, me pondo de pé em contato com o seu corpo suado.

— Acho que sim — assenti.

Seus olhos passearam por minha face. Ele se aproximou ainda mais de mim e depositou um cáldo beijo nos meus lábios.

— Então vamos! — soltou-me do abraço no qual havia me envolvido e deu as costas para mim, indo em direção a uma porta que ficava ao lado esquerdo da mesa.

Continuei parada onde estava, intimidada diante da minha nudez, principalmente por ainda estar com os saltos que ele exigiu que eu não tirasse.

Quando chegou à porta, Dimitri se voltou para mim ao perceber que eu não o seguia.

— O que está esperando?

Fitei-o envergonhada. Em seguida, direcionei os meus olhos aos meus pés e sorri.

Acocorei-me constrangida e arguta e desfiz-me dos dois sapatos. Fui até a sua direção e entramos no cômodo que se revelou assim que ele abriu a

porta. Era o seu quarto. Havia uma enorme cama de casal no centro forrada com lençóis brancos, à sua frente um guarda-roupa e ao lado direito uma porta de vidro que dava para o banheiro.

Segui seus passos, que nos guiaram diretamente ao banheiro. Ele abriu a porta e fez um gesto com a cabeça para que eu entrasse no local. Assim que entrei, ele fez o mesmo. Passou por mim e foi até o chuveiro, que ficava atrás de um boxe completamente de vidro. Ele girou a torneira até que a água começou a jorrar da estrutura quase próximo ao teto.

— Quente ou fria? — olhou-me com um semblante sério.

— Quente.

Ele girou outra torneira que ficava ao lado da que tinha feito o mesmo gesto anteriormente. Vapor começou a sair do chuveiro. Ele veio até mim com uma das mãos e pegou na minha que mantinha junto à virilha. Puxou-me vagaroso e fez com que meu corpo se colasse ao dele. Juntos, entramos debaixo das gotas de água aquecida. Senti a sua pele roçando a minha e a água lavando o nosso suor, que havíamos misturado enquanto nos descobríamos.

Mesmo debaixo da água, ele beijava meu pescoço, alisava minhas costas e uma vez ou outra apertava as minhas nádegas. Aquele contato, a forma como ele tocava-me, o atrito dos nossos corpos, fez com que eu me excitasse novamente. Não demorou muito para eu perceber que o mesmo havia acontecido com ele, pois senti a sua estrutura roçar próximo à minha virilha.

Ele me beijou, levando nossas línguas a uma espécie de luta, enquanto com uma das mãos alcançou a minha intimidade e passou a estimular o meu ponto de maior desejo. Eu gemi entre seus beijos, ensandecida, desejando intimamente que aquele momento nunca acabasse.

Senti a rigidez do seu membro como uma espada pronta para ferir-me, roçando em mim, e fui até ele com uma das mãos. Lenta, passei a masturbá-lo, sentindo as suas veias pulsando, o sangue correndo entre elas. Gemidos seus alcançaram os meus ouvidos e ecoaram pelo cômodo. Ele encostou a boca no meu ouvido e passou a respirar fundo enquanto eu o estimulava.

— Me chupa — pediu, entre um gemido.

Eu sorri, mas não o obedeci.

— Eu quero sentir a sua boca. Me chupa, por favor!

Agarrei seus cabelos e trouxe a sua boca para a minha, e, depois de ofertar-lhe um caloroso beijo, acocorei-me subitamente, pondo a face frente ao seu monstro. Ele desligou o chuveiro. Eu coloquei a minha língua para fora, aproximando-me da sua estrutura ereta, até que toquei em sua cabeça, sentindo o sabor da babugem que lhe era farta. Lambi-o demoradamente, concentrada naquele ponto específico de cor rosada e em formato de morango. A vontade que tinha era de abocanhá-lo, então usei os meus dentes para roçar devagar e com cuidado no local. Ele gemeu ensandecido. Fui até a glândula e suguei-a, mordisquei-a de leve e, em um rompante, engoli todo o seu membro, prendendo a minha respiração e deixando que ele alcançasse a minha garganta.

O gemido de Dimitri foi tão intenso, que eu o retirei de dentro de mim para fitar seu rosto. Sua face era como a de um prisioneiro desesperado pela finalização de um castigo. Seus cabelos e sua barba davam-lhe um ar adorável e selvagem.

— Se você fizer isso de novo, eu vou gozar. Você é muito gostosa, Ana Luísa. Muito gostosa.

Não esperei que ele terminasse a frase e repeti o ato que ele pediu para que não fizesse. Tive novamente o seu sexo em minha garganta e ouvi os seus gemidos se intensificarem.

Vagarosa, retirei-o aos poucos de dentro de mim e fitei o seu rosto.

— Deixa eu gozar em você, deixa eu gozar em sua cara. Eu não aguento mais — sorri-lhe e balancei a cabeça, permissiva.

Ele foi com uma das mãos ao membro e passou a friccioná-lo rapidamente. Eu continuei na posição em que estava, mas usei a minha língua para lambar os seus testículos. Seus movimentos eram rápidos e ágeis e seus gemidos eram altos, apesar de guturais. Houve um momento em que algo como um grito escapou da sua boca, e eu senti o líquido quente chegar à minha face e escorrer para os meus lábios em um jato tão forte, que nem parecia que havíamos acabado de fazer sexo minutos antes.

— Ana... — ele disse, mas sua frase foi interrompida por um suspiro.

Eu me levantei e liguei o chuveiro novamente, deixando que a água quente caísse sobre mim, levando os vestígios dele que haviam alcançado o meu rosto.

— Ana, você é muito gostosa — ele se aproximou de mim e me beijou.

— Muita areia para o seu caminhãozinho?

Sorrimos.

Nos demoramos debaixo do chuveiro entre carícias, elogios e uma nova vontade de nos sentirmos um no outro de forma íntima. Contudo, a minha razão reclamava a minha responsabilidade, e eu sabia que não podia me demorar mais, até porque provavelmente eu teria que ter uma séria conversa com o Carlos Augusto aquela noite.

Sáimos do banheiro. Eu me enxuguei na mesma toalha que Dimitri. Ele foi até o guarda-roupa e pegou uma cueca boxer azul, que vestiu instantaneamente. Lembrei-me de que minhas roupas estavam no andar de baixo. Saí do quarto em silêncio, deixei-o terminando de se vestir e fui em direção à escada. Desci os degraus, até que cheguei ao cômodo onde estavam as minhas roupas e minha bolsa. Antes de me vestir, abri a bolsa e peguei o celular. Assim que o tive em mãos, o seu visor acendeu anunciando que eu recebia uma ligação. Para o meu desespero, ela carregava o nome do Guto. Sem saber como reagir e o que fazer, eu o atendi.

— An, onde você está? — sua voz era tenra e preocupada.

Nervosa, demorei a responder-lhe.

— Ainda estou no escritório — menti.

Guto ficou em silêncio, mas eu sentia que do outro lado a sua respiração vacilava, ele estava ofegante.

— An, você está mentindo para mim? — ao ouvir a sua pergunta, um arrepio percorreu toda a extensão da minha espinha e um suor frio escorreu da minha testa.

— Eu? Mentindo para você, Guto? Por que eu mentiria? — fiz-me de vítima.

— Ana Luísa... — ele deu uma pausa e respirou fundo.

Eu continuei em silêncio esperando o que ele tinha a falar.

— Ana Luísa, você está mentindo para mim.

— Não! Eu não estou!

— Ana Luísa, eu estou parado à frente da droga do seu escritório e está tudo apagado, inclusive não há mais uma alma viva nesta rua. Ana Luísa... — ele ficou em silêncio por alguns instantes, depois tornou a falar. — Eu vou perguntar mais uma vez. Onde você está?

O tremor que se apoderou de mim fez com que meu corpo perdesse o equilíbrio. Fui acometida por uma tontura repentina e me senti obrigada a sentar no sofá, ainda nua. Com o celular no ouvido, segurando-o com dificuldade, não sabia o que dizer. Voltei o olhar para a escada ao ouvir passos e vi Dimitri, que descia os degraus.

Pus o dedo indicador sobre meus lábios, pedindo-lhe silêncio. Ele balançou a cabeça em um gesto positivo, mas continuou vindo em minha direção. Ao chegar, sentou-se ao meu lado no sofá e passou a fazer carícias em minha perna desnuda.

— Responda, Ana Luísa! — Guto gritou impaciente na linha. — Onde você está, droga?

Fixei o meu olhar em Dimitri. Em hipótese alguma eu poderia dizer-lhe onde estava. Aflita, esbocei em minha mente uma desculpa e expus para ele.

— Eu estava com raiva de você, Guto. E estou, pelo que você fez hoje pela manhã. Eu não queria mais te ver hoje, não queria olhar na sua cara.

— Onde você está? — esbravejou.

— Estou com a Adriane. Saí para beber um pouco, conversar, desabafar.

Ele ficou em silêncio. À minha frente, Dimitri investigava a minha face com o seu semblante, porém não deixava de acariciar-me.

— Eu vou te buscar agora!

— Não! — gritei automaticamente.

— Por que não? Você está sem carro. Eu vou te buscar, Ana Luísa!

— Eu já estou indo, Guto — assim que terminei a frase, retirei o celular do ouvido e desliguei a ligação.

Não demorou muito para que meu marido me ligasse novamente, mas eu não o atendi.

— Dimitri, eu preciso ir agora. Você tem que me levar, eu preciso chegar em casa antes do... — não completei a frase.

— Antes do seu marido — ele disse, e fitou meus olhos com seriedade.

Fiquei presa no seu olhar, desconcertada diante das suas palavras e por tudo o que nos fez constatar diante da sua grandeza cheia de significados. Ele aproximou o rosto do meu e depositou um beijo em minha bochecha.

— Vista-se, eu vou te levar.

Levantei-me do sofá e catei as peças de roupas espalhadas pelo chão. Vesti-me rapidamente. Dimitri levantou-se do sofá e foi até a escada. Voltou após alguns minutos, e trazia em mãos o meu salto.

— Meu Deus, isso não era para acontecer assim! — eu disse para ele quando me entregou os sapatos.

— Assim como?

— Assim. Olha que confusão!

Ele sorriu e se aproximou de mim. Ergueu uma das mãos e tocou meu braço. Segurou-me, impingindo meu corpo a se levantar do sofá para se colar ao seu.

— As coisas são como têm que ser — disse, com os olhos fitos nos meus.

— Mas não era para ser assim.

— Se não fosse para ser assim, não haveria acontecido. Acalme-se, tudo vai dar certo. Agora, vamos!

Ele me soltou e voltou o corpo em direção à saída da casa. Eu fiquei alguns instantes paralisada, diante da sua maturidade em aceitar os fatos. Mas, na verdade, em que eu estava pensando? Havíamos acabado de nos conhecer de forma íntima, não estávamos metidos em um relacionamento extraconjugal sério, ou coisa parecida. Erámos dois adultos com corpos que se atraíram e demos vazão ao nosso desejo. Ele devia ser, e iria ser, só mais um, como o Jeremias e o Denis.

Afastei os pensamentos que me envolviam a mente e o segui. Eu tinha problemas maiores a serem resolvidos no momento, e precisava encará-los de frente.

No caminho, não ouvi a voz de Dimitri. Ele guiou a moto em silêncio, e eu também me mantive, mesmo inquieta por dentro, paralisada e silenciada por fora. Meus braços em volta do seu abdômen não me eram mais uma novidade, mas a sensação que eu sentia era igualmente desafiadora e nova como quando tive contato com ele pela primeira vez. Algo ali não estava certo, apesar de tudo o que envolvia o fato de eu estar com ele. Eu tinha certeza de que estava apaixonada por aquele homem, o que de fato não era uma coisa nova, dada a minha obsessão pela sua figura e todos os momentos que vivenciei antes de o nosso encontro carnal acontecer realmente. A minha perseguição, o dia em que o atropeliei, os nossos encontros esporádicos em lugares que não faziam o menor sentido e os meus sonhos lúbricos, onde ele os protagonizava comigo.

Paramos em um sinal e eu fitei o seu olhar pelo retrovisor da moto. Ele sorriu para mim, mas manteve-se calado.

— O que houve? — indaguei, mesmo sabendo que não tinha o direito de fazer aquilo, dado o ponto aonde eu queria chegar.

Ele virou um pouco a cabeça para trás.

— O que houve o quê?

Respirei fundo.

— O seu silêncio.

Ele sorriu e voltou a olhar para o retrovisor, alcançando os meus olhos com os seus.

— O meu silêncio é apenas uma tentativa de te deixar à vontade diante do que está acontecendo.

— Como? — meu entendimento não decifrou o que ele quis me dizer.

— Quero dizer que, diante dessa situação, do que tem nos acontecido há muito tempo, mesmo que não tivéssemos o conhecimento de quem nós dois éramos, eu prefiro me silenciar e deixar você se achar. Não posso te

dizer nada em relação à sua vida pessoal, ou como isso afeta o que acabou de acontecer conosco, ou como o que fizemos afeta a sua vida.

Permaneci em silêncio, deixando que suas palavras ecoassem dentro da escuridão que reinava dentro de mim naquele momento.

— Você está presa em um labirinto, e eu não preciso saber de muita coisa da sua vida para ter a certeza disso. Você precisa se achar, e, quando isso acontecer, eu espero que eu ainda esteja em seus planos.

— Eu não sei o que te dizer... — as suas palavras deram um nó na minha cabeça, mas disseram-me mais do que eu mesma fui capaz de deduzir até o momento.

— Não precisa dizer. Eu não quero que esta seja a última vez que eu te vejo e nem quero te exigir nada, porque também não tenho esse direito.

— Dimi... — minha voz vacilou e, antes que eu pudesse terminar a minha frase, o sinal abriu e ele pôs o automóvel em movimento.

O barulho do trânsito aumentou o que ecoava dentro de mim, e eu não soube decifrar meus sentimentos para dizer qualquer palavra que fosse.

— Não precisa dizer nada, tá? — sua voz soou entre o ranger barulhento da descarga da moto. Sua entonação carregava certo grau de ironia, contudo não havia nada que eu pudesse lhe dizer. E, se houvesse, aquele não seria o momento certo.

Entramos em uma rua cercada de residências e, ao fim dela, estava o meu condomínio. Ele diminuiu a velocidade da moto, e eu percebi, ou fantasiei, que ele relutava em chegar ao destino.

Paramos à frente do condomínio, e eu desci da sua garupa em um movimento rápido.

— Você está bem? — inquiriu-me, enquanto eu retirava o capacete.

Entreguei a ele o acessório, fitando os seus olhos, que carregavam um brilho diferente do que eu tinha notado nos instantes em que estivemos juntos.

— Vou ficar — ofereci-lhe um sorriso de poucos dentes.

Ficamos parados ali, um em frente ao outro, intentando decifrar coisas das quais ainda não tínhamos conhecimento em nossos olhos, em silêncio.

— Eu preciso ir... — anunciei a minha partida.

— Eu sei... — ele voltou o olhar para frente e ligou a moto. — Nos veremos novamente?

— Eu sei onde você mora, você sabe onde eu moro e onde eu trabalho, então...

— É provável que nos vejamos — sorriu e girou o punho no acelerador da moto, que fez um barulho ensurdecedor. — Tchau! — disse, enquanto colocava o automóvel em movimento.

Fiquei observando enquanto ele guiava o automóvel pela mesma rua por onde tínhamos vindo. Sorri para mim mesma e andei em direção à entrada do condomínio. Cheguei à portaria e fiquei parada esperando, até que ouvi o barulho do portão destravando. Empurrei-o para dentro e entrei, fechando-o logo em seguida. Olhei para dentro da guarita, verificando pelos vidros quem estava ali, no entanto não consegui ver quem era. Dei alguns passos e, quando cheguei à porta que dava para o local que eu conheci de forma íntima em uma ocasião luxuriosa, encontrei a figura de Denis.

Ele me olhou um pouco assustado e depois sorriu. Retribui-lhe o sorriso e segui o meu caminho sem dizer-lhe uma palavra de saudação.

Observei o céu enquanto seguia o meu itinerário a passos lentos. A lua brilhava alvacentas coberta por uma auréola alaranjada. Não havia estrelas bordando a imensidão. Cheguei à frente da minha casa e dei com o meu carro. Provavelmente, Carlos Augusto havia chamado o guincho para buscá-lo, após muito eu ter insistido. Sorri para mim mesma e segui em direção à entrada da casa.

Um desânimo se abateu sobre mim, mesmo depois de todos os momentos que eu havia vivenciado aquele dia. Tudo o que eu queria, desde muito tempo, havia acontecido, e mesmo assim certo pesar se fazia presente na minha alma. Tudo estava incerto em meu coração, havia em meu peito uma necessidade urgente de colocar cada coisa em seu lugar.

Fui em direção à porta e, ao chegar, toquei a campainha. A languidez que me abateu fez com que eu tivesse preguiça de procurar as minhas chaves dentro da bolsa. Não tardou para que a porta se abrisse. A imagem de Íris se revelou para mim.

— Mãe! — exclamou ao me ver.

Entrei sem dizer-lhe uma palavra sequer e me dirigi até a poltrona. Larguei a bolsa ao meu lado e me sentei, lançando meu peso sobre o sofá, deixando que o mundo que eu carregava nos meus ombros fizesse força para que eu desabasse.

— Mãe, meu pai estava morrendo de preocupação. Ele foi te buscar. Onde a senhora estava?

Voltei o olhar para minha filha, que havia parado à minha frente.

— Saí um pouco. Eu precisava espairar.

— O que houve? — ela se sentou ao meu lado, mas eu não a queria ali agora. Eu a amava, ela era minha filha, o único saldo positivo que eu tinha do meu casamento. Contudo, a sua presença naquele momento me incomodava. Diante de tudo o que envolvia a minha vida, eu precisava estar só comigo mesma.

— Filha, o seu pai e eu não estamos bem — respondi-lhe, seca e desanimada.

— Me conte uma novidade.

Fixei meus olhos no rosto dela, surpresa diante das suas palavras.

— O quê?! Você ainda acha que sou uma criança e não sei quando um relacionamento esfria?

— Mas ele é seu pai... — intervim.

— E nem por isso deixa de ser homem. E isso não diminui o fato de ele te tratar como um objeto dele. Eu sei como as coisas funcionam aqui em casa, e sei que isso não te agrada. Não é de hoje.

— Íris... — uma lágrima escapou de um dos meus olhos.

— O que você pretende fazer? — seus olhos fitos nos meus levantaram dúvidas que até então não haviam se apresentado a mim.

— Eu não sei — lágrimas despontaram nos meus olhos e jorraram de forma intensa.

Íris se aproximou de mim e me abraçou. Seu abraço tenro me fez desabar ainda mais. O seu amor de filha estava latente, e a sua condição de

mulher, como a minha, nos tornava ainda mais íntimas. Mesmo sem saber muito, mesmo sem eu dizer-lhe qualquer coisa que fosse em relação ao que se passava comigo, ela compreendia os meus sentimentos.

Nós mulheres sempre estivemos fadadas a viver à sombra de um homem. Na maioria das vezes, não temos escolhas e nos damos a eles em troca da vida que podem nos oferecer. Vivemos aprisionadas a uma condição que é maior do que a que nos é necessária enquanto humanas. Somos relegadas ao matrimônio e à maternidade, e para nós a vida só ganha seu verdadeiro sentido depois que isso acontece. Mas não é a verdade. Temos desejos, necessidades e ânsias, temos sede de vida e precisamos viver conforme queremos.

Eu me entreguei ao que eu não era. Vivi uma vida morna, mesmo sabendo que a vida estava repleta de possibilidades. Agora elas se apresentavam a mim com intensidade, e eu queria ter a liberdade necessária para vivê-las. Mas, aparentemente, as coisas não eram tão fáceis assim.

A porta da sala se abriu em um rompante e Carlos Augusto surgiu espavorido.

— Ana! — exclamou ao me ver.

Íris desfez o abraço no qual me prendia e afastou o seu corpo do meu. Meus olhos alcançaram a imagem de Guto e eu fitei a sua face sem muito ânimo com a preocupação que ela demonstrava.

— Onde você estava? — ele deu passos largos, até que chegou à minha frente.

— Eu já te falei onde eu estava. Já esqueceu?

Íris ficou em silêncio ao nosso lado, observando o clima tenso que se instalou no ambiente.

— Não esqueci. Só não entendo por que você mentiu para mim.

— Eu não menti, Carlos Augusto, eu só... — engoli as minhas palavras e me levantei do sofá. Dei alguns passos, afastando-me dele e da minha filha.

— Você só...?

— Eu só não queria ver a sua cara hoje depois do que você fez.

— Do que eu fiz? O que eu fiz? — ele deu passos em minha direção,

mas estacou a meio caminho de mim.

— Sim. A forma estúpida como agiu comigo hoje pela manhã.

— Ah, Ana, eu estava com raiva. Foi...

Íris se levantou do sofá e dirigiu-se até mim.

— O que houve? O que o meu pai fez?

Ficamos em silêncio.

— Eu me excedi. Gritei com a sua mãe na frente do porteiro.

Os olhos de Íris se esbugalharam.

— E segurou meu braço como se fosse me agredir.

— Eu não ia te agredir, eu nunca faria isso, Ana. E também, o que você queria? Você me fez passar muita raiva esses dias. Primeiro bebe feito uma louca na ceia de Natal, depois some por um dia inteiro e não me dá explicação nenhuma. Eu sou o seu marido, não sua cria.

— Você é marido, não dono! — Íris fitou os olhos do pai com rancor.

— Íris... — Carlos Augusto tentou intervir, mas a menina o interrompeu.

— Não, pai, isso não está certo. A minha mãe tem o direito de fazer aquilo que ela gosta, de sair, se divertir, e o senhor não pode impedi-la. Sei que é sua mulher, sim, ela te deve algumas satisfações, mas não dessa forma.

Olhei para minha filha admirada com as suas palavras. Sorri interiormente e voltei os olhos para Guto, que demonstrava aflição em seus olhos.

— Olha, me desculpem, tá? Me perdoem se eu confundi as coisas. Eu só quero que tudo fique bem e que possamos viver em paz como uma família.

Respirei fundo, pega de surpresa pelas suas palavras, apesar de saber que elas viriam, de qualquer forma.

— Eu não sei se dá mais... — lamentei.

— Ana, o que você está dizendo?

— Eu só estou...

— Ana, você quer se separar de mim, é isso? — Guto me interrompeu.

Lágrimas escorriam dos seus olhos. — Você quer me deixar, é isso? Você não pode... — ele se engasgou com o choro.

Os olhos de Íris estavam sobre mim e me inquiriam mil coisas e questões para as quais eu não tinha a resposta naquele momento. Fixei os meus olhos no homem que soluçava e me apiei dele. Fui em sua direção e, ao chegar à sua frente, ofereci a ele um afetuoso abraço.

— Eu não quero me separar de você — menti, e naquele momento não soube dizer se aquela mentira foi dita para mim ou para ele. — Mas quero que algumas coisas mudem.

Ele não disse uma única palavra, seu choro não lhe permitia falar. Íris se aproximou de onde estávamos e ficou parada à nossa frente, mirando a cena que se desenvolvia. Aos poucos o choro de Guto foi se amainando, e, quando ele recobrou o seu equilíbrio, soltei-o dos meus braços.

— Eu estou cansada — disse-lhe, fitando os seus olhos em brasa. — Preciso tomar um banho, jantar, dormir.

— Precisamos conversar, Ana!

— Não, Carlos, não precisamos. Está tudo resolvido. Somos uma família, precisamos estar sempre juntos.

Diminuí-me diante da minha covardia e abdiquei do meu desejo secreto para selar novamente um contrato que não traria nenhum benefício a mim. Esqueci todos os meus anseios, como se fossem menores ou nunca tivessem existido. Fechei meus olhos e, em um gesto afável, sorri para Guto.

— Eu amo você, Ana — as suas palavras me cortaram como esgalgadas adagas.

Balancei a cabeça de forma afirmativa. Voltei o olhar para Íris, que nos observava, nada comovida, com um olhar inquisidor. No entanto, eu não tinha respostas para ela naquele momento, só que eu me acovardei diante da cena que se apresentou a mim. Talvez ainda fosse muito cedo e eu não estivesse preparada.

— Agora, eu preciso descansar, e você também, tá?

O peso que eu carregava em minhas costas se intensificou com as minhas palavras, mas eu sentia como se ainda não pudesse sair do meio

daquela tempestade. Eu estava no olho do furacão, ou eu era o próprio.

Liguei o chuveiro e senti as primeiras gotas de água caírem sobre o meu corpo. Meandros se formaram em minhas curvas. Fechei os olhos, me realocando dentro de mim, buscando minimizar o que eu sentia naquele momento. Havia emoções desconexas que se chocavam e formavam uma tempestade em meu âmago. Eu não conseguia discernir os meus pensamentos e focar em uma única coisa. As imagens que se desenhavam em minha mente assemelhavam-se a como eu via as coisas pelo boxe que me separava da outra parte do banheiro, embaçadas, deformadas.

O rosto de Dimitri surgiu à minha frente, trazendo a recordação do que havíamos vivenciado. No entanto, havia pesar em como as lembranças se apresentavam para mim. Eu não estava arrependida do que tinha feito ao seu lado, mas em mim aquilo era de uma importância maior do que fora com Denis ou Jeremias. Havia paixão entre nós dois, uma conexão inexplicável que se fez presente entre mim e aquele homem desde a primeira vez em que meus olhos se encontraram com os dele. Eu o queria mais do que qualquer coisa, e querê-lo, vivendo a vida que estava levando, causava-me desespero.

O fato de ter recuado diante de Guto na nossa conversa e abdicado dos meus desejos, na tentativa de salvar algo que não tinha salvação, era um agravante diante daquilo que sentia naquele momento. Mais uma vez, eu havia deixado de fazer algo por mim, no intuito de quê? Não era pela Íris, que, muito pelo contrário, já era uma mulher e entendia muito bem o que estava acontecendo ali. E por quem? Pelo Carlos Augusto?

Não! Tudo o que eu sentia era medo e, lá no fundo do meu ser, no meu id, onde reverberavam os meus fantasmas, o novo me assustava. Apesar do suporte que tinha de Himeros para desfrutar de determinadas aventuras, com Dimitri era diferente. Algo não estava certo naquilo tudo, e não era a minha infidelidade ou a paixão que eu sentia desde já por aquele homem, mas sim a minha falta de coragem.

Eu achei que estivesse pronta para dar andamento ao plano que Himeros havia dado início em minha vida. Antes de saber de sua existência ou de qualquer outro deus, eu não fazia ideia de quem eu poderia ser e aonde poderia chegar, mas ele me abriu um leque de possibilidades e me mostrou

que a vida era muito mais do que aquilo ao que eu achava que estava fadada até que me chegasse a morte.

Existiam paragens onde eu queria me demorar, noutras eu queria passar, mas guardar em mim a sensação e a lembrança de tê-las vivido. E agora, depois de muitos anos juntos, eu sabia que meu único impedimento era o Carlos Augusto. Não era pelo que ele era, mas pela forma como se portava diante do nosso casamento. Ele era o meu dono, e eu, a sua esposa. Sua, como uma criada que tem obrigações e precisa dar conta delas. Eu saía para trabalhar e deixava-o em casa, é certo que tinha os seus negócios, mas será que nunca cansava de não fazer nada? O almoço que eu tinha que deixar pronto todas as noites para ele comer no dia seguinte era um incômodo, o fato de não poder me divertir da forma como queria, beber, ficar bêbada, ter outros homens, viver. Eu precisava viver, e aquele casamento era o meu impedimento. Contudo, eu havia chegado a um ponto em que não podia mais adiar decisões. Escolhas tinham de ser feitas. Acarretariam consequências, mas eu precisava fazer aquilo. Eu precisava ser eu, Ana Luísa, e viver tudo aquilo que estava reservado para mim pela vida. Eu poderia não ser mais uma adolescente, ou uma Ana Luísa como fui na minha era dourada, mas tudo aquilo que se mostrava novo para mim despertava um desejo infantil de descoberta.

Deslizei com as mãos pelo meu corpo, redescobrimo a minha estrutura, deixando os pensamentos fluírem à minha mente. Peguei o sabonete e me ensaboei por completo. Um perfume de flor tomou conta de todo o cômodo. Após estar completamente coberta de espuma, enxaguei-me, sentindo novamente a água deslizar pela minha pele.

Eu me sentia rejuvenescida, apesar do aperto que se fazia presente em meu peito, apesar de ter fraquejado e ter perdido a chance de fazer algo por mim. Fui mais uma mulher que não dá vazão àquilo que é pelo temor de ser, pelo medo do julgamento alheio, pela falta de coragem de vivenciar o seu verdadeiro desejo e se prende a um casamento que não lhe apraz em nada, no intuito de quê?

Chorei debaixo da água, entretanto engoli a minha escolha, mesmo que ela não tivesse um gosto agradável. Desliguei o chuveiro e fiquei paralisada, mirando o vidro do boxe, intentando discernir imagens que não me diriam

nada além de tudo o que eu já sabia, eu era fraca.

Saí de dentro do espaço onde estava e peguei a toalha que havia pendurado em uma estrutura metálica na parede. Enxuguei-me, em seguida enrolei-me com o tecido felpudo e saí do cômodo. No quarto, vi que Guto já ressonava embaixo das cobertas. Fitei-o por instantes seguidos, e não soube dizer se o que sentia era pena ou ódio dele.

Fui até o guarda-roupa, peguei uma peça leve para me vestir. Devidamente vestida, guiei-me até a cama e me sentei ao seu lado. Calada, engolindo em seco a dor que me perpassava.

Olhei para a escrivaninha ao lado da cama e me dei conta do meu celular sobre ela. Peguei o aparelho e liguei o visor para verificar se havia mensagens que me interessassem. Não havia, mas mesmo assim fui até o aplicativo e abri-o. Olhei todos os meus contatos, até que vi a foto de Dimitri. Em seu perfil, ele sorria, e na sua foto só aparecia parte do seu ombro e o rosto, o cabelo bagunçado escondia um dos seus olhos e parte do seu sorriso. Ele estava lindo. Ele era lindo.

O seu toque invadiu os meus pensamentos, e a minha memória olfativa reproduziu o seu cheiro. Sorri para dentro, apesar da mágoa latente, e decidi mandar-lhe uma mensagem.

Desculpe-me por hoje, não queria que tivesse sido dessa forma.

Aguardei alguns instantes a sua resposta mirando fixamente a tela do celular, mas ela não veio. Desistente, desliguei o aparelho e coloquei-o novamente sobre a escrivaninha.

Para evitar que a dor que sentia me machucasse ainda mais, resolvi me deitar e fechar os olhos na tentativa de pegar no sono. Não demorou muito e o cansaço por tudo o que me havia acontecido naquele dia me abateu e eu mergulhei em um abismo profundo, perdendo os meus sentidos e separando-me da minha dor.

Acordei com o barulho do despertador tocando no celular e fui até ele na tentativa de silenciá-lo. Peguei o aparelho e deslizei o dedo sobre a tela. Apesar de ter dormido como uma pedra, eu estava abatida por um cansaço que não tinha as suas origens em meu corpo, e sim na alma. Voltei o olhar

para o meu lado na cama, e o Guto ainda dormia, o que não era muito comum. Redirecionei a minha visão para o celular e, entretida, fui até o aplicativo de mensagens e observei todas as que havia recebido, grande maioria de colegas que pouco falavam comigo, mas que toda manhã desejavam bom dia com frases clichês e imagens de flores.

Fui até o contato que mais me interessava e percebi que ainda não havia respondido à mensagem que lhe mandara à noite. Não quis criar teorias sobre o porquê de ele não ter me respondido, apesar de saber que havia possibilidades infinitas para aquilo. Não daria vazão à minha psicopatia e à minha culpa diante do seu desaparecimento.

Eu precisava trabalhar. Abandonei o celular sobre a escrivaninha e fui até o guarda-roupa em busca de algo que pudesse vestir e que me desse uma aparência agradável. Eu estava um caco. Sentia dores pelos meus músculos e mal conseguia andar. O que é que as nossas dores emocionais não fazem ao nosso corpo?!

A sensação que tinha era de que carregava um caminhão nas costas. Pensei em ficar em casa, em me entregar àquela tristeza e me jogar na cama, passar o dia assistindo a filmes de casais que conseguem um final feliz e comer muita porcaria, no entanto aquilo seria ainda mais prejudicial a mim.

Escolhi uma roupa leve, já que o calor estava latente, e não demorei a me vestir. Um vestido acima do joelho com estampa de flores lilás, composto com mangas e que me dava uma aparência de mulher madura, o que de certa forma eu já era.

Respirei fundo e procurei um sapato que combinasse com aquela roupa. Apesar do que sentia, decidi que me arrumaria, que me permitiria ao menos me sentir bonita. Um scarpin preto foi o escolhido para ornar meus pés. Olhei para o Guto na cama, ele ainda dormia. A sua presença me causava um incômodo tão grande, que me apressei ainda mais em minha arrumação para sair rapidamente dali.

Fui até meu celular, peguei-o. Atravessei o cômodo e segui em direção à porta. Desci as escadas apressada e, quando cheguei à sala, fui até o sofá onde havia abandonado a minha bolsa na noite passada. Quando a tive em mãos, abri-a, peguei as chaves do carro, vi o diário secreto, que agora eu mantinha dentro dela, e coloquei o celular em um dos bolsos.

Andei em direção à porta que dava para a saída da casa. Destranquei-a e me coloquei para fora daquele ambiente. Já que eu não podia me livrar de tudo aquilo por ora, eu iria ocupar a minha cabeça com outras coisas, e o trabalho seria uma forma de me libertar dos sentimentos que me envolviam.

Entreí no meu carro, que estava devidamente funcionando bem. Liguei-o e coloquei-o em movimento. Em questão de segundos, estava na portaria e, assim que o portão abriu, saí de dentro do condomínio sem dar a mínima atenção a quem quer que fosse o porteiro que estava ali aquele dia.

Eu não queria o silêncio da minha solidão, eu precisava de algo que capturasse a minha atenção. Liguei o som do carro em um volume que ecoou por todo o ambiente e não me permitia ouvir qualquer coisa que fosse fora dele. Uma música de Kings of Leon estrondou nas caixas de som, e, intentando espantar a tristeza que ainda me fazia sombra, passei a cantar alto enquanto dirigia.

All the commotion

The kiddie-like play

Has people talking

Talking

You

Your sex is on fire.

O som ecoava por dentro do automóvel, fazendo com que meu coração pulsasse no compasso das canções. Ouvi cerca de cinco músicas da banda, mas desliguei o som assim que cheguei à frente do escritório. Estacionei o carro com sagacidade. Retirei o cinto de segurança, ficando livre do aperto que envolvia meu corpo, fora todo o pesar que comprimia meu peito. Olhei-me no espelho, verificando o meu semblante, a roupa que havia vestido. Peguei a minha bolsa, abri a porta e desci. Talvez, mesmo diante da minha dor, aquele dia me reservasse coisas boas. As músicas que ouvi me deram, como em um sopro de vida, uma recarregada na alma. Era tudo o que eu precisava para chegar ao trabalho e fingir que estava tudo bem. Contudo, não

consegui manter a pose por muito tempo.

Assim que desci do carro e volvei-me em direção à entrada do escritório, vi que Jeremias já estava à espera da minha chegada. Apesar de ser pontual, ele nunca chegava tão cedo, e aquilo me assustou.

— Bom dia! — saudei-o, indo com a chave até a porta para destravá-la.

— Bom dia! — seus olhos investigaram a minha face, mas ele mantinha em seu semblante uma rigidez que não lhe era comum.

Permaneci em silêncio enquanto terminava de abrir o escritório, e, assim que o caminho estava livre, entrei no local, sendo arrebatada novamente pelo peso que havia me tomado antes.

O Jeremias fazia parte de tudo aquilo e, de certa forma, cultivava sentimentos por mim que eu não podia retribuir. Ele era um dos coadjuvantes naquele show, e eu estava arrependida de tê-lo envolvido naquilo. É certo que eu gostei de tê-lo, de provar da sua juventude e virilidade, contudo o que veio dele depois fez com que eu ficasse receosa. Até onde aquilo daria certo? Será que era saudável mantê-lo por perto de mim, sendo meu funcionário, mesmo depois do que havia acontecido e da sua quase declaração de amor? A culpa era toda minha, a culpa de tudo aquilo, minha. E era como as consequências acarretadas pelo que eu havia vivenciado me faziam sentir, culpada.

Apesar de saber que era um sentimento análogo ao medo que eu tinha de pôr em prática o que eu ansiava, era tão forte, que me fazia acreditar que todo o sofrimento da humanidade era causado por mim.

Respirei fundo enquanto caminhava em direção ao meu escritório. Jeremias andava atrás de mim, mas não seguiu comigo para a minha sala. Sentou-se à sua mesa e ligou o computador como se nada tivesse acontecido. Voltei o meu olhar para trás para verificar o seu semblante. Ao sentir meus olhos sobre si, ele me retribuiu o olhar e, como se fosse uma estátua, ficou observando-me silencioso.

Eu buscava palavras que pudessem ser ditas e que tirassem de mim aquele sentimento que se apoderou do meu interior. Desistente, achei melhor deixar as coisas como estavam, eu não precisava me sentir culpada ou me desculpar pelo desejo que as outras pessoas dirigiam a mim. Dei as costas para ele e entrei na minha sala. Apesar de temerosa, eu já estava cansada de

tudo aquilo, de como as coisas haviam se desenrolado, do ponto aonde eu tinha chegado. E tudo aquilo foi propiciado graças às escolhas que fiz. A escolha de ter aceitado do Himeros o diário secreto, de ter transado com o Jeremias, com o porteiro, com o Dimitri.

Ao me lembrar do último, um pensamento me ocorreu. Sentei-me e coloquei a bolsa sobre a mesa. Retirei dela o celular e, em um movimento súbito, liguei-o, desbloqueei sua tela e fui até as mensagens no intuito de verificar o contato do Dimitri.

Ele ainda não havia respondido à mensagem que lhe mandei no dia anterior. Ele tinha os seus motivos, assim como eu tinha os meus, mas tudo o que eu queria, mesmo diante daquela tempestade que acontecia dentro de mim e se espelhava em todos os aspectos da minha vida, era que ele me respondesse, que ele estivesse. Porque eu sabia que havia algo que acontecia dentro de mim em relação a ele, que era forte, intenso, e que em determinados momentos acalmava a tempestade, pois a sua face vinha-me à memória e eu me lembrava da sua voz, do seu sorriso, do cheiro dos seus cabelos e da sensação que a sua barba cheia fazia em mim ao roçar na minha pele.

Talvez tudo que ele tivesse me dito na noite anterior fosse apenas uma maneira de me ludibriar. Assim como fiz com os outros homens antes dele, eu poderia ser só mais uma das quais ele teve o conhecimento do corpo.

Abandonei o celular sobre a mesa e liguei a minha ferramenta de trabalho para me dedicar apenas ao que importava no momento, dar andamento aos meus processos e finalizar pendências.

— Bom dia! — a voz de Adriane ecoou por toda a sala e fez com que eu levantasse os olhos. Dei com a sua imagem na porta, mas ela não se demorou ali, tratou logo de vir em minha direção.

— Bom dia — respondia-lhe, fria.

Ela estacou no meio da sala e franziu o cenho, fitando-me intrigada.

— Alguém morreu? — deu passos largos até chegar próximo de mim. Puxou a cadeira à frente da minha mesa e se sentou.

Não quis responder-lhe, contudo, se eu bem conhecia aquela mulher, ela ficaria ali e só sairia depois que soubesse o motivo daquela minha cara de

velório.

— Ana? Você está bem? — seus olhos engoliram a minha face, e eu me retraí dentro de mim. Não poderia contar-lhe tudo que eu estava vivendo e como de uma hora para a outra a minha vitalidade se tornou um peso, a minha ânsia por liberdade se tornou um carma, e uma paixão desenfreada me fez desabar dentro de mim, sem saber onde me apoiar e que direção seguir para que as coisas voltassem para os seus devidos lugares.

— Eu não sei — fui sincera.

— Como, não sabe? Você não está bem. A sua cara já me disse tudo.

— É, não estou — voltei os olhos para a tela do computador. Respirei fundo. Diante da sua pergunta, um desejo latente de confessar-lhe o que me ocorria surgiu em mim, mas eu me contive e permaneci em silêncio.

— Você não vai me contar? Tá tudo bem com o Carlos Augusto, com a Íris?

— Sim, eles estão ótimos. Eu é que não estou bem. São coisas minhas, sentimentos que não me deixam muito à vontade comigo.

— Entendo você. São coisas da vida, né? Coisas que não conseguimos controlar, que às vezes nos abatem. É uma crise existencial? — sorriu ao fim da frase.

— Não! Eu não tenho mais idade para crises existenciais — gargalhei, capturando um pouco do seu bom humor.

— É claro que tem. Crises existenciais não têm idade. E quem disse que você é essa pessoa idosa que acha que é? Meu Deus, Ana. Você tem idade para muitas coisas, acho que só se reprime um pouco.

Respirei fundo e, com os olhos fixos em Adriane, deixei que uma lágrima escapasse de um deles.

— O que você tem? — aproximou seu corpo da mesa, pondo os cotovelos sobre ela.

— Eu não sei. Eu só sinto como se tudo estivesse fora do lugar. A minha vida, o meu casamento, quem eu sou. Eu queria um pouco de paz.

— Isso é uma crise existencial! — sorriu e colocou uma das suas mãos sobre a minha, em um gesto afável. — Mas, se as coisas estão assim, você é a

única que pode fazê-las chegarem ao ponto que quer. Não deve se abater ou deixar que os sentimentos ruins se perpetuem e te paralisem. Faça as suas escolhas e aceite-as. Se o casamento não está bom, mude-o ou pule fora do barco. Se sua vida não está seguindo conforme os trilhos que você queria, mude a direção. Tudo depende de você, Ana, e você é uma mulher tão forte, inteligente, bonita...

— Não é tão simples assim — interrompi-a.

— Quem disse que não? Você tem tudo em suas mãos para fazer a vida valer a pena. Nós mulheres temos o costume de nos diminuirmos diante de determinadas situações, porque fomos criadas para sermos dependentes de homens. Somos independentes, e somos tão fortes quanto eles, não precisamos temer as nossas escolhas ou julgamentos. Viva a sua vida, corra atrás daquilo que você quer. Não se culpe pelos seus anseios.

— Como você pode me dizer todas essas coisas mesmo não sabendo por tudo o que estou passando?

— Intuição feminina. Nossas crises existenciais são quase sempre pelas mesmas coisas — gargalhou ao fim da frase. — Mas olha, Ana. Seja o que quer que for pelo que esteja passando, saiba que você tem dentro de si mesma a força necessária para dar fim ao seu tormento.

— Meu casamento não é o que quero para mim. Eu não consigo mais... — desabafei.

— E o que você ainda está fazendo nele? — arqueou as sobrancelhas e sorriu.

Balancei a cabeça em um gesto de negação. Mais lágrimas escaparam dos meus olhos.

— Eu não sei.

— Você já tentou conversar com o Carlos Augusto?

— Sim, mas eu voltei atrás antes mesmo de expor a ele quais eram os meus anseios.

— Você não pode fazer isso. Não pode se privar de viver a sua vida e ser quem você é por conta de um homem. Mesmo que isso envolva família, um casamento, filhos. Tudo se resolve. E você é independente dele, Ana.

Ponha uma coisa em sua cabeça: para que você depende do Carlos Augusto? Me diga. Para quê?

Em minha cabeça, busquei a resposta para a sua pergunta, e não a encontrei.

— Não há respostas para isso, não é verdade? Porque você não depende desse homem para nada. Tudo o que eu sinto em você é medo.

— Medo?!

— Medo da sua liberdade. Você está tão acostumada com a vida que leva, que, quando seus desejos vêm à tona e você quer dar vasão a eles, sente medo. Porque para viver a sua vida como você quer vai precisar sair do comodismo no qual está metida há anos.

E era realmente aquilo. A minha liberdade me amedrontava, e tudo que eu estava vivenciando era tão novo para mim, que me causava sentimentos desconexos com os quais eu não sabia lidar. Era o novo se fazendo presente em minha vida, era o que eu precisava ser, dando sinais de vida e exigindo que eu desse um jeito em tudo aquilo.

Chorei diante das palavras de Adriane. Ela se levantou da cadeira e foi até a minha, abraçando-me por trás, apertando-me em seus braços. Senti a sua amizade quente reverberar em nosso contato, e aquilo fez uma chama dentro de mim se acender, porque era tudo o que eu precisava ouvir.

— Obrigada por isso.

— Você não precisa me agradecer. Você precisa fazer o que tem de ser feito, e assim eu me sentirei agradecida por você ter sido uma mulher forte e ter dado à sua vida o norte que sempre quis.

Adriane me soltou do abraço e voltou para o local onde estava antes, mas não se sentou.

— Agora, vamos trabalhar? — inquiriu-me.

— É o que temos para hoje.

— Pelo amor de Deus, eu estava rezando para que você dissesse: “Não, vamos todos para casa”.

Gargalhamos. Adriane despediu-se e saiu da minha sala. Eu limpei as minhas lágrimas. Peguei um espelho na minha bolsa e verifiquei como estava

o meu rosto. Tive vontade de sorrir diante da minha constatação. Meu Deus, como eu era tola. Ajeitei novamente a minha maquiagem. Feito isso, voltei a fitar o computador e me concentrei no trabalho.

Agora, depois daquela conversa, eu reafirmei tudo o que tinha que fazer dentro de mim. Eu sabia que caminho seguir, só precisava deixar a minha coragem vir à tona e tomar as devidas providências.

O dia não demorou a passar. Metida em meus afazeres, esqueci todos os problemas que se faziam presentes em minha vida. Uma vez ou outra sentia uma pontada em meu coração, mas a necessidade de me concentrar impingia a sensação causada ao esquecimento. Para o almoço, pedi uma quentinha de frango xadrez e acompanhamentos, que chegou às onze e meia. Após o almoço, descansei um pouco na minha sala, passeando com os olhos pelo celular, verificando aplicativos que não tinham nada de atrativo, apenas as pessoas com seus potenciais narcisistas expondo as suas vidas de forma hedonista. Volta e meia eu olhava o aplicativo de mensagens, no intuito de ver se Dimitri havia me respondido, mas ele não deu sinal de vida.

O horário de almoço acabou e o expediente recomeçou. Coloquei algumas músicas no computador e segui com as minhas tarefas, até que o relógio marcou dezoito horas e, de um a um, meus funcionários vieram à minha sala se despedir de mim.

Adriane chegou à porta da sala, trazia nos lábios um sorriso estonteante, contudo carregava um semblante de cansaço na face.

— Você está bem?

Pisquei para ela e fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

— Até amanhã. Qualquer coisa, pode ligar para mim.

Agradei pela sua disponibilidade em estar comigo diante daquela tempestade. Ela deu as costas e foi embora. Desliguei o meu computador e arrumei as coisas sobre a minha mesa. Peguei a bolsa e o celular e me dirigi à saída do escritório.

Ao alcançar a saída, fechei as portas, trancando-as devidamente, e me guiei na direção do meu carro. Seu Guilherme estava na frente do prédio, despedi-me dele e continuei até chegar ao automóvel.

— Hoje não tem carona?

Voltei o olhar para o lado assustada. Jeremias estava encostado à parede e me olhava de forma sarcástica.

— Hoje eu não preciso de carona — respondi, seca, e continuei andando na direção do meu carro. Destravei-o e abri a porta.

— Até amanhã!

Levantei o meu olhar e alcancei o seu. Havia algo diferente em Jeremias aquele dia. Eu percebi pela manhã, mas naquele momento parecia estar mais latente. Não me demorei observando-o, entrei no carro e fechei a porta. Conectei o celular no bluetooth, músicas ecoaram dentro do automóvel, e eu o pus em movimento.

Guiei-me pela avenida que dava para as ruas que desembocavam em meu condomínio. Eu estava silenciada dentro de mim, toda a dor que antes eu estava sentindo havia desaparecido, por ora; não era como se não existisse mais. Eu sabia que em algum momento ela retornaria para me assombrar, até que tudo estivesse resolvido.

A música parou de tocar e um barulho de tilintar ressoou pelo local. Verifiquei o celular que havia deixado sobre o banco do carona e percebi que recebia uma ligação. Surpresa com o nome que apareceu na tela, não me demorei em atender, apertando um dos botões que ficavam próximo ao volante do carro, já que ele estava conectado ao bluetooth.

— Alô! — eu disse.

— Ana Luísa! — a sua voz invadiu a minha audição, causando-me uma sensação aprazível.

— Sou eu! — sorri.

— Você está bem? — quis saber.

— Eu estou! E você?

— Muito bem, porém cansado.

— Sumiu... — não queria ser intrometida, mas não consegui me conter.

— Sumi, estava trabalhando. Sabe como são as coisas quando essa

temporada de festa se aproxima.

— Sei, sim, quero dizer, eu acho.

Seu riso gostoso ecoou pelo carro.

— Ah, eu não te falei, não é? Eu sei tudo sobre você e você não sabe nada sobre mim.

— Então, é uma verdade.

— Digamos que eu tenha um negócio. É pequeno, mas neste período de festas faz muito sucesso. É uma lanchonete, porém também recebemos encomendas de doces, salgados, bolos... E esses dias tá corrido que só. Às vezes eu mesmo fico responsável de fazer entregas, pois tenho poucos funcionários, mas assim vou ganhando a vida.

— E o Clube de Afrodite? Afinal...

— Não faço mais isso — interrompeu-me. — Adriane que insistiu muito para que eu fizesse por camaradagem aquilo para a irmã dela, mas não costumo fazer com frequência. Na verdade, pretendo não fazer nunca mais.

— Vocês são amigos de longa data, não são?

— Nem tanto — ele ficou em silêncio por alguns minutos e depois voltou a falar. — A gente se conheceu no Clube, ela deu em cima de mim, mas não chegou a rolar nada. Trocamos números e tal, mas foi só isso.

Ouvi toda a sua história atentamente, sem dar muita importância ao fato de ele quase ter tido um caso com a minha amiga e funcionária. O que me ocorria era outra coisa, e tratei logo de explicá-la.

— Então era mesmo você aquele dia! — disse, após pensar muito.

— Eu? — ele se assustou.

— Sim. Você já esteve no meu condomínio antes, certo?

— Acho que sim.

— Esteve. Na semana passada, eu encomendei alguns salgados e foi você quem entregou.

Ele gargalhou.

— Sim, estive, e acho que me lembro do pedido, mas não fazia ideia de

que você morava ali. Apesar de já saber quem você era.

— Oi? Você já sabia quem eu era?

— Como eu disse a você, fui atrás de descobrir quem era a mulher que me seguia todas as noites.

Fiquei alguns instantes em silêncio.

— Bem, eu...

— Você não pode se defender dessa acusação, você era minha stalker.

Ambos rimos.

— Mas não te liguei para falar sobre isso. Eu quero ver você.

As suas palavras reverberaram dentro de mim, acendendo uma chama intensa que me fez queimar por inteira.

— Quando?

— Amanhã. Posso te dar uma carona.

— Uma carona, eu acho que não. Já estou com meu carro, mas podemos fazer o seguinte: você me pega em meu trabalho e depois me leva de volta para ele.

— Não vai haver nenhum problema para você?

— Não! — exclamei, convicta do que eu queria.

— Certeza? — sua voz vacilou.

— Tenho toda a certeza do mundo.

— Está marcado, então.

Continuamos a nos falar durante parte do caminho, conversando sobre coisas triviais. Dei boas risadas com os casos que ele falou sobre si e sua vida, a sua rotina e o fato de ser um motoqueiro, cozinheiro e ter trabalhado em uma casa noturna.

— Dinheiro não está fácil e a gente tem que se virar como dá — disse, bem-humorado.

Quando cheguei à frente do meu condomínio, me despedi dele e pus fim à ligação. Sentia-me leve e de certa forma completa. Apesar de todas as dores que estavam à espreita observando-me, um pontinho de felicidade se

instalou no meu coração. Sorri para mim mesma e, assim que o portão se abriu, entrei no condomínio e segui para casa.

Entreí em casa e dei com Guto e Íris sentados no sofá. Ao me verem, instantaneamente finalizaram a conversa que estavam tendo e me ofereceram largos sorrisos. Retribuí a ambos e me guiei na direção deles.

— Como você tá, An? — Guto investigou o meu semblante com os seus olhos.

Balancei a cabeça em um gesto afirmativo, como se aquilo respondesse à sua pergunta. Voltei o olhar para Íris, que parecia esperar pela minha resposta ansiosa.

— Cansada — deixei escapar, entre um sorriso de poucos dentes.

— Muito trabalho? — o interesse de Guto em meu dia me espantava. Geralmente ele não era aquele tipo de homem que se preocupava com a sua esposa, a não ser que tivesse algum compromisso marcado, ou precisasse dela para algum serviço doméstico. Resumindo, quando queria alguma coisa.

Sentei-me ao lado dos dois, coloquei a minha bolsa sobre a perna do sofá e direcionei a eles um olhar questionador.

— Sobre o que vocês conversavam? — a curiosidade me assaltou, até porque, assim que pisei os pés dentro da casa, eles silenciaram-se, dando fim ao assunto sobre o qual tratavam.

— Nada de mais — interveio Íris.

— Estávamos pensando no nosso Réveillon.

— Meu Deus, eu esqueci completamente de que o ano estava acabando! — tanta coisa tinha acontecido, que eu simplesmente esqueci que dali a quatro dias seria um novo ano.

Íris sorriu.

— O que foi?

— Nada, mãe, é só que você parece perdida.

E realmente era como eu estava me sentindo diante de como tudo vinha se apresentando a mim nos últimos dias.

— Você está mesmo bem, An? — Guto aproximou o seu corpo do meu, intentando tocar-me com uma das suas mãos, contudo eu desviei do seu toque, levantando-me em um movimento abrupto do sofá.

— Estou bem, só estou cansada — peguei a bolsa sobre o centro.

— E você não vai querer saber onde decidimos passar o Réveillon? — Íris inquiriu, de forma sarcástica.

— Você não ia viajar com as suas amigas?

— Ia, do verbo “não vou mais”.

— Nós dois conversamos e decidimos que ficaremos em casa. Vamos passar o Réveillon em família. Seremos só nós três e os nossos fogos de artifício.

Paralisei diante da sua revelação, que me alcançou como um soco no estômago. Não éramos mais uma família. Apesar dos papéis que nos cabiam e da filha que tínhamos, de certa forma eu não me sentia mais vinculada a Carlos Augusto. E naquele momento eu tinha percebido o erro que tinha cometido não tendo dado um fim em tudo aquilo no dia anterior. Agora eu não sabia como chegar até ele e falar que não dava mais certo e que o melhor que podíamos fazer era seguirmos as nossas vidas sozinhos. A nossa filha já estava crescida, ela já entendia daquelas coisas. Inclusive, eu sabia que me apoiaria.

Eu havia acabado de tomar a minha decisão ao ouvir as suas palavras e a sua necessidade de tentar salvar uma coisa que não tinha mais salvação. E novamente eu me sentia culpada diante daquela situação, porque se eu tivesse feito o que tinha que fazer aquilo não evoluiria de tal forma. Carlos Augusto errou muito comigo durante a nossa vida de casados, no entanto agora os erros eram todos meus. Eu me maltratava, o enganava... Não era sincera comigo, muito menos com ele. Eu mentia para nós dois desavergonhadamente.

— E... — ele deu uma pausa antes de continuar a frase. — Faremos uma viagem.

— Uma segunda lua de mel — completou Íris.

— Viagem? — esbugalhei os olhos. Eu estava completamente perdida diante das minhas escolhas. O peso que antes havia me abandonado caiu

sobre mim de forma que meus ombros se curvaram e a tristeza de antes se apoderou do meu coração.

— Sim. Ainda vamos escolher o lugar.

— Mas, Carlos, eu não posso viajar — tentei me desvencilhar daquela situação. Eu não queria mais ser a sua esposa, eu não queria mais viajar com ele, eu não queria estar a sós com ele. Eu só estava ali porque... Por que eu estava ali? Por medo! Medo de viver a minha liberdade.

— Como, não pode? O que te prende? — ele se levantou do sofá e se colocou à minha frente. Seus olhos penetraram os meus. Meu corpo estremeceu diante da sua figura.

— Eu tenho muita coisa em andamento no escritório. Quando é essa viagem? Eu preciso...

— Você precisa se organizar, só isso. Terminar o que tem de terminar. Ou melhor, Ana, você pode deixar os seus funcionários fazerem o seu serviço por você.

— Não, Carlos, existem coisas que só eu posso resolver.

— Então adiante aquilo que você precisa deixar pronto e vamos viajar. Vamos escolher o lugar, Campos do Jordão, Cancun, Paris, não sei... Nós vamos viajar! — havia urgência e cólera em suas palavras. Carlos Augusto não era bobo, e naquele momento eu soube, fitando os seus olhos, que brilhavam como os de um gato na escuridão, que ele tinha a certeza de que algo estava errado entre nós dois.

— Está decidido, então? — Íris se levantou e veio em minha direção. Fixei meus olhos nos dela.

— Eu...

— Está, sim. Réveillon em casa e em seguida viagem de lua de mel — interveio Guto, não permitindo que eu terminasse a frase que pretendia esboçar.

Os olhos de Íris continuaram sobre mim. Seu semblante demonstrava irritação e ironia. Ela sabia que eu estava sendo omissa aos meus verdadeiros sentimentos.

— Ótimo! — exclamou, por fim.

Deu as costas para mim e se retirou do local seguindo em direção à escada. Meus olhos a acompanharam, sentindo de longe que ela estava irritada com a forma como eu havia me portado. Eu estava sendo falsa, por medo. Renegando a mim mesma e ao que eu queria. No entanto, não conseguia evitar. Ainda não era hora, ou ao menos era o que eu achava, de expor tudo o que eu sentia e almejava ao Carlos Augusto.

— Vai ser muito divertido, An! Faz muito tempo que não fazemos isso — ele se aproximou de mim e colocou o seu rosto tão próximo do meu, que eu senti o cheiro do seu hálito. Depositou um beijo em meus lábios e outro na minha testa e depois me envolveu em um caloroso abraço.

Tive ânsias de me soltar e sair correndo de perto dele. De gritar tão alto, que as estruturas de vidro da nossa casa pudessem quebrar. O seu toque me feria. Mas eu me mantinha ali, intacta, paralisada. Por quê?

Após me soltar, ele ficou alguns minutos à minha frente com os olhos fixos nos meus.

— Eu vou subir. Preciso de um banho — interrompi a intimidade que ele queria impor a nós dois e desvencilhei-me do seu intento.

Dei as costas a ele e segui em direção à escada como uma presa que foge desesperadamente do seu predador. Subi os degraus tão rapidamente, que não demorou muito para que eu estivesse dentro do meu quarto. Lancei a bolsa sobre a cama, sem muita paciência, e corri para o banheiro, fechando a porta atrás de mim. Assim que entrei, tranquei-a, para que não fosse incomodada durante o banho.

A madrugada decorria lenta, e os meus pensamentos não me abandonavam. Por mais que tentasse fechar meus olhos no intuito de dormir, eu não conseguia. Um turbilhão de sensações me acometia e o dia parecia que nunca raiaria. Respirei fundo e movi-me impaciente sobre a cama. Ao meu lado, Guto ressonava baixinho. Não sabia como ele conseguia dormir feito uma pedra e aparentar estar tão cansado se não fazia absolutamente nada durante o dia todo.

Pensei em ligar a televisão, pegar o celular, fazer alguma coisa para que o tempo corresse, mas nada do que cogitei era realmente atrativo. Eu

precisava dormir. Precisava descansar, mas eu estava acesa por dentro como um morro iluminado por um âmbar elétrico. Tudo em mim estava ligado. A minha cabeça não saía dos acontecimentos que haviam se desenvolvido na minha vida. Aquilo já estava se tornando chato e insustentável, e eu precisava dar um ponto final.

Himeros havia novamente desaparecido. Sempre que eu precisava realmente dele, ele não estava disponível para mim. Mas, quando era para me meter em apuros, ele se aproximava e boom, me dava o empurrãozinho que eu precisava para cometer uma besteira. Será que ele estava ali realmente para me ajudar?

Foi após o seu aparecimento em minha vida que as coisas começaram a se desenrolar. Não! Não, não, não. Eu só estava buscando uma resposta para como tudo tinha desandado e tirando a culpa que era minha, para colocar sobre os ombros de outra pessoa. Se não fosse o diário, se não fosse a volúpia que tinha me arrebatado, se não fosse por ele, neste exato momento eu não estaria questionando a minha vida em busca de respostas para o que eu estava vivendo.

Voltei para o lado, fixando o olhar na janela aberta. Apesar do calor do verão, uma brisa amena entrava pelo espaço deixado e fazia as cortinas voarem. Fiquei admirando o tecido branco sendo soprado pelo vento, já que não havia mais nada de interessante a se fazer àquela hora da noite na escuridão do quarto.

Meus olhos foram vencidos pelo balanço das cortinas e o vento que me acariciava a pele propiciou para que o sono me vencesse e eu conseguisse dormir.

Quando voltei a abrir os olhos, os raios de sol já dançavam entre as cortinas, chegando a alcançar a minha pele com ternura.

Levantei-me da cama. Peguei o celular sobre a escrivaninha, liguei o visor e verifiquei que horas eram. Eu estava praticamente atrasada. Corri para o banheiro e tomei um banho tão rápido, que foi como se apenas tivesse ligado o chuveiro, entrado debaixo dele e saído logo em seguida. Vesti-me com a primeira roupa que encontrei, repetindo o scarpin preto que era o meu xodó. Peguei os acessórios dos quais precisava me munir para ir ao escritório, coloquei-os na bolsa e saí do quarto.

Desci as escadas apressada. Alcancei a sala e dirigi-me em direção à porta. Saí espavorida, como se estivesse sendo perseguida por alguém. Abri o carro, entrei, joguei a bolsa no banco do carona, liguei-o e parti rumo ao escritório. No caminho, como sempre, pensamentos sobre a minha vida me assaltaram, fazendo com que eu refletisse sobre coisas que eu já tinha pensado demasiadamente, desde Himeros a Dimitri, a minha mente deu voltas por anedotas passadas e projetos futuros, sem muita convicção.

Não demorei a chegar ao escritório, e, quando estacionei em frente ao meu destino, certo desânimo se abateu sobre mim. Olhei para frente, respirei fundo. Peguei a bolsa no banco do carona, abri a porta do carro e descí. Segui em direção à entrada do recinto e dei com o segurança, que naquele dia havia chegado cedo.

— Olá, seu Guilherme, bom dia! — passei por ele acenando com uma das mãos.

Cheguei à porta que dava para o interior do escritório, abri-a e entrei. Parte dos meus funcionários já estava trabalhando, inclusive o Jeremias, que ao me ver lançou um olhar sobre o meu corpo cheio de intenções. No entanto, fiz-me de desentendida e passei por ele, indo diretamente para a minha sala.

Sentei-me na cadeira, liguei o notebook e me meti durante toda a manhã em processos que estavam em aberto, situações que precisavam ser resolvidas. Uma vez ou outra Adriane entrava no recinto, como era de seu feitio, perguntava se estava tudo bem, discorria sobre coisas rotineiras e aventuras suas. Em uma das suas visitas, trouxe-me docinhos que havia comprado na padaria antes de ir ao escritório. E dessa maneira a manhã se estendeu, até que o horário do almoço me impingiu a fome.

Almocei em um dos restaurantes que ficavam próximo ao escritório. Uma comida normal, sem muitos atrativos, arroz, feijão, frango grelhado, que estava até um pouco insosso. Após alimentar-me, senti o cansaço me abater. Peguei o celular dentro da bolsa e verifiquei as mensagens que havia recebido durante a manhã. Havia, como sempre, dezenas das estúpidas perguntas que Carlos Augusto me fazia. Um bom dia da minha filha, que sabia que algo estava absolutamente errado. E mensagens do Dimitri, querendo confirmar se o nosso encontro ainda estaria de pé naquele dia.

Olá, Ana. Tudo bem? Só queria confirmar se poderemos nos ver hoje.

Sorri ao dar com o que ele tinha me escrito e automaticamente tratei de responder-lhe.

Estou bem. Ficarei ainda melhor quando você vier me pegar no fim do expediente.

Enviei a mensagem e voltei a meter-me em meus pensamentos. Naquele momento, me dei conta de que precisaria inventar algo para o Guto, pois chegaria mais tarde do que o normal em casa. E, para que não acontecesse nada semelhante como da vez anterior, era melhor prevenir do que remediar.

Levantei-me da mesa do restaurante após pagar a conta e voltei ao escritório. No caminho, pensei em todas as desculpas possíveis que eu poderia dar ao meu marido, porém a minha imaginação não me presenteou com nada digno. Desistente, cheguei ao meu local de trabalho e me dirigi imediatamente para os meus afazeres.

Naquele dia, eu estava uma mulher de pouca conversa. Quem quer que fosse que se aproximasse de mim em busca de um papo agradável não encontraria nada mais do que uma mulher cansada e alquebrada por dentro. O expediente recomeçou e Adriane surgiu em um rompante em minha sala.

— Você costuma esconder coisas das suas amigas, não é verdade? — fitou-me de forma irônica, arqueando a sobrancelha esquerda. — Coisas que eu não esconderia de você.

Encarei-a buscando compreender do que ela falava.

— Do que você está falando?

— Ah, Ana. Não te faz de boba — a mulher se sentou na cadeira à minha frente. — Estou falando do Dimi.

A minha mente estava processando as informações lentamente, e só depois de pensar muito consegui ligar a figura do Dimitri ao Tim, que era o apelido auferido a ele por Adriane.

— O que tem ele? — inquiri, tomada de nervosismo. Fixei meus olhos na tela do notebook e passei com o mouse pelos ícones, perdida diante das palavras de Adriane e do que eu realmente queria fazer.

— Ele te deu carona.

— Sim. No dia do chá da Marcia, ele me levou em casa — desconversei.

— Não estou falando disso, Ana! — voltei a minha face para a dela, e seus olhos me investigaram com fervor.

Respirei fundo, entregando os pontos à mulher à minha frente. Estava cansada demais para negar qualquer coisa ou tentar desconversá-la mais avidamente.

— Eu sabia! — exclamou, surpresa, e esbugalhou os olhos. — É por isso, não é?

Arqueei a sobancelha, intentando decifrar o que ela queria dizer com a sua indagação.

— É por isso que a sua vida está de pernas para o ar e você está aí, toda perdida.

— Adriane... — tentei esboçar uma frase que explicasse tudo, mas ela me interrompeu antes que eu pudesse começar a dizer-lhe.

— Não precisa dizer nada, Ana. Eu sei que você é minha patroa, mas antes de tudo é minha amiga, e eu me preocupo com você. Não sei ao certo o que está acontecendo, mas você tem todo o meu apoio se as suas escolhas te fizerem feliz.

— Eu... não sei o que te dizer.

— Já disse que não precisa dizer nada. E um aviso, eu soube disso porque um dos seus funcionários, na hora do almoço, estava de ti-ti-ti com outro falando sobre o dia em que ele veio te pegar aqui no escritório.

Ergui o olhar e fitei Adriane interrogativa.

— Quem?

— Apesar de ter ouvido, ser sua amiga e você ser minha patroa, não sou dedo-duro. Só tome mais cuidado no que diz respeito à sua vida pessoal.

Paralisei diante das palavras de Adriane e quis a todo custo saber quem conspirava contra mim dentro do meu próprio escritório. Quis ir até todos e indagar de um a um para descobrir quem era o fofoqueiro, mas coloquei a cabeça no lugar e decidi que o certo seria fazer uma reunião. A moça à minha frente concordou.

À tarde, Adriane permaneceu em minha sala. Conversamos sobre tudo que havia acontecido em minha vida, em relação ao Dimitri, no entanto oculte-i-lhe partes da história que eu não tinha interesse que ela soubesse. Houve momentos em que ela sorriu, noutros me fitou seriamente, mas ao fim senti-me mais leve e menos doída como nos dias anteriores. Compartilhando as minhas desventuras extraconjugais ao lado do motoqueiro com ela, tirei um enorme peso das minhas costas.

Quando o fim do expediente chegou, eu me ative ao meu celular e, antes que os funcionários comesçassem a se despedir, mandei uma mensagem ao Dimitri, pedindo que ele se atrasasse ao menos meia hora para me pegar. Ele respondeu-me de prontidão com um *okay*.

Todos foram embora, e eu fui a única a ficar no escritório. Até mesmo a moça da limpeza e o segurança já tinham abandonado as suas respectivas funções. Arrumei as minhas coisas sobre a mesa, coloquei-as dentro da bolsa e saí da minha sala. Caminhei até a porta da frente, até que alcancei a saída e dei com a rua.

Dimitri ainda não havia chegado. Verifiquei as horas no celular e ele realmente não estava atrasado. Aproveitando a deixa, dei uma olhada nas mensagens e me lembrei de que não havia mencionado ao Guto que chegaria mais tarde em casa. Fui até o seu contato e, em um súbito pensamento, escrevi-lhe uma mensagem.

Chegarei um pouco mais tarde em casa. Ainda estou no escritório com a Adriane, adiantando processos, para que possamos curtir o Réveillon sem pendências em mente.

Não esperei que ele me respondesse. Fechei o aplicativo e desliguei o visor do aparelho, metendo-o dentro da bolsa. Olhei para a rua, verificando se Dimitri já dava sinais da sua chegada, e, mesmo sem poder vê-lo, escutei ao longe o barulho do motor da sua moto. O meu coração saltou em meu peito e pareceu-me alcançar a minha garganta, pois eu sentia os seus batimentos de forma intensa, até mesmo na cabeça.

Sua figura surgiu ao longe, e eu divisei a sua jaqueta preta, que já era uma marca sua. Usava um jeans azul, tão surrado quanto a jaqueta de couro e a bota, que também pareciam já fazer parte do seu corpo. Parou à frente do meu escritório e olhou-me pelo visor do capacete, alcançando os meus olhos

com o seus. Ofereci-lhe um largo sorriso. Ele balançou a cabeça como em um gesto afirmativo.

— Vamos? — a sua voz saiu abafada por conta do capacete que usava. Ele virou-se um pouco e retirou outro que estava na garupa da sua moto, preso a uma rede.

Andei em sua direção. Quando perto dele, ergueu-me o capacete. Eu peguei o objeto e coloquei na cabeça. Subi na garupa da moto com cuidado, ajeitando-me para que não caísse quando ele aumentasse a velocidade do automóvel.

— Você está bem? — ele virou a cabeça para trás, intentando me enxergar por sobre o seu ombro.

— Estou, e você? — respondi-lhe de forma retórica.

— Um pouco cansado, mas nada que um banho não resolva. Podemos ir?

— Sim! — disse, por fim.

Assim que fechei a boca, Dimitri ligou a moto e arrancou, tomando a rua e nos levando em direção a sabe-se lá onde.

Ao passo que nos movimentávamos na pista, fui tomando conhecimento de para onde estava sendo levada: sua casa. Não o adverti por isso, inclusive até gostei do fato de estarmos indo para um lugar onde ninguém poderia nos incomodar.

Ele aumentou a velocidade, e eu me agarrei com mais força em sua cintura. Dimitri mantinha-se concentrado na pista, mas parecia inquieto. Volta e meia ele lançava a cabeça para trás, como se estivesse percebendo algo errado.

— Aconteceu algo? — gritei em seu ouvido.

Ele permaneceu calado. Provavelmente não havia ouvido a minha pergunta. Continuou o caminho. Chegamos a uma rua onde tinha um sinal, porém em vez de dobrarmos à esquerda, que era para onde ficava a sua casa, seguimos em frente.

— Achei que você me levaria para sua casa! — exclamei. Dessa vez ele me ouviu.

— Esse era o meu propósito, mas olhe para trás!

Estranhei o fato de ele me pedir aquilo, no entanto fiz o que pediu.

— Carros e motos? — encostei-me próximo à sua face para que ele pudesse me ouvir melhor.

— Repare no Corsa prata. Ele já está nos seguindo há algum tempo. Não sai da nossa cola.

Voltei o olhar para trás assustada, e realmente, havia um Corsa prata atrás de nós.

— Deve ser só impressão. Talvez por coincidência esteja indo para o mesmo lugar que nós.

— Duvido que seja isso.

Dimitri acelerou mais a moto e, em uma jogada arriscada, dobrou em uma rua de curva fechada.

— Teremos a certeza disso agora.

Ele diminuiu a velocidade do automóvel, olhou para trás, esperando que o carro viesse atrás dele. E, para a minha surpresa, ele veio. Meu coração, que estava quieto e aconchegado naquele momento que era só meu, onde o contato com Dimitri me levava às nuvens, passou a bater compulsivamente.

— Você sabe quem é? — inquiri-o.

— Não faço a mínima ideia, e não quero ficar para descobrir.

Ele acelerou a moto e em um rompante passou a correr cinco vezes mais rápido do que antes. Enquanto tentava despistar o carro, eu me perguntava quem poderia estar nos seguindo e o que queria conosco. Havia várias possibilidades. Pensei até mesmo que fosse o Guto, usando da sua psicopatia para encontrar-me, já que ele andava desconfiado de mim. Contudo, desfiz-me dessa hipótese, já que aquele não era o seu carro.

Amedrontada, eu pedia aos deuses para que aquilo acabasse logo e o Dimitri conseguisse se livrar de quem quer que fosse que estava nos perseguindo. Ele entrava em ruas e mais ruas, no intuito de acabar com aquilo, mas o carro que vinha atrás de nós estava em nosso encalço. Demos voltas e mais voltas pela cidade, divisando lugares que eu nunca tinha visto antes em todo o tempo em que morava ali.

Chegamos a uma rua hostil que mais parecia um beco. Entramos por ela, e, pelo seu tamanho, provavelmente o carro não passaria por ali, e, se conseguisse passar, não seria na mesma velocidade que nós. Era a nossa chance de fugir.

Dimitri atravessou a rua com avidez. Eu olhava para trás, tentando enxergar o carro, mas ele parecia haver sumido. Antes de sairmos da rua e dobrarmos pelo lado direito, pude vê-lo parado no local pelo qual entramos, sem conseguir fazer o mesmo. Aliviada, voltei a olhar para frente. Depositei a minha cabeça nas costas do Dimitri e fechei os olhos.

Eu havia ficado extremamente nervosa diante daquela situação. A impressão que tinha era de que havia tomado um choque elétrico, pois não parava de tremer.

— Acho que nos livramos!

Respirei fundo. Dimitri fez o mesmo, aliviado, mas manteve a velocidade da moto.

Seguimos em direção à sua casa, por um caminho totalmente diferente do que eu já conhecia. Não demorou muito para que chegássemos ao nosso destino. Ele parou próximo ao portão e, antes que pedisse para eu descer, e abri-lo para ele, eu o fiz. Apesar de ter nos livrado do perseguidor, ainda estava com medo e queria, o mais rápido possível, entrar e me sentir segura.

Ele me entregou a chave. Abri o portão e me afastei para que ele pudesse passar com a moto. Dirigi-me até a porta e fiz o mesmo. Mantínhamo-nos em silêncio. Não sei se pelo nervoso que ambos havíamos sentido, por conta do que vivenciamos, ou se pelo fato de ainda estarmos com medo.

Dimitri tirou o capacete e colocou-o sobre a moto. Eu fiz o mesmo com o meu, colocando-o sobre a mesa de plástico que ficava na entrada da casa. Entrei para o interior do recinto, e ele veio logo atrás de mim. Fiquei parada no centro da sala esperando que ele entrasse e fechasse a porta. Feito isso, ele se virou em minha direção e ofereceu-me um tenro olhar. Ficamos parados, um em frente ao outro, mirando-nos como se intentássemos dizer mil coisas com o olhar.

O meu corpo reclamava a proximidade do seu. Ainda distante, ele

sorriu, e só então deu passos em minha direção.

— Oi... — disse, ao chegar próximo de mim.

— Oi — respondi-lhe no mesmo tom de voz.

Ele aproximou a sua face da minha e roçou os seus lábios nos meus. A sua estrutura fez-me arrepiar, o seu toque, o seu contato enterneceu todo o meu corpo. Fui cedendo ao seu pedido de entrar em minha boca com a sua língua, que havia feito o desenho dos meus lábios, e então nos beijamos demoradamente. Ele tomou-me pela cintura, envolvendo-me com seus braços, espalmando as mãos nas minhas costas.

O seu hálito forte invadiu-me, bem como a sua saliva, que foi levada à minha boca por sua língua. O cheiro de limão que seus cabelos exalavam alcançou as minhas narinas, inebriando-me.

— Eu senti a sua falta — disse, após abandonar meus lábios.

Continuei envolvida pelos seus braços, com os olhos fixos nos seus.

— Eu também senti a sua.

Aquilo tudo era uma loucura, mas uma loucura tão gostosa, que seria maior ainda se eu não a vivenciasse, se eu não me permitisse sentir tudo aquilo e deixar que aqueles sentimentos fluíssem de mim. Era cedo demais para dizer que havia paixão ou qualquer outra coisa entre nós, até mesmo por conta da situação na qual eu estava metida, sendo esposa e mãe. Todavia, eu estava completamente apaixonada por ele e, mesmo que tivesse acabado de chegar à sua casa, custava-me acreditar que dali a algumas horas eu teria que ir embora e voltar para uma vida que não me agradava.

— Não acredito em você — confessou-me, de forma irônica.

— Não? — sorri, pois sabia que ele apenas brincava comigo.

— Prove!

Paralisei-me em seu olhar e invadi com os meus olhos o seu semblante, buscando reconhecer cada um dos seus traços. Usei uma das mãos para ir até os seus cabelos e acariciei-os. Dimitri fechou os olhos. Sorri.

Em um movimento súbito, agarrei com força uma mecha e trouxe a sua face para perto da minha. Invadi a sua boca com a minha língua, desferindo beijos luxuriosos e intensos. Ele retribuiu a minha ousadia e comprimiu ainda

mais o meu corpo em direção ao seu. Sua rigidez se esfregou em mim e, sentindo-o daquela forma, pouco a pouco a excitação fez-me ficar encharcada.

Metidos naquela troca de carícias, o prazer de tê-lo em meus braços fez com que a lascívia se apoderasse de mim. Tirei uma das mãos que segurava o seu pescoço e desci com ela pelo seu peito, acariciando-o. Continuei o meu caminho, passeando pelo seu abdômen e virilha, até que alcancei o que eu queria. Apertei com força a sua estrutura. Ele gemeu entre os meus lábios.

— Não faça isso.

— Por que não? É proibido? — inquiri, cínica.

— Não para você.

Mantive a minha mão onde a havia colocado e acariciei-o repetidas vezes. Quando aquilo não me bastou, tentei desfazer o botão da sua calça com uma das mãos, porém não consegui e levei a outra que ainda mantinha agarrada a uma mecha dos seus cabelos para auxiliar-me no meu intento.

Desabotoei a sua calça, mas não desfiz o zíper. Ousada, enfiei a minha mão dentro da sua calça, passando pela sua cueca em busca do que eu mais almejava em seu corpo. Ao alcançar o que queria, percebi que a umidade já se fazia presente ali, denunciando o tesão que ele sentia. Fiz movimentos de fricção despretensiosos nele e deixei-o ainda mais endurecido.

— Você que pediu!

Dimitri se afastou de mim e, em um gesto súbito, puxou-me novamente em sua direção, mas não me beijou ou fez qualquer coisa. Guiou-me na direção do sofá e, quando chegamos próximo ao móvel, fez com que eu deitasse sobre ele. Com as duas mãos, ele foi até as minhas pernas e as ergueu, puxando-as pelo calcanhar. Feito isso, ele foi até a minha calça e puxou-a, desfazendo-se apenas dos botões, sem dar muita importância ao zíper, o que causou dificuldade ao seu intento. Mas não demorou muito e a minha nudez foi exposta, apesar de a minha intimidade ainda estar coberta. Não fiquei assim por muito tempo. Ele puxou a minha calcinha, ensandecido, deixando-me apenas de blusa.

Deitada no sofá, de pernas abertas e nua, eu o observava parado à minha frente enquanto ele se desfazia das botas com movimentos rápidos.

Tirou-as e lançou-as longe. Fez o mesmo com a calça, que, já aberta, não custou para deslizar por suas pernas. Não tirou a camisa e a jaqueta.

Seu membro, robusto e saliente, brilhava pela umidade que era expelida da sua cabeça. Eu quis tocá-lo, chupá-lo, sentir o seu gosto. Mas, na posição em que estava, havia apenas vulnerabilidade em mim.

Dimitri se aproximou do meu corpo, abaixando-se vagarosamente, até ficar à determinada altura, quase acorado no chão. Assim, foi levando a sua rigidez em direção à minha intimidade. Seus olhos fixos nos meus, sua boca entreaberta de desejo. Seus braços entre as minhas pernas. Ele me puxou para a borda do sofá. Senti-o roçar em mim e me arrepiei por completa, desejando que ele concluísse o seu ato. Eu estava preparada para recebê-lo, eu queria tê-lo completamente dentro de mim, infinitamente meu.

Ele forçou a entrada em meu interior, e pouco a pouco fomos nos tornando um, unidos pelo nosso desejo e pela vontade de sermos só nossos. Esbocei gemidos entre dentes, sentindo-o concreto em minha estrutura, agora parte de mim, dono do meu corpo naquele momento.

Dimitri passou a se mover, indo e voltando como se fizesse uma viagem interminável ou fosse as ondas de um mar revolto, acometido por tenebrosa tempestade. Ele curvou o seu corpo em minha direção, seus lábios alcançaram os meus, e seus beijos intensos me levaram a um nível de tensão ainda mais alto do qual eu me encontrava. Enquanto se metia em mim, mordiscava meus lábios, impingindo o seu corpo cada vez mais forte em direção ao meu. Eu gritei alto, sentindo a sua textura em contato com a minha. Ele suspendeu um pouco a minha camisa, até que um dos meus mamilos ficou à mostra. Com os lábios, alcançou o meu seio. Chupou-o, babujou-o e mordeu-o deliciosamente, como se o que eu tivesse em mim fosse uma faustosa fruta.

— Ana, você é tão gostosa — disse, enquanto intensificava os seus movimentos.

— Eu sou sua, Dimitri.

— Fala isso de novo — pediu.

— Eu sou sua.

Tornou-se ainda mais violento, fodendo-me forte como nenhum

homem fizera a mim em toda a minha vida. Seus movimentos passaram a se tornar gradativamente lentos. Naquele momento, achei que ele daria fim ao nosso contato, contudo fui surpreendida quando ele passou os dois braços por baixo das minhas costas e, fazendo força, ergueu-me em um átimo. De pé, segurando-me como se eu fosse uma boneca, ele continuou a me perfurar. Colocou um dos pés sobre o sofá, apoiando-me sobre a sua perna, e fodeu-me deliciosamente.

Enquanto domava-me, rugia. Eu ora o fitava nos olhos, ora os fechava para sentir com mais exatidão a sua pele, o seu cheiro, a sua força.

— Olha para mim. Eu quero que você goze olhando para mim — falou, entre um gemido que mais pareceu um urro. Obedeci-o.

Da mesma forma que me colocara de pé, em um movimento ágil, nada ensaiado, ele virou o corpo na direção do sofá e aos poucos se sentou. Em momento algum ele se retirou de dentro de mim, eu o sentia extremamente meu, no fundo da minha carne. Ao sentar-se, ele parou os seus movimentos.

— Cavalga em mim! — pediu-me, com os olhos fitos nos meus. Sua face acometida por um semblante perverso. — Cavalga em mim, Ana! — repetiu.

Passei a me mover sobre ele, rebolando em seu colo lentamente. Agora quem dominaria a situação seria eu. Ele colocou as mãos em minhas nádegas e impulsionou-me em meus movimentos, mas eu agarrei os seus membros e afastei-os, forçando-os até a cabeceira do sofá. Ele sorriu. Seus cabelos estavam molhados e o suor escorria pela sua testa.

Sorri. Maldosa, passei a dançar sobre ele, com os dois pés sobre o sofá, de cócoras, sentindo-o perfurar-me. Assim, fui me libertando, deixando que a minha indecência fosse maior do que qualquer sentimento que me acometesse.

— Se você continuar assim, eu vou gozar!

Ofereci-lhe um sorriso sacana.

— Goza, me dê tudo o que você tem! — ao terminar a frase, intensifiquei os meus movimentos.

Usei uma das minhas mãos para alcançar o meu clitóris e me estimulei para que pudesse alcançar o prazer junto a ele. Dimitri urrou, denunciando

que me preenchia com o seu elixir, e eu, estimulando-me, consegui chegar ao mesmo estado que ele, ainda quando os espasmos percorriam o seu corpo.

Após o gozo, Dimitri jogou a cabeça para trás, e eu continuei na posição em que estava. Ele respirava ofegante, e eu ainda sentia pequenos choques em minha pele. Minutos depois do ato, sorriu.

— Eu tinha outros planos para nós dois esta noite — disse, erguendo a cabeça. Passeou com os olhos pelo meu semblante e me fitou, arqueando a sobrancelha.

— Eram melhores do que este? — encontrei os seus olhos com os meus.

— Acho que não — um sorriso deu contorno aos seus lábios. — O que poderia ser melhor do que isso?

Sorri e deposei nele um cáldo beijo.

— Vamos para o banho? — assim que me propôs, levantei-me do seu colo para que ele pudesse se retirar da posição em que estava.

Retirei a blusa que usava, encharcada de suor. Ele fez o mesmo, lançando a jaqueta sobre as botas que estavam no chão e em seguida a camisa que usava por baixo.

Seguimos em direção ao banheiro em silêncio. Admirei o seu porte galante, enquanto dava passadas até o nosso destino. Chegando ao cômodo, não me demorei a entrar no box, liguei o chuveiro e me meti debaixo da água morna. Dimitri se aproximou de mim e fez o mesmo, recebendo em seu corpo as mesmas águas que me lavavam.

Fixei os meus olhos no teto, mantendo os pensamentos longe, aproveitando unicamente a posição na qual estava e a companhia do homem que havia se agarrado em mim, fazendo concha atrás do meu corpo. A sua respiração era suave e parecia-me que ele intentava sugar todo o meu cheiro, com as narinas próximas ao meu pescoço. Movi-me na cama, endireitando o meu corpo, para que pudesse ficar frente a ele.

As nossas faces se encontraram e a ponta do meu nariz roçou o seu. Ele mantinha os olhos abertos e agora fixos em mim, investigando a minha

estrutura. O seu semblante trazia consigo milhares de indagações das quais eu não tinha conhecimento. Contudo, imaginava que grande parte das coisas que pensava era sobre o fato de estarmos ali, agora, aproveitando a presença um do outro.

Em silêncio, sentíamos a dimensão dos nossos corpos e o prazer que o contato deles nos causava. Estávamos apaixonados, ao menos para mim isso havia acabado de se tornar uma certeza. Afastei a minha face da sua, mas só por um instante, pois voltei com meus lábios em direção aos seus e selei neles um beijo. Dimitri retribuiu e acariciou os meus cabelos ternamente.

— Tudo que eu queria era que você pudesse ficar — sussurrou, com a voz rouca.

Fechei os olhos e senti o impacto daquelas palavras vindo em minha direção.

— Queria que você pudesse dormir comigo para que eu acordasse com o peso do meu corpo sobre o seu. Para que eu sentisse o seu cheiro pela manhã assim que os meus sentidos despertassem.

As suas palavras me encantaram, mas ao mesmo tempo me auferiram um pesar no peito, já que aquilo era uma impossibilidade muito maior do que eu gostaria que fosse. Aquela situação me fazia lembrar do quanto eu estava sendo covarde comigo mesma e estúpida com algumas pessoas ao meu redor. Todos os sentimentos de antes fizeram morada em meu peito e me inquietaram. Eu não dei vazão a eles, não deixei que estragassem aquele momento, no entanto algo se perdeu no momento em que me invadiram a memória como um lapso.

— Tudo o que eu queria era poder ficar — falei, dando pausas ao fim de cada uma das palavras.

Mantínhamos nossos olhos conectados. As suas mãos uma vez ou outra alcançavam os meus cabelos e distribuíam carícias em mim. Vivenciando aquilo, sentia uma paz e uma pureza que com os outros homens com os quais havia mantido relação não sentira.

— Não está com fome? — inquiriu-me.

Balancei a cabeça em negação.

— Eu preciso ir — informei-lhe.

Dimitri respirou fundo e afastou o seu corpo do meu. Como se apunhalado por uma dor que era maior do que seu corpo podia suportar, ele voltou os olhos para o teto e ficou assim durante segundos seguidos, mirando o nada sem dizer uma única palavra.

— Ei, não fique assim! — tentei consolá-lo.

Trouxe a face para perto de mim e me beijou calidamente.

— Assim como?

— Assim como você ficou.

Sorriu e beijou meus lábios, em seguida a testa e algumas mechas dos meus cabelos.

— Vamos?

— É o que nos resta.

Aconcheguei-me em seu corpo e, com o nariz próximo ao seu pescoço, mapeei o seu cheiro. Beijei-o vagorosamente por toda a extensão da carótida e então me afastei dele. Levantei-me da cama completamente nua. Fiquei parada na borda admirando a extensão do seu corpo, também despido, sobre a estrutura. Ele lançou um olhar a mim, como o de um pedinte, mas não o manteve por muito tempo. Levantou-se e foi em minha direção. Seus braços me envolveram em um abraço apertado, e beijos foram distribuídos em minha pele, desde os ombros até a face.

Dessa maneira, não demorou para que eu sentisse sua rigidez me alcançar, despidorado. Sem conseguir conter-me, alcancei com uma das mãos o seu membro e friccionei-o vagorosamente. Ele gemeu e me ofertou um beijo lascivo.

Apesar da vontade, eu sabia que não tinha mais tempo e que provavelmente já era tarde e chegada a hora de ir embora. Antes de aquilo se tornar o prelúdio de mais um instante de desejo e opulência, eu abandonei o meu intento e dei uma volta com os meus braços em seu pescoço, comprimindo seu corpo na direção do meu. Beijei a sua bochecha, respirei fundo e disse-lhe:

— Eu tenho que ir.

Dimitri suspirou, mas, aceitando a minha necessidade de bom grado,

ele me soltou. Fitei-o enternecida, verificando o seu semblante. O descontentamento fazia sombra aos seus olhos. Senti o meu coração se comprimir como se o envolvessem mãos astutas e rudes.

— Vamos! — exclamou, e me deu as costas.

A passos lentos, foi em direção à saída do quarto e passou por ela. Segui-o, percorrendo o mesmo caminho até a escada. Desci todos os degraus e cheguei à sala, onde as minhas roupas e as suas estavam espalhadas pelo chão. Catei as peças uma a uma e passei a vestir-me sem pressa.

Nesse ínterim, lembranças do que havia prefaciado a nossa noite se fizeram presentes em minha mente e dúvidas que necessitavam de respostas surgiram.

— Você conhecia aquele carro? — inquiri-o. Ele se manteve em silêncio, estava vestindo a calça jeans. Ao terminar, fitou-me com os olhos perdidos.

— Eu nunca o vi — deu de ombros e pegou a camisa que estava ao lado das botas no chão.

— O que será que queria conosco? — fiquei parada, sem concluir meus atos, intentando encontrar possibilidades que me levassem ao motivo pelo qual havia nos seguido.

— Não sei o que queria. Não quis ficar para descobrir. A gente nunca sabe do que as pessoas são capazes de fazer.

A sua frase ecoou por toda a casa e me trouxe reflexões adormecidas em meu interior. Não dei asas a elas, afinal eu tinha outras coisas com as quais me preocupar no momento.

— Mas está tudo bem, não está? Não se preocupe mais com isso. Foi só um susto e passou.

— É, passou — disse-lhe, incerta.

Eu já estava completamente vestida. Dimitri ainda ajeitava a camisa no corpo. Ao terminar, veio em minha direção e parou à minha frente.

— Quando nos vemos novamente? — inquiriu.

— Final de semana? — apresentei-lhe a possibilidade.

Ele balançou a cabeça em um gesto afirmativo. Sorriu. Aproximou o corpo do meu e me abraçou, dessa vez tão forte, que senti parte dos ossos da minha coluna estralar. Ao fim do abraço, ele pegou uma das minhas mãos e me impingiu a andar em direção à saída da casa. Peguei, quando passei pela poltrona, a minha bolsa que havia deixado sobre ela e segui-o.

Sáímos da sua residência. Um aperto tomou o meu peito, como se algo em mim denunciasse que tudo estava muito errado. Ir embora não era o que eu queria, mas diante das circunstâncias era o que eu precisava fazer.

Na garupa da sua moto, em direção ao meu carro, que ainda estava em frente ao meu trabalho, rememorei tudo o que havia nos acontecido naquela noite. Desde a perseguição ao nosso desejo de estarmos conectados pelos nossos corpos. Agarrei-me ainda mais ao seu abdômen, como se aquilo me protegesse do que me esperava quando me separasse dele e tivesse o poder de me fazer ficar ali, para sempre, longe de toda a dor e das angústias que permeavam os meus dias. Encostei a minha cabeça em suas costas e, mesmo de capacete, pude sentir o seu cheiro. Tê-lo sempre foi o que eu quis, e agora ele estava ali, comigo. Contudo, apesar de desejá-lo compulsivamente, eu ainda não podia ser inteiramente sua.

Dimitri me deixou novamente à frente do meu local de trabalho. Nos despedimos sem muito entusiasmo, já que o que queríamos era permanecer juntos durante toda a noite e acordar com o cheiro e o gosto dos nossos corpos colados um no outro. Eu desci da sua moto e entreguei-lhe o capacete, que ele prendeu na rede que ficava em sua garupa.

— Até mais! — despedi-me, colocando a minha mão sobre o seu braço e auferindo nele um leve aperto.

— Nos vemos — afirmou.

Dirigi-me até o carro. Destravei-o e, assim que o fiz, entrei. Sentei-me no banco e coloquei a bolsa no outro, ao lado. Dimitri continuou parado sobre a moto ligada. Eu fixei meus olhos nele e sorri. Liguei o carro. Feito isso, ele colocou o seu automóvel em movimento. Não demorei a fazer o mesmo, e logo estava indo em direção à minha casa, ainda mais pensativa e reflexiva do que estive nos dias anteriores.

Tudo aquilo estava ganhando uma dimensão com a qual eu não podia lidar. Meu coração inquieto não conseguia encontrar tranquilidade perante as situações que se apresentavam diante dos meus olhos.

Parei no sinal vermelho, olhei para a bolsa. Ali estava o começo de tudo, aquele diário. O sinal se tornou verde e novamente eu coloquei o carro em movimento. Guiei-me por ruas e avenidas, metida em meus pensamentos que já me custavam a serem expostos por mim a mim mesma. O que eu tinha em mente eram coisas que eu já havia cansado de remoer, culpas, desculpas, desejos, ânsias, o tempo perdido.

Cheguei à frente do meu condomínio, pesando sentimentos em meu âmago. Parei em frente ao portão, que demorou a abrir. Quando aberto, entrei e segui em direção à minha casa. Ao chegar, sem muito ânimo, peguei a minha bolsa e desci do carro. Aquela era a minha casa, aquela era a minha realidade e, mesmo que eu quisesse mudá-la, mesmo que vivendo aventuras ou paixões avassaladoras eu achasse que podia mudar qualquer coisa ali, quando chegava o momento de fazer as escolhas que me levariam em direção à minha libertação eu me acovardava.

Entreí no local, não encontrei Íris ou Carlos Augusto. Verifiquei as horas no relógio que ficava a um canto na parede. Já eram quase onze da noite. Provavelmente meu marido dormia e minha filha estava trancada em seu quarto mexendo no celular. Subi as escadas como se arrastasse correntes presas a mim. No quarto, confirmei a minha suspeita de que o Guto dormia. Ele estava estirado na cama e ressonava baixinho.

Tirei o scarpin para caminhar sem fazer barulho pelo cômodo e fui em direção ao banheiro. Fechei a porta atrás de mim, passei o trinco e coloquei-me em frente ao espelho, dando conta do meu semblante. Havia felicidade em mim, traços que demonstravam um rejuvenescimento causado pelas minhas aventuras, mas havia uma pequena tristeza que aos poucos repuxava meus lábios e me desmoralizava.

Duas batidas secas ressoaram na porta do banheiro.

— An, é você? — era o Carlos Augusto.

— Sou eu! — respondi-lhe.

— Tudo bem?

— Tudo — respondi-lhe, monossilábica.

Não ouvi mais a sua voz. Fui até o chuveiro e tomei uma ducha morna. Demorei cerca de quinze minutos entre pensamentos e a água que passeava pelo meu corpo. Terminado o banho, enxuguei-me, enrolei-me na toalha e saí do banheiro. Verifiquei o cômodo com os olhos e vi que o Guto havia voltado a dormir. Fui até o guarda-roupa, peguei uma das minhas camisolas mais leves. Vesti-a sem muito segredo. A toalha na qual estava enrolada, lancei a um canto no quarto, sem ânimo de voltar ao banheiro para pô-la em seu devido lugar. Dei passos lentos até a cama e me deitei de costas para Guto, que a essa altura já roncava.

Esperei o sono chegar, mas ele demorou a dar sinais. Eu estava cansada e dava graças a Deus que o dia seguinte já era sexta-feira. A minha mente, apesar de todos os pensamentos que a tomavam, foi pouco a pouco perdendo o fio da sua consciência, até que eu adormeci.

Sexta-feira! Último dia da semana, última sexta-feira do ano. Todos no escritório só falavam em onde e como iam passar o Réveillon. Adriane entrou na minha sala pela manhã cerca de vinte vezes para falar da praia para onde ia com umas amigas. Implorou-me para que eu a acompanhasse, mas eu já tinha o meu compromisso de passar aquele dia com a minha família.

Sem muita empolgação, meti-me como sempre em meus trabalhos, esquecendo-me de tudo e de todos e do fato de estarmos próximos de mais um feriado. Finalizei processos, analisei outros, repassei as contas que a Adriane havia me mandado do financeiro. Conversei com a moça do setor pessoal sobre alguns funcionários e me esqueci completamente das outras coisas que me assolavam e me tornavam reflexiva.

Em determinado ponto do dia, senti certo cansaço, afinal eu tinha dormido pouco para o que havia aprontado com o Dimitri em sua casa. Lembrando-me dele, peguei o meu celular e enviei uma mensagem.

Estou com saudades, espero te ver logo. Não aguardei a sua resposta, abandonei o celular sobre a mesa e voltei a me dedicar às minhas pendências.

Para mim era um dia normal, comum como todos os outros que se seguiam, apesar de que um ano estava se encerrando e um novo ia ser

iniciado. Contudo, a normalidade daquele dia se perdeu no momento em que subitamente a figura de Carlos Augusto apareceu à frente da porta da minha sala.

Levantei o meu olhar ao percebê-lo ali e, no momento em que me dei conta do seu semblante, me apavorei. Ele bufava de ódio. Pensamentos desconexos me vieram à tona, e dos nossos olhos confirmações foram feitas. Ele descobriu!

Fechou a porta atrás de si e se aproximou da minha mesa como um touro. Não dei a mínima para os seus modos, fingindo não entender o que estava acontecendo.

— Guto, o que faz aqui? — indaguei-o, ajeitando-me sobre a cadeira.

— Sua vadia! — ele gritou.

Meus olhos se arregalaram e o nervoso se apoderou de todos os meus sentidos.

— Uma vagabunda, isso que você é!

— Carlos Augusto, se acalme. O que está acontecendo? — fiz-me de desentendida.

— Depois de tudo que eu te dei!

— O que está acontecendo, Carlos Augusto? — levantei-me da minha cadeira e, com olhar imperativo, esperei que ele me dissesse tudo o que sabia.

— Disso! — ele enfiou a mão em um dos bolsos. Dele retirou o celular. Demorou alguns minutos com o dedo sobre a tela, como se procurasse alguma coisa. Enfurecido, colocou o aparelho sobre a mesa. — Estou falando disso, Ana Luísa!

Peguei o celular e me deparei com uma foto onde eu estava montando na garupa da moto do Dimitri.

— Vá, passe, tem mais — ordenou-me.

Obedeci-o e passei as fotos, uma por uma. Havia fotos minhas na garupa do Dimitri em frente ao escritório. Noutras, eu conversava com ele. Em uma delas, eu estava de pé ao seu lado e mantinha uma das mãos sobre o seu braço, demonstrando intimidade. Todas as fotos eram do dia anterior, quando eu havia saído com o rapaz, quando eu havia sido perseguida por

aquele carro prata.

— O que são essas fotos? O que você está insinuando com elas? — coloquei o seu aparelho sobre a mesa e dirigi um olhar inquisidor a ele.

— Insinuando? Eu estou te mostrando as provas de que você é uma vagabunda.

— Abaixе o seu tom de voz, estamos no meu local de trabalho e eu tenho funcionários lá fora. Se quiser conversar sobre isso, que seja em casa.

— Quem é você para me dizer o que tenho que fazer ou como devo fazer?

Ele deu as costas para mim e andou pela sala, fitando o chão, respirando com dificuldade, passando compulsivamente as mãos pelo rosto erubescido.

— Quem é ele? — seu olhar me alcançou, fuzilando-me.

— É um amigo, Carlos Augusto. Um amigo que me deu carona quando eu estava sem carro.

— Cínica! — exclamou ao fim da minha frase. — Ele é seu amante, Ana Luísa. Essas fotos são de ontem. A pessoa que me mandou elas foi bem clara quanto a isso. Ainda me contou histórias sobre você que eu custei a acreditar.

— Quando você recebeu isso? Quem foi que te mandou?

— Não importa! O que importa é que você me traiu, sua vagabunda!

Ao terminar a frase, ele lançou-se em minha direção dando passos largos. Movi-me do lugar onde estava, intentando fugir da sua fúria. Ele deu a volta na mesa, porém eu fiz o mesmo, ficando ao lado contrário dele.

— Sua vagabunda! — gritou entre lágrimas. Repentinamente, em um excesso de fúria, pegou todas as coisas que estavam sobre a mesa, desde papéis ao meu notebook, e jogou-as no chão, gritando feito um louco, urrando como se houvessem enfiado em sua carne um ferro com a ponta aquecida em graus elevadíssimos.

— Guto, pare! Pelo amor de Deus, os funcionários vão ouvir o seu escândalo.

— Depois de tudo que eu te dei, da vida que te dei. Tudo que você tem foi conseguido por mérito meu! Sem mim, você não seria quem é. E seus funcionários têm mais é que saber que tipo de pessoa você é, que tipo de mulher você é. Uma vagabunda!

Ele passou a gritar como se fosse um leão, pungindo-me com os seus olhos em chamas.

Que tipo de vida ele havia me dado aquele tempo todo? Metida na mediocridade que aquele casamento me impunha, eu não era ninguém. Vivia à mercê dos seus desígnios, recusando a minha própria individualidade e a quem eu era. Tudo que eu conquistei em minha vida foi mérito meu. Daquele homem, eu só tive o desgosto de me matar cada dia um pouco mais para fazer as suas vontades, para ser apenas a sua esposa, esquecida como mulher, assumindo um papel que talvez eu nunca quis em minha vida. Mas agora aquilo tinha chegado ao fim. Ouvindo a sua última frase, a revolta se apoderou de mim.

— Que tipo de vida você me deu, Guto? Que tipo de vida? E sabe de uma coisa? Ele é mesmo o meu amante.

As minhas palavras reverberaram por toda a sala e, como em um eco, demoraram a se desfazer na dimensão do lugar. Um silêncio se colocou entre nós dois. Seus olhos, que estavam em chamas, entraram em erupção. Ele rugiu e correu em minha direção. A percebê-lo tão próximo, gritei.

— Socorro! — gritei uma, duas, três vezes. Até que a porta da minha sala se abriu e Adriane surgiu, junto de mais alguns funcionários.

— Não ouse se aproximar dela — ela gritou.

Guto estacou diante dos seus passos e dirigiu um olhar para todos que haviam chegado ao local.

— Esta conversa não pertence a vocês. Saiam daqui! — enquanto falava, cuspia.

— Se você se aproximar dela, eu chamo a polícia — disse Adriane, com convicção.

— Chame a polícia, ou quem você quiser, mas isso não muda o fato de que a sua patroa é uma vagabunda.

Ao ouvir essas palavras, voltei os meus olhos para todos ali presentes. Adriane me fitou com um semblante afável, compadecida da situação na qual eu estava metida, entendendo tudo o que havia acabado de acontecer.

— Vá embora, Carlos Augusto, ou vou pedir ao seu Guilherme para te pôr para fora.

Ele direcionou novamente o seu olhar a mim.

— Isso ainda não acabou, Ana Luísa.

Deu passos largos até alcançar a saída da sala. Os funcionários deram espaço para que ele pudesse passar. Adriane se aproximou de mim e, sem dizer qualquer palavra, me abraçou. Eu desmoronei, recostando a cabeça em seu ombro, debulhando-me em lágrimas. Eu estava triste e envergonhada pelo que tinha acontecido. Todos os xingamentos daquele homem me atingiram como um míssil, abalando toda a minha estrutura.

— Calma, Ana. Tudo vai ficar bem — ela tentava me acalmar a todo custo. Os outros funcionários se retiraram da sala e voltaram para suas respectivas mesas.

Ficamos ali durante minutos seguidos, até que eu consegui recobrar a minha calma. Soltei-me do abraço de Adriane e mirei os seus olhos.

— Ele descobriu tudo — disse, com a voz embargada.

— Mas como?

— Alguém lhe enviou fotos minhas com o Dimitri.

— Quem faria isso? — ela respirou fundo. — Que escroto faria um tipo de coisas dessas?

— Ontem, quando eu o encontrei, fomos seguidos por um carro. Conseguimos despistar. Mas as fotos que o Guto tinha eram do mesmo dia.

— Meu Deus! — exclamou. — Mas vocês viram quem era?

— Não, nem eu nem o Dimitri fazíamos ideia de quem pudesse ser.

— Eu sinto muito, Ana — ela se aproximou de mim e me abraçou novamente.

— Não sinta, foi melhor assim. Agora eu só preciso pôr todos os pingos nos is e ajeitar tudo — apesar de como tudo havia se desenrolado, eu tentava

ser forte, no entanto o meu peito já estava envolvido por um manto de tristeza. — Faz um favor para mim? Manda todo mundo para casa mais cedo. Vão curtir o feriado prolongado de vocês — dei uma pausa e respirei, tentando manter a calma. — Parece que este ano eu vou começar com o pé esquerdo.

— Pode deixar que os mandarei para casa. Mas não pense assim, pense que talvez este seja apenas o fim de um ciclo e que tudo vai se resolver da melhor forma possível. Você vai começar o ano com o pé direito — ao terminar a frase, abraçou-me demoradamente e com uma das mãos acariciou o meu cabelo, na tentativa de me fazer sentir melhor.

Adriane saiu da sala. Eu fiquei sozinha diante de toda a bagunça que havia sido feita pelo Carlos Augusto. Aquilo refletia como a minha vida se encontrava no momento, tudo fora do lugar. Dei passos lentos até o meu notebook, que ele havia jogado no chão. Peguei-o e coloquei sobre a mesa. Fui fazendo isso, aos poucos, com todas as coisas que estavam espalhadas pela sala. Arrumando tudo, colocando em seus devidos lugares.

Olhei para a porta ao dar com a presença de alguém no local. Discerni a imagem de Jeremias que me fitava com olhos tristes. Eu não estava com ânimo para dizer-lhe qualquer coisa, mantive-me na minha tarefa e fingi não dar importância à sua figura.

— Desculpe-me! — ele deu passos até estar completamente dentro da sala.

Levantei o meu semblante e encontrei os seus olhos.

— Desculpe por tudo isso.

Intrigada, parei o que estava fazendo e dirigi um olhar interrogativo a ele.

— O quê? — quis saber. Não entendia o motivo de ele me pedir desculpas.

— Foi tudo minha culpa.

Uma pontada de ódio nasceu em meu peito.

— Eu que mandei as mensagens para o seu marido — ao concluir a frase, baixou os olhos, engoliu um pouco de saliva com dificuldade e voltou a

me olhar. — Eu que te segui ontem, eu tirei as fotos, eu...

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Asco foi o que eu senti ao ouvir cada palavra que Jeremias me dizia denunciando a si mesmo, réu confesso. Ele havia acabado de desestruturar toda a minha vida. Eu caminhei pela sala, tentando digerir as suas palavras, mas não consegui entender motivos que o fizessem fazer aquilo. Por quê?

— Por que você fez isso? — indaguei-o, enfurecida. Os olhos chamuscados de lágrima e no peito o horror de estar escutando aquilo da sua própria boca.

— Eu quis você, Ana Luísa. Eu...

— Seu desgraçado! Você destruiu a minha vida! Tudo isso porque... — engasguei-me com o meu ódio e fiz menção de ir até ele. — Porque eu não te quis, porque eu te usei — não me dava conta dos meus pensamentos ou de conter palavras que pudessem ter algum efeito devastador no rapaz. Se eu pudesse, o mataria naquele instante.

— Por que ele? Por que não eu?

As suas palavras chegavam até mim como farpas agudas e me causaram mal-estar. Eu não queria mais ouvir nada do que ele tinha a me dizer, ou iria até o seu pescoço e o enforcaria. Aquele homem, o seu desejo descompensado por mim, mesmo depois de toda a conversa que eu tive com ele sobre como aquilo que ele achava que poderíamos ter não daria certo. Mas, de alguma forma, eu me achava causadora de todo aquele tumulto, porque, mesmo sabendo para onde eu estava caminhando, eu continuei. O desejo era mais forte do que eu, e a paixão que me levou de encontro a Dmitri, avassaladora demais para que eu pudesse contê-la.

— Não, Ana...

— Saia daqui, seu idiota, seu estúpido! Desapareça da minha frente agora! — esbravejei.

Peguei o porta-lápis que havia acabado de pôr sobre a mesa e lancei em sua direção. Sabia que aquilo não o feriria, mas daria a ele a noção da minha revolta.

— Suma, seu desgraçado! — gritei mais uma vez.

Ele ficou parado, observando enquanto eu, com o braço em riste, apontava para a saída da sala. Meus olhos o fuzilavam, e, se tivessem o poder de petrificar alguém, ele já seria uma estátua, só que em pedaços, no chão.

— Desculpe-me — ao desculpar-se, deu meia-volta e saiu da sala, fechando a porta atrás de si.

Após a sua saída, permaneci parada com o olhar fixo onde ele estava antes. Indagações surgiam em minha mente, principalmente como ele conseguira chegar até o número do Carlos Augusto para lhe enviar as imagens. Mas nada daquilo tinha explicação, e, mesmo que tivesse, não valia a pena ter conhecimento. O estrago estava feito, e a única coisa que me restava fazer era tentar consertar tudo aquilo. Como? Como eu sairia do meio daquela barbárie? Neste momento, eu desabei. A falta de respostas para as minhas indagações fizera-me sucumbir. Abandonei meu corpo sobre o chão, apoiando-me sobre os joelhos, e chorei. Desmoronei como uma obra antiga que é atingida por bombas e se desfaz aos poucos.

Permaneci nesta posição durante minutos seguidos, vencida pelos sentimentos que faziam morada em meu peito. Após muito me lamentar, levantei-me. Peguei a minha bolsa, jogada a um canto no chão, e dirigi-me até a saída da sala.

Eu não fazia ideia do que faria a partir dali. Estava mais do que claro que mudanças seriam necessárias, tanto em mim como nas coisas que me rodeavam. Era uma condição iminente, consequência de todos os meus atos.

Eu estava triste, desamparada, contudo a coragem que eu não tivera antes para pôr um ponto final no meu casamento estava à espreita, pronta para me dar suporte de ir até o fim.

PARTE V

ANO NOVO, VIDA NOVA!

Guiei o carro em alta velocidade na direção da minha casa. Não tinha muita certeza do que faria ao chegar lá, como agiria, se encontraria o Guto, se ele já havia contado tudo para a Íris. Eu só sentia que precisava pôr um ponto final naquele furacão para poder tocar a minha vida. Os meus pensamentos eram egoístas, mas todo aquele tempo eu nunca havia pensado em mim de verdade e, apesar de abalada, aquela situação não me atingiu com tanto fervor como me atingiria se acontecesse uma semana atrás.

Há muito eu já pensava em todas as possibilidades que rondavam uma possível descoberta do que eu andava fazendo, pelo Carlos Augusto. Foram sustos tomados em situações inusitadas, que me prepararam para que quando aquilo viesse a acontecer eu não ficasse tão surpresa assim.

Eu havia caminhado em direção àquele abismo, e agora era hora de saltar.

Não tinha ideia do que faria, como faria, com quem contar. Eu só tinha a convicção de que aquilo precisava ter um fim.

Talvez, ao me deparar novamente com o Guto, não conseguisse dizer-lhe tudo que pretendia, já que provavelmente ainda estaria com a cabeça quente. Os homens traem, acham isso a atitude mais normal do mundo, quando diz respeito a eles. Mas um homem traído por sua mulher é coisa que eles não conseguem digerir. Porque, quando assumimos os papéis que a sociedade nos impõe, somos obrigadas a deixar de lado o nosso desejo, a esquecer quem somos e o que almejamos individualmente para nossas vidas. Quando me casei, além de um marido, ganhei um dono. Depois veio a Íris e, além de ser esposa, tive de ser mãe. Mulher? Eu perdi a minha feminilidade na monotonia do meu cotidiano. Com o tempo, me entreguei ao meu trabalho, e aquilo era a única coisa que me dava um descanso das coisas que eu vivenciava em casa. Esses eram os meus dois mundos, casa e trabalho. Até que tudo mudou. O motoqueiro, o diário, todos aqueles homens, as paixões da carne. Eu me entreguei a uma busca por algo que, no início, não soube

bem do que se tratava. Entrementes, eu estava em busca de mim mesma. Reverenciando a minha persona, que se mostrava cada dia mais, saudando-me em frente ao espelho, me derramando diante do gozo.

O olhar fixo que eu mantinha em direção ao caminho da minha casa era o mesmo que eu manteria de agora em diante em relação a tudo que dissesse respeito a mim.

Surpreendida por um movimento brusco, voltei o olhar para o banco do carona e dei com o Himeros, que se materializou ao meu lado em um átimo.

— Você ainda vai me matar de susto — exclamei, em tom de estresse, após perder o controle da direção por dois segundos.

— Dia difícil? — ele sorriu. Estava com a minha bolsa no colo e me fitava com um largo sorriso.

— Defina difícil para você, afinal que dificuldades um deus poderia enfrentar? — respondi, irônica.

— Há muitas, minha cara, você nem imagina quantas e quais.

— Cite-as! — incitei-o.

— O que há com você? — seus olhos me investigaram.

— Creio que você já deva saber, ao menos pelo conceito de deus que conheço ele é onipresente, onisciente, onipotente, certo? — parei o carro à frente de um sinal vermelho.

— Se você está se referindo à cena que acabou de protagonizar, já tive conhecimento. E sim, sou tudo isso que você falou e mais um pouco. Mas só me atendo ao que me interessa.

Permaneci em silêncio. O sinal ficou verde, coloquei o automóvel em movimento.

— Não acredito que você está assim pelo que te aconteceu. Não era o que você queria?

Enfureci-me com a sua colocação. Apesar de ter o conhecimento e de

enxergar as coisas por outro ângulo agora, o cinismo de Himeros estava me dando nos nervos.

— Talvez, mas não assim. Eu queria que tudo acontecesse em meu tempo. Não estava preparada.

— Ana, se há uma coisa que não se pode controlar é o destino, vulgo Moros. Além de ter a terra e o olimpo sob os seus pés, ele é cego. As coisas nunca acontecem no nosso tempo, mas sim perpassam a sua inevitabilidade. Elas são como são.

— Nada disso estaria acontecendo agora se eu não tivesse aceitado o seu presente — a última palavra soou sarcástica.

— E você continuaria vivendo a mediocridade na qual estava metida? Vê como são as coisas agora, elas estão mais claras e apesar dos pesares você é mais feliz do que seria se permanecesse como estava.

— Você acha? — ofereci-lhe um olhar de soslaio, mas logo voltei a concentrar-me completamente na pista.

— Não há dúvidas. O que te ocorre é que você tem medo da liberdade que acabou de adquirir. Você ainda não sabe o que fazer com ela e se desespera. Não haja como uma garotinha indefesa, você pode mais do que te disseram que poderia a vida toda. Sabe, toda fase nova da vida humana, quando passa a ganhar forma e ser escrita com o auxílio das parcas, é antecedida de uma tempestade. É como um parto, há dores, contrações, sangramentos, mas o presente vem em forma de filho e é a maior alegria da vida dos homens, pois é a capacidade de criar uma nova vida. É isso que está acontecendo, você está criando uma nova vida, ela está vindo, esse é o momento da dor e das contrações.

As palavras de Himeros me atingiram em cheio, como um soco na boca do estômago. Ele estava certo, e eu sabia daquilo, mas teimava em enxergar. Iludi-me achando que poderia passar por cima daquilo, por cima de quem havia me tornado. No entanto, havia coisas que eu já não queria mais, situações que a partir daquele ponto não me deixariam à vontade. Então decidi, mesmo sem muita certeza, que era hora de dar a ele algo que não me serviria mais.

— Eu quero que você leve o seu diário! — disse, seca.

O silêncio criou um abismo entre mim e Himeros.

— Acha que já pode viver sem ele? — sua voz soou dócil.

— Eu não sei. Nem tenho certeza se ele serviu de verdade para alguma coisa, ou se só para te tornar mais poderoso e criar toda essa situação.

— Não pense dessa maneira. Eu estive aqui o tempo todo para te ajudar, mesmo que não pareça que foi isso que eu estava tentando fazer.

— Eu... — não consegui concluir a frase, pois fui interrompida pelo deus.

— Eu vou levar ele. Em quesito poder, nele há muito desejo sim, mas o que mais me importa é o fato da sua autodescoberta. Essa quem você é agora, que está determinada a dar um jeito na própria vida, mesmo que esteja sentindo um pouco de medo.

— Esse é o momento em que te agradeço por ter estado presente em minha vida? — esbocei um sorriso de poucos dentes.

— Você já é grata, não precisa fazer isso — ele disse, em tom de ironia, arqueando a sobrancelha.

— Obrigada! — agradei, sarcástica. Contudo, havia sinceridade em minhas palavras. Eu era grata, mesmo que as coisas ainda não tivessem terminado e eu estivesse me precipitando.

— Agora você deve seguir sozinha até o ponto em que as coisas estejam completamente como quer.

— Não sei se serei forte o suficiente.

— Você é — Himeros colocou a mão dentro da minha bolsa e dela retirou o diário que eu guardava com muito esmero. — Bem, é isso! Eu estou por aí — ele alisou a capa vermelha com uma das mãos e depois o ergueu, mostrando-o para mim.

Busquei a sua face rapidamente, sem perder o foco da pista, e ofereci-

lhe um triste sorriso. Ele também sorriu, mas me fitava com um semblante enternecido. Aos poucos ele se desfez à minha frente, dando lugar a uma fumaça rosa brilhante, que não demorou a se extinguir do carro. De agora em diante, não havia mais deuses ou seus semelhantes interferindo na minha história. Era apenas eu.

Parei o carro um pouco antes do meu condomínio, incerta do que faria. Apesar de ter traçado um plano para resolver a situação, não havia muito a ser feito. A torre tinha desmoronado. Eu precisava acatar as suas consequências e me fortalecer para atravessar aquela batalha intacta. Talvez, passar por aquilo sem sequelas fosse querer demais, eu tinha consciência de que ao menos quando tudo aquilo acabasse estaria mais forte.

Quis ter o colo da minha mãe naquele momento. Mas já havia muito tempo que ela tinha partido e eu não tinha mais os seus conselhos, os seus dizeres filosóficos, ou os seus afagos. Eu era sozinha no mundo, e tinha unicamente a mim mesma para dar conta das minhas dores e das encruzilhadas nas quais a vida (ou Moros) me punha.

Permaneci com o olhar fixo no lugar onde morei desde que casei com o Guto, mas não tinha coragem de ir em frente. Eu sabia que devia explicações, eu sabia que precisava expor quem eu era e como tudo aquilo havia acontecido. No entanto, pensamentos me acometiam, e a ideia de que eu estava ali apenas para me desculpar por uma culpa que me abraçara diante do caos fazia com que eu quisesse desistir, dar meia-volta e... Ir? Para onde? Mesmo que eu quisesse fugir, mesmo que eu quisesse deixar tudo para trás e ir, para onde iria?

Respirei fundo e tracei novos planos para mim, mas sem convicção de que qualquer um deles daria certo. Dali a alguns dias haveria a virada de ano e um novo ano começaria. Para mim, parecia-me que a transição já tinha começado. Mas ainda me era difícil aceitar de bom grado o que estava por vir. Tudo estava incerto em minha mente.

Afundi a cabeça no banco, fechei os olhos. Metida na minha escuridão interior, tentei relaxar e deixar escapar toda a quentura que fazia com que meus miolos quisessem explodir. Abri os olhos, olhei para frente e fiquei

atônita, paralisada como uma estátua. Sentia-me perdida.

É certo que nada feito de agora em diante teria mais volta. Guto havia descoberto tudo e, mesmo que ele me aceitasse, eu não queria voltar para a vida na qual estive enclausurada durante tanto tempo. Era-me cômoda. Não havia surpresas, eu vivia tranquilamente e em paz, mas também não havia paixões, luxúria, desejo. E a paz não era tudo que eu precisava. O que eu queria era sentir-me viva, e sem paixão, luxúria e desejo eu sentia-me morta, mesmo em paz. Eu havia cavado um túmulo para as minhas ânsias e me enterrado junto com elas.

Dúvidas, anseios, planos mal elaborados rapidamente, uma confusão mental e sentimental, era tudo o que me dava forma naquele instante. Talvez eu tivesse cometido um erro em deixar o Himeros partir, em entregar-lhe o presente que havia me dado com o intento de me ajudar. Eu poderia ter lhe pedido para que ficasse mais, que me guiasse pelos caminhos por onde eu deveria ir para sair daquela tempestade o mais rápido possível. Mas eu quis passar por tudo aquilo sozinha. Eu quis resolver as coisas do meu jeito, contudo o meu jeito ainda não me dava segurança do que fazer.

Liguei o automóvel convicta, em partes, de que talvez eu devesse apenas seguir. Eu faria tudo o que me viria à tona e deixaria que as coisas fossem se encaixando.

Primeiro, eu não poderia mais permanecer no condomínio ao lado do Carlos Augusto. Mesmo que ele quisesse que eu permanecesse, eu teria que arrumar um lugar para ficar, dar o fora. Segundo, eu tinha que conversar com a minha filha, explicar-lhe toda a situação e pedir o seu perdão por estar metida naquilo. Terceiro, havia o Dimitri, mas a sua figura surgia em minha mente sem muito brilho. Era como se diante daquilo tudo estar ou não com ele não me importasse, mas eu também lhe devia explicações, principalmente por ele ser o pivô de toda aquela confusão. Quarto, depois de ter feito tudo isso, arranjado um lugar para ficar, conversar com Iris, resolver as coisas com Dimitri, eu tentaria tocar a minha vida de forma a reorganizar aos poucos tudo que estaria fora do lugar.

Traçando o plano em minha mente, parecia-me simples, mas cada uma daquelas coisas, quando analisadas de perto, dava-me uma pontada na cabeça

e uma dorzinha que me precedia a minha preocupação latente.

Coloquei o automóvel em movimento, seguindo adiante vagarosamente. Olhei para o banco do carona ao ouvir o som do celular, que tocava dentro da minha bolsa. Desisti de seguir. Estacionei novamente. Vagarosa, fui até a bolsa, peguei o celular e verifiquei quem me ligava. O nome de Dimitri na tela fez com que meu coração acelerasse. Tive dúvidas quanto a atender à sua ligação e o que lhe diria. Não sabia se lhe contaria o ocorrido, ou se omitiria dele o caos para que não o preocupasse. Fiquei com o celular nas mãos, olhando para o seu nome, repleta de inquietações, lembrando-me da sua figura, do seu carinho, de como tudo acontecera, até que o som cessou e eu não o atendi.

Com os olhos fixos no visor do celular, que agora estava apagado, respirei fundo, fechei os olhos, movi a cabeça de um lado a outro tentando espantar os pensamentos que me acometiam. Novamente o celular voltou a tocar. Era o nome de Dimitri outra vez na tela. Meu coração se comprimiu, um bolo se formou em minha garganta. Eu queria atendê-lo, mas havia uma força maior dentro de mim, que me impedia de concluir o ato. Era como se eu sentisse repulsa pela sua figura e o culpasse por tudo aquilo, mesmo tendo conhecimento de que eu, unicamente eu, tinha caminhado para chegar em frente àquela encruzilhada. Uma lágrima escapou de um dos meus olhos, engoli em seco a vontade de chorar e decidi que falaria com ele.

Toquei com o dedo o visor do aparelho e levei-o até o meu ouvido, atendendo à chamada.

— Alô — a sua voz alcançou o meu ouvido com o timbre forte, grosso e aveludado. Fechei os olhos, sentindo a textura das suas palavras, recriando-o em minha memória enquanto a minha audição reconhecia o seu som.

— Alô — respondi-lhe, com a voz embargada.

— Está tudo bem? — sua voz ganhou uma entonação de estranheza e preocupação. Eu fiquei em silêncio, sem saber para onde levar a conversa. — Ana — chamou-me pelo nome, constatando a minha demora em responder-lhe.

Eu não sabia o que falar. Não havia palavras que poderiam ser ditas para expressar a minha insegurança diante daquilo que estava se

apresentando a mim. Ao ouvir a sua voz, não soube mais o que eu queria. Todo o plano que havia traçado não era bom o bastante e eu sentia-me perdida, acabada, culpada, ré confessa.

— Ana, o que houve? — ele tornou a falar, indagando-me e demonstrando preocupação no tom da voz.

— Ele descobriu tudo! — as palavras escaparam da minha boca de forma espontânea. Não constatei a dimensão que elas haviam tomado e como tinham chegado até os meus lábios rompendo qualquer barreira e vindo à tona. Mas tudo estava ali, exposto. Tudo estava dito em apenas três palavras.

O silêncio imperou do outro lado da linha. Eu não esperava dele qualquer reação. Talvez se compadecesse do que havia acontecido, ou talvez, como é comum dos homens, fugisse daquela loucura enquanto havia tempo.

— Onde você está? — a sua voz se manteve sem alteração alguma. Estranhei a sua calma, mas respondi-lhe.

— Na frente do meu condomínio, sem saber o que fazer, para onde ir... Eu...

— Não faça nada! — ele me interrompeu.

— E eu... — não soube como concluir a frase, mas também fui tomada por uma dor crescente no peito, que aumentou o tamanho do bolo que havia se formado antes em minha garganta. Aos poucos, alquebrada, desfiz-me em lágrimas.

— Eu vou até aí — falou, com convicção.

— Não! Eu acho melhor não, Dimi...

— Então venha até aqui.

Não soube como agir diante das suas palavras. Incerta, indecisa, cheia de dúvidas que se repetiam em um turbilhão e não deixavam meu coração em paz.

— Você consegue chegar até aqui? — inquiriu-me, já que eu não conseguia parar de chorar.

Tentei me acalmar. Respirei fundo, no intento de estancar as lágrimas, e, após minutos afogando-me em minha dor, consegui adquirir controle sobre mim mesma.

— Venha para cá, eu estou em casa. Vem...

A sua atitude não era a que eu esperava, e a forma como ele me falou deu-me segurança para que fizesse o que pedia.

— Eu vou! — afirmei, convicta.

— Espero por você.

Assim que terminou a frase, eu encerrei a ligação. Demorei-me estacionada onde estava, sem forças para dar partida no carro e pô-lo em movimento. Mas eu precisava ir. Apesar do pouco tempo, Dimitri era o único que eu tinha naquele momento para me dar suporte nas escolhas que eu havia feito e nas decisões que me levariam de encontro a uma nova vida.

Segui pela rua que já conhecia, por tê-la percorrido tantas vezes, em busca de suprir meu vício em ver um homem que eu desconhecia, e que agora era a única certeza de que eu tinha a capacidade de viver. Apesar de não estar atada a ele, se o momento em que o vi não houvesse acontecido, eu não chegaria aonde havia chegado. É certo que havia dores e sofrimentos que precisavam ser suprimidos e esquecidos, mas, como disse o Himeros, sem todos aqueles movimentos e as contrações não haveria o parto. Eu precisava passar por aquilo, mesmo que me doesse, mesmo que houvesse incertezas e contradições.

Cheguei à frente do galpão e estacionei o carro, verificando a casa de Dimitri ao longe. Antes de descer, tomei fôlego, pois tudo aquilo ainda me deixava tonta. Abri a porta do carro, peguei a bolsa no banco ao lado e desci. Guiei-me sob passos lentos, após ter travado o automóvel, até que cheguei ao portão da casa. Percebi que não estava trancado. Empurrei-o sem pôr muita força nos meus punhos. Entrei e, após fechá-lo novamente, segui para a área onde estava estacionada a moto do Dimi. Andei lentamente, como se não houvesse energias o suficiente em mim para completar aquele ato. Eu seguia como um robô. Mas eu seguia. Quando intentei bater à porta da casa, automaticamente ela se abriu e a figura de Dimitri se descortinou à minha frente.

Seus olhos encontraram os meus, mas não tive forças para sustentar o olhar no dele. Mirei a sua barba castanha, o cabelo desgrenhado tocando-lhe o ombro. Trajava uma camiseta branca e uma cueca samba-canção azul.

Verifiquei seu corpo, que eu já conhecia intimamente, buscando nele o aconchego que me livrasse do sentimento que pesava em meu peito. Fui com os olhos até o seu braço que se mantinha firme segurando a porta. Passei pelas suas tatuagens, que não eram tão lindas e únicas quanto a figura de leão que havia em sua virilha. Seu hálito, mesmo estando distante, alcançava o meu olfato e, misturado ao cheiro dos seus cabelos, fez com que uma sensação aprazível tomasse conta de mim.

A passos lentos, fui me aproximando dele, indo em direção ao seu corpo. Seus olhos me fitavam inertes. Quando próximo da sua carne, encostei, sendo essa a única reação que tive, a cabeça em seu peito e inspirei o seu perfume. Senti os seus braços me envolverem e, dentro do seu abraço, deixei-me pouco a pouco levar pelos movimentos acíclicos que no meu interior desfaziam a tempestade que horas atrás havia se formado.

— Eu... — tentei esboçar palavras com a voz embargada, mas fui interrompida por ele.

— Shh... não diga nada. Apenas vem aqui! — seus braços me comprimiram ainda mais em direção ao seu corpo. Ele foi dando passos para trás, puxando-me para dentro da sua casa e, assim que passamos pela porta, ele a puxou, fechando-a.

Continuei presa no seu abraço enquanto ele parecia me ninar. Lágrimas saltaram dos meus olhos e não demorou muito para que os soluços me acometessem e eu estivesse completamente vulnerável em seus braços.

— Eu não queria... — tentei dizer-lhe, mas havia muita dificuldade em expor os meus sentimentos, tanto pela confusão em mim quanto pelo bolo na garganta que embargava a minha voz — que tivesse acontecido, não assim...

— Shh!... Se acalme, Ana. Vai ficar tudo bem — ele repetiu que iria ficar tudo bem cerca de dez vezes. Eu tentei absorver aquilo como se a sua voz entoasse um mantra, mas qual era a garantia que ele tinha para me dar de que ficaria tudo bem? Eu sabia que ele me queria bem, apesar dos poucos encontros, apesar de ser novo em minha vida. Mas havia tanto para ser resolvido. Qual era a garantia que eu teria de que ficaria tudo bem, que ele permaneceria ali, que ele estaria comigo? E, de verdade, eu não sabia se eu realmente o queria diante de toda aquela situação. Talvez ele fosse a pessoa certa no momento errado.

Tentei deixar que os meus pensamentos me abandonassem, tentei acreditar em suas palavras, tentei acreditar em mim mesma de que eu era forte e que aquilo era passageiro, que logo eu resolveria tudo e voltaria a ter uma vida normal, em paz. Contudo, o que eu conhecia como vida normal era diferente do que eu teria naquele momento. E o Himeros estava certo, eu tinha medo da liberdade. Agora eu a tinha em mãos e não sabia o que fazer dela. Não havia convicção em meus atos. Eu estava acabada, tentando me reerguer.

— Calma, Ana — ele falou mais uma vez. Tive ímpetos de revolta e quis me soltar do seu abraço. Era somente aquilo que ele sabia dizer? Calma? Como eu poderia ficar calma com aquele escândalo? Talvez eu estivesse fazendo drama demais. Não era o que eu queria? Fugir do meu casamento para poder viver da forma como bem entendesse?

Entrementes, não era só o casamento que estava em jogo. Eram tantas coisas, que eu só tive noção de quando aconteceu.

— Por favor, se acalme. Vamos resolver tudo isso. Eu não vou te deixar só — as suas palavras alcançaram o meu ouvido, mas não me trouxeram conforto.

Levantei o meu rosto, que ainda estava colado em seu peito, e fixei o meu olhar no seu. Eu poderia agradecê-lo pelo aconchego, pela ajuda que me oferecia naquela frase, mas eu só conseguia me desesperar ainda mais.

— Ana, sabíamos que, nos envolvendo, uma hora ou outra isso acabaria acontecendo. Eu sei que você não estava preparada e foi tudo muito rápido... Mas, depois de tudo feito, não pode ser desfeito.

Eu ouvia as suas palavras, ora fitava o movimento dos seus lábios, ora os seus olhos. O que me falava fazia sentido, mas entrava por um ouvido e saía pelo outro.

— Eu vou estar com você — ele fechou os olhos. Ergueu a cabeça para cima como se fizesse uma prece. — Eu não vou te deixar sozinha — abriu os olhos e voltou seu rosto para o meu. Vagarosamente, aproximou a face da minha e me beijou, não os meus lábios, como achei que faria, mas entre o lábio superior e o nariz, depois os meus dois olhos, em um gesto afável, e, por fim, a minha testa. Usou uma das mãos para puxar a minha cabeça de

encontro ao seu peito e passou a acariciar os meus cabelos de forma cálida.

— Eu estou tão desesperada, desnorteada — confessei.

— Eu sei, eu posso sentir. Mas eu te peço, fique calma, tudo vai se resolver. Ele fez algo a você? — a sua última indagação me inquietou. Não lhe respondi com a voz, mas balancei a cabeça em um gesto de negação.

Ele deu passos para trás e me puxou junto consigo. Quando próximo ao sofá, ele foi se abaixando aos poucos, levando meu corpo sempre colado ao seu, até que se sentou. Aconchegou o seu corpo no canto do móvel e fez com que eu virasse as costas em direção ao seu peito, abraçando-me por trás e dando leves beijos em minha nuca.

— Coloca os pés aqui — pediu, apontando para a parte do móvel que estava livre. Eu lhe obedeci. Ele tomou a bolsa que eu ainda segurava nas mãos e colocou-a no chão.

Respirei fundo, controlando a minha ansiedade. Sentia a estrutura rija dos seus músculos servindo de encosto ao meu corpo, o seu abraço aconchegante que se fazia de casa para mim. Como ele podia ser tão perfeito, mesmo no meio daquele furacão? Como ele podia estar ali, tão disponível, sendo tão meu, sendo o homem que eu precisava que ele fosse mesmo tendo me conhecido há tão pouco tempo?

— Como ele descobriu? — sua pergunta tirou o foco das que fazia a mim mesma.

— Alguém lhe enviou fotos do nosso encontro de ontem.

— Aquele carro que nos seguiu... — ele completou o raciocínio. — Você faz ideia de quem tenha sido?

— Dimitri, isso não importa! — quis levantar do seu peito, mas ele não permitiu.

— Calma, eu sei que não importa. O que está feito é irremediável.

— O Carlos Augusto não vai me perdoar.

O silêncio fez ponte entre nós dois.

— Mesmo que eu fizesse questão de continuar com ele. Mas... — tentei consertar a frase anterior, mas não tive forças para auferir a ela o sentido que eu queria. E pouco me importava, eu só precisava me sentir em

paz.

— Você tem algo que queira fazer em mente?

— Eu não sei... — coloquei as mãos sobre a face e respirei fundo enquanto amarfanhava a minha pele. — Eu só sei que para casa eu não posso voltar, afinal aquele lugar pertence a ele, mas tem a minha filha, as minhas coisas.

— Quanto a um lugar para ficar, não se preocupe. A minha casa está à sua disposição. Tenho certeza de que seu marido não fará mal algum à sua filha...

— Não, ele não fará mal à Íris, ele a ama — interrompi-o. — Mas eu devo explicações a ela. Não posso simplesmente abandoná-la. Eu...

— Você não a está abandonando, Ana. Você ainda não fez nada. Hoje, você só precisa se acalmar.

— Mas... — intervim, sem sucesso.

— Não há “mas” plausível diante dessa situação. Você precisa se acalmar, pôr a cabeça no lugar, deixar o seu marido esfriar a dele e só então tomar as atitudes cabíveis.

— Desculpa por te envolver no meio disso tudo.

— Não precisa. Nessa história toda, não há culpados. Se estamos aqui agora, é porque há algum propósito para isso tudo estar acontecendo.

As suas palavras ecoaram em minha cabeça. Eu quis acreditar em tudo o que ele me disse, mas de certa forma algo em mim se revolvía, não só pela culpa, mas pela incerteza que aquela situação ocasionava.

— Ele foi atrás de você no seu trabalho? — inquiriu, sem muita segurança do que queria saber.

— Sim. Quebrou a minha sala inteira.

Sua mão pegou uma mecha dos meus cabelos, e percebi que ele a levou ao nariz e cheirou. Pouco a pouco, a calma foi ganhando espaço no meu peito. Quis contar a Dimitri como tudo havia acontecido, mas preferi silenciar-me, aproveitar o seu carinho, o seu apoio. Apesar de ainda não estar segura diante dos fatos, havia algo em mim que dizia que no fim tudo iria se ajustar, e que daria certo, mesmo que não fosse naquele dia, naquela noite,

mesmo que demorasse um pouco.

Movi meu corpo e abri os olhos, intentando reconhecer o local onde eu estava. Olhei para os lados, e me dei conta de que estava em um quarto que eu pouco conhecia, mas que me era familiar. Ao meu lado na cama, não havia ninguém. Levantei o corpo sobressaltada por um pressentimento ruim, e só então tive consciência do que havia acontecido. Não sabia como tinha ido parar na cama, mas lembrei-me dos afagos de Dimitri, do seu cuidado comigo, da nossa conversa e de como foi fácil pegar no sono deitada em seu peito e sentindo o seu cheiro.

Ainda vestia a mesma roupa com que tinha ido trabalhar no dia anterior. Uma pontada em minha cabeça anunciou o prelúdio de uma dor. Esgueirei-me sobre o colchão e alcancei a borda da cama. Pus os pés no chão e me preparei para levantar. Respirei fundo, extasiada, sem ter convicção de como estavam as coisas dentro de mim naquele dia. Só então levantei e dei o primeiro passo na tentativa de encarar aquilo que se poria à minha frente.

Caminhei até as escadas e não demorou muito para eu chegar até a sala. Tudo estava silencioso. Eu era a única no lugar. Verifiquei todos os cômodos que pude, na intenção de encontrá-lo em algum deles, mas apenas constatei o que a aparência do ambiente denunciava. Eu estava sozinha ali. Voltei para a sala, verifiquei com os olhos o local e dei com a minha bolsa aos pés da poltrona, onde eu me lembrava de ter adormecido. Fui até ela, peguei-a e me sentei sobre o móvel. Abri-a e de dentro dela retirei o aparelho celular. Liguei o visor e verifiquei as horas, eram nove e meia da manhã. Em seguida, fui até as notificações de mensagens e li-as uma a uma.

A primeira que me interessou era de Dimitri, nela ele me explicava o motivo de não estar ao meu lado quando eu acordasse pela manhã.

Ana, saí e não quis te acordar, pois senti o seu cansaço no momento em que adormecera em meu peito. Apesar dos pesares, foi bom poder acordar do seu lado e ter você como a primeira imagem que vi quando abri os olhos. Precisei sair cedo para adiantar alguns pedidos que foram encomendados para a virada de ano, mas se precisar de qualquer coisa me liga. Eu estarei disponível para você. Fica bem, se cuida!

Li e reli a sua mensagem centenas de vezes. Ele estava ali, mesmo que fisicamente se encontrasse em outro lugar. O seu apoio, apesar de toda a minha inquietação, era tudo que eu precisava. Uma vez ou outra eu parava, analisava toda aquela situação e me perguntava como aquele homem podia ser tão perfeito no que estava fazendo diante das circunstâncias nas quais estávamos metidos. Será que se sentia culpado por tudo? Nunca havíamos conversado sobre nós dois, o meu casamento, ou qualquer coisa que dissesse respeito ao que acontecia longe dos nossos encontros. Quando nos víamos, nossos corpos se reclamavam e só tínhamos tempo para aproveitar a voluptuosidade que nos tomava. Os diálogos eram poucos, apesar de existirem e de me permitirem conhecê-lo mais. No entanto, agora eu estava diante de um homem cuja existência eu não imaginaria que fosse possível.

Com o dedo, fui até as outras mensagens que havia recebido, e me demorei na leitura de algumas que Adriane tinha enviado.

Oi? Ana, você está bem? Foi a primeira, seguida de mais algumas demonstrando preocupação.

Ana? Onde você está, mulher? Voltou para casa? Conversou com o Carlos Augusto?

Estou preocupada, quando puder fala comigo.

Ao fim das suas mensagens, também havia ligações que foram feitas, mas que eu não ouvi, já que pelo horário deveriam ter sido encaminhadas quando já me encontrava nos braços de Dimitri, metida em um sono rejuvenescedor.

Enviei mensagens para Adriane, respondendo às suas indagações. Contei-lhe onde estava, como havia passado a noite, mas que conversaríamos melhor quando pudéssemos nos encontrar. Não esperei que me respondesse, fui até as outras mensagens que ainda esperavam respostas. Dei com os olhos em quase trinta mensagens da Íris, querendo saber o que havia acontecido, onde eu estava, que estava preocupada, que o pai estava louco.

A que mais me chamou atenção foi a que dizia o seguinte:

O papai está muito nervoso, ele não quer me falar o que aconteceu, mas disse que se você aparecer na frente dele não sabe o que será capaz de fazer. Mãe, onde você está? Por que não responde e atende às ligações? O

que houve?

Li cerca de cinco vezes a mesma mensagem, tentando digerir aquelas palavras. A única coisa que eu sentia era revolta e repulsa daquele homem. Eu havia cometido erros. É certo que os caminhos nos quais eu me meti não eram a melhor forma de sair daquela vida que eu vivia. Mas qual era o direito que ele achava que tinha sobre mim para dizer coisas daquele tipo à minha filha? Eu era dona de mim, senhora do meu próprio nariz, e, mesmo que ele me quisesse de volta e insistisse para que esquecêssemos tudo aquilo e continuássemos com o nosso casamento, eu não queria mais ser a sua posse. Eu pretendia, de agora em diante, ser unicamente minha. Apesar da forma como as coisas aconteceram, apesar de como as situações foram ganhando corpo, circunstanciadas pela minha imprudência e pelo diário secreto dos desejos. Eu queria ser livre.

Em um ímpeto, fui arrebatada por uma alegria encorajadora. Havia muito a ser resolvido, eu sabia. Mas eu tinha nas mãos todas as ferramentas necessárias para poder seguir em frente e viver a minha vida em paz. Eu nunca precisei do Carlos Augusto para nada. Eu sempre fui autossuficiente, muito pelo contrário, era ele quem precisava de mim. A casa podia ser dele, ele podia ter contribuído para que eu levasse a vida que levava, mas nada daquilo me bastava, eu não queria ser a sua sombra. Eu tinha meu escritório, meu carro, meus funcionários e a minha força. A minha feminilidade estava latente. Eu, por mais que temesse, sabia o que fazer e como fazer.

Reli a mensagem de Íris e constatee que lhe devia uma explicação. Sei que compreenderia tudo o que se passou, afinal, antes de tudo aquilo ganhar aquela dimensão, já havíamos conversado sobre tais possibilidades.

Enviei-lhe uma mensagem dizendo que estava bem, que ela poderia ficar tranquila, que tudo ia se ajeitar. Pedi calma, compreensão e disse que a amava muito.

Assim que enviei a mensagem para ela, meu telefone vibrou. O visor se acendeu em um tom verde e o nome da minha filha apareceu, anunciando uma ligação. Rapidamente atendi-a.

— Mãe, onde você está? — foi a primeira coisa que ouvi ao encostar o aparelho em meu ouvido.

— Filha... — tentei esboçar palavras, mas o desespero que a sua voz denotava fez com que ela me interrompesse.

— Eu passei a noite em claro. Estou tão preocupada com você. Onde você está? Você está bem? — as suas indagações eram muitas. Ela estava afobada e preocupada.

— Íris, calma! — falei pausadamente, e silencieiei-me por alguns instantes, esperando que ela realmente se acalmasse. Não ouvi mais a sua voz, então continuei a falar-lhe. — Está tudo bem comigo. Eu estou na casa de um amigo.

— Mãe, o que está acontecendo? Por que...

— Você precisa se acalmar, minha filha. Eu preciso que você fique calma, porque eu preciso de você — ao proferir essas palavras, senti-as ecoarem por todo o cômodo onde eu estava, e também em meu interior. Íris silenciou-se, e eu também. Permanecemos assim durante alguns segundos, até que ela quebrou o silêncio com mais uma indagação.

— Ele fez algo a você?

— Quem? — inquiri, sem muito entendimento da sua pergunta.

— Meu pai.

— Não. Ele só quebrou toda a minha sala do escritório. Fora isso... — terminei a frase reticente. — Filha! — exclamei, subitamente.

— Mãe...

— Me perdoe por tudo o que está acontecendo. Eu não queria que isso chegasse a essa proporção.

— Mãe...

— Filha, me deixe falar. Eu preciso me desculpar por isso — eu sabia que de alguma forma, mesmo que aquela situação não dissesse respeito à Íris, aquilo afetava indiretamente em sua vida.

— Mãe, você não precisa se desculpar. Eu não vou te julgar pelo que está acontecendo. Eu amo meu pai, mas também amo você. E sei que existem coisas que são complicadas de resolver, e às vezes a gente segue por um caminho tortuoso para encontrar a solução. Eu apoio você, mesmo que isso acabe desfazendo a família que eu tinha e com a qual eu estava acostumada.

— Eu não tinha a intenção de te prejudicar — uma lágrima escapuliu dos meus olhos e aos poucos o bolo que havia se desfeito em minha garganta voltou.

— Não, mãe! Eu sei que você não tinha a intenção de prejudicar ninguém. Não sei ao certo como aconteceu, o que realmente aconteceu. Mas, mãe, você tem o direito de viver a sua vida como bem entender. Não esqueça que eu sou sua filha, mas também sou mulher.

— Meu amor.

— Eu quero te ver, quero saber o que está acontecendo por você.

As palavras de Íris invadiram o meu coração, dando-me ainda mais forças para superar tudo o que eu estava vivenciando. Eu não estava sozinha frente ao caos. Eu tinha uma filha, eu tinha amigos que me apoiavam e eu tinha o Dimitri.

Continuei a conversa com Íris durante mais alguns minutos e marquei um lugar para que pudéssemos nos encontrar e conversar à vontade sobre como tudo havia acontecido. Pedi também a ela que me levasse algumas roupas, já que eu havia sido praticamente expulsa do meu lar. Nesse momento, percebi que essa era outra coisa com a qual eu teria que lidar, mesmo que o Dimitri houvesse me oferecido o seu aconchego, mesmo que ele estivesse ali, disposto a estar comigo, eu precisava me reorganizar sozinha, sem precisar de outro homem fazendo sombra a mim.

Ao terminar de falar com Íris, concentrei-me nos sentimentos que me envolviam. Ainda havia o peso do dia anterior, a vergonha de ter sido exposta na frente dos meus funcionários, o reconhecimento do meu erro diante das possibilidades que me foram apresentadas. Mas também havia a necessidade de viver, a quentura do amor que outros me ofereciam. Havia a força e a vitória iminente por estar passando por tudo aquilo e continuar viva.

Levantei-me do sofá, sem saber muito bem o que faria naquele momento. Ainda com o celular em mãos, tomei uma decisão inesperada e, indo até os contatos, liguei para Adriane. Chamou uma, duas, cinco vezes, quando, sem esperanças, achei que ela não atenderia, a sua voz chegou-me à audição e me fez abrir um largo sorriso.

— Ana! Meu Deus, você está bem? — apesar da voz de sono que

carregava, havia nela um tom de desespero e preocupação.

— Eu estou bem — respondi-lhe.

— Meu Deus, onde você está? Como...

— Calma... — interrompi-a. — Quero conversar com você sobre tudo isso, mas antes preciso muito da sua ajuda numa coisa.

— Diga, eu sou toda ouvidos.

— Está livre hoje durante o dia?

— Eu marquei com a Márcia de ir ver o vestido de noiva dela às onze, mas depois disso estarei livre.

— Ótimo, eu vou precisar de você. Onde posso te pegar?

— Certo, mas posso saber para quê?

— Eu só preciso da sua ajuda — respondi, misteriosa. A verdade é que nem eu mesma sabia se já estava preparada para o que tinha em mente, no entanto eu não poderia ficar parada, esperando que o tempo passasse e que colocasse cada coisa em seu lugar. Eu precisava fazer por mim.

Adriane, sem muita segurança, respondeu-me que eu poderia lhe encontrar onde a Márcia experimentaria o vestido. Eu concordei e, após falar sobre algumas trivialidades de como eu havia passado a noite, com quem estava e como estava me sentindo, desliguei a ligação.

Fiquei parada de pé, no centro da sala, em estado latente de autocontemplação, e depois de muito pensar nos planos que havia traçado para aquele dia, que iniciava um novo momento da minha vida, eu me movi. Fui até o banheiro e, sem muita pressa, preparei-me para tomar um demorado banho e deixar que a água do chuveiro levasse consigo, pelo ralo, tudo o que me deixava insegura, temerosa e triste.

Mantinha o olhar fixo na pista à minha frente, enquanto o celular tocava desesperadamente dentro da bolsa, anunciando uma ligação. Tentei ignorá-lo para concentrar-me unicamente no caminho, já que a rua estava lotada de automóveis, que provavelmente seguiam rumo para cidades vizinhas e litorâneas, para curtirem em outro ambiente a virada de ano. Após muito insistir, quem me ligava desistiu e o som da música que eu conhecia

intimamente se extinguiu.

As minhas dores estavam adormecidas dentro de mim. Por mais que eu sentisse que algo ainda estava errado e que a bagunça precisava ser arrumada, toda a energia que me arrebatou após o que havia acontecido comigo perdeu a dimensão assustadora que teve antes. Eu sempre fui uma mulher urgente, mesmo quando vivendo sob o domínio de um homem que me mantinha como uma espécie de prisioneira, sentia que todas as coisas que diziam respeito a mim deveriam ser resolvidas em um átimo.

Cheguei ao local onde havia marcado com a Adriane. Uma loja de roupas de casamento que ficava à esquina de uma rua, no centro comercial. Procurei com os olhos um lugar onde eu pudesse estacionar, mas havia carros amontoados por todo lugar. Parei em fila dupla, quase em frente à loja, e peguei a minha bolsa no banco do carona. Retirei de dentro dela o celular e verifiquei quem havia me ligado desesperadamente antes, não sendo aquele o meu primeiro intento. Por incrível que pareça, as ligações tinham sido feitas pela minha amiga e funcionária, e era com ela que eu queria falar. Fui com o dedo até os contatos do celular, mas, quando fiz menção de retornar a ligação de Adriane, o celular vibrou e o nome dela apareceu em letras brancas garrafais em um fundo verde na tela.

Atendi-a sobressaltada.

— Onde você está? — inquiri, antes mesmo de ouvi-la dizer qualquer palavra.

— Eu já vi você. Espera! Tô indo — disse e, ao terminar a frase, desligou.

Esperei alguns segundos, até que ela surgiu na janela do carro, batendo com as costas dos dedos fechados em punho no vidro. Destravei as portas, para permitir a entrada dela, que não se demorou e se lançou dentro do automóvel, sentando no banco do carona, oferecendo-me um olhar tenro e trazendo um grande sorriso nos lábios.

— Oi! — exclamou, animada.

— Nossa, que animação.

— Como você está, Ana? — o sorriso que carregava na face se desfez, e o seu semblante ganhou um olhar sério.

— Viva! — foi a única coisa que consegui responder-lhe. Lembrar-me do assunto deixava-me além de entristecida e mal-humorada, mas, se não o fizesse, como arrumaria tudo que estava fora do lugar?

— Eu imagino como deve estar sendo difícil para você — falou, sem jeito.

— Está, mas eu sei que não posso me deprimir ou demorar-me em resolver...

— Não é do seu feitio. Eu inclusive me pergunto como você conseguiu estar com um homem como o Carlos Augusto por tanto tempo.

Fitei-lhe interrogativa, apesar de a pergunta ter sido feita a mim, não soube o que responder. Havia muito mais do que apenas comodismo envolvido naquela situação. Subjetividades aquém do meu entendimento durante todos os anos em que estive com aquele homem. Eu precisei de um empurrãozinho de um deus para passar a enxergar tudo com outros olhos, olhos meus, sem dizeres de outros, sem moral, sem dogmas que precisavam ser seguidos ou papéis que haviam sido atribuídos a mim.

— Eu não sei te responder — fui sincera.

— Nem precisa — Adriane olhou para frente, como se intentasse buscar a resposta que nenhuma de nós tinha em mãos, mas que imaginávamos qual seria.

— Eu preciso de sua ajuda.

Ela voltou o olhar novamente para mim. O sorriso que havia desaparecido da sua face ressurgiu, fazendo morada em seus lábios.

— Estou aqui para o que der e vier, amiga.

— Estou muito grata ao Dimitri pela ajuda que me ofereceu e por não me desamparar, mas não posso sair de casa e simplesmente ficar na casa dele.

Adriane ouviu-me atentamente, apesar de o seu olhar parecer disperso, mas não havia julgamentos em seu semblante, apenas apoio.

— Eu preciso encontrar um lugar para ficar...

— E precisa de mim para ajudá-la para isso, certo? — inquiriu-me após ter me interrompido.

— Isso! — afirmei, sorrindo.

— Aqui estou, ao seu dispor. Só vamos! — disse, bem-humorada.

Agradei-a, retribuindo o sorriso que me ofereceu.

— Eu pensei em alguns lugares onde gostaria de me aportar enquanto a poeira abaixa.

— Onde?

— Vamos indo, que te mostro.

Coloquei o automóvel em movimento, esgueirando-me como podia pelos carros que estavam parados na rua, até que consegui ganhar espaço e virei à esquerda na primeira esquina. Parte do caminho, Adriane e eu ficamos em silêncio. O local para onde iríamos não era longe, eu já tinha uma noção do que queria, mesmo que fosse temporário.

Seguimos por mais alguns quilômetros, passando por ruas que eu já conhecia, outras desconhecidas, mas não tão estranhas, até que chegamos ao local aonde eu almejava chegar. Era uma rua larga e silenciosa, havia pequenas casas padronizadas em estilo americano, com muro baixo cercand-as por completo e jardins bem cuidados. À frente de algumas, havia carros estacionados, outras pareciam estar fechadas, sem moradores. Havia ainda as que demonstravam estar passando por alguma espécie de reforma.

— Então? ... — Adriane me fitou como se sugerisse que eu parasse o carro. — Você não falou à dona que viria?

Permaneci em silêncio por alguns instantes, engolindo em seco uma espécie de ansiedade que me tomava por dentro.

— Não, mas podemos olhar ao redor.

— Já é alguma coisa. Depois você pode olhar com mais calma.

Estacionei o carro em frente a uma das casas que estavam fechadas. Fitei Adriane como se nela encontrasse forças para concluir os meus atos.

— Vamos, Ana! — ela exclamou, abrindo a porta e descendo do carro, antes mesmo que eu pudesse lhe dizer qualquer palavra.

Desci do automóvel. Fechei a porta atrás de mim e respirei fundo, trazendo toda a quantidade de ar que podia para os meus pulmões, e depois o

soltei, relaxando diante da escolha que havia feito.

Adriane se aproximou de mim, trazia no rosto um semblante fraternal. Ao me fitar, ela sorriu. Eu sorri em contrapartida.

— Vai dar tudo certo. Você é forte e poderosa. Ano novo, vida nova, Ana Luísa! — ao terminar a frase, ambas gargalhamos alto. Os sons que fazíamos ecoaram por toda a rua.

Dirigi o olhar a casa à minha frente após o momento de descontração. Em seguida, virei-o para Adriane.

— Vamos?

— Vamos!

— E o Dimitri? Me conta como ele é — Adriane pediu, ajeitando-se no banco do carro enquanto eu dirigia com o olhar fixo no caminho.

Eu sorri e balancei a cabeça em negação.

— Eu não sei como ele é.

— Como assim? Você está transando com o cara e não sabe como ele é? — apesar de todas as circunstâncias que envolviam aquela história, a presença de Adriane era-me agradável, e a forma como ela tratava tudo aquilo tirava todo o peso que eu dava à situação.

— Tivemos poucos encontros, por isso não me sinto confortável de...

— Ah, nem vem com essa. Como assim? — interrompeu-me. — Mas me fala, ele é bom de cama? Eu não acredito que você está com um homão daqueles. Meu Deus, eu já quis muito aquele homem, quando ele dançava na Casa de Afrodite...

Adriane começou a discorrer sobre quando havia conhecido Dimitri e as suas anedotas na casa noturna onde passou uma temporada fazendo shows de dança como gogo boy. Eu gargalhei diante das coisas que me foram ditas, sorri desembestada, me esquecendo de toda a seriedade que o momento me exigia. Contudo, aquilo não foi ruim.

— Quanto a casa, acho que antes de fechar você deve pelo menos marcar uma visita para olhar como ela é por dentro.

— Eu sei disso, mas de antemão já gostei — disse, contagiada pela sua energia.

— Estou orgulhosa por você. Estou orgulhosa por não baixar a cabeça e tomar as rédeas de tudo em suas mãos.

— Obrigada! E obrigada por estar aqui.

Após ter olhado a casa com o auxílio de Adriane, almoçamos juntas em um restaurante no centro da cidade e, depois de muita conversa cheia de conselhos e de ela demonstrar todo o seu apoio a mim, seguimos ambas para nossas respectivas casas. Ela tomou um táxi e foi para a sua, mesmo eu insistindo que a levaria, e depois de quase brigarmos por conta disso. E eu segui rumo à casa do Dimitri, que era onde eu estava abrigada, por medo de ir até o lugar onde eu chamava de lar e ser escoraçada pelo meu ex-marido.

No caminho em direção à sua casa, senti uma espécie de felicidade que há muito eu não havia sentido. Eu tinha aceitado a minha liberdade, tomado as rédeas da minha vida e agora me sentia forte o suficiente para fazer tudo voltar aos trilhos e viver da forma como eu bem entendia.

O celular na minha bolsa passou a tocar desesperadamente, porém, dirigindo, resolvi não atender. Continuei o meu caminho guiando-me por ruas e mais ruas, sob o brilho da lua que já iluminava o céu, até que cheguei à casa de Dimitri. Estacionei o carro no mesmo espaço onde o havia deixado na noite anterior e, usando a chave que ele havia me dado, abri a porta.

Assim que a sala se revelou para mim, vislumbrei a sua imagem à minha frente, sentado na poltrona com o celular nas mãos.

— Ana! — exclamou ao ver-me.

Fitei-o de forma enternecida e preocupada.

— Eu estava te ligando, mas você não atendeu.

— Está tudo bem, eu só fui resolver algumas coisas e aproveitei a companhia de uma amiga para isso.

— Você está bem? — ele se levantou e veio em minha direção.

Fechei a porta atrás de mim e fiquei parada esperando que ele chegasse até o lugar onde eu estava.

— Estou, sim. Melhor agora que estou vendo você.

Um largo sorriso se desenhou em seus lábios, escondido abaixo da espessa barba.

Ele se aproximou de mim e, em um movimento súbito, abraçou-me, puxando meu corpo de encontro ao seu, apertando-me de forma carinhosa, porém quente.

Aconcheguei a minha cabeça no peito de Dimitri e senti o cheiro dos seus cabelos. Fui com uma das mãos até eles e acariciei, percebendo sua maciez. Ele moveu a cabeça, como um gato a exigir afago. Ergui um pouco mais as mãos e alcancei a parte superior da sua face, acarinhando sua bochecha e descendo até a barba. Um som gutural escapou por entre seus lábios, e ele sorriu.

Senti-me feliz por estar ao seu lado, compartilhando daquele momento com ele. No entanto, algo em mim reclamava coisas que precisavam ser ditas e que, diante de tudo, ainda não haviam sido explanadas às claras.

— É tão bom estar aqui com você! — ele levantou o corpo, removendo com cuidado a minha cabeça do seu peito, para poder alcançar a minha face com o seu olhar.

Fitei-o, sorrindo diante das palavras que me oferecia.

— Obrigada — agradei-o por estar sendo o meu porto naquele mar tempestuoso.

— Não agradeça. Eu queria poder fazer muito mais, não faço mais do que a minha obrigação. Sou culpado por tudo isso...

Interrompi-o colocando um dedo sobre os seus lábios.

— Não existem culpados nessa história — falei-lhe, em um ímpeto, sem muita certeza do que dizia.

Seus olhos permaneceram fitos nos meus. Ele beijou o meu dedo ainda depositado sobre os seus lábios.

— Saiba que pode ficar aqui o tempo que quiser. E se quiser...

— Eu preciso falar com você sobre isso — interrompi-o novamente, sem conseguir conter o ímpeto que me arrebatava.

Sua face vestiu-se de um semblante de desconfiança. Seu olhar tornou-se interrogativo. Eu levantei meu corpo e alcancei seus lábios com os meus. Após um tenro beijo, voltei à minha posição anterior.

— Eu não posso ficar aqui com você.

Ele continuava a me fitar sem alterar o semblante.

— Você foi maravilhoso. E eu agradeço muito por ter me oferecido abrigo, mas eu não posso sair de um casamento de forma tão brusca e simplesmente me mudar para a casa de outro homem.

— Ana... — ele ergueu o corpo e se afastou um pouco de mim.

Respirei fundo, buscando palavras para que pudesse elaborar frases e concluir o que eu queria dizer-lhe.

— Eu preciso me refazer, ajeitar a minha vida. E não quero fazer isso envolvendo outras pessoas... — engasguei-me com as minhas palavras. Engoli um pouco de saliva e voltei a falar. — Eu quero você por perto. Quero muito estar com você, mas isso não quer dizer que eu preciso ficar aqui com você para que isso seja real.

Ele olhou para o teto. Esperei reações adversas ao que eu lhe falava. Talvez pelo costume que tinha de sempre ser contrariada em minhas escolhas, pelo Guto, tendo que acatar o que ele achava melhor para mim.

— Eu te entendo — as suas palavras ganharam forma após um longo suspiro.

Fitei-o intrigada, esperando que me dissesse mais alguma coisa, mas o que ouvi foi extremamente diferente do que eu esperava.

— Eu sei que você é uma mulher independente, e que agora mais do que nunca quer ter um tempo só seu para arrumar tudo — ele deu uma pausa e voltou os seus olhos para mim. — Eu só espero que nessa sua nova vida haja espaço para mim.

Eu sorri, levantei o meu corpo. Encostei-me a ele, trazendo a sua face de encontro à minha, mantendo-a a uma pequena distância.

— Há um espaço em minha vida que agora, mais do que nunca, é exclusivamente seu — sorrimos e nos beijamos, acalentando o nosso fervor com a saliva um do outro.

Ele me abraçou e comprimiu o meu corpo, fazendo com que eu sentisse toda a sua estrutura e força.

Deitamo-nos novamente e ficamos sobre a cama, discorrendo sobre assuntos triviais, entre beijos e abraços. Contei-lhe sobre a casa que havia ido olhar com a Adriane durante o dia, e, mesmo não tendo entrado para ver de perto, tinha me interessado por ela. Era alugada, mas serviria para que eu ficasse nela até que me organizasse. Eu tinha uma grana na reserva e provavelmente não sairia de mãos atadas quando o divórcio viesse à tona. Além disso, havia o escritório, que era exclusivamente meu, e os meus clientes, que eram fiéis. Apesar de temer que alguns me abandonassem após aquele escândalo que àquela hora já devia estar nos ouvidos de muitos deles, tinha plena convicção de que conseguiria me manter.

Pensando em tudo aquilo, me dei conta de que ainda teria que ter uma conversa com o Carlos Augusto. Precisava resolver as coisas entre nós, saber como procederia com o divórcio a partir dali. Uma pontada na cabeça causou-me mal-estar, ao dar-me conta de que nem tudo havia sido resolvido e seria fácil. Aconcheguei a minha cabeça no pescoço do Dimitri e espantei os pensamentos que me assolavam. De qualquer forma, a vida nunca fora fácil desde o início, e naquele momento não seria diferente. *Tudo vai terminar bem*, repeti para mim mesma, buscando força em meu interior e no abraço apertado no qual ele me mantinha. Sentindo o cheiro dos seus cabelos, sem me dar conta de horário ou qualquer outra coisa, a escuridão me envolveu e eu adormeci.

Movi o corpo sobre a cama, recobrando a consciência de quem eu era e do que fazia ali. Espreguicei-me ainda deitada, ao passo que abria a boca, bocejando, saudando a necessidade de estar de pé para dar andamento aos planos que tinha para mim. Estiquei um dos meus braços e alcancei com ele o outro lado do móvel. Estranhei ao não dar com o corpo do homem que dormira comigo naquele lugar. Assustada, virei-me completamente naquela direção e percebi que eu era a única ali.

Quis levantar, mas apesar da disposição eu estava cansada. Todas as coisas que me aconteceram causavam-me uma tórrida languidez. Fechei novamente os olhos e inspirei uma grande quantidade de ar, trazendo para o

meu olfato não só o que intentava, mas um cheiro que denunciava comida sendo preparada nas proximidades. Meu estômago respondeu ao estímulo, rugindo como um dragão.

Fiz sons guturais, espreguiçando-me novamente na tentativa de reunir todas as forças de que precisava para me pôr de pé. Assim que concluí o gesto, arrastei-me sobre a cama, indo até a borda, e então me coloquei sentada. Usei as minhas mãos, uma de cada vez, passando-as pelos meus cabelos desarrumados, intentando dar um jeito na bagunça em que me encontrava. Antes de me levantar, fiquei cerca de cinco minutos sentada sobre a cama, fitando a parede, como se nela eu pudesse enxergar mil coisas das quais eu não tinha o conhecimento e só as entendia no rápido momento em que me dava conta delas. Balancei a cabeça e espantei pensamentos acompanhados de sentimentos teimosos que fizeram menção de se apossar de mim, e então me levantei.

De pé, dei passos até a saída do quarto, como se hipnotizada pelo cheiro de comida, guiada pelo que a minha fome me reclamava. Não pensei em ir até o banheiro, escovar os dentes, tomar um banho, fazer necessidades básicas, nada disso. Tudo o que eu queria era chegar até o local de onde aquele cheiro vinha.

Guiei-me sobre passos lentos, até que alcancei as escadas. Pisei em cada um dos degraus com a urgência, nos limites em que a minha sonolência me permitia. Ao chegar ao meio do caminho, passei a ouvir o barulho de panelas, tilintar de garfos e de algo que fritava.

Quando cheguei ao meu destino, dei com a imagem que clareou o meu dia e que eu achei que nunca veria em minha vida. Dimitri estava do lado oposto do balcão que separava a cozinha da sala. Frente ao fogão, estava munido de uma espécie de espátula e segurava o cabo de uma frigideira posta sobre o fogo. Apesar de saber que ele cozinhava, não passou pela minha cabeça que um dia eu iria acordar e que ele estaria fazendo coisas que em minha vida de casada eu estava acostumada a fazer.

Permaneci parada diante da sua figura, observando cada um dos seus passos e a forma como ele se portava no cômodo. Estava sem camisa, as tatuagens à mostra, ornando os seus músculos, vestindo apenas uma bermuda de moletom que delineava os dois montes que se estendiam além do V que se

formava no fim das suas costas. Os cabelos estavam presos em um coque, que uma vez ou outra se desfazia, mas que ele, com toda a higiene possível, tratava de prender.

Demorei-me vislumbrando a sua conduta, até que ele, em um átimo, percebeu que estava sendo observado e voltou todo o corpo para trás, alcançando-me com seus olhos.

— Você está aí! — sua voz soou rouca, e aparentemente assustada ao constatar a minha presença.

— Estou! — sorri ao fim da frase. Desci os degraus que faltavam para estar na sala. — Então é verdade, você cozinha.

Um sorriso se desenhcou em seus lábios, mas ele não disse palavra alguma, deu-me as costas e voltou a se concentrar nas panelas que estavam no fogão.

— Eu cheguei a duvidar que fosse verdade, mas pelo cheiro parece estar bom — aproximei-me de onde ele estava vagarosamente.

— Após experimentar as coisas que faço, nunca mais você vai querer comer nada feito por outra pessoa.

— É sério? E, pelo visto, não parece ser nem um pouco modesto.

— Não, não sou. A modéstia tem que ser deixada de lado quando queremos conquistar uma mulher, principalmente quando chega a hora de apresentar determinados dotes. Sejam eles culinários... ou outros que eu não preciso citar — voltou a cabeça para trás, mirando-me por sobre o ombro, piscando e dando vasão a um sorriso safado que se formou no canto dos seus lábios.

Fingi não dar importância aos seus galanteios e segui até onde ele estava. Aproximei-me de sua figura e, quando em frente às suas costas, desferi beijos cálidos em sua estrutura. Ele se arrepiou ao meu toque, mas eu não parei por aí. Usei os meus braços para envolvê-lo em um abraço, colocando as minhas mãos em volta do seu tórax, e passei a alisar os seus músculos, sentindo a sua rigidez.

— É melhor você parar, ou não teremos café da manhã.

Beijei novamente as suas costas e continuei a passear pelo seu corpo

com as minhas mãos.

— Ana Luísa, é melhor você parar, ou... — antes que ele terminasse a sua frase, desci com as minhas mãos até a sua virilha, chegando próximo à sua fonte de prazer, e, em um movimento súbito, toquei-o.

— Ou...? — induzi-o a completar a frase que pronunciava antes do meu gesto ousado, mas como resposta obtive a sua respiração profunda e a rigidez daquilo que eu tocava.

Sorri vitoriosa, apesar de não ter o intento de começar a manhã daquela forma, e beijei o seu pescoço, mordiscando-o de leve. Ele levantou a cabeça, denunciando o efeito que os meus toques tinham sobre si. Em um movimento impensado, ele afastou-se do fogão, impingindo-me a dar passos para trás, e se colocou de frente para mim, avançando em minha direção e me tomando em um caloroso abraço. Ao fazer isso, senti a sua estrutura roçar em minha virilha, o que me deixou instantaneamente excitada, arrebatada pela luxúria e pelo desejo de dar vasão à voluptuosidade que brotou em minha carne naquele momento.

— Se você continuar a me provocar, não será essa omelete que eu comerei no café da manhã — seus olhos estavam cravados nos meus e o desejo fazia sombra ao seu semblante.

— Não? — aproximei meus lábios dos dele enquanto falava. Ficamos parados, um em frente ao outro. Nossas respirações ofegantes se misturavam e davam uma roupagem desejosa àquele ambiente.

— Eu vou comer você de todas as formas possíveis. Vou te deixar completamente exaurida — usou a mão que estava livre da espátula para apertar a minha bunda e juntar ainda mais meu corpo ao seu.

Seus lábios já se preparavam para colar-se aos meus, entretanto, quando tão próximos, que podíamos sentir o sabor um do outro, ouvimos um estouro. O clima se desfez, pois a nossa atenção voltou-se para o fogão e a panela que estava no fogo. Dimitri, paralisado, olhou para a omelete, depois dirigiu os seus olhos para mim e sorriu. Retribuí o riso com igual intensidade e me afastei dele.

— Acho melhor você terminar o que estava fazendo — dei as costas a ele, mesmo ansiando que ele me tomasse e cumprisse o que havia prometido.

— Você foi salva pela omelete.

— E quem disse que eu queria ser salva? — continuei andando, até que cheguei ao sofá. Dimitri continuava me olhando de onde estava, seus lábios retorcidos em um sorriso sacana, anunciando o que me esperava quando ele se dispusesse a domar o meu corpo.

Sorri para ele e me sentei no móvel. Peguei a minha bolsa, que havia deixado sobre o cômodo na noite passada, e dela retirei o meu celular.

— Meu Deus! — exclamei, esbaforida.

— O que foi?

Com os olhos fixos no visor do celular, não lhe respondi. Mas, após alguns segundos, senti quando ele desligou o fogão e se dirigiu até onde eu estava. Voltei o meu olhar para trás e vi-o se movendo em minha direção.

— Tinha compromisso marcado?

— Sim, marquei de ver a minha filha — respondi-lhe, inquieta.

Ficamos alguns instantes em silêncio.

— Eu preciso conversar com ela.

— Liga para ela e remarca para daqui a pouco. Vamos tomar café e então você vai.

Vagaroso, Dimitri se sentou ao meu lado. Dirigi o meu olhar para ele, que aos poucos foi se aproximando do meu corpo e, em um gesto afável, depositou o queixo sobre o meu ombro.

— Irei assim que provar do café da sua omelete. Ainda tenho as minhas dúvidas de que o seu tempero seja realmente bom — sorri e tentei beijar o seu nariz, em vão.

— Ainda tem dúvidas de que o meu tempero é bom?

Ele usou uma das mãos para acariciar meu baixo-ventre, em seguida subiu com ela até alcançar um dos meus seios. Apertou-o delicadamente enquanto desferia beijos em meu ombro.

— Quero aproveitar o máximo de você aqui comigo, enquanto não vai para a sua nova casa.

— Sêrio? — inquiri, com um sorriso carregado de ironia.

— O que você acha? — ele apertou-me com mais força.

— Acho uma ótima ideia.

— Você acha? Porque o que eu acho é que antes de tomar o café da manhã eu vou te deixar um pouco mais faminta.

— Como? — o seu rosto estava próximo do meu, nossos narizes estavam praticamente colados. Meu corpo respondia aos seus estímulos. Eu senti uma quentura percorrer toda a minha carne, preparando para o que estava por vir.

— Assim — ele disse, apertando ainda mais o meu seio, impingindo um gemido a escapar dos meus lábios.

A partir daí, esqueci-me de todos os pudores ou qualquer coisa que pudesse interferir naquele momento. Tudo o que eu queria era senti-lo inteiro, medindo os espaços do meu corpo, percorrendo-me como um pirata que, em busca de um tesouro secreto, vai até os cantos mais recônditos de uma ilha.

Ele aproximou os lábios dos meus e devorou-me, sugando a minha língua, levando-a para a sua boca. Com uma das mãos em meu seio, ele usou a que estava livre para ir até o meu baixo-ventre e buscou avidamente um espaço entre as minhas vestes, até que me tocou no início do caminho que o levaria à perdição.

Em poucos minutos, eu estava completamente despida sobre o sofá. Deitada, com as pernas erguidas, enquanto Dimitri me oferecia beijos faustosos em minha intimidade. Enquanto eu me deliciava com o poder da sua língua e a quentura da sua saliva, ele tocava a si mesmo. Os meus gemidos escapavam-me dos lábios em várias cadências, em um ritmo harmonioso, que denunciava o prazer que eu sentia.

Após muito me lambuzar com seus beijos que pareciam devorar-me, ele se ergueu, saindo da posição em que estava. Seus olhos encontraram os meus, e eu vislumbrei em sua face enrubescida pelo desejo a capacidade de cumprir aquilo que me prometera, ele ia me exaurir. Vagaroso, ele trouxe a sua rigidez coberta pela babugem pré-ejaculária até a minha abertura e, quando próximo, esfregou-a em mim. Eu me contorci, almejando que ele me invadissem, tomada pela voluptuosidade que aquele momento me proporcionava.

— Mete! — exige.

Ele sorriu e continuou do modo que estava, estimulando-me e esfregando-se em mim, até que eu senti uma pontada, quando parte dele se colocou em mim. A sua glândula saía e entrava vagarosa. Ele gemia de forma intensa, quase como se fosse um rugido. Súbito, ele se colocou completamente dentro de mim, forçando o seu corpo de encontro ao meu, levando a sua virilha a tocar a minha pele. Gritei, tomada de insanidade e prazer.

Ele segurou cada uma das minhas pernas com as suas mãos e passou a se meter dentro de mim em solavancos rítmicos, acompanhados uma vez ou outra por uma rebolada sua. Ele forçou o seu corpo sobre o meu, praticamente se deitando sobre mim, fazendo com que as minhas pernas ficassem presas entre o seu ombro e a extensão do seu braço. Assim, ele se ergueu um pouco e se enfiou completamente dentro de mim. Eu o senti ir cada vez mais fundo, estocando cada vez mais violento.

Nossos rostos estavam próximos, mas não nos beijávamos, mantínhamos os nossos olhos conectados. Aproveitei a liberdade das minhas mãos e, enquanto de forma violenta ele retirava de mim todo o prazer que podia, fui até o meu clitóris e passei a me estimular. As combinações dos seus movimentos com os meus toques fizeram com que o prazer alcançasse níveis elevadíssimos e toda a volúpia se convergisse em um único ponto. Senti meu corpo sendo tomado por uma quentura, e foi como se eu fosse um vulcão e repentinamente entrasse em erupção. Ele continuou a socar cada vez mais rápido, fodendo-me como nunca antes ninguém havia me fodido na vida. A quentura em mim converteu-se em tremor, e, quando o gozo se aproximou e veio-me em uma enxurrada, expeli de dentro de mim uma quantidade de líquido. A sensação que me acometeu os sentidos era como se eu tivesse acabado de alcançar nirvana. Eu tinha ido ao paraíso e voltado em questão de minutos.

Pelo semblante de Dimitri, percebi que ele havia ficado surpreso com o que havia acontecido, mas mesmo assim não parou, e, enquanto o líquido esguichava, ele metia cada vez mais forte com um riso sarcástico nos lábios. Aos poucos ele diminuiu os movimentos e, em um átimo, retirou-se de dentro de mim. Usou uma das mãos para ir até o membro e friccioná-lo, e gozou

sobre a minha barriga, banhando-me com seu elixir.

Eu revirava os meus olhos, enquanto choques de prazer perpassavam a minha carne. Era como uma descarga elétrica que vinha da minha intimidade e se espalhava completamente por todo o meu corpo.

— Que gostoso, Ana! — sua voz alcançou os meus ouvidos, contudo não dei importância ao que me falou, concentrada em tudo o que eu sentia, respirando pesadamente.

Cheguei ao local onde havia marcado com a minha filha no dia anterior. Era um parque ao ar livre, localizado em um bairro distante de nome Parque da Cidade. Não havia nada de mais no lugar, além de alguns bancos dispostos à frente de um rio e pequenas trilhas que as pessoas usavam para fazer caminhadas. O chão era forrado por uma grama verde e bem cuidada e havia alguns pássaros que faziam morada em árvores altas e características da vegetação da região.

Sentei-me em um dos bancos que ficavam à frente do rio que se estendia até a extremidade de um dos bairros periféricos da cidade. Mesmo tendo consciência de que era com a minha filha com quem eu conversaria, estava nervosa diante das coisas que poderiam ser ditas, e também pelo fato de ela ter contato com o Guto e me trazer, além de tudo, notícias dele. Apesar de não querer voltar para casa, eu me preocupava com ele, e havia questões legais que precisariam ser resolvidas, já que diante dos fatos não havia nenhum motivo para permanecermos juntos, e nem eu, conquistada a minha liberdade, queria voltar para as rédeas daquele casamento falido.

Esperei durante segundos seguidos no local indicado, observando pessoas que passavam exercitando-se nas trilhas que davam voltas pelo parque, além de famílias que faziam piqueniques e pareciam extremamente felizes. Com os olhos fitos naquela paisagem, lembrei-me de que na minha vida não existiram momentos como aquele em família. A única coisa de que eu me lembrava era de obrigações das quais eu não podia me livrar e que anulavam aquilo que eu era, me tornando submissa de uma relação que não me trazia nenhum motivo de alegria. Eu amava a minha filha, do meu

casamento eu sabia que ela era a única coisa que tinha valido a pena.

— Mãe! — ouvi ao longe. Ergui a cabeça e virei o rosto para o lado esquerdo. Vislumbrei a figura da Íris ao longe, que vinha correndo em minha direção.

Levantei-me do banco e aguardei-a chegar até mim. Quando próxima, ela saltou sobre o meu corpo, lançando-se em um caloroso abraço cheio de ternura.

— Filha — disse, depositando o meu rosto em seu ombro.

— Mãe, como é bom te ver e saber que está bem — Íris estava um pouco trêmula, talvez pela preocupação de não saber como realmente a sua mãe estava depois do que havia acontecido.

— Eu estou bem, meu amor. E você? — afastei um pouco o meu corpo do seu, no intento de vislumbrar o seu rosto.

Minha filha estava com os olhos marejados de lágrimas. A única reação que tive foi a de abraçá-la novamente com toda a minha força para que pudesse sentir o quanto eu a amava. Ela não tinha culpa de nada que estava acontecendo, mas indiretamente tudo afetava na sua vida.

— Eu não quis fazer nenhum mal a você, ou te prejudicar — tentei me desculpar e aliviar a culpa que sentia diante das suas lágrimas.

— Mãe! — exclamou, soltando-se do meu abraço e fitando-me de forma precisa. — Você não precisa se desculpar por nada disso.

— Mas, filha...

— Mãe — ela me interrompeu. — Você sabe muito bem qual era a minha opinião sobre você e o papai muito antes de isso tudo chegar a esse ponto. Eu só quero que a senhora fique bem e esteja feliz.

Ouvi tudo o que ela tinha a me dizer, atenta às suas palavras de amor e compreensão, e contei-lhe tudo aquilo que ela precisava saber. A conversa durou cerca de três horas, choramos, nos abraçamos e, por fim, falamos de como seria dali por diante.

— O papai está convicto de que não quer vê-la nem pintada de ouro. Apesar de toda a sua rudeza, eu sei que está sofrendo.

— Eu não queria fazer mal algum a ele — falei, em tom de lamento.

— Isso não vem ao caso, mãe. O que foi feito está feito.

— Eu sei, Íris, mas talvez se eu não tivesse...

— Se a senhora não tivesse feito o que fez, continuaria na vida que estava metida e que estava mais que do claro, não só para mim, de que não estava feliz. Eu não preciso dizer-lhe mais nada, pois tenho certeza de que serão apenas palavras repetidas. Viva a sua independência e esse novo momento.

Fiquei em silêncio, sem saber o que dizer diante das suas palavras, mas me sentia na responsabilidade de responder-lhe.

— Eu fui olhar uma casa para ficar, enquanto me ajeito.

— Sério? — minha filha deu um pulinho na cadeira, ficando quase de pé.

— Sério. Você vem ficar comigo. Seremos só nós duas.

O semblante de Íris, que antes havia ganhado um ar de contentamento, se fechou em um de tristeza e seriedade.

— Mãe, eu não vou deixar meu pai sozinho.

As suas palavras me alcançaram, e de certa forma me feriram, mas eu esperei que ela terminasse de dizer o que queria para tirar as minhas conclusões.

— Sei que você precisa de mim também, mas o traído na história toda foi ele. E eu preciso dar suporte a ele. Eu também não estou preparada para sair da casa onde vivi a minha vida toda e...

— Filha — interrompi-a sem muita certeza do que queria lhe dizer —, eu não posso exigir nada de você. Eu só não quero te perder.

— Não vai perder, mãe. Mesmo que você e o papai estejam separados, você não vai deixar de me ter na sua vida.

A conversa se estendeu por mais alguns minutos, até que o sol começou a se pôr, e nós duas, em comum acordo, resolvemos ir para casa.

Seguimos em direção ao meu carro e, assim que chegamos nele, entramos. Coloquei-o em movimento, um pouco triste por ter que ficar longe da minha filha, mas convicta de que teria o seu apoio para passar por aquele

momento.

Parte do caminho, permanecemos em silêncio, noutra falamos de coisas triviais.

— E o Réveillon? — inquiriu-me, curiosa.

— Eu não sei — informei-lhe, reticente. E a verdade era que eu não sabia mesmo. Não havia mencionado aquilo ao Dimitri, até porque a minha cabeça não me permitiu pensar naquilo. Mas eu precisava saber se ele viajaria, ou se tinha planos de passar com outras pessoas. Caso aquilo acontecesse, eu me resolveria em um quarto de hotel, até que estivesse pronta para mudar para a minha nova casa.

— Eu também não sei — Íris falou, entre um suspiro.

— Curta seu Réveillon, filha. De preferência, leve seu pai para algum lugar...

— Não tenho certeza de que ele vai querer...

— Tenta!

Minutos depois, chegamos à frente do condomínio. Estacionei o carro um pouco antes da entrada e, com os olhos atentos, cravei o meu olhar no rosto de Íris, investigando o seu semblante. Seus olhos estavam lacrimejando e um ar de tristeza fazia sombra a ela.

— Eu queria muito que tudo voltasse ao normal, que nada disso tivesse acontecido — as suas palavras alcançaram a minha audição, pungindo-me com a sua cruz. — Mas eu sei que as pessoas precisam seguir os seus caminhos e que a felicidade de um não está atrelada à felicidade do outro. E, de qualquer forma, seria egoísmo meu pensar que tudo deveria continuar como estava. Eu sei que a senhora não era feliz...

— Filha! — interrompi-a, mas não soube o que lhe dizer.

Íris se aproximou de mim e me abraçou. Em um gesto tenro, escondeu o seu rosto em meu pescoço e chorou. Eu senti o seu cheiro, todo o amor que ela cultivava por mim. Uma lágrima escapou dos meus olhos e fez meandros pela minha face. Respirei fundo, contendo toda a emoção que se apoderava de mim, pois não havia mais nada a ser feito. Naquele momento, diante do abraço da minha filha e tudo que havia sido conversado, eu tive a certeza, eu

havia acabado de abandonar a minha antiga vida, findado aquilo que não me fazia mais bem e não me trazia nenhum tipo de prazer. Eu estava livre.

Era egoísta pensar dessa forma, mas durante tanto tempo eu não fui eu mesma, temendo dar vazio ao meu egoísmo e àquilo que me faria feliz. Agora, eu não tinha mais medo. Não estava tudo definitivamente concluído, mas naquele instante algo reverberava dentro de mim anunciando que todo o sofrimento havia tido um fim, e eu poderia seguir em frente.

— Seja feliz, mãe. Eu estou aqui para o que der e vier — novamente as palavras de Íris me trouxeram às vistas a realidade que eu precisava enxergar. Abracei-a ainda mais forte e beijei os seus cabelos entre lágrimas que me escapavam aos montes.

— Eu te amo, filha.

— Eu também te amo, mãe — após a sua declaração, ela se soltou do meu abraço.

— Até logo! — disse, antes de descer, com um largo sorriso triste nos lábios.

— Até logo, meu amor.

Íris sorriu e novamente se aproximou de mim, dando-me outro caloroso abraço. Desfeita a demonstração de afeto, ela se voltou para a porta do carro, abrindo-a. Vagarosa, ela saiu. Quando fora do automóvel, fechou a porta e seguiu na direção do portão. Fiquei parada, observando-a entrar. Ela passou pela portaria e cumprimentou o porteiro. Aproximei a minha face do vidro do carro tentando ver quem era e dei com a figura de Denis. A minha filha voltou o corpo para mim e, antes de sumir do meu campo de visão, ergueu a mão e gesticulou um tchau. O homem acompanhou o seu movimento com os olhos, alcançando-me com a sua visão. Não me demorei observando-o, liguei o automóvel e segui rumo ao meu novo itinerário. A vida!

Envolvei o abdômen de Dimitri com as minhas mãos e ajeitei o meu corpo na garupa da moto. O seu cheiro, que eu já conhecia intimamente, invadiu o meu olfato e me causou uma sensação de aconchego, que desde então eu só sentia ao estar próxima dele, tanto pelo afeto que cultivava pela sua figura quanto pelo apoio que ele prestava a mim. Tudo aquilo convergia

para que, diante da minha tempestade particular, ele fosse o meu porto seguro.

Os caminhos pelos quais eu havia percorrido levaram-me de encontro a paragens que me eram desconhecidas. Havia muita coisa que eu precisava redescobrir em minha vida, inclusive a mim mesma.

Ele voltou a cabeça para trás, verificando se eu já estava completamente confortável e segura, e só então deu partida na moto. Guiou-a da frente de sua casa até a pista, seguindo em direção à avenida que nos levaria ao nosso itinerário.

Não havíamos planejado muita coisa para aquele dia. Trinta e um de dezembro, véspera de virada. O calor tornava a cidade um inferno, parte das pessoas havia viajado para cidades litorâneas para receber o novo ano com fogos de artifício e a bênção das entidades nas quais acreditavam.

Após a minha conversa com Íris e de ter esclarecido coisas que serviram não só para reforçar os laços entre mim e a minha filha, como também o que eu esperava para mim de agora em diante, passei a me indagar o que faria do Réveillon. Ao chegar à casa de Dimitri e dar com a sua figura diante dos meus olhos, inquiri-o sobre os seus planos. Não queria atrapalhá-lo caso houvesse marcado alguma viagem, ou se pretendia passar com amigos e familiares. A resposta que obtive dele foi inesperada, contudo encheu-me de contentamento. Naquele momento, soube que a partir dali eu estava inclusa em todos os seus planos e que ele não me abandonaria. Até então eu não tinha muita certeza de onde queria chegar e como faria para alcançar meus objetivos. Um grande passo havia sido dado, e, no meio de toda aquela tempestade, eu cheguei a um determinado ponto onde ou eu saltava ou não conseguiria me desprender de todas as coisas que me causavam mal.

Dimitri guiava a moto entre os poucos carros que pareciam seguir para o mesmo local aonde intentávamos chegar. A brisa morna da noite lambia a minha face, que, mesmo coberta em partes pelo capacete, não impedia o seu contato em mim. Dimitri não dizia uma única palavra sequer. Mas eu sabia, apesar do pouco tempo que convivia com ele, que aquele era um costume seu. Quando estava no trânsito, ele se tornava um homem de poucas palavras. Aquilo não me incomodava, e naquele momento, metida nas reflexões em que me encontrava, era-me até um suporte para mergulhar dentro de mim e

investigar tudo que eu estava sentindo.

Todos os planos que eu havia feito durante a minha vida foram revisitados em átimos de segundos, pois eu tive que ir de encontro ao meu passado para perceber que nada do que tinha feito antes contemplava a mim mesma. A simplicidade daquele momento, o contato com o corpo daquele homem, era mais esplêndida do que todas as coisas que eu havia vivenciado durante todos os meus anos de casada. Eu estava livre e me sentia plena, completa e feliz.

Havia tanto a ser feito ainda, o caos não se desfizera por completo, mas eu já sentia o frescor dos bons ventos fazendo carícias em minha pele. Talvez, desde o momento em que eu tinha visto aquele homem pela primeira vez, todo o universo houvesse conspirado para que eu estivesse na garupa da sua moto agora. Ainda havia o medo de experimentar todas as possibilidades que envolviam a minha liberdade, mas a sensação de estar fazendo algo sem ter que esconder ou dar explicações a alguém que se achava no direito de me ter era assustadoramente bela.

— Estamos chegando? — inquiri-o, curiosa. Eu não sabia para onde ele pretendia me levar, e ele não quis me falar de forma alguma de onde iríamos ver a pequena queima de fogos que aconteceria na cidade, quando o ano novo se apresentasse para o mundo.

— Estamos quase lá! — ele sorriu ao concluir a frase.

Lembrei-me do momento em que, após a conversa com Íris, cheguei à sua casa e o encontrei sentado no sofá, assistindo televisão à minha espera. A primeira coisa que o inquiri foi sobre o dia da virada. As suas palavras vieram até mim como em um sopro, trazendo uma sensação de quentura ao meu peito, que eu só sentira nos primórdios da minha juventude, quando descobria que estava apaixonada por algum garoto.

— *Eu não quero atrapalhar — ele me envolveu com os seus braços e, aproximando o seu rosto do meu, mordiscou o meu lábio inferior.*

— *Eu tenho, mas se você quiser...*

— *Nem ouse terminar essa frase. Eu não seria capaz de te deixar sozinha. Eu quero saudar a chegada do ano novo ao seu lado, Ana Luísa!*

Dimitri era uma espécie de homem que eu nunca pensei que pudesse

existir na face da terra. Seus modos, a sua beleza, o jeito como me tratava e o suporte que estava me dando. Nada que eu pudesse fazer pagava os momentos de felicidade que ele me proporcionava, desde o sexo selvagem e cheio de tesão às suas atitudes diante da bagunça em que a minha vida se encontrava.

Aos poucos percebi que ele diminuía a velocidade do automóvel, chegando a um lugar que mais parecia uma chácara. Passamos por uma entrada com um enorme portão de madeira que estava aberto e seguimos por um caminho curto e escuro.

— Para onde você pretende me levar? — perguntei, assustada com o lugar, sem fazer a menor noção de onde nos encontrávamos.

Dimitri não me respondeu, permaneceu em silêncio guiando o automóvel, até que chegamos a uma casa rústica, completamente feita de madeira, cercada por uma vegetação baixa. Com os meus olhos, investiguei o local, percebendo os detalhes que o ornavam.

Dimitri parou a moto à frente da casa, e, assim que o fez, eu desci da sua garupa em um movimento rápido. Logo tirei o capacete, para melhor vislumbrar o lugar, e dei meia-volta, tentando identificar com os olhos qualquer coisa que me desse pistas de onde estávamos. Eu sabia que era em um lugar remoto, distante do centro da cidade, parecia até ser em algum povoado.

— Onde estamos? — indaguei-o.

Após descer da moto, ele tirou o seu capacete e direcionou o seu olhar a mim. Em silêncio, arrumou os seus cabelos e, após concluir o ato, ofereceu-me um largo sorriso. Dirigiu-se até mim e tomou das minhas mãos o capacete que eu segurava.

— Essa é casa dos meus avós — ele voltou a cabeça para o lado, dirigindo o seu olhar para a residência.

Ao dar com as suas palavras, desesperei-me.

— Como assim, você me traz para a casa dos seus avós e não me diz nada?

Novamente ele sorriu e deu passos em direção a casa.

— Eles não estão aqui!

Fitei-o intrigada.

— A verdade é que eles não estão mais entre nós há algum tempo — a sua frase soou carregada de emoção, e eu pude compreender o que ele quis dizer com as suas palavras.

— Eu sinto muito — lamentei.

— Vamos entrar — ele disse, dando passos largos, até que alcançou a porta da casa e, em um movimento rápido, abriu-a.

Eu o segui, e, quando dentro da casa, prestei atenção em toda a decoração, que demonstrava ser bem antiga. Ele seguiu pelo cômodo, indo em direção a um corredor.

— Por aqui, Ana! — fez um gesto para que eu o seguisse.

Eu fiz aquilo que ele pediu e guiei-me a passos lentos no seu encalço. Ao fim do corredor, outro extenso cômodo ganhava forma, ornado por uma mesa com quatro cadeiras dispostas em suas extremidades e uma escada. Dimitri seguiu na direção dos degraus e subiu. Ao ver que eu hesitava em segui-lo, ele parou e voltou o rosto para mim. Seus olhos brilhavam, e nos lábios ele ostentava um brando sorriso. Retribuí o seu gesto e dei passos lentos na sua direção.

Subi as escadas no seu encalço, sem certeza do que me esperava na parte de cima da casa. Quando calquei meus pés no último degrau, um novo cômodo se descortinou à minha frente. Era um quarto aconchegante, sem muitos móveis, mas de aparência igualmente rústica como todo o restante da casa. As paredes eram de madeira e estavam cobertas por pôsteres de banda de roque e histórias em quadrinhos. Com olhos atentos, investiguei o ambiente, percebendo que aquele deveria ser o quarto de alguma criança.

Atenta, busquei a figura de Dimitri, que não se fazia presente em lugar algum do cômodo. Dei alguns passos, alcançando o centro do ambiente, e fixei o meu olhar em uma porta que estava aberta e que dava para uma área ao ar livre.

— Dimitri? — não obtive respostas da sua voz, então dei mais alguns passos em direção à área à minha frente.

Ao chegar ao lugar, encontrei Dimitri de costas, com os braços apoiados sobre uma espécie de grade, que cercava toda a área externa da parte superior da casa. Fitei-o intrigada, mas não me demorei muito observando a sua figura, pois percebi que de onde estávamos era possível ver toda a dimensão da cidade. Vislumbrei a paisagem, intrigada, pois não fazia ideia de que aquela casa ficava em um lugar tão alto. Dali eu podia ver grande parte da cidade e, de certa forma, até identificar a grandiosidade de alguns prédios e monumentos, apesar da lonjura.

— Este é um lugar muito especial para mim — ele disse, com o olhar fixo no horizonte.

Caminhei na sua direção, e ele, que permanecia de costas, virou-se completamente para mim, fitando-me com o olhar enternecido.

— Esta é a casa dos meus avós — ele deu uma pausa e passou a língua nos lábios, umedecendo-os de forma despretensiosa. — Parte da minha infância eu passei aqui, neste quarto — caminhou até mim e, quando próximo, parou à minha frente. — Eu sei que pode parecer estranho e que talvez você tivesse planos de algo mais emocionante para o Réveillon, mas quando ficou claro que passaríamos essa data juntos só consegui pesar em um lugar aonde eu poderia te levar. Aqui!

— Eu não tinha planos para o dia de hoje, Dimi, você sabe... — intervim.

Ele pegou em minha mão e me guiou até o lugar onde estava no momento em que cheguei.

— Eu sempre gostei de vir para cá, porque ao olhar para toda a cidade daqui de cima eu tinha a sensação de que eu detinha poder sobre todas as coisas. Eu me sentia gigante, o dono do mundo — ele sorriu ao fim da frase e, em um gesto rápido, fez com que eu me colocasse à sua frente e me abraçou. — E eu te trouxe aqui porque eu quero que você sinta isso também. Quero que você se sinta uma rainha. Quero que se sinta maior do que todos os seus problemas — senti a sua respiração em meu pescoço.

Eu olhava para o horizonte, prestando atenção em cada uma das suas palavras. Tudo o que me dizia alcançava-me a audição e me silenciava, pois não havia palavras que eu pudesse usar para expressar o que passei a sentir

no momento em que ele começou a confessar o seu intuito de ter me levado àquele lugar.

— E eu quero que você saiba, Ana, que mesmo sendo pouco o tempo que convivemos juntos, em que te conheço, eu quero fazer o possível para te ver feliz. Não quero dar nome às coisas, ou dizer que existem sentimentos que não podem ser construídos em um átimo, por trás de tudo. Mas, se eles ainda não o são, estão se construindo.

— Dimitri... Eu... — as palavras fugiam de mim. Frases tornaram-se feitos muito grandes para que eu pudesse realizar diante do que escutava.

— A queima de fogos da cidade não é lá essas coisas, mas daqui tem a sua beleza — ele sorriu ao fim da frase de forma cômica. Eu fiz o mesmo, balançando a cabeça em negação.

— Dimitri — arrisquei —, eu não sei como te agradecer por tudo o que tem feito por mim e por estar do meu lado neste momento. Obrigada! Muito obrigada por tudo — tentei me virar para poder mirar o seu rosto e beijá-lo, mas ele não permitiu. Seus cabelos roçaram em meu pescoço e ele escondeu o seu rosto em meus ombros.

— Ana, você é especial. Conte comigo, eu ajudarei no que puder, sempre! — ao terminar a frase, ele, com um pouco de esforço, alcançou os meus lábios com os seus e me tomou em um caloroso beijo.

Quando riscos luminosos alcançaram o céu e espocaram dando formas a cores alegres que anunciavam a chegada do novo ano, eu voltei um pouco a cabeça para trás, tentando olhar o rosto de Dimitri, que se mantinha atrás de mim com os braços envolvendo o meu ventre. Eu sentia toda a sua estrutura colada à minha, abrigando a minha individualidade, naquele momento único que era só nosso. Meus olhos reconheceram o seu rosto, vislumbrando os seus traços de forma a encontrar o milagre de estar ali, presa naquele momento, vivenciando quem eu era, livre e feliz.

— Feliz Ano-Novo, Ana Luísa! — ao finalizar a frase, aproximou seus lábios da minha testa, beijando-me ternamente.

Meu corpo respondeu ao chamado que a vida me fazia naquele momento. Eu estava sóbria, reconhecendo as possibilidades que se abriam

como um leque diante dos meus olhos. Havia medo em mim, mas também o esplendor de ter chegado aonde eu havia chegado.

— Feliz Ano-Novo! — retribuí de forma sincera, desejando-lhe em dobro tudo o que me desejava. Mas a frase reverberou por dentro de mim, fazendo-me reconhecer tudo o que havia se construído em meu interior. Agora, eu seria a minha própria fortaleza e não me privaria de absolutamente mais nada em minha vida por conta de outrem. Eu estava quente, pronta para me entregar de bandeja à minha capacidade de ser eu mesma.

Feliz vida nova, Ana Luísa! Repeti para mim mesma, então virei os meus olhos para o espetáculo de luzes no céu e sorri com toda a sinceridade que a minha coragem me impingia.

EPÍLOGO

Caminhei do banheiro até o quarto, completamente nua, molhada e deixando um rastro pelo espaço que percorri, pelo fato de ter esquecido a toalha em cima da minha cama. Quando cheguei ao cômodo do meu intento, vislumbrei o tecido sobre o móvel e fui até ele de forma rápida, usando-o para secar o meu corpo. Após ter feito todo o procedimento que me levou todos os vestígios da água que havia caído sobre mim minutos atrás, dirigi-me até a escrivaninha ao lado da cama. Sobre ela, o meu celular, com o visor ligado, vibrou no momento em que me aproximei dele. Intentando ver quem havia me mandado mensagem, peguei-o e desbloqueei a tela. Passei com os olhos pelo visor, lendo a frase que acabara de receber.

Você já está pronta? Sorri ao constatar a pergunta. Com os olhos atentos, verifiquei a imagem do contato que havia me encaminhado as palavras, e reconheci os longos cabelos e a barba desgrenhada.

Estou quase pronta. Respondi-lhe, pondo novamente o celular sobre a escrivaninha e voltando-me na direção do guarda-roupa que ficava disposto frente à cama. Dei passos largos até alcançá-lo e, assim que o fiz, abri a porta e, diante das roupas que estavam penduradas em cabides de cores diversas, fiquei por minutos seguidos analisando cada uma das peças, até me decidir qual eu vestiria para encontrá-lo.

Respirei fundo, pois mesmo diante de intermináveis opções sentia como se nada ali servisse para ser usado naquele momento. *Calma, Ana Luísa, você provavelmente nem ficará muito tempo vestida com a roupa que escolher.* Repeti para mim mesma, sorrindo ao concluir o pensamento.

— Eu também acho! — assustei-me ao ouvir a frase sendo pronunciada por trás de mim, e em um ímpeto movi-me de onde estava, virando o meu corpo para ver quem era o meu interlocutor, correndo até a outra extremidade do quarto. — Eu também acho que você não deve se demorar muito escolhendo roupas, até porque aquele homem não gosta muito de te ver vestida!

— Himeros! — exclamei, ao dar com a figura sorridente e peralta à

minha frente. Já havia se passado quase um mês depois da última vez que havíamos nos visto e que eu tinha resolvido lhe entregar o diário secreto. Eu achei que nunca mais o veria após ter resolvido tudo o que precisava para viver a minha liberdade em paz.

— Achou mesmo que eu não iria te fazer uma visitinha de vez em quando? — ele sorriu, dando passos lentos em minha direção.

Quando passou pelo guarda-roupa, foi até o seu interior com uma das mãos e retirou uma peça, erguendo-a até certa altura e apontando-a para mim.

— Acho uma boa pedida!

— Achei que quando tivessem cumprido as suas funções os deuses não voltassem mais a ver os seus inquilinos — respondi-lhe sarcástica, pegando da sua mão a roupa que me oferecia.

— Geralmente não, mas eu sou sentimental demais e não consigo abandonar os meus, se bem que no seu caso foi você quem me abandonou.

— Não, eu não... — tentei intervir, mas fui interrompida por sua voz estridente.

— Mas isso não vem ao caso — após finalizar a frase, ele girou o corpo, dando meia-volta no cômodo, verificando cada uma das coisas que estavam ali com os seus olhos. — Então essa é a sua nova casa? Precisa de uns retoques, mas eu gostei.

— Mudei há pouco tempo. Ainda precisa de muita coisa aqui.

— Ao menos agora você é livre e dona de si.

— Graças a você e ao seu diário — ofereci-lhe um largo sorriso, reconhecendo a sua ação em minha vida.

— Não, minha querida! Graças a você, à sua coragem e força de vontade. Felizmente, mesmo passando por um turbilhão de coisas, você conseguiu se desvincular daquele homem e daquela vida, e nem sempre é assim.

Baixei os olhos, introduzindo em meu interior cada uma das suas palavras, percebendo a verdade e a crueza que elas carregavam.

— Há mulheres que desistem no primeiro obstáculo, negando a si mesmas e ao seu potencial de sair do meio da tempestade. Mas, graças aos

deuses, você conseguiu ser forte e venceu.

— Eu não sei o que te dizer — fui sincera, pois não havia palavras naquele momento que pudessem ser usadas para completar o seu pensamento.

— Não precisa. Eu só fico muito feliz que tudo tenha dado certo e que você esteja vivendo dias tão luxuriosos e românticos nas mãos daquele garanhão.

Sorri ao fim da frase do deus, ao dar com o termo que ele usou para se referir ao Dimitri.

— Uma hora as coisas tinham que dar certo. Ainda há alguns pormenores que precisam ser resolvidos. O divórcio ainda não está completamente definido, pois o Carlos Augusto se nega a me receber e a falar comigo. Sei que posso acionar a Justiça e obrigá-lo a dar um fim nisso tudo, mas eu estou dando um tempo. Eu estou vivendo cada dia como se fosse o último, sem me preocupar com as consequências que podem ser acarretadas amanhã.

— É uma forma interessante de se viver a vida — o deus sorriu e deu as costas para mim. — Mas eu não vim aqui apenas para te parabenizar pela sua conquista e pela sua felicidade.

Fui acometida por um pressentimento que no momento não soube discernir se era bom ou ruim, contudo deixei que Himeros seguisse com o que tinha a dizer para que pudesse tirar as minhas conclusões.

O deus caminhou pelo quarto vagaroso. Eu percebia uma espécie de brilho em suas costas. Uma espécie de fumaça começou a se formar, dando vida a uma forma atrás de si, como duas grandes asas de borboleta. Mas isso durou apenas por um átimo, pois o brilho se desfez e se refez novamente, só que em uma das suas mãos, onde uma estrutura em forma de quadrado começou a se tornar palpável, até que meus olhos puderam vislumbrá-la completamente.

— Eis que! — o deus exclamou e voltou o corpo novamente em minha direção.

Fitei-o temerosa e ansiosa ao mesmo tempo.

— Mas o quê? — inquiri-o, sem ter certeza de que o que eu via era mesmo o que eu fazia ideia que fosse.

— Isso mesmo, o diário secreto dos desejos. Quero que ele fique com você.

— Mas, Himeros... — tentei intervir, mas fui interrompida pelo seu gesto que sinalizava que eu fizesse silêncio.

— Sem mas, Ana Luísa. Eu quero que você fique com ele. Aqui está toda a sua história, narrada por você mesma, só que de uma forma mágica. Todos os episódios que foram vividos por você, todas as suas angústias e inquietações. A sua vitória.

— Himeros...

— E, além disso, há folhas em branco.

Meus olhos fixaram-se nos seus de forma a expor mil e uma indagações sobre o porquê ele estava deixando aquele objeto novamente comigo.

— Ana, a vida é um aprendizado, e vocês humanos têm que aprender isso, que a cada situação pela qual vocês passam acumulam experiências para uma nova fase, e, por mais que pareça que o livro da sua vida esteja completo, há sempre páginas em branco que precisam ser preenchidas.

— Eu sei, ainda há muito para ser vivido. Por mais que uma fase tenha sido deixada para trás, cada fim traz um novo começo.

— E eu fico muito feliz que você pense dessa forma agora — o deus sorriu e se aproximou novamente de mim. — Por isso quero que você fique com o diário secreto dos desejos. Este pertence a você.

Paralisada diante do que estava sendo oferecido a mim, não tive outra reação senão o pegar e sentir novamente a sua textura.

— Faça bom proveito dele — assim que disse essas palavras, o deus foi aos poucos perdendo a sua forma, que foi cedendo lugar à fumaça que sempre deixava quando se desintegrava completamente à minha frente.

— Himeros! — exclamei, antes que ele desaparecesse completamente.

— Agora sim, adeus, Ana Luísa! — ao anunciar a despedida, a imagem de Himeros desapareceu completamente do meu campo de visão.

Permaneci paralisada no local onde estava, mesmo quando restou apenas eu no cômodo. Olhei para o objeto que segurava em minhas mãos, sem muita certeza do que faria com ele. Olhei para todos os cantos daquele

cômodo, constatando a minha individualidade diante das palavras que haviam sido ditas para mim, e afirmavam a minha nova vida.

Com os olhos pedidos, mergulhei em todas as lembranças do que havia acontecido comigo nos dias anteriores e revivi em um átimo cada uma das cenas que havia protagonizado. Meu coração, descompassado, começou a acelerar. Comovida, trouxe o diário até a altura do meu peito e comprimi-o em meu corpo. Fiquei assim durante alguns segundos, até que fui interrompida pelo barulho do meu celular, que vibrava desesperadamente sobre a escrivaninha.

Retirei-me do transe no qual eu havia me metido e, ainda com o diário em mãos, guiei-me até o aparelho. Ao pegá-lo, verifiquei as mensagens que havia recebido. Todas enviadas pelo Dimitri. Visualizei cada uma delas.

Na primeira, ele inquiria novamente se eu já estava pronta. Na segunda, ele dizia que já estava a caminho. Respondi-lhe que estava quase pronta e que ele podia vir. Após fazer isso, abandonei o diário sobre a cama e peguei a roupa que o Himeros havia retirado do meu guarda-roupa e vesti.

Não demorei a ficar completamente pronta. As coisas que o deus me dissera ainda ressoavam em minha memória de forma vívida, e um sentimento novo surgiu em meu peito. Talvez, aquele fosse o meu momento de epifania, mesmo tendo vivenciado e constatado a minha liberdade, muito antes daquele reencontro.

Após estar vestida, peguei o celular e dirigi-me para a sala. Ainda não havia muitos móveis na casa, além de uma poltrona e uma televisão, que eram a única coisa que ornava o cômodo. Fiz menção de sentar no acolchoado, mas antes que pudesse concluir o ato ouvi o barulho de uma buzina. Atenta, reconheci o som, que era singular, assim como o homem que guiava aquele automóvel.

Movi-me em direção à porta e abri-a em um movimento rápido. A paisagem externa alcançou as minhas vistas e a imagem do motoqueiro, que eu já conhecia intimamente, foi como um colírio para os meus olhos. Ele trajava as suas roupas de costume, uma jaqueta preta sobre uma camiseta branca. Uma calça jeans surrada e botas que chegavam à altura do seu calcanhar. Os cabelos desgrenhados, mesmo debaixo do capacete, não perdiam o seu volume, e a barba extensa escondia os seus doces lábios.

Fitei-o, direcionando os meus olhos aos seus. Ele sorriu ao dar com a minha imagem.

— Está pronta? — inquiriu, sem desligar ou descer da moto.

— Para você? Sempre! — após finalizar a frase, saí de dentro da casa, fechando a porta atrás de mim, e guiei-me a passos largos em direção a ele.

Quando cheguei próximo a Dimitri, ele me entregou o capacete que estava preso em uma rede na parte de trás da moto. Coloquei a proteção e, assim que o fiz, subi na garupa da moto, aconchegando-me atrás dele e envolvendo o seu abdômen com os meus braços.

— Podemos ir? — perguntou, virando parte da cabeça para trás.

— Podemos — afirmei, com palavras e um gesto de cabeça, e assim que terminei a frase Dimitri colocou a moto em movimento.

O meu coração batia no peito descompassado, reconhecendo a vida que eu havia escolhido para mim e a coragem que havia me levado de encontro às minhas necessidades e urgências. Agora sim eu era a Ana Luísa que eu queria ser. Agora sim eu era uma mulher feliz!

FIM

[\[HB1\]](#) Palavra estranha, favor verificar.